



NÃO ME DEIXE CAIR

Um **romance** escrito por
LORI S. C.

1

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

The background of the cover is a deep blue, textured surface resembling water. A woman with long, dark, wavy hair is depicted from the chest up, her head tilted back and eyes closed. Her hair is surrounded by numerous small, white bubbles. A hand is visible reaching up from the top of the frame, with bubbles around it. The title is written in large, white, bold, sans-serif capital letters, with the word 'CAIR' being significantly larger than the others.

NÃO ME DEIXE CAIR

Um **romance** escrito por

LORI S. C.

1

**NÃO ME DEIXE
CAIR**

UM ROMANCE DE
LORI S. C.

Copyright © 2023 Lori S.C.

Esta obra foi revisada conforme o *Novo Acordo Ortográfico*.

Estão proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o devido consentimento. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela **Lei nº 9.610/98** e punido pelo **artigo 184** do **Código Penal**.

Caso esteja lendo este livro por quaisquer meios senão a sua plataforma original de publicação (Amazon), esteja ciente de que é um produto pirateado. Pirataria é crime. Não contribua com a distribuição ilegal.

Esta obra literária é uma ficção. Qualquer nome, lugar, personagens e situações são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Design de Capa:

@lori.s.c

Diagramação:

@lori.s.c

Revisão e Betagem:

Maria Paula (@revisamaria)

Ilustrações:

Sihy (@sihysan)

Tacyla Priscila (@tacylapriscula)

SUMÁRIO

SUMÁRIO

NOTA DA AUTORA

PLAYLIST

EPÍGRAFE

PRÓLOGO

01

02

03

04

05

06

07

08

09

10

UM ANO

11

12

13

14

TRÊS ANOS

15

16

17

18

19

20

21

22

23

CINCO ANOS

24

25

26

27

ÚLTIMOS MESES

28

29

30

31

32

33

34

35

36

EPÍLOGO

PARA GABE

AGRADECIMENTOS

NOTA DA AUTORA

Para você que está prestes a ler *Não Me Deixe Cair*, eu sou a Lori, autora deste livro, e obrigada por estar aqui agora. Mas antes de prosseguir, precisa saber de algumas coisas.

Este é um livro nacional, escrito e planejado inteiramente por mim, com a ajuda de algumas pessoas essenciais para o processo. Então, obrigada pela oportunidade de conhecer o meu trabalho.

Segundo, o título do livro é um pedido de ajuda. Não é à toa! Você não vai encontrar uma mocinha que permita que o cara resolva a vida dela. Mas sim alguém que deixa esse papel de lado e se dá conta do próprio poder. Vai encontrar uma protagonista que procura se descobrir e se entender e, principalmente, em busca da sua independência emocional. Vê-la se reconstruir e derrubar barreiras e, enfim, encontrar seu caminho de volta para ele.

Essa é uma obra sobre recomeços, sobre sair da zona de conforto e autodescoberta. Mas também é um aviso de que um momento de caos não vai definir o resto da sua vida, e sim o que aprendeu durante o processo.

Por isso, durante toda essa jornada, serão retratados temas sensíveis e possíveis gatilhos, como: ansiedade, depressão, menção a suicídio, ofensas verbais, infertilidade, autodepreciação, relacionamentos tóxicos (não entre os protagonistas) e menção ao uso de drogas ilícitas (apesar de algumas serem liberadas na Califórnia). Portanto, caso você se sinta desconfortável com algo citado acima, sugiro que deixe esta leitura imediatamente e nós nos veremos novamente em algum dos meus outros livros.

E para você que vai continuar, espero que se apaixone por Gabe e Nolan como me apaixonei ao escrever.

Playlist

NÃO ME DEIXE CAIR

[Clique aqui](#) ou aponte a câmera para o QR Code





*Para você que me derrubou, obrigada, pois no processo de me reerguer,
encontrei a melhor versão de mim. E a você que me ajudou no caminho de
volta à superfície, obrigada por tentar fazer com que eu me enxergasse
através dos seus olhos.*

EPÍGRAFE

Aqui está a coisa que eu quero que você saiba
Você tem algum lugar para ir
A vida é um teste, sim, mas você vai aos poucos
Você não desiste, não, você cresce

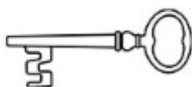
E você usa sua dor
Porque isso te faz ser você
Embora eu gostaria de poder
te segurar durante isso
Eu sei que não é a mesma coisa
Você tem que viver
E eu só quero que você faça isso

Então, levante-se, reacenda aquela faísca
Você sabe o resto de cor

Acorde, acorde, se é tudo que você faz
Olhe para fora, olhe dentro de você
Não é o que você perdeu
É o que você vai ganhar

Wake Up | Madison Reyes

PRÓLOGO



Quanto mais juro estar feliz, mais me sinto só
Porque eu só vou levando as coisas
Eu nem mesmo posso fazer as emoções saírem
Seca como um osso, mas eu só quero gritar
E agora?

Eu simplesmente não consigo entender

What Now | Rihanna

Gabe Montgomery

O sangue vermelho vivo está espalhado por sua regata branca, e isso é culpa minha. Sei que tenho lágrimas encharcando toda a face, até posso sentir algumas escorrendo através do meu pescoço, porém nenhuma delas expressa sequer uma pequena parte da dor. A dor que explode em cada pedaço do meu corpo, pedindo para sair em um grito preso dentro de mim.

Choro, soluço e quase me engasgo com o nó entalado, mas gritar para que o mundo ouça não é algo que eu consiga fazer.

Nunca senti uma agonia assim antes, nunca senti nada igual. E, ainda assim, não sou capaz de gritar. É como se meu mundo estivesse ruindo em desespero e tortura, e tudo o que sai de mim são as lágrimas quentes. Dói, não apenas em meu corpo, mas na alma também. E talvez o sofrimento emocional seja maior do que o físico, porque nada parece superar o que vem acontecendo na minha vida.

Ele está machucado, eu o machuquei.

— Sh, se acalme! — A voz é baixa e preocupada, no entanto, sei que tenta se manter forte por mim. Ele não deveria estar fazendo isso. — Vai ficar tudo bem, prometo.

— Só preciso ouvir o médico e... — O frenesi ao redor da maca em movimento chama minha atenção. — Vai ficar tudo bem! — repito o que ele me disse. — Me desculpa, por favor, você não deveria estar aqui.

A velocidade da maca aumenta tanto que é meio difícil

acompanhar. Olho novamente o sangue em suas mãos e em seguida a mancha na regata.

É minha culpa!

— Se acalme, ok? Vai sim, vai ficar tudo bem. — Ele tenta respirar fundo, mas é visível a dificuldade que tem devido ao hematoma que ganhou no pescoço. *Por minha culpa!* — E quando acabar, nós dois vamos tomar um *bubble tea* no centro da cidade ou um refrigerante, o que preferir.

Outro soluço me escapa. Dessa vez não é a agonia causada pelo sangue, e sim por uma antiga memória desbloqueada.

— Não bebo mais refrigerante. — Choro ainda mais quando o nó entalado em minha garganta parece dobrar de tamanho.

— *Bubble tea*, então. Tente ficar calma, por favor.

Agarro as mãos dele e tudo o que consigo ver são seus olhos verdes. Tão brilhantes quanto a água naquelas praias paradisíacas do Caribe. Tão serenos, como se toda a paz e harmonia do mundo estivessem encapsuladas nas duas esferas, enquanto o caos e confusão foram cuidadosamente destinados a mim. Não foco no rosto, ou em como está vestido. Tudo o que sei é que usa uma regata branca arruinada por sangue. Entrelaço nossos dedos e os aperto com força, como se assim algum resquício daquela calma pudesse passar para mim.

— Fica comigo, por favor!

— Não vou a lugar algum, boneca. — Em qualquer outro momento, eu teria ficado vermelha dos pés à cabeça graças ao apelido carinhoso, mas não agora. Não há razão para constrangimento quando isso não é verdade. Aprendi da maneira mais difícil que as pessoas só ficam ruborizadas quando concordam com a forma como são referidas. — Agora, me faça um favor, e pense em algo bobo.

Aquela obviamente é uma estratégia para me manter calma. Sou uma idiota. Ele não deveria estar comigo neste momento.

Fecho os olhos e choro baixinho, como sempre fiz. Inconscientemente sei o que está acontecendo, pois todo aquele sangue só pode significar uma coisa.

Não digo nada como resposta e, quando percebe meu silêncio, segue o próprio pedido:

— Os tomates são frutas.

— E as vacas têm quatro estômagos — acrescento. Me esforço para controlar a respiração.

O garoto sorri de lado. Tenho vontade de acompanhá-lo, porém não consigo fazer com que meus lábios se curvem minimamente.

— Falando em vacas — ergue as sobrancelhas sutilmente —, elas conseguem subir escadas, mas são incapazes de descê-las.

— Brownies só existem porque um chefe estabonado esqueceu de colocar o fermento no bolo de chocolate — digo um segundo após ele concluir a frase.

— O médico está indo para a sala cinco — uma enfermeira interrompe, aos gritos.

Meu peito se aperta novamente. O sangue em sua camisa volta a se tornar um imã para minha atenção, lembrando-me que o garoto não deveria estar ali. Aperto ainda mais seus dedos e fixo os olhos em nossas mãos unidas. É estranho como ele consegue me passar paz e segurança, mesmo sendo eu a responsável pelo machucado em seu pescoço.

— Qual... quais são seus sonhos? Todo mundo tem uma listinha sobre o que fazer antes de morrer.

Ele tenta uma nova estratégia para que eu não pense no que acontece ao redor. Realmente espero que isto dê certo, pois o fato dele ter se machucado deixa tudo ainda pior.

É minha culpa!

— Eu quero conhecer à Escócia.

— Escócia é legal. O que mais?

— Preciso tomar sorvete de maracujá debaixo do pier de Santa Mônica.

— Por que não fez isso ainda? É bem simples.

Respiro fundo, e tento não chorar.

— Precisa ser com alguém especial.

Não digo nada e sinto seus dedos tocando minha pele com delicadeza. Observo o toque com um pouco mais de atenção.

Existe uma tatuagem na parte interna de seu braço, que se estende desde um pouco acima do pulso até quase o fim do antebraço. Se trata de uma prancha de surfe, com um farol no canto. A torre do farol emerge entre um monte de pedras, enquanto o mar se agita ferozmente ao redor da construção, criando uma moldura deslumbrante ou uma lembrança do quanto pode ser cruel. Em contrapartida, ao fundo, há uma colina alta, envolta por árvores majestosas e pedras imponentes, parecendo uma espécie de muralha protetora. Eu gostaria que existisse uma assim ao meu redor. No topo da colina, é possível ver a silhueta de um casal. O contraponto de caos e calma, quase como o que acontece conosco neste momento. O mundo está ruindo e ainda sim ele consegue me transmitir calma e, de forma absurda, até um pequeno fragmento daquela paz.

Reconheço aquela colina, fica na ilha de Santa Cecília.

— Você não pode passar daqui — anuncia a enfermeira.

Nenhum de nós responde. Estamos ocupados demais nos encarando e remoendo este momento. Me afogo na serenidade dos seus olhos verdes, enquanto o garoto encontra algo nas minhas íris

castanhas. Nossos rostos estão mais próximos agora. Meu choro ganha intensidade, se é que isso é possível. Respiramos fundo no mesmo momento e, ao abrirmos a boca, dizemos juntos:

— Vai ficar tudo bem!

É uma promessa, uma que ele não parece disposto a quebrar. Sinto um delicado beijo de despedida ser depositado em minha testa, exatamente como coloquei naquela lista há cerca de uma hora. Nos afastamos, e o terror estampa nossas faces. Os resquícios de paz e calma se dissipam.

— Te vejo logo, boneca. — O sorriso relaxado de lado não chega aos seus olhos verdes, e percebo, por mais que ele tente evitar.

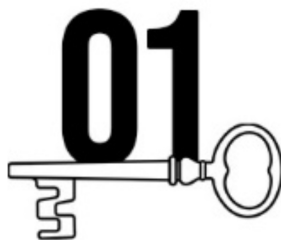
Está tão assustado quanto eu! E talvez até mais.

As enfermeiras nos separam em seguida. O frenesi do hospital é silenciado. Tudo o que ecoa em minha mente são suas últimas palavras: *“te vejo em breve, boneca”*. É minha deixa para desligar os interruptores da minha mente. Uma porta se fecha e, por algum tempo, tudo o que nos separa é aquela porcaria de placa de metal. Fico encarando as paredes brancas ao meu redor, e aguardo o próximo momento em que o terei ao meu lado.

É engraçado como nunca fui uma pessoa religiosa, porém, naquela noite, pedi a Deus que ele voltasse para mim.

Não poderia ter acabado daquele jeito, certo?

Só que acabou, e aquela foi a última vez que o vi.



Pensei: Nem os céus podem me ajudar agora
Nada dura para sempre
Mas isso vai acabar comigo
Wildest Dreams | Taylor Swift

Gabe Montgomery

SANTA CECÍLIA, CALIFÓRNIA

Lá longe, vislumbro o imponente farol banhado pela água turquesa do mar enquanto o Sol se põe no horizonte. A construção, embora exuberante e firme, parece tão solitária e desprotegida. É preocupante o fato de me identificar com um monumento sem vida erguido há décadas?

Talvez seja!

Olho as ondas se quebrando lá embaixo, e penso no que aconteceria se eu pulasse. Sentiria dor ao colidir com as pedras? Ou a sensação aterrorizante me faria desmaiar no meio do caminho, e eu morreria sem ver ou sentir nada? Acredito que seja a segunda opção, uma vez que a morte da minha alma já aconteceu há pouco mais de um ano.

Alguns segundos depois, caio na real e me levanto. Se eu pulasse, me arrependeria instantaneamente. No fim das contas, sou essa pessoa: confiante ao tomar decisões, mas depois, ao refletir um pouco, me arrependo de tudo. É a coisa chata do tempo, depois que se faz a merda não tem como voltar atrás para consertar.

Não dá pra consertar!

De qualquer forma, não vim aqui para isso, sequer cogitei a possibilidade.

Caminho para longe da beirada, enquanto meus pés descalços tocam a superfície áspera sob eles. Ao alcançar o limite entre a rocha e o gramado, recolho os pertences que deixei ali. Enfio o celular no bolso da calça jeans, calço meus sapatos e tento deixar meu cabelo minimamente apresentável, prendendo-o em um rabo de cavalo no topo da cabeça.

Respiro fundo e me ponho a descer a colina em direção ao meu carro alugado.

A Ilha de Santa Cecília é um lugar frio, chuvoso e quieto, procurado apenas por surfistas profissionais ou por aqueles que são irresponsavelmente aventureiros. Os nativos são poucos e o lugar ainda não foi descoberto por muita gente. É realmente bom para relaxar e fazer um detox da cidade.

Mas não no meu caso. Vim aqui me desfazer de um pesadelo e provar a mim mesma que sou capaz de subir essa merda de colina. E, vejamos só, acabei de conseguir. Bem diferente da última vez que estive aqui com *ele*.

Acordo dos pensamentos quando um grito ecoa ao meu redor.

Paro de caminhar, assustada. Meus joelhos se dobram, e meus músculos enfraquecem como se esperassem pelo pior. Fico acuada, sem ter ideia do que pode ter sido esse barulho e tampouco como poderei me defender de um ataque no meio do nada.

O grito se estende.

Meu primeiro instinto é correr daqui. E é isso que faço. Porém, após percorrer alguns metros sobre o chão lamacento, o brado se torna um gemido de dor. Estaco os pés na lama e reflito por alguns segundos. Começo a me perguntar se sou realmente eu que estou em perigo, ou se outra pessoa é quem está.

— Não acredito nisso — uma voz suplicante sussurra com incredulidade.

Em seguida, a voz libera mais um gemido de dor.

Logo fica claro que há alguém precisando de ajuda. Começo a procurar a origem do som.

— Oi? — chamo.

Silêncio. Silêncio. Silêncio.

Até que obtenho uma resposta:

— Oi! — O brado surge. — Perto das pedras!

Tudo o que vejo são algumas árvores e verde, muito verde. Dou alguns passos na direção que acredito ser a que o som vem. Ergo uma das pernas para passar sobre um tronco caído e quase escorrego na lama ao tentar me equilibrar novamente. Estabilidade nunca foi o meu forte. A pessoa grita mais uma vez para me ajudar a localizá-la.

Tenho um pequeno rompante de consciência e penso que pode ser uma armadilha. Talvez sejam criminosos prontos para me assaltar ou algo pior. Paro de me mover. Respiro fundo e grito:

— O que aconteceu? Você se machucou?

A resposta chega uns segundos depois.

— Sim, desci para beber água e escorreguei quando tentei subir de volta para a trilha.

Agora sei que se trata de um homem. Penso mais um pouco e

lanço o último questionamento:

— Está sozinho?

— Sim... Por favor, preciso de ajuda, acho que acabei fraturando algum osso.

— Estou indo.

Afasto alguns galhos que obstruem o caminho. O aroma de pinheiro e terra molhada invade minhas narinas, enquanto ao longe consigo ouvir outro gemido de dor. Dou um passo à frente, no entanto, o susto repentino me força a interromper o movimento do próximo passo. Diante de mim, outro precipício, não tão alto quanto o que estava minutos atrás, mas ainda assim uma altura considerável.

Daqui é possível se ter um outro olhar da ilha. Este lado revela uma beleza ainda mais deslumbrante do que eu conhecia. O mar é tranquilo, sem uma praia que o separe, permitindo que a água e a vegetação se encontrem harmoniosamente.

Eu odeio o mar, pois tudo isso me lembra dele.

O Sol se prepara para se pôr no horizonte. Acredito que levará cerca de trinta ou quarenta minutos para que suma por completo. O paredão de pedras corre por baixo de mim, elevando-se gradualmente em direção ao topo da montanha. Provavelmente, é a mesma rocha em que eu estava sentada anteriormente.

— Ei, moça, aqui!

Sigo para o lado oposto ao topo da montanha e chego a uma clareira cercada por árvores e uma pequena cachoeira. Vejo uma mochila jogada no gramado e percebo o declínio do terreno.

Corro os olhos até enxergar a pessoa que pediu socorro. É um rapaz, parece ter a minha idade. Está sentado no chão, com as canelas submersas na água, de onde um filete de sangue se mistura à corrente fluvial.

— Ah, ainda bem, pensei que ia morrer nesse lugar. — Sua voz carrega um pouco de sofrimento.

— Como vai sair daí?

— Tem uma passagem do lado das pedras, mas não consigo ir sozinho.

Por que ele não a usou na primeira vez?

Contorno as pedras até achar a tal passagem. Os degraus, aparentemente escavados na terra por intervenção humana, exibem sinais de falta de manutenção. Sigo adiante até a beirada da cachoeira, agachando-me ao lado do cara. Seu olhar transmite gratidão. Seus penetrantes olhos verdes se focam em meu rosto, revelando um misto de espanto e surpresa, como se tivesse acabado de levar um grande susto.

Um silêncio se instala entre nós, como se ele esperasse por algum tipo de reconhecimento vindo de mim, apesar de nunca tê-lo

visto antes. O garoto enfim estende os braços e eu os envolvo ao redor de seus ombros. Juntos conseguimos erguê-lo.

— Acha que dá para caminhar de volta ao início da trilha?

— Sim, só de ter sua ajuda já vai ser ótimo. Obrigada.

— Beleza, vamos lá.

A subida pela passagem estreita é complicada, assim como o resto do caminho que transcorre lentamente. Após alguns minutos, avisto meu carro no gramado e um alívio imenso preenche meu corpo.

Abro a porta do automóvel e o ajudo a se sentar no banco. Apesar do corpo magro, ele é pesado. Não consigo acreditar que seja tudo em músculos.

— Consegue colocar o cinto? — pergunto.

O olhar que recebo é um tanto zombeteiro para alguém sentindo tanta dor quanto ele diz.

— É sério?

— Sim!

Bato a porta e jogo sua mochila no banco de trás. Quando giro a chave, o Sol quase toca o horizonte. Eu pararia para assistir caso não tivesse que pegar a balsa em menos de quinze minutos. Também estou com um desconhecido dentro do carro e isso é meio desconfortável, então quanto antes chegarmos ao continente, mais cedo me livrarei dele. Não digo esse pensamento em voz alta, porém não acho que minha expressão consiga esconder isso.

— Como está a perna?

Desvio os olhos da estrada por um breve momento. É tempo suficiente para vê-lo fitar a ilha pela janela, os olhos tão perdidos que leva alguns instantes para perceber que falei algo.

— Ah, não sei! Estava doendo mais antes de entrar no carro.

— Acho que é porque você parou de se mexer tanto, tente ficar assim até chegarmos ao pronto socorro de Newport Beach — sugiro, sem intenção de estender o assunto.

— Deveria ter algum lugar para isso na ilha. Os moradores podem precisar em uma emergência — comenta, sem que eu saiba ao certo se está falando comigo ou apenas divagando. Como não respondo, prossegue:

— Tem pessoas de idade morando aqui, um posto de saúde com o básico seria bom.

Permaneço em silêncio enquanto o garoto ao meu lado murmura algumas palavras. Percebo, pelo canto dos olhos, que sua atenção está completamente voltada para mim agora.

Ao longe, avisto a balsa e um carro embarcando. A ilha realmente não é muito conhecida, e espero que continue assim.

— Quando entrarmos na balsa, pode pegar minha mochila?

Tenho algo para limpar todo esse sangue antes que suje o carro.

— Tudo bem, é alugado. De qualquer forma, vou ter que pagar uma limpeza quando entregar.

Não pretendia ser tão rude quanto acabei sendo, mas eu sou essa pessoa. Muito embora não goste de ser assim.

Respiro fundo e tento consertar as palavras que escaparam de meus lábios.

— Mas é uma boa ideia. Pode pegar uma infecção se não desinfetar. Algum animal pode ter urinado no lugar onde se cortou.

Subo com o carro na rampa, aguardando sua resposta.

— Não tinha pensado nisso. Minha mãe pode ter colocado algum soro fisiológico na mochila, escondido. Ela vive colocando coisas lá com medo de eu precisar.

— Ela não estava errada, você acabou precisando — sussurro.
— As mães têm razão na maioria das vezes, infelizmente.

Sei disso porque minha mãe me avisou um trilhão de vezes, e eu não quis ouvir até perceber que ela estava certa.

Estaciono o carro perto do único outro veículo da balsa. Suspiro ao me virar para trás e alcançar sua mochila, trazendo-a para frente. Observo o líquido escarlata escorrendo na parte inferior da sua perna. Se não estancarmos o ferimento, ele perderá tanto sangue que corre o risco de desmaiar antes de chegarmos no hospital.

— É melhor colocar essa perna para o alto e pensar em um jeito de interromper o sangramento.

Seu olhar parece um pouco perdido, como se não soubesse o que fazer.

— Aceito sugestões, não que nós tenhamos muitas.

Nós.

Faz um tempo desde que um cara usou esse termo para se referir a mim, e ainda não sei como me sinto a respeito disso. A sensação é diferente quando a expressão sai da boca de outra pessoa que não *a dele*.

Afasto o pensamento ruim no mesmo instante.

Analiso o espaço disponível. O banco do carro deve inclinar o suficiente, só não sei se ele conseguiria fazer o que estou pensando.

— Acha que consegue ir para o banco de trás?

O vejo reclinar um pouco e fixar seus orbes na parte traseira do veículo. Um som alto da balsa anuncia que estamos zarpando. Daqui até Newport são cerca de trinta minutos. Posso ajudá-lo a limpar o machucado e, depois, me sentar em uma das cadeiras da parte coberta mais à frente. Assim, evitaria trocar mais alguma palavra com o desconhecido.

— Posso tentar, mas preciso de...

— Precisa de ajuda. É, eu imaginei. Talvez seja mais fácil se

você abaixar o banco em vez de precisar saltar — falo.

— Uhum — murmura. Ele faz o que falei e me entrega sua mochila com cuidado. — Segure isso pra mim, por favor.

Nunca vi alguém se preocupar tanto com uma mochila antes. Talvez tenha algum significado para ele.

Apoiando as mãos no encosto, ele utiliza a força dos braços para içar seu corpo para trás. No meio do percurso, sugiro que se sente com a perna para o lado onde o assento foi abaixado. Prontamente ele segue meu comando. Em seguida, seguro sua perna fraturada com cuidado e a apoio sobre o encosto do estofado, permitindo que seu membro inferior fique elevado, e auxílio no estancamento do sangue que escorre por sua pele. Não faço a mínima de onde aprendi essa técnica, no entanto, seja lá onde foi, acabou de ser útil.

— Deixei o soro fisiológico no banco, você pode... — Estendo o soro em sua direção antes que termine a frase. — Obrigado!

Abro minha bolsa a procura de algo para substituir o algodão, já que a mãe dele parece ter esquecido do item no kit de emergência clandestino. Por sorte, encontro discos removedores de maquiagem.

Conforme vasculho a bolsa, retiro tudo e coloco no assento; o pequeno kit de costura, a bolsinha de remédios básicos, carteira, bloquinho de anotações, uma caneta e a pasta do contrato que vim analisando durante a viagem de balsa pela manhã. Ao que parece um século depois, agarro a echarpe preta e a enrolo na intenção de usá-la como torniquete.

— Anda com essa quinquilharia toda na bolsa?

Não é quinquilharia!

— Sim — respondo, entre dentes.

Com a perna dele apoiada no encosto reclinado, consigo passar a echarpe por baixo de sua coxa para fazer um torniquete.

— Precisa esvaziar os bolsos, ou vai te machucar mais quando eu apertar o nó.

O rapaz assente e faz o que pedi. Os objetos são apenas uma bússola e um canivete suíço. Tenho vontade de devolver o insulto das quinquilharias, mas considerando que ele estava subindo o topo da montanha ao anoitecer, é compreensível.

Aperto o torniquete improvisado, o que o faz resmungar um pouco antes de se calar. Posso perceber o esforço em seus atos para não evidenciar *fraqueza*. Sei disso porque, por mais que odeie admitir, sou uma dessas pessoas.

— Sabe, você não precisa se fazer de fortão — digo baixo, e fito de relance seu rosto. — Seu ferimento está feio e...

— Tem coisas que machucam mais do que um corte pelo corpo ou um osso quebrado. É só eu me concentrar nisso.

É só eu me concentrar nisso.

É tudo o que tenho feito nos últimos meses.

Existe um peso em sua voz ao pronunciar a última sentença, um peso quase tão grande quanto o que sinto quando penso nos meus demônios.

— Sei como é. — Afasto o pensamento, e volto a inspecionar o machucado em sua canela. — Será que sua mãe escondeu álcool dentro da mochila?

Seus olhos me analisam com atenção. Quase sinto outro vislumbre de reconhecimento escorrendo ali.

— É bem provável. Tem um bolso escondido no compartimento maior da mochila.

Agarro a alça da mochila, puxando-a em direção a ele. No meio do percurso consigo ver ao lado de um moleskine preto, um brilho familiar reluzindo dentro dela. A iluminação ao nosso redor é baixa, composta pelo último resquício do Sol e pelas luzes tênues da balsa. No entanto, conheço aquela caixa prateada, pois tenho uma igual, guardada em segurança dentro de um cofre. Agora compreendo o cuidado.

O cara pega a bolsa dos meus dedos e procura o álcool que pedi.

— O que fazia em Santa Cecília? — pergunta de forma tranquila, revirando os compartimentos, embora seu timbre evidencie dor causada pela fratura.

Me intriga como ele parece não ligar para a situação que se meteu; no carro de uma estranha e com uma fratura na perna.

— Refletindo — é tudo que digo.

Ele me entrega o álcool. Há algo estranho nesse contato, porque sinto que ele me conhece, mas não faço ideia de quem seja esse garoto. O problema é que o reconhecimento é suficiente para despertar curiosidade em mim. Uma curiosidade que não é bem-vinda e já me causou problemas antes.

— E você? É fã de trilhas?

Sua respiração entrecortada se torna pesada, e uma névoa de arrependimento perpassa por seus olhos. Na penumbra que toma conta do veículo, não consigo enxergar suas íris com clareza, mas sei que são verdes, pois as vi mais cedo. O som das gotas de chuva se chocam contra o teto de ferro, me informando que, se quero encontrar abrigo longe dali para o resto do trajeto, preciso agir rapidamente.

De onde o conheço?

— Não, eu perdi pessoas importantes. A ilha é um lugar de paz para mim.

— Eu também perdi alguém.

Não sei por que confidencio isso, mas, estranhamente, não parece surpreendê-lo. Há uma familiaridade em suas feições, e

percebo que ele já sabe disso quando seus olhos não vacilam.

Como?

— Desculpa, nós já fomos apresentados?

Ele me encara de uma forma intrigante e balança o rosto em uma resposta negativa.

— Como está a dor?

Me concentro em limpar o seu ferimento. A chuva vai crescendo lá fora, sair desse carro já não é mais uma opção.

— Suportável.

— Você tem um corte na bochecha. Eu posso...

O garoto me interrompe rapidamente. Talvez tenha notado meu desconforto.

— Não precisa, não está doendo.

Contudo, sei que se não desinfetarmos, pode infeccionar. Pego um pedaço do disco de algodão e o enxarco com soro fisiológico. Vou para perto dele e me sento no encosto do banco.

— Tudo bem.

Sinto que ele quer protestar, entretanto não o faz.

No primeiro toque, o garoto se retrai ligeiramente, mas logo parece não sentir mais nada.

Estou tão perto como não estive de outro cara nos últimos meses. Não sei se gosto dessa proximidade. Meu corpo estremece, e noto que ele tem essa percepção. Isso pode tê-lo incentivado a dizer o que está prestes a revelar.

— Foi minha culpa! — Seu tom é baixo.

— O quê?

— As pessoas que perdi... foi culpa minha.

A expressão que vejo em seus olhos é clara.

“Estamos quites agora.”

Mas quites de quê?

Por que ele sentiu que precisava me confidenciar algo tão íntimo?

— O que você está... — Sou interrompida por um som abafado.

Ele parece despertar do transe. Eu, por outro lado, continuo ainda mais confusa e intrigada.

Enquanto o cara revira o bolso da bermuda, bolso oposto ao que pedi para que esvaziasse, reconheço a música que ressoa. Left Hand Free. A vibe da canção traz à tona outra lembrança, mas nada que me faça recordar de onde o conheço. Percebo que a batida escapa de um celular, um modelo bem ultrapassado por sinal, com botões e uma anteninha.

— Alô! Oi, Sean. Não, tive um pequeno imprevisto. — Aproveito e salto para o banco da frente, recolocando o encosto do

motorista no lugar. Servirá como uma barreira entre mim e ele pelo resto do percurso. — É, não acho que tenha quebrado. Já está desinfetado, sem risco de infecção. Tive sorte que uma moça estava vindo embora na balsa, ela me ajudou.... No cais, beleza. Okay.

Após vinte minutos, manobro o carro para fora da balsa. Uma ambulância aguarda por ele. Durante todo esse tempo, não conversamos muito. De vez em quando, procurava saber como estava a sua perna e me certificava de que o sangue tinha parado de jorrar. Ele não compartilhou mais coisas tristes sobre si, embora eu percebesse que, quando o pegava me fitando de soslaio, sua feição indicava curiosidade.

Como se me conhecesse!

Mas não conhece. Ele mesmo afirmou isso.

Um cara mais velho surge. Ele analisa a perna do outro e faz uma careta.

— É, não parece nada bem.

Dois paramédicos aparecem no meu campo de visão, e trazem uma maca de rodinhas. O rapaz ferido revira os olhos, como se tudo não passasse de um exagero.

Os observo colocarem cuidadosamente o garoto sob a maca e o levarem para dentro da ambulância. Entrego a mochila para o homem mais velho, que se afasta com uma expressão séria no rosto. Caminho em direção aos paramédicos e encaro o rapaz, cujo nome ainda desconheço.

— Vai ficar bem? — pergunto e cruzo os braços.

O vento que sopra no cais é gelado, está quase tão frio quanto na ilha.

— Vou sim, relaxa!

— Ele parece tenso. — Aponto a cabeça para o cara no telefone.

— Ah, Sean se preocupa demais, fraturar a perna pode custar minha carreira.

— Você quer que eu vá até o... — Antes que eu conclua, ele parece ter tomado um choque de realidade e me interrompe.

— Não, você vai embora. — Seu tom é sério, quase o suficiente para me assustar com a mudança repentina de humor.

— Tudo bem, eu posso...

— Não, não quero que vá até o hospital.

Solto uma risada nervosa.

— Tá bem, espero que se recupere.

— Obrigada pela ajuda... garota que não sei o nome.

Se essa é uma tentativa de se aproximar ou de tentar algo depois do que aconteceu hoje, ele sairá desapontado.

— Tchau, garoto que eu não sei o nome.

Me viro, ainda abraçando o corpo para me proteger do vento gélido, e caminho até o carro. A última coisa que vejo são seus olhos curiosos sobre mim antes das portas da ambulância serem fechadas.

Sei que não será tão simples seguir em frente, e um cara machucado no meio de uma montanha não muda isso.

Além disso, ainda tenho uma promessa a cumprir.



Há algo de errado comigo?
Tudo que eu quero é um cara legal
Minhas expectativas são altas demais?
Tento o meu melhor, mas o que posso dizer?
Tudo o que tenho no final do dia sou eu mesma
Isso não deveria ser suficiente para mim?

All I Want | Olivia Rodrigo

Gabe Montgomery

LOS ANGELES, CALIFÓRNIA

Cinco meses depois

Me levanto, recolho o laptop e o carregador do celular. Jogo tudo dentro da bolsa e começo a vasculhar minha mesa em busca da agenda.

Karen Park passa por mim e dá um sorriso gentil. Ela é baixinha, com os quadris um tanto avantajados, e os olhos estreitos e angulados devido à origem oriental de sua família.

— Café, Gabe?

— Não, obrigada. Tenho uma consulta dentro de quarenta minutos, mas perdi minha agenda.

— É aquela azul na ilha da copa? — Aponta, de forma educada, na direção da cozinha.

Solto um suspiro de alívio. Minha vida está naquele amontoado de papel.

— Sim, obrigada.

Corro até lá e dou uma última conferida. Já atendi todos os clientes de hoje e acredito que um deles vá fechar negócio ainda essa semana. O que é bom, tendo em vista vou precisar do dinheiro. Minhas consultas não têm sido baratas e procurar por um doador será ainda mais caro.

Volto para minha mesa e jogo a agenda dentro da bolsa. Confiro a pasta com as propostas que tenho para analisar durante o fim de semana.

Ter flexibilidade no escritório me permite gerenciar meu tempo e, na maioria das vezes, trabalhar de casa quando as lembranças se tornam pesadas e preciso de um momento a sós. No entanto, estar sozinha nem sempre é reconfortante, então raramente aproveito esse benefício. Além disso, a corretagem é um ramo notavelmente lucrativo, especialmente na região de Los Angeles.

— Ei, Gabe, tem um segundo? — Taylor, meu outro colega de escritório, me chama assim que encaixo a bolsa nos ombros.

— Claro, diz aí. — Me esforço para ser simpática.

Não que eu me importe de ouvir o que ele tem a dizer, já que geralmente sou um pé no saco quando algo perturba meu planejamento diário. É um dos males que a ansiedade causa em algumas pessoas. Acabo sendo muito controladora com meus horários e compromissos, e quando alguma coisa sai do controle, parece que todo o resto vai por água abaixo e me vejo prestes a enlouquecer.

— Tenho um cliente grande, está procurando uma casa de quatro a cinco quartos, com piscina e garagem. Você tem disponível?

Penso um pouco.

— Posso dar uma olhada em Bel-Air. Ele está disposto a pagar o preço por uma boa localização?

— Sim, ele disse para eu me divertir.

Taylor Ramsey é um cara alto e bem apessoado, com um sorriso contagiante. Muitas vezes, ele consegue fechar negócios persuadindo com seu charme. Talvez seja por isso que a maioria da sua clientela são mulheres divorciadas e um tanto mais velhas.

— Tenho uma casa em Moraga State, cinco quartos, piscina, garagem para três carros. É um lugar mais isolado. Se ele quiser sossego é perfeito. Mas não foi anunciada ainda, meu cliente está terminando de reformar a cozinha. Se quiser, podemos combinar uma visita para — tento relembrar os espaços vagos em minha agenda, — na próxima terça, à tarde... não, só posso antes do almoço.

Ramsey assente.

— Posso marcar de almoçar com o cliente, assim você consegue entender ele e estudar o melhor jeito de apresentar a casa. O que acha?

— Perfeito. Vou anotar na agenda. Agora preciso ir. Boa tarde, pessoal. Não exagera no café, Karen.

Corro em direção à porta do escritório. Sempre gostei de trabalhar aqui, localizado no coração de Los Angeles, com paredes de vidro que deixam o ambiente aberto e iluminado. Nada daquela ansiedade de lugares pequenos, barulhentos e estressantes. Há cerca de dois anos deixei um emprego assim e, infelizmente, foi uma das poucas coisas boas que aconteceram ultimamente.

Atravesso o jardim da propriedade e destravo o carro. Coloco

a bolsa e a pasta no banco do passageiro e bato a porta. Giro a chave e ouço o motor fazer barulho, mas antes que possa sair da vaga, uma batida ressoa na janela e me impede de pressionar o acelerador. Deixo o câmbio neutro e abaixo o vidro para ver o que Carlos quer comigo.

Carlos Gonzales, um porto riquenho podre de rico, possui uma das mais renomadas corretoras do país. Por sorte, ou talvez não, sou sua funcionária. Ele é rigoroso e gosta de tudo dentro dos seus termos; caso contrário, você está fora. Mas por trás da pose de durão nos negócios, Gonzales tem um lado humano e bom. Se meus padrões de confiança não fossem tão ferrados, eu diria que estamos caminhando para uma espécie de amizade. Além disso, ele é pai da minha melhor amiga, e foi assim que consegui o emprego.

— Preciso que vá apresentar uma casa em Manhattan Beach.

— Claro, quando é a visita? Só vou checar minha agenda.

— Em uma hora. Meu cliente acabou de me ligar, eu iria, mas tenho um problema na reforma do restaurante da Heather.

Não dá pra competir com a filha do cara, principalmente quando ele está preparando o presente há meses. Penso na consulta que levei semanas para marcar, e nas minhas necessidades financeiras. Não tem consulta sem grana. Respiro fundo e me esforço para abrir um sorriso.

— Claro, me manda o endereço.

Carlos me estende a chave, a planta da propriedade e um sorriso de agradecimento. Embora ele não precise me agradecer, já que é meu chefe e praticamente me paga para obedecê-lo.

Quando ele me dá as costas e tenho certeza que ergui o vidro, solto uma lufada de ar completamente frustrada. Conecto o celular ao carro e disco o contato do meu médico, esperando marcar minha consulta o mais breve possível. O que não acontece, já que ele só pode me atender daqui a duas semanas.

— Okay, partiu South Bay.

Ligo o rádio, e a primeira música a tocar é aquela que costumava ser a minha preferida da vida toda, mas que agora odeio por me fazer pensar nele. Beige toma conta do ambiente antes que eu deixe escapar uma risada e a troque.

Coloco o GPS para funcionar e o mapa informa que levarei quarenta e cinco minutos até meu destino. Tento ir um pouco mais rápido para conseguir estudar o anúncio que Carlos me enviou com o endereço.

A casa em Manhattan Beach é tão linda que chega a doer os olhos. A construção ao estilo colonial possui mais de noventa anos e uma vasta área verde. Abro a porta da frente, certa de que o cliente de Carlos fechará negócio assim que observar essa maravilha de propriedade.

Caminho até a cozinha e abro a planta sobre a enorme ilha de granito. Tenho vontade de arrancar os scarpins dos pés e aproveitar a vida dez centímetros mais próxima do chão, no entanto, não o faço, seria antiprofissional e o cliente acabou de chegar.

Rapidamente, junto a planta e a escondo dentro da minha pasta quando o homem me encontra na cozinha. É bem alto, porém sou péssima com medidas e não consigo estipular um tamanho exato para ele. Sua pele é negra, barba por fazer e a cabeça raspada recentemente. Ele se move de forma imponente, com tanta confiança que chego a ficar zozza.

— Prazer, Gabe Montgomery! Carlos me pediu para te mostrar a casa. Ele teve um imprevisto. — Estendo o braço para dar um aperto de mãos.

O cara sorri de forma educada e aceita meu gesto.

— Sean Rooter.

— Sean, certo, o que achou da casa até o momento?

— É perto da praia, foi minha única exigência.

Entrego a ele um anúncio detalhado, repleto de fotos profissionais que parecem ter sido tiradas para a capa de uma revista. Carlos investe uma quantia considerável nessas fotos todos os meses, pois elas sempre trazem muito lucro.

— A cozinha foi reformada a menos de um ano, e todo o sistema elétrico passa por manutenção a cada oito meses. — Não menciono que os donos são paranoicos com isso, após uma de suas propriedades ter sido incendiada por conta de um curto-circuito. — São três quartos, três banheiros e um lavabo no corredor, que dá acesso à área da piscina.

Sigo com a visita em direção aos quartos e logo depois para a área de jogos no porão.

— Então, sr. Rooter, o que achou? — Toda minha atenção está nele.

— A casa é ótima, mas preciso de uma segunda opinião para fechar, já que não sou eu quem vai morar aqui.

— Ah, não? Carlos disse que você era o cliente.

— Sim, o aluguel vai sair no meu nome, mas o inquilino... — Sean desvia seus olhos de mim e aponta displicentemente com o indicador.

Eu me viro e meus olhos percorrem o ambiente até que se fixam em uma figura que não estava presente quando descemos para o porão. O homem inspeciona uma janela que toma conta de quase toda a parede. A vista da praia fica perfeita olhando por ali.

— O que achou, Nolan? — Sean pergunta.

Enquanto se vira, ainda sem olhar para onde estamos, o tal Nolan responde:

— Grande demais. Prefiro um lugar menor, espaço não é muito... — Ele se cala quando seus olhos finalmente caem sobre mim.

Há um sentimento de familiaridade mútua entre nós, como se nos conhecêssemos, embora eu não consiga lembrar de onde.

— Sério, o tamanho te incomoda?

Ele não responde à indagação de Sean. Em vez disso, continua me encarando. É evidente que ele sabe de onde nos conhecemos. Há uma tensão palpável no ar quando ele dá um passo para o lado, claramente nervoso. Durante o movimento, esbarra no aparador próximo à janela. Um dos vasos de porcelana cai no chão, se despedaçando em mil pedaços, acompanhado pelo barulho que me desperta do meu breve estado de distração.

— Oh, Deus, me desculpe!

Miro meus olhos no homem mais velho. Ele ergue os ombros e as sobranceiras, dizendo silenciosamente que sente muito.

— Vou pagar pelo vaso — Sean assegura.

Me pergunto qual é a relação entre eles. Pai e filho? Parece que o mais velho está atrás de uma casa e também cobrindo as confusões do mais novo.

— Era alugado — acabo soltando, embora meu tom não tenha saído tão gentil como eu gostaria.

Respiro suavemente, e tento me recompor. Firmo os saltos no chão para ter certeza de que ainda tenho estabilidade nas pernas.

Okay! Tudo certo, Gabe!

Me dirijo à ilha da cozinha em busca de algo para juntar os cacos. Por sorte, encontro uma pequena caixa em um dos armários. Um tanto nervosa, vou para perto de Nolan, e Sean se aproxima também. Assim que me abaixo para começar a arrumar a bagunça, ambos se prontificam a ajudar.

— Me desculpa pelo vaso — o culpado pelo desastre diz, ao jogar o vidro dentro da caixa.

Ergo meus olhos em sua direção. Algo na forma curiosa e intensa com que me encara me faz ter um estalo. Eu sei de onde o conheço, assim como sei de onde conheço Sean.

— Você é o rapaz de Santa Cecília — concluo. — Como está a perna?

Ele sorri de lado, parecendo feliz por eu ter me lembrado, e há um leve traço de alívio em sua feição.

Deposito dois pedaços de porcelana na caixa.

— Quase nova em folha.

Não olho para Rooter, mas sinto que ele nos observa com um pouco de atenção.

— Sou o Nolan, a propósito.

— Telefone — Sean diz. O homem se levanta e aponta para o

aparelho em suas mãos. Eu não o ouvi tocar.

Continuo a jogar os cacos na caixa.

— Gabe.

— Gabe — repete lentamente, como se testasse a sonoridade.

— Imaginei todos os nomes que o Google poderia me mostrar, mas nenhum deles era Gabe.

— Ficou pesquisando isso no Google?

— Tinha certeza de que ia encontrar o que quero.

— E encontrou?

— Bem, passei cinco meses pesquisando e não descobri, então não.

Okay, isso não é uma conversa profissional, Gabe. Melhor cortar agora!

Me levanto, e seguro a caixa como meu único apoio emocional. *Minha psicóloga teria um colapso se eu resolvesse contar para ela.* Respiro fundo, o que é tempo suficiente para que ele se erga também.

Sua expressão é de pura confusão, e só agora consigo focar nos detalhes em seu rosto. Os olhos do garoto são de um verde opaco que chamam atenção, e sua pele é bronzeada, praticamente dourada, o que parece mais interferência do Sol do que traço genético. O cabelo loiro escuro com as pontas mais claras só me confirma isso. É como se ele ficasse muito tempo ao ar livre durante o dia.

Já estou observando-o mais do que o adequado.

— Além do tamanho, o que não gostou na casa? — Volto a minha postura profissional.

Caminho até a ilha e deixo a caixa lá, aguardando por sua resposta.

— Não sei, parece uma casa de família e eu moro sozinho.

— Okay, algo menor e sem um clima tão familiar.

Arranco a agenda da bolsa e faço uma anotação logo abaixo do nome “Nolan”. Entre parênteses, adiciono uma observação de que o cliente quebrou um vaso.

— Quer um salão de jogos? Ou algo para lazer?

Nolan me encara como se eu estivesse maluca.

Estranhamente, o fato dele me observar dessa maneira não me incomoda tanto quanto fosse outra pessoa.

— A praia serve para isso.

— Tudo bem. Vou passar seus pontos para o Carlos, ele vai achar o lugar perfeito para você.

Arremesso a agenda dentro da bolsa e fecho o zíper. Sinto que ele está atento a cada movimento meu.

— Quem é Carlos?

Fixo meus olhos no garoto à minha frente. Suas mãos estão no

bolso da calça jeans, e nos pés ele calça Vans pretos surrados. Ele se veste como um adolescente e aparenta ser um, apesar de eu saber que não é. Provavelmente está na casa dos vinte anos, assim como eu.

— Ele é meu chefe e é a pessoa responsável por achar um lugar pra você — explico.

Nolan não diz nada, apenas me encara em silêncio e assente. Parece confuso e desapontado. Por algum motivo, também me sinto da mesma forma.

— Há mais alguma coisa que você queira que eu passe para o Carlos?

Ele leva alguns segundos para formular uma resposta, e quando finalmente o faz, diz:

— Não, nada.

Pego minha bolsa, a pasta com a planta e as chaves, me preparando para sair do imóvel. Me aproximo de Nolan para que possamos sair. Ele é bem alto, e mesmo usando salto, ainda faltam alguns centímetros para que eu possa alcançá-lo.

Caminhamos juntos até a porta, e o garoto a segura para que eu possa passar pelo portal. Quando ele se afasta, giro a chave na fechadura e a guardo na bolsa. Continuamos a caminhar até onde estacionei meu carro.

— Carlos é o melhor corretor do escritório. Se alguém vai encontrar uma casa perfeita para você, é ele.

— Não quero uma casa, mas Sean acha que preciso do meu espaço. — Sinto um ar de frustração em seu timbre.

— Não é de Los Angeles?

— Newport.

— Está ficando com Sean até conseguir um espaço?

— Em um hostel em Santa Mônica.

— Se não quiser sair de lá, não saia. Não pode ficar seguindo com a sua vida baseado no que as outras pessoas desejam ou pensam de você.

É o conselho que minha psicóloga sempre dá nas sessões de terapia, e eu nunca sigo.

— Não dá, Sean é meio que meu chefe. Preciso fazer o que ele pede, senão minha carreira vai para o saco.

Não tem como dizer que ele está errado, já que tudo o que tenho feito nos últimos meses é focar no trabalho.

— Por que gosta tanto do hostel? — pergunto, sabendo que a informação pode ser importante para a pesquisa de Carlos.

— Porque tudo o que preciso é de uma cama e um banheiro, não importa se é compartilhado.

Apenas lhe dou um aceno de cabeça e destravo o alarme do veículo. Sean está encostado em seu Jeep quando abro a porta e jogo

minhas coisas no banco do passageiro. Me acomodo em meu assento e olho para Nolan. Ele está parado próximo à porta, com as mãos nos bolsos e um sorriso sutil no canto dos lábios.

— Carlos vai achar algo que goste e se sinta... aconchegado.

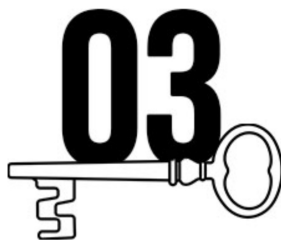
Eu não uso a palavra *confortável*. Nunca!

Ele inclina a cabeça e dá um passo à frente, estendendo a mão até alcançar a porta aberta. Nolan a segura firmemente enquanto me olha nos olhos, como se soubesse demais sobre a minha vida, assim como senti no dia que nos conhecemos na ilha. Os globos verdes me fitam com tanta intensidade que um arrepio é sentido em minha nuca e meu estômago congela.

— Até mais, Nolan — digo rápido. Quero acabar com essa sensação que preenche meu interior.

— Até mais, Gabe.

Ele fecha minha porta antes que eu tenha a oportunidade de reagir. Não sei por que, mas sinto que essa história está longe de acabar.



E quando eu senti como se eu fosse um cardigã velho
Debaixo da cama de alguém
Você me vestiu e disse que eu era seu favorito
Cardigan | Taylor Swift

Gabe Montgomery

— Falta pouco agora. — Karen suspira de sua mesa.

Há dois meses, ela tomou coragem e deu entrada no pedido de divórcio. Não sei os motivos que a fizeram seguir por este caminho, já que não os expôs em momento algum.

— Nós estamos aqui se precisar de algo.

Liana Gallagher, minha outra colega da corretora, rapidamente aproxima sua cadeira da mesa de Karen e concorda comigo, acrescentando:

— Infelizmente, não posso ficar com as crianças para que você possa relaxar um pouco. Sabe como é né, já tenho um pequeno pra cuidar. — Ela dá de ombros. — Mas pode levá-los lá em casa qualquer dia. Enquanto eles aproveitam a piscina, nós tomamos vinho e afogamos as mágoas. Até Gabe pode vir, mesmo que para beber suco.

— Ei, eu adoro vinho. — Tento parecer ofendida, contudo, sem sucesso, já que as duas fazem uma careta e soltam uma risadinha sem graça. — Posso ficar com eles um pouco, caso precise resolver algo.

Karen sorri para nós, agradecida.

— Manon também tem disponibilidade por algumas horas, mas não confio nela para olhar o Adam por mais tempo do que isso — comenta Liana, por fim.

Até onde sei, Manon é a irmã de Liana, uma adolescente de dezesseis anos que ocasionalmente é promovida a babá quando não estão estremecidas uma com a outra.

— É bom saber que posso contar com vocês.

Só estamos nós no escritório no momento, ocasião perfeita para conversarmos sobre a situação de Karen.

— Como os meninos se sentem com a separação?

Outro suspiro escapa por seus lábios.

— Confusos, mas acho que vai ser pior na semana que vem, quando o Edgar for buscar as coisas dele em casa.

— E o John? — pergunto.

— Tentando se manter forte pelos irmãos caçulas. Ele está relutante em ir para a faculdade e me deixar sozinha.

Liana se aproxima ainda mais dela.

— Onde ele passou mesmo?

— UC Berkeley.

— Espero que o Adam me dê esse orgulho — ela diz como se estivesse ansiosa. Inevitavelmente as minhas sobrancelhas se erguem. — Vou me mudar de bairro em breve para que ele estude em um colégio melhor.

— O Adam não tem tipo... três meses de vida?

— Nunca é cedo demais, Gabriela!

A frase costuma ser usada ao contrário, mas tudo bem.

— Adam tem sorte por ter você, Liana. — Karen segura sua mão e solta uma risadinha divertida em seguida.

— E não tem, amiga? Eu nasci pra isso.

Os olhos das duas se viram em minha direção, que apenas observo a cena em silêncio.

— Vai saber a sensação um dia, Gabe. Um filho é como uma extensão de nós mesmos caminhando pelo mundo. É surreal.

Balanço o rosto, com um sorriso contido no canto dos lábios.

— Não vou, não. *Eu* não nasci para isso.

Karen fica quieta, e parece um pouco menos animada, como se tivesse se dado conta de algo. Estou pronta para perguntar o que houve, quando sou interrompida por vozes adentrando o escritório.

De repente, não estamos mais sozinhas.

— Vai ser um desafio e tanto. — Ouço a voz do Carlos e me viro.

Ele entra no espaço sendo seguido por duas outras pessoas. Sean Rooter e Nolan Grayson. Automaticamente, algo em meu interior congela.

Liana e Karen os fitam com curiosidade, enquanto tudo o que consigo fazer é pregar minha visão em Grayson. O garoto caminha com tranquilidade pelo ambiente, segurando um moleskine preto nas mãos. Ele ainda não me viu e isso me chateia. O sentimento me assusta, e eu faço esforço para afastá-lo da minha mente.

Nolan usa uma jaqueta jeans por cima de uma camiseta branca, shorts pretos de um tecido esportivo e nos pés Vans - os mesmos tênis do dia da visita. Os cabelos loiros escuros estão bagunçados e os fios ondulados apontam para direções diversas.

Suspeito que ele não se importe muito com isso.

— Eu não faria nada pra facilitar para você, Carlos — Sean diz, e acerta um tapa no ombro do meu chefe.

Os três caminham até o escritório de Carlos e ele fecha a porta. Aquele lugar é seu reduto de tranquilidade.

Minhas colegas encaram a porta assim como eu, mas, diferente delas, minha atenção está completamente voltada para o mais novo entre os três.

— Eu não sabia que o Sean tinha um filho adolescente. — Ouço as rodinhas da cadeira de Liana correndo pelo chão e logo ela está mais próxima a mim. — Você foi na última visita, o garoto estava junto?

Tiro meu olhar da porta, tentando entender a razão disso ser importante.

— Por que a curiosidade?

Uma de suas mãos pousa sobre o peito, como se estivesse prestes a me confidenciar algo.

— Dormi com o Sean um tempo atrás. Preciso saber se fui *a outra* da história ou se ele não tem relação com a mãe do filho.

— Então não tem interesse no cara, só em saber se ele traiu alguém com você? — Ergo as sobrancelhas.

— Lógico, sou adepta daquela filosofia de não fazer com os outros o que não quero que façam comigo.

— Como sabe que é filho dele? — é Karen quem questiona, curiosa.

Não, ele não é filho de Sean, contudo, não revelo isso a elas. Liana não largaria do meu pé e faria um interrogatório.

— Já viu os amigos do Sean? São todos quarentões como o Carlos.

Enrugo a testa por um segundo.

— O Carlos não tem cinquenta e poucos?

— Não sei! — Ela dá de ombros. — Como ele parece ter uns trinta, então chutei uns quarenta, tenho quase certeza de que ele fez algum procedimento estético.

— Ele tem cinquenta e dois — Karen nos informa.

Liana e eu nos viramos, tentando entender como ela sabe disso. No entanto, me lembro que Park é a funcionária mais antiga da corretora, o que justifica esse tipo de informação sobre o nosso chefe.

— Tudo isso? — Estranhamente foi apenas nisso que Liana prestou atenção. — Espero estar conservada assim aos cinquenta.

Karen gargalha e se levanta, seguindo em direção à pequena cozinha ao estilo americano nos fundos. Aproveito a distração e volto a focar no anúncio que estou criando para enviar para produção dos novos flyers.

A porta do escritório se abre cerca de dez minutos depois. Nolan caminha com tranquilidade pelo ambiente e se acomoda em uma das poltronas próxima às mesas. Surpreendentemente, ele não me nota.

Eu não deveria me incomodar com isso, certo?

O olhar curioso de minha colega de trabalho está sobre ele, enquanto este mantém o cenho franzido e o semblante de confusão fixo na tela do aparelho em suas mãos. Não deixo de reparar que agora ele possui um smartphone moderno, completamente mais evoluído do que aquele que usava na ilha.

Fico chocada ao ver Liana arrastar sua cadeira com os pés, contornar a poltrona onde Nolan está sentado e espiar descaradamente a tela de seu celular por cima de seus ombros.

— Experimenta fechar o aplicativo e abrir outra vez.

Grayson ergue o rosto, e a encara um pouco assustado.

— Valeu! — sua resposta soa um pouco incerta.

Liana posiciona sua cadeira em frente ao garoto, que permanece de costas para mim. Sinto pena e uma vontade absurda de avisá-lo que vai ser bombardeado por perguntas invasivas. No entanto, permaneço em silêncio e tento me ocupar com o anúncio que está consideravelmente atrasado.

— Como vai a sua mãe?

Céus, eu não esperava que ela fosse ser tão direta.

Eu devia ter dito a verdade!

Lanço um olhar para Karen, e ela, por sua vez, encara a cena da cozinha com a xícara de café parada no meio do trajeto até a boca.

— *Ajuda ele* — balbucio.

Nolan, desconfiado, responde:

— Bem, hmm... você a conhece?

A mulher força um sorriso enquanto cruza as pernas e agarra um dos joelhos com as mãos.

— Vocês estão morando com o seu pai? — ela responde o questionamento dele com outra pergunta.

Karen salta da cozinha e vem até onde estamos.

— O quê? — ele indaga, ainda mais desconfiado.

— Vocês...

Por sorte, Karen chega a tempo de interromper que outra pergunta indiscreta seja feita.

— Aceita uma água? Ou um refrigerante?

Um pouco perdido, ele acaba largando o celular sobre o colo e ergue os dedos, aceitando os dois: a garrafa de água e a latinha de Coca-Cola. Contudo, não dá indícios de que vá consumir nenhuma das bebidas.

— Quantos... — Gallagher se inclina para perto dele

novamente.

Então é minha vez de intervir.

— Você está assustando o garoto.

Nolan se vira em direção à minha voz como se tivesse sido atingido por uma descarga elétrica, finalmente se dando conta de que estive aqui o tempo todo. Surpresa perpassa por suas feições, assim como alívio.

Um sorriso se estica nos lábios dele enquanto acena para mim, seus olhos verdes brilhando com uma euforia contida.

— Oi, Gabe!

— Ei — respondo.

— Sua mãe gosta da cidade? Posso procurar outra casa para vocês. Em que bairro estão no momento? — Liana continua, não desistindo do assunto.

— Nós temos chá gelado também! — Karen se intromete.

— Deixe o menino conversar comigo, querida — Liana fala, e atrai a atenção de todos para si.

— Você está deixando o garoto desconfortável com esse interrogatório todo — Karen rebate.

— Gente... — Tento ajudar Nolan, porém ele mesmo faz isso.

— Eu estou aqui e sou maior de idade. Vocês tão ligadas nisso, né?

Nós três nos calamos e o fitamos em silêncio. A escolha de palavras não ajudou muito a fundamentar seu ponto.

— Que tipo de magia estão colocando no sabonete masculino dessa cidade? — Liana bufa, indignada. — Vai me dizer que tem sessenta anos?

Grayson ri ao balançar o rosto negativamente.

— Não, mas vou deixar vocês curiosas, meu avô sempre diz que as mulheres adoram um mistério.

Ele olha para mim e pisca um dos olhos verdes quando Karen e Liana, que estão em uma pequena discussão, não prestam tanta atenção em nós.

Apenas ergo as sobrancelhas em resposta. *A pose de cafajeste não combina nem um pouco com Nolan, e é visível que ele percebeu isso também.* Solto uma risada baixa ao quebrar nosso contato visual, voltando a prestar atenção na tela do computador. De vez em quando sinto seu olhar sobre mim, como se quisesse me dizer algo, porém não faz isso e eu o agradeço em silêncio.

Talvez Nolan Grayson seja um problema. E quando falo problema, quero dizer que eu acabaria transformando-o em um. Algo do qual ele não merece fazer parte porque, após dois anos, o garoto foi o primeiro que se preocupou o suficiente comigo sem sequer me conhecer.

Agradeço a Karen por manter Liana longe dele pelos próximos minutos, tempo suficiente para que Carlos e Sean deixem o escritório em uma conversa animada.

— Te envio o convite mais tarde.

— Sean! Vai à inauguração? — Liana surge ao lado deles do nada.

— Carlos está se gabando desta casa há meses, preciso conferir se é tudo isso mesmo — o homem responde.

— Vai levar seu filho junto? — questiona, como quem não quer nada.

Vejo o momento exato que a compreensão atinge Nolan, pois ele ergue as sobrancelhas, espantado. Noto também a risadinha que escapa por seus lábios. Foi engraçado ver as engrenagens do seu cérebro girando e as peças encontrando seu lugar.

— Tá ligada que Sean não é meu pai, né?

— Enlouqueceu? Eu não tenho filhos — Sean completa, espantado.

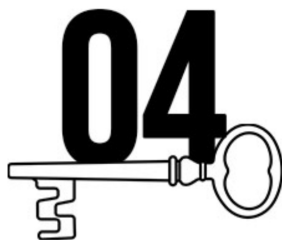
Liana o encara seriamente, antes de fazer Carlos revirar os olhos, e diz:

— Amém!

Nosso chefe lança um olhar enviesado para ela. Carlos rapidamente dá um jeito de tirar o amigo do escritório, com a desculpa de que precisa atender um cliente de última hora. Isso faz com que Nolan se levante e se despeça de nós com um aceno simples, mas quando me lança um último olhar, sorri com tanta gentileza que algo em meu estômago estremece.

Observo suas costas seguindo para fora do lugar e inconscientemente tudo o que consigo pensar é em como seus lábios são de um rosa forte, *convidativos*, e se destacam em seu rosto bronzeado.

Por alguma razão esse detalhe fica em minha mente por alguns dias.



Então ela tenta esconder sua dor
E afastar suas inseguranças
Porque modelos não choram
Com a maquiagem feita, mas
Há uma esperança te esperando na escuridão
Você deveria saber que é linda do jeito que é
E que você não tem que mudar nada, o mundo poderia
mudar de ideia
Não há cicatrizes na sua beleza
Scars to Your Beautiful | Alessia Cara

Gabe Montgomery

— A Daisy é minha, mãe — exclamo, frustração banha meu tom de voz.

— Mas ela prefere ficar aqui em casa. Tem mais espaço e companhia — ela quase grita ao telefone. — A pobrezinha fica sozinha o dia inteiro.

Rolo os olhos e bufo.

— Okay, mas amanhã ela volta pra casa *dela*. Que não é aí!

— Tá, tá, amanhã você vem buscar a Daisy — concorda, mas sei que virá para cima de mim com a mesma desculpa de sempre.

Desligo a chamada e me jogo no sofá. Já são dez da manhã e deveria ter tido uma reunião mais cedo, só que Carlos pediu para desmarcarmos todos os compromissos. Ele quer que convidemos os clientes para a festa que ele dará à noite.

Além de dono de uma construtora, Carlos é um corretor imobiliário que vende casas tão caras quanto as que vendemos na González LA. Ele sempre anuncia a entrada do imóvel no mercado com uma festa extravagante e inesquecível.

Meu celular vibra, informando que tenho uma nova mensagem. Pode ser algo do trabalho, então checo imediatamente. Entretanto, a notificação vem do Instagram e o nome da conta me

chama atenção.

@nolan.grayson1952 deseja seguir você.

Curiosidade toma conta de mim e decido abrir o perfil do garoto. Não tem seguidores, não possui publicações ou biografia. Nada além da foto de perfil, como se ele tivesse acabado de criar a conta.

Não o sigo de volta.



Sou a primeira a chegar na festa. A casa é enorme, com um estilo industrial em sua arquitetura e uma decoração moderna e peculiar adornando os cômodos. Não é um lugar onde eu moraria, especialmente com aquele quadro estranho e a iluminação em neon logo no hall de entrada. Sinto que teria uma reação alérgica por fotossensibilidade toda vez que entrasse no ambiente. A música ainda é baixa, e os funcionários do buffet estão correndo de um lado para o outro dando os últimos toques.

Avisto Carlos conversando com a decoradora perto da enorme porta que dá para a piscina de borda infinita. Ele sorri quando me aproximo deles.

— Que gata! — meu chefe elogia.

— Ah, qual é, não precisa ser educado, eu não vou me demitir.

— Nem sonhe com isso, Montgomery — diz ao me abraçar. — Então, o que acha?

— Ficou um arraso, três meses atrás isso aqui estava um caos.

A decoradora precisa dele para algo, o que faz com que eu saia dali com a desculpa de que vou conhecer o resto da mansão.

Não gosto desses eventos. Na verdade, não gosto de eventos em geral. Sempre fui o tipo de garota que prefere mil vezes estar em casa na companhia de um bom livro e vinho.

Subo as escadas. O caminho até o andar de cima é feito com painéis de vidro automatizados que, quando acionados pelo interruptor, se tornam espelhos, e quando desligados se transformam em janelas com vista para os fundos do quintal e da placa de Hollywood.

Aproveito os espelhos para dar uma conferida no macaquinho. É preto, com o busto transpassado formando um decote em “v” e mangas compridas. O tecido é coberto por pequenos cristais prateados que combinam com o brilho das tiras no meu sapato. Mas não estou me sentindo bem com o batom vermelho, é chamativo demais para

mim.

Ouçõ vozes femininas no corredor do segundo andar. Uma delas é de Karen. Sigo o som e a encontro no interior de um lavabo deslumbrante, todo revestido em mármore preto e acessórios em metal dourado.

— Você tem um batom para me emprestar? — pergunto a ela.

Karen e Liana se viram em minha direção.

— Por quê? Eu amei o vermelho. — Liana parece surpresa com meu pedido.

— Não é muito a minha cara. — Balanço os ombros de forma displicente.

Karen solta uma pequena gargalhada e procura algo em sua necessaire.

— Tenho esse nude, vai ficar ótimo em você.

— Obrigada!

Me junto a elas na bancada e pego um pedaço de papel higiênico para arrancar o vermelhão dos meus lábios. Observo a cor sendo transferida para o papel e, junto com ela, um pouquinho da escassa autoconfiança que consegui manter.

— Mulher, você estava um arraso com o vermelho, qualquer um lá embaixo ia ficar doidinho ao te ver.

— Nem todo mundo liga para isso, Liana — rebate Karen.

— Mas deveriam. — A mulher dá de ombros.

As tranças crespas de Liana estão adornadas por diversos anéis de ouro, que fazem um belo conjunto com o sensual e elegante vestido azul royal vívido. A pele negra retinta, coberta pelo iluminador corporal, é um toque a mais para o seu visual marcante. Jamais olhariam para mim por conta de um batom vermelho quando Liana está no mesmo ambiente. Ela é linda, elegante e uma das melhores corretoras do escritório.

Termino de passar o batom que peguei emprestado com Karen e o devolvo. Apesar de não sermos tão próximas a ponto de nos considerarmos amigas, tem algo nela que me traz reconhecimento, só não descobri ainda o que é.

Deixo o banheiro na intenção de explorar a casa. Os convidados estão chegando e alguns me interceptam durante o tour no andar de cima. Conheço boa parte dos amigos e contatos de Carlos, ele sempre apresenta os novos corretores ao máximo de pessoas possível. Como dono da empresa, é do interesse dele que nós tenhamos uma grande rede de potenciais clientes, e quanto maior nossa rede, maior o seu lucro no final do ano. Entre um conhecido e outro, além de uma troca de telefone que pode me render algo nas próximas semanas, consigo escapar pela escada que leva até o terraço privativo.

O terraço é o ponto mais alto da construção e possui uma vista

em trezentos e sessenta graus de tirar o fôlego. De um lado vemos a praia e do outro as montanhas. Caminho até a mureta de vidro. Algumas tochas estão acesas para deixar o ambiente mais convidativo e aconchegante. Quase posso esquecer da bagunça que minha vida se encontra.

Não sei quanto tempo se passa, até que ouço passos vindos dos degraus.

— Até que enfim, te procurei por todo canto. — A voz do meu chefe me alcança.

— Aqui é mais silencioso. — Dou de ombros. — Mas me diga, o que houve?

Ele para ao meu lado.

— Vou te passar um cliente e quero que dê um pouco de prioridade para ele.

— Vai falar de negócios agora?

O homem solta uma risada de escárnio.

— Sempre é hora de falar de negócios, palomita — responde, usando o termo que costuma se referir às corretoras.

Sempre tive curiosidade para saber o significado.

— Tem razão — concordo, embora, na verdade, ele não tenha. No entanto, não posso dispensar, vez que preciso do retorno que o trabalho me dará. — Qual cliente?

— É o pupilo do meu amigo Sean. Ele está lá embaixo. Aliás, já pode começar a sondar para encontrar algo que o agrade.

Nolan Grayson!

Ultimamente parece que ele está me perseguindo. Apenas a menção indireta do seu nome faz com que seus olhos venham a minha mente e um frio estranho surja dentro de mim.

Curiosidade.

Euforia.

Nenhuma das sensações que eu queira sentir por um cliente.

— Melhor não, Carlos.

— Não tem escolha, sou seu chefe.

— Por que quer me passar o cliente?

— O garoto quer algo pequeno, simples. Não é meu estilo de negócio.

Não é difícil notar aquilo. Basta olhar ao redor e vislumbrar toda a luxúria que adorna a mansão.

— Taylor seria um ótimo corretor, ou Karen, ela tem três filhos e está passando por uma separação, precisa do dinheiro.

O olhar sério que me lança indica que possui as cartas na manga para me convencer a mudar de ideia.

— Não seja falsa, sabemos que quer e precisa do dinheiro tanto quanto eles. Se aceitar, embora você não tenha escolha, estou

disposto a diminuir o desconto nas suas comissões. Vinte por cento ao invés de trinta.

— E isso é bom? Só vou levar mais tempo para te pagar.

— Menos dez por cento da sua comissão, no mesmo prazo de pagamento. Estou diminuindo o valor da sua dívida comigo.

Merda, Carlos sabe bem como manipular a situação a seu favor. Neste momento, estou dividida entre querer estrangulá-lo por me obrigar a trabalhar com alguém que já considere ser mais seguro manter distância, ou agradecê-lo. Saber que terei mais dinheiro livre me deixa aliviada, pois significa que minha dívida no hospital será menor ao final do tratamento. É meu objetivo de vida mais próximo de acontecer.

— Okay, eu topo.

— Ótimo! Além do mais, ele falou que só aceitaria sair da espelunca do hostel se fosse você a corretora.

— Como é?

No entanto, Carlos não me responde, pois já está de saída do terraço.

Nolan exigiu que eu trabalhasse com ele. Novamente parece que o cara está me perseguindo, mas não consigo ter medo, apenas a necessidade de manter distância. Já senti essa sensação antes, a curiosidade e o frenesi no estômago, e nada disso acabou bem.

Encaro as montanhas e agarro a mureta de vidro. *Eu consigo!* Repito isso inúmeras vezes em minha mente. Não dizem que uma mentira contada muitas vezes se torna real? Então, *eu consigo*.

Claro que consigo.

Respiro fundo antes de sair dali. O caminho de volta é tão rápido que quase sinto o coração saltando pela boca. *Mas eu consigo!* Tenho que conseguir, pois preciso mesmo do dinheiro.

Do alto da escada, a primeira coisa que vejo é Grayson entediado em uma mesa perto do bar. Visivelmente o rapaz, que sempre parece relaxado, se sente fora do lugar. Não posso julgá-lo, ultimamente me sinto assim em todo canto que vou.

Aproveito que um garçom passa perto de mim e pego um copo de whisky. Quando alcanço a mesa, pouso o copo no tampo. Nolan não percebe minha chegada e mantém a sua atenção no caderno preto aberto sobre a superfície, enquanto risca algo ali com um lápis do mesmo tom. O celular está largado ao lado, a capa do aparelho é transparente, o que deixa o papel à mostra.

— Deveria aproveitar um pouco a festa.

Ele ergue os olhos e sua feição muda de tédio para surpresa. Rapidamente, desvio o olhar para a página do caderno antes que ele o feche. Consigo vislumbrar a construção imponente, o farol solitário de Santa Cecília.

— Gabe. Não achei que fosse estar aqui. Você está...linda, não que não esteja sempre bonita, é que hoje...

Apenas ignoro o último comentário, porém é impossível evitar que minhas bochechas corem por conta do elogio e da forma atrapalhada como foi dito.

— O dono do evento é meu chefe, sou meio que obrigada a estar aqui. — Tento sorrir. — Mas e você?

Nolan guarda o aparelho no bolso da calça jeans e fala em seguida:

— Sean é amigo do dono da casa, e vive me arrastando para todo canto que pode. Ele alega que networking é importante.

— E ele tem razão.

— Seria bom não ter que me preocupar com isso. Mas diz aí, trabalha como corretora há muito tempo?

— Tem cerca de uns dois anos. — Dou um gole no whisky.

O ardor desce por minha garganta, e a sensação é um lembrete vívido de que tudo isso é real. Algumas pessoas se beliscam para ter certeza de que não estão sonhando; outras buscam na bebida uma fuga da realidade. Eu, por outro lado, bebo para manter meus pés firmes no chão.

— E é isso que ama fazer?

— Não, mas me dá dinheiro e preciso dele. — Nolan não precisava saber dessa informação, e eu me odeio por ter a entregado tão facilmente.

Mais um sinal de que ficar longe é a coisa mais inteligente a se fazer.

— Precisa dele pra quê?

— Opa, essa pergunta é pessoal. — A anterior também era, mas agora estou um pouco mais no controle de mim mesma.

— E nossa conversa é profissional por acaso?

— Sim, na verdade, Carlos me deixou responsável por encontrar um lugar para você. Ele está acostumado com casas maiores e extremamente luxuosas. — Indico a casa em um gesto rápido de mãos.

— Então nós vamos nos ver com frequência?

Ele parece mais animado do que quando o vi do alto da escada.

— Com alguma frequência, sim, mas não sempre.

— Veio falar comigo por isso, não foi? — O rosto dele tomba um pouco para o lado, me analisando. — Quer informações para procurar a casa.

— Isso.

Agora o garoto parece desapontado.

— Okay, do que precisa saber?

— Me fala um pouco de você. Idade, de onde veio, para onde quer ir, o que gosta em um lar.

— Meu nome é Nolan Grayson, nasci em Newport Beach. Tenho vinte e um anos e coisas extravagantes não são muito o meu estilo.

Nossa, ele é três anos mais novo que eu.

— E você trabalha com o quê? Talvez vá querer um escritório ou... — Nolan me interrompe com uma gargalhada.

— Escritório? Não, com toda certeza não. Posso te falar o que eu faço, mas prefiro mostrar. Você pode sair? Ou seu chefe quer que fique até o fim da festa?

A resposta mais profissional seria *não*, porém, tem algo nesse garoto que me deixa curiosa e faz com que eu não aja como deveria. Procuro Carlos com o olhar e o encontro conversando com uma loira trajada de vermelho de cima a baixo. Liana está logo atrás dele, aparentemente mais interessada na conversa do nosso chefe do que em Taylor e o cara bem vestido em sua frente.

— Acho que posso sair. — *O que não significa que deveria.* — Aonde quer ir?

— Não é longe. — Nolan se afasta da mesa e eu o sigo. — Só preciso avisar ao Sean.

Ele pega o celular do bolso novamente e mexe na tela do aparelho por um tempo. Estamos chegando perto da porta quando ele resmunga:

— Odeio esse negócio.

— Tudo bem?

— Sim, tudo sim, só não sei como fazer isso. Enviar uma mensagem, quero dizer.

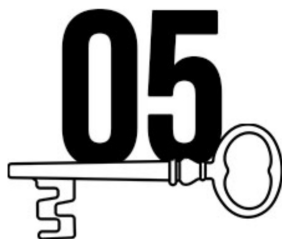
Não sabe?

— Você...

Ele me estende o aparelho. Eu o pego, acho o aplicativo de mensagens e a conversa com Sean. Devolvo o celular para ele em seguida. Nolan digita algo e guarda o eletrônico no bolso do jeans.

Nós dois somos opostos. Ele usa jeans, uma camisa social branca e o mesmo Vans preto do outro dia. Enquanto isso, visto um macaquinho caríssimo, coberto de pontinhos brilhantes, e salto alto. Eu pareço uma adulta e ele um adolescente, afinal, Grayson de fato acabou de deixar a puberdade.

— Melhor tirar os saltos, Gabe.



Encontre-me no fundo do oceano
Onde o tempo está congelado
Onde todo o universo está aberto
Infinity | Jaymes Young

Gabe Montgomery

— O quê? Nós vamos andando? Posso pegar o carro...

— Nós vamos andando. Tire os saltos — Nolan repete o pedido.

Não tive tempo de protestar, já que ele retirou seus pés de dentro do tênis e o estendeu em minha direção.

Calçar os sapatos de um estranho não estava nos meus planos para a noite, e eu deveria recusar. No entanto, aceito a oferta. Sento-me nos degraus da fachada para remover os saltos. Quando estou dando o último laço no cadarço, Nolan chama minha atenção ao dizer:

— Não se machuca usando isso?

Ergo o olhar e ele está de pé, com um dos meus calçados nas mãos, o analisando.

— Não, já me acostumei.

— Fica bonita com eles, mas você tá ligada que são desconfortáveis, né?

— Não me importo. Além disso, preciso manter uma certa aparência no meu trabalho. Agora vamos?

Me levanto e ele confirma, mas não me devolve o sapato. Nolan os carrega para mim enquanto caminhamos ladeira a baixo. Os tênis dele ficam um tanto folgados nos meus pés, porém dá para usar.

Abraço meu próprio corpo para afastar o medo e o frio de Los Angeles. É por volta das nove horas e o lugar está deserto. Nolan quebra o silêncio, e tenta puxar assunto durante o caminho. Aproveito a oportunidade para saber um pouco mais sobre ele. Consigo descobrir que, apesar de ter nascido em Newport, cresceu na ilha de Santa Cecília e é o seu lugar favorito no mundo, o que me faz pensar em

qual seria o meu. Um tempo atrás daria a resposta sem pensar duas vezes: meu lugar favorito não era um lugar, mas alguém. Alguém que já não está mais comigo.

— Okay, chegamos — anuncia, parado na calçada.

Encaro o cenário à minha frente e sinto meu interior congelar. Meu estômago está frio e meus dedos tremem. Parece que minhas pernas podem falhar a qualquer momento. *Estamos na praia!*

— O... o que estamos fazendo aqui?

Ele abre os braços e dá um sorriso.

— Estou te mostrando o que faço da vida.

Encaro o mar novamente. O som das ondas se quebrando ao longe é como uma adaga que rasga minha pele numa nova seção de tortura.

— Não me diga que vende sua arte na praia? — Tento fazer graça.

Ele ri baixinho.

— Não, eu sou surfista.

Oh Deus, vou desmaiar!

— Surfista?

O sorriso que antes estampava seu rosto dá lugar para uma linha reta que repuxa seus lábios. Minha resposta foi a causa disso.

— Algum problema? — Grayson parece preocupado.

— Sim... não, não tem problema, é que... eu... bem, não gosto de praia.

Ele fixa os olhos nos meus pés, e nota que ainda estão bem longe da areia.

— Odeio, na verdade — completo, aos sussurros.

— Ninguém odeia praia, Gabe. — Nolan solta uma risada baixa e nervosa ao falar.

— Mas eu sim. — Me viro um pouco para a direção que viemos. — Vou voltar para o evento.

— Não, espera! — Ouço o som da areia se movendo de acordo com que ele corre em minha direção. — Você não odeia praia.

— Acabei de dizer que sim. Tenho os meus motivos.

Dou dois passos ao seu encontro quando sinto um impacto. Os grãosinhos de areia caem pela minha perna, direto para dentro do tênis. Me viro devagar, com o rosto impassível.

— Jogou areia em mim?

As mãos escondidas atrás do corpo me dão a resposta.

— Joguei — confirma. — E vou jogar de novo.

Um segundo depois ele tira as mãos das costas e lança mais um punhado em minha direção.

Meus lábios se abrem em choque, porém consigo sentir uma risada querendo escapar. Deveria ir embora e acabar com essa

palhaçada, no entanto, tudo o que faço é ficar parada, observando-o se abaixar e encher as mãos de areia outra vez.

— Não faça isso! — Meu tom é sério.

— Então vem até aqui, Gabe. Tira o sapato e vem aqui.

Encaro a areia. Tempo suficiente para que ele me acerte mais uma vez. Respiro fundo e arranco o tênis, o deixando junto com meus saltos, o celular e o seu caderno.

Caminho até a beira da calçada e tento criar coragem para pisar ali. O som das ondas se quebrando me traz memórias ruins que quero esquecer. Tudo aqui me lembra dele, e pensar *nele* machuca. Respiro fundo, fecho os olhos e, devagar, dou o primeiro passo. Meus pés se encontram com os grãos de areia. Uma corrente elétrica ruim se espalha pelo meu corpo. Com muito esforço, trago o outro pé para junto do que já está afundado.

— Se jogar mais uma... — Ele me acerta antes que eu conclua a frase.

Encaro Grayson com os olhos faiscando. Me abaixo lentamente e encho ambas as mãos com areia.

— Vai ter que me alcançar, Gabe — anuncia, em um tom de desafio.

Não sei qual é a intenção por trás de tudo isso, mas mesmo que eu não queira saber a resposta, dou mais um passo. Nolan sorri e corre a caminho do mar. Eu o sigo.

Apesar do impulso de fugir quando sinto a água tocar minha pele, algo nesse cara me atrai para o desconhecido, ainda que eu não aprecie essa sensação. Decido enfrentar meus medos e continuo correndo em direção ao oceano. A primeira onda me pega de surpresa, e um grito agudo escapa dos meus lábios.

A luta contra a força da maré dificulta meu equilíbrio, mas, por sorte, uma mão me alcança e me puxa para a superfície. Ao perceber que a água mal passa dos meus quadris, sinto uma mistura de alívio e constrangimento.

Nolan exibe um sorriso divertido por ter conseguido me fazer superar o medo de entrar no mar.

— Viu só como... — Ele não conclui sua sentença, pois espalmo meus dedos em seu peito, empurrando-o em um pequeno ato de vingança.

Por um breve momento penso que ele pode estar se afogando, mas então me lembro que o garoto é um surfista. Grayson se levanta em questão de segundos. Seus olhos transmitem pura diversão. Ele ri, e eu me odeio por rir também. Odeio admitir que sua companhia me agrada. Nolan parece satisfeito com minha explosão de raiva e ainda mais por saber que foi ele quem provocou essa reação de mim.

— Vai ter volta, *boneca!*

O surfista se joga em cima de mim e um grito escapa dos meus lábios antes de sermos submersos novamente. Nossos corpos se enrolam de forma confusa e a força da onda nos arrasta até a areia. Percebo que uma das pernas de Nolan está enroscada na minha, enquanto sua mão permanece segurando minha cintura, um toque que parece íntimo e familiar. Instintivamente, me afasto como se tivesse levado um choque e me estico ao seu lado. Ali estamos, deitados sobre a areia, contemplando o céu da Califórnia.

— O que tem na cabeça? — grito um pouco ofegante, não deixando que perceba que me diverti em cada segundo que ele me atentou.

— Não é muita coisa, pode ter certeza.

Nolan ri com sua resposta, e embora eu queira acompanhá-lo, me contenho.

— Minha roupa está acabada, eu só posso lavar a seco.

— É muito cara? — pergunta. Quando estou prestes a responder, sou impedida. — Oh, não, Gabe!

— Que foi? — O olho de lado.

— Isso, de você não gostar de praia, tem algo a ver com o que conversamos em Santa Cecília?

Permaneço em silêncio e penso no que o confidenciei no dia em que nos conhecemos.

— Tem, não é? Eu só me lembrei agora — resmunga, se sentando. — Me perdoa, sou um idiota por não ter pensado nisso. Eu não devia ter...

— Tudo bem. Eu preciso ir, estamos molhados e não posso ficar resfriada ou não consigo trabalhar.

Aquela foi a maior mentira, mas ele conseguiu me lembrar dos meus traumas, apesar de eu ter conseguido esquecê-los por alguns minutos na sua companhia. E o mais importante, Nolan me fez voltar à praia, algo que fugi por dois anos, como se fosse morrer se enfrentasse esse momento. Bem, eu não morri, então é um avanço. Lhe dou as costas e caminho em direção à casa.

Me viro, o olhando por cima dos ombros e falo:

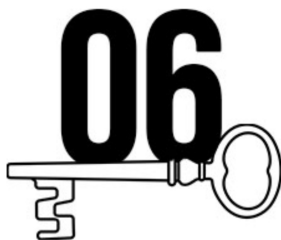
— Obrigada. — Nolan fica em silêncio, o que faz com que eu continue. — Obrigada por isso. Foi... foi importante, de verdade.

Após pegar meus saltos na calçada, volto a subir a ladeira em direção ao evento. Ainda posso sentir o balanço do mar em meu corpo, como se um oceano invisível dançasse ao meu redor. Por um minuto, a sensação é a melhor de todas, mas quando o frenesi inicial cessa, as lembranças vêm, e sei que estou prestes a despencar.

Sinto a garganta protestar e as lágrimas batendo à porta para mais uma visita. Respiro fundo e corro até o manobrista que levou meu carro.

Me mantenho firme na frente das pessoas presentes na entrada da festa. Me mantenho firme quando estou dirigindo até o meu apartamento.

Cerca de trinta minutos depois, jogo a chave no aparador e corro escadas acima, na direção do meu quarto. Invado o banheiro logo em seguida e me lanço, ainda de roupa, para debaixo do chuveiro. Aqui é o melhor lugar para desmoronar, porque a água gelada que jorra do cano abafa os sons que meu corpo emite a cada soluço. Só então me deixo cair.



Não consigo desligar meus pensamentos
Desejando que essas memórias desaparecessem
Mas elas nunca desaparecem
Snap | Rosa Linn

Gabe Montgomery

Na terça-feira, Taylor me oferece carona até o restaurante onde marcou com seu cliente. Prontamente recuso a oferta, pois não gosto de depender dos outros para nada, já que sempre acabo sendo deixada na mão.

Trinta minutos antes do horário marcado, dirijo em direção ao restaurante que ele escolheu em Moraga State. O lugar possui um clima que me lembra os estabelecimentos que vejo em filmes italianos. É aconchegante e bem iluminado. Ao chegar, digo meu nome na entrada e sou conduzida a uma mesa de dois lugares, localizada no canto mais reservado do salão.

— Tem algo errado, nosso almoço será para quatro pessoas.

— Só um segundo, vou checar se conferi a reserva certa.

A mulher se retira apressadamente, e eu me sento ali mesmo, aguardando. Aproveito o momento para abrir minha pasta e revisar os documentos da propriedade mais uma vez. É sempre bom estar preparada para possíveis perguntas que possam surgir sobre a construção.

Pouco depois, Ramsey chega e pendura seu blazer azul marinho no encosto da cadeira, ficando apenas de camisa social e gravata.

— Então, o que quer pedir, Gabe? — meu colega de trabalho questiona.

Ergo os olhos e o fito. Desconfiança banha meu semblante.

— Não vai esperar pelo seu cliente e a esposa?

— Sobre isso... — Taylor se ajeita freneticamente na cadeira, como se estivesse lidando com uma situação urgente. — Acabei de receber uma ligação. Eles informaram que não poderão vir para o

almoço, mas vão nos encontrar na casa.

Analiso a mesa, a insegurança de Taylor e a oferta da carona até aqui. Alguns segundos se passam até que a moça retorne e fale:

— Está tudo certo.

Ou seja, ele reservou uma mesa para duas pessoas, não quatro. Taylor não teria como mudar a reserva de última hora, ele já sabia que os clientes não viriam para almoçar. Isso se ele os tiver convidado.

— Já vão querer pedir? — pergunta a atendente.

Apesar da vontade de me levantar e jogar o guardanapo no sorriso sonso do homem à minha frente, decido não fazer isso. Afinal, tenho que vê-lo no escritório no dia seguinte. Então, me limito a respirar fundo, peço uma massa qualquer e um copo de água, já que não bebo mais refrigerante.

— O mesmo para mim. — Taylor sequer olha para o cardápio quando o devolve para a mulher. — Gosto do clima deste lugar, é meio romântico.

Oh, não, isso não!

— Sério? — Enrugo as sobrancelhas em um gesto completamente fingido. — Me lembra bastante o escritório.

Não é verdade, o lugar é o tipo de ambiente que estaria facilmente em um dos livros de romance que certa vez fui apaixonada. Gostaria de ter vindo aqui com alguém especial, não com um cara do trabalho.

— O escritório? Ficou louca? — Taylor ri da minha comparação, como se fosse algo idiota.

Ficou louca?

A pergunta e o tom com que é feita embrulha meu estômago. É inevitável que lembranças tomem minha mente como a água invade um barco naufragado.

Maluca.

Maluca.

Maluca.

É como um fantasma à espreita esperando a hora certa para me assombrar.

— Se não te lembra o escritório, por qual motivo marcou um almoço de trabalho aqui?

Sei que fiz a pergunta certa quando Taylor não tem uma resposta pronta. Em vez disso, ele solta uma risada nervosa e comenta que sou engraçado. *Ridículo!* Durante os próximos minutos, enquanto a comida não chega, mantemos o foco nos celulares e papelada de trabalho. Vez ou outra pergunto sobre seu cliente e faço anotações em minha agenda. Sei quais pontos da casa destacar e quais sugerir uma mudança simples, ou até uma reforma mais vantajada.

Embora a corretagem não seja o trabalho que sempre me

encheu os olhos, posso dizer que ainda gosto do que faço. Adoro visitar imóveis e imaginar as famílias ali, seus planos, mudando paredes e decorando os ambientes. Casas representam a criação de raízes, e isso significa saber como queremos que os próximos anos de nossas vidas sejam. Costumava ter clareza sobre como eu me veria, e ainda tenho, mas existe uma diferença entre desejar algo e ser forçada a aceitar seu único futuro possível.



Duas horas mais tarde, consegui vender a casa pelo valor do anúncio. Seria uma comissão dupla para a Gonzales.

Após o casal ter ido embora, com uma promessa de que enviaria os documentos para que o advogado deles analisasse, Taylor se vira em minha direção e com um sorriso delineando seus lábios, diz:

— Topa um drink?

Lá está ele tentando uma aproximação forçada outra vez.

— Não posso, preciso ir pra casa preparar os documentos.

A maior mentira. Deixei tudo pronto na noite anterior. Carlos sempre nos aconselhou a estar um passo à frente, e até agora tem dado certo.

Tenho vontade de jogar tudo para o alto e dizer umas verdades a Taylor, mas meu emprego é a coisa mais importante que tenho no momento. E mesmo que não fosse, impor as minhas vontades é um bloqueio que tenho trabalhado em terapia há anos.

Sigo em direção ao meu carro, os olhos chispando de raiva. Meu primeiro pensamento é pegar Daisy, que segue sequestrada pela avó, mas me contenho. Respiro fundo e organizo as ideias, até que um nome surge de repente, e silencia todo o caos interno.

Nolan!

Penso e repenso se devo ou não seguir com essa loucura. No entanto, mesmo antes de chegar a uma decisão, já me pego falando no meu celular:

— Ligar para Nolan Grayson.

Dois segundos depois escuto pelos alto-falantes do carro a inteligência artificial:

— Ligando para Nolan Grayson.

Não sei direito para onde estou dirigindo quando o surfista atende à ligação.

— Ei, Nolan aqui.

— Oi, é Gabe Montgomery.

Por alguns instantes tudo o que ouço da chamada é o som de sua respiração suave, indicando que não esperava que fosse eu ao telefone.

— Acho que encontrei uma casa que pode gostar — completo, muito embora não tenha casa nenhuma para mostrar a ele. — Está muito ocupado para ir vê-la agora?

— Oh, a casa. — Algo em seu tom me diz que está desapontado. — Sim, acho que consigo dar uma fugida do treino.

Sem tirar os olhos do trânsito, enfio a mão dentro da minha pasta e puxo o primeiro papel que encontro lá dentro. Ótimo, o apartamento que mostrei aos Higgins ontem.

— Consegue me encontrar na Marina Del Rey em meia hora?

— Sim, vou chamar um Uber e te vejo lá.

Uber? Droga, não sou capaz de fazer com que ele gaste dinheiro para ir ver um lugar que sei que não faz nem um pouco seu estilo.

— Posso passar para te pegar, só me passar o endereço.

— Estou perto do Hostel, em Santa Mônica..

— Me manda sua localização por mensagem.

— Desculpa — me interrompe, seu tom é um pouco envergonhado, — ainda não sei mexer nessa coisa muito bem. Posso te esperar no píer?

— Claro, em vinte minutos chego aí.

— Até lá, Gabe.

Talvez eu seja mesmo uma maluca manipuladora, arrastando Grayson para o lugar que pretendo alocar. Me sinto péssima por usá-lo em benefício próprio. Ainda atrapalhei seu treino, mesmo ciente de que as seletivas para o torneio mundial vem se aproximando, e ele deve estar dando tudo de si para isso.

Egoísta. É isso que sou.

Faço uma anotação mental para falar sobre isso na minha próxima sessão de terapia com a dra. Newt.

Ao me aproximar do píer, avisto Nolan parado próximo a um carrinho de cachorro-quente, segurando dois copos. Estaciono o carro, desço o vidro e ofereço um sorriso amigável. Ele retribui o sorriso, evidenciando estar verdadeiramente contente em me ver. Nolan abre a porta, entra e estende um dos copos na minha direção. Aceito sem hesitar.

— Fiquei na dúvida, então trouxe um frapuccino pra você, já que não tem cara de quem bebe refrigerante.

— Você está certo, não bebo mesmo — conto.

Tomo um gole do frapuccino e percebo que ele pediu uma dose a mais de caramelo. Apoio o recipiente no porta-copos e sigo

para Marina Del Rey.

— Me desculpa ter ligado tão em cima da hora, só soube do apartamento hoje de manhã.

Ele assente, já bem relaxado no banco.

— Tudo bem, meus treinos costumam ser pela manhã. — Os ombros de Nolan se erguem e caem em seguida. — Cayenne Coupé, um carrão.

“Meus treinos costumam ser pela manhã.”

Ele mentiu quando afirmou que conseguiria escapar do treinamento. Eu deveria ter percebido isso antes. Afinal, os surfistas profissionais nunca treinam em Santa Mônica, já que a praia é cheia de turistas, além do fato de que podem encontrar ondas melhores em áreas menos conhecidas e visadas.

De repente, me sinto minimamente melhor pela minha mentira, quando sei que ele fez o mesmo.

Não tiro os olhos da estrada quando digo:

— É só um carro. — É minha vez de dar de ombros. — E não é meu, Carlos que deixou comigo. Eu preciso manter uma certa aparência para vender imóveis super caros.

Teoricamente ainda não é meu, como a minha casa, comprei o carro do meu chefe em um milhão de parcelas descontadas das minhas comissões. No meu ramo a aparência é o que mais conta, isso ajuda a vender casas milionárias, e eu preciso do dinheiro.

— Diga isso para a população que precisaria trabalhar anos e ainda assim não conseguiria adquirir um desses — ele fala.

Deixo o comentário sarcástico de lado. Tenho consciência de que não teria chegado onde estou tão rápido se Carlos não tivesse me ajudado e dado as oportunidades que deu.

— Me diga você, surfista em ascensão, não tem um carro?

— Não — a resposta é simples e direta.

— Duvido.

— Estou falando sério, eu não dirijo.

O garoto se remexe no banco, parecendo incomodado com o assunto. Talvez eu tenha tocado em um tópico delicado.

— Não dirige, não gosta de celular...

— Eu gosto, só não sei usar.

— Qual é, nossa geração praticamente nasceu com um telefone grudado na mão.

— Sim, um celular antigo, daqueles com botões e apenas uma função: fazer ligações. — Lembro que em Santa Cecília ele tinha um desses modelos bem antiquados. — Os de agora me confundem.

Tenho vontade de gargalhar, mas sei que seria um pouco ofensivo.

— Por que não usa algo que não seja um smartphone?

— Sean quer que eu tenha redes sociais, por conta do trabalho, e meu antigo aparelho não tinha esta função.

— Ele tem razão, as marcas precisam te conhecer. Patrocínio, é importante, não?

— Lógico, mas não sou esse tipo de pessoa.

Balanço os ombros ao dizer:

— Em algum momento todos precisam ser essa pessoa, o mundo de hoje em dia exige isso. Exposição, fingir uma vida que não é a sua de verdade.

Nolan solta uma risada de escárnio.

— Não nasci para esta falsidade, minha família cresceu sem isso, eu também posso. Além do mais, não é como se eu fosse um ator de Hollywood — retruca.

— Não, apenas um surfista da Califórnia.

Ele veria assim que ganhasse seu primeiro troféu importante, seria tão conhecido quanto muitos atores de Hollywood.

Alguns minutos de silêncio preenchem o carro até que decido quebrá-lo.

— O apartamento possui três quartos, todos com suíte, um lavabo, e a cozinha é integrada com uma sacada ampla com vista para a praia.

— Pensei que fosse uma casa — o surfista argumenta. Minha expressão confusa o incentiva a continuar. — Falou ao telefone que era uma casa.

Merda!

Tento controlar a respiração, mas é uma tarefa quase impossível com ele me analisando tão atentamente, doido para captar qualquer pequeno deslize. Dou uma rápida olhada e percebo que seus orbes estão fixos em mim.

— Desculpe, devo ter me confundido, estava mostrando uma casa antes de te ligar. É um apartamento em Marina Del Rey.

Ao olhá-lo de soslaio novamente, noto um sutil sorriso zombeteiro brincando em seus lábios bem desenhados.

Ele sabe que menti.

Eu sei que ele mentiu.

No fim das contas estamos quites. E apesar de ter sido descoberta, nunca admitiria, muito menos para Nolan Grayson.

Continuo seguindo o caminho até a marina. Nolan também não menciona nada sobre o assunto e continuamos o trajeto em direção ao apartamento.

Ele beberica um pequeno gole da sua Coca-Cola, e batuca os dedos da mão esquerda no painel do carro. Quase consigo sentir a sensação do gás explodindo dentro de mim e o sabor escorrendo pela garganta. Já faz um tempo desde que ingeri refrigerante, já que tudo

me lembrava *dele*. O pomo-de-adão do surfista se eleva e volta ao normal quando engole o líquido. Preciso piscar duas vezes para me concentrar no trânsito.

No resto do trajeto, Nolan e eu sustentamos nossas mentiras. Ele me assiste apresentar cada canto do apartamento e toda a decoração exagerada que adorna os ambientes, enquanto eu, por outro lado, esboço uma falsa feição de surpresa quando o garoto faz uma careta engraçada, demonstrando nitidamente que não gostou do local.

— Não preciso de três quartos. Nem de uma cozinha desse tamanho.

Ele tem razão: além de não querer aquelas coisas, seu jeito relaxado parece deslocado em meio à sala luxuosamente decorada.

— É menor do que o último que te mostrei.

— Ainda é grande demais para mim. Eu estava pensando em algo como um estúdio.

Sei que um estúdio ainda seria enorme para ele. Nolan parece disposto a dormir em um trailer com menos de vinte metros quadrados se Sean oferecer.

— Está diminuindo cada vez mais o meu leque de opções. A Gonzales não tem lugares tão pequenos quanto procura. — Suspiro. — Você vai implicar com todas as casas até Sean desistir de te tirar do Hostel, não é?

— Não sou esse tipo de pessoa.

Não, ele não é, e mesmo que nos conheçamos há pouco tempo, consigo ter uma ideia do tipo de pessoa que ele é. *Que Deus me ajude a lidar com isso.*

— Vou continuar procurando.

— Você quer me conhecer, não quer? — pergunta com firmeza, sem rodeios.

— Profissionalmente, sim. Preciso disso para fazer o meu trabalho direito e achar um lugar que goste.

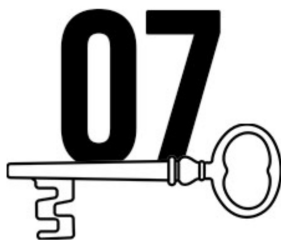
— Ótimo, me encontre em Santa Mônica a noite.

Ergo as sobranceiras de maneira desafiadora. Se ele pensa que sou uma garota tola, vou mostrar que está enganado.

— Por que parece que quem quer me conhecer é você?

Um sorriso surge no canto dos seus lábios, me deixando curiosa. No entanto, não tão curiosa quanto fiquei com o que ele diz a seguir.

— Eu já te conheço há muito tempo, boneca.



Eu queria que essas ruas ainda fossem suficientes para mim
Eu gostaria que esta cidade pudesse me dar tudo
Mas ainda me sinto parado enquanto todas as luzes ficam verdes
Por que eu não posso deixar pra lá?
Out of The Old | Olivia Rodrigo

Gabe Montgomery

Há muito tempo?

— Santa Cecília não faz tanto tempo assim. — Solto uma risada fraca.

Já estamos quase alcançando Santa Mônica de volta.

— É, não faz. — Algo no seu tom me diz que ele não se refere ao que aconteceu na ilha.

Pisco quando os olhos dele permanecem fixos aos meus.

— Eu não saio à noite com clientes.

Às vezes, acontece de um jantar ou uma outra saída qualquer, mas sempre quando extremamente necessário. O que não é o caso.

Ele assente, embora pareça um pouco desapontado.

— Tudo bem, tenho uma competição no Havaí na próxima semana. Vou ficar fora da cidade por alguns dias, então...

— Vou usar esse tempo para encontrar uma casa que seja do seu agrado.

— Na verdade, eu ia sugerir de marcarmos algo durante o dia, ou talvez no fim da tarde.

Ele é insistente, não?

— Me avise com antecedência para eu encaixar na minha agenda. Algum restaurante específico em mente?

— Na praia. Não tem como me conhecer se for em outro lugar.

Isso será um problema. Quando não respondo, Nolan acrescenta:

— Deveria voltar à praia enquanto eu estiver fora. Sozinha desta vez. — Lá está ele, novamente adentrando em um assunto nada

profissional. — Não sei o que aconteceu, mas acredito que se voltar sozinha pode encontrar uma resposta ou, sei lá, um caminho para superar qualquer que seja o seu bloqueio.

— Acho que sei como lidar com os meus problemas *pessoais*.
— Enfatizo a última palavra.

Em um suspiro, Grayson diz:

— Todo mundo acha que sabe lidar com seus problemas, mas no fundo estamos perdidos. Só estou dizendo pois gostaria de ter tido ajuda quando precisei lidar com os meus.

Estaciono o carro perto do píer e o garoto salta.

— Hey — o chamo, um tanto hesitante. — Obrigada pelo frappuccino com caramelo extra.

— Não tem de que, boneca.

Nolan me dá as costas e se vai.

Boneca!

Algo na forma como diz isso desperta um sentimento controverso em meu interior.

Repito seu nome em meus pensamentos inúmeras vezes. Ele disse que me conhece há muito tempo, mas a primeira vez que nos vimos foi em Santa Cecília. Tento puxar qualquer outro momento na mente, mas nada vem.



Por volta das oito da manhã de sábado, minha mãe chega com Daisy e uma mala de mão enorme a tiracolo. A encaro com as sobrancelhas erguidas e deslizo os olhos para a bagagem, sabendo que eu não vou gostar do que vem a seguir.

Daisy corre até mim e pula em meu colo, lambendo meu rosto desesperadamente. Já faz uns dias desde que foi sequestrada e eu não tive tempo de ir até a casa da minha mãe dar o mínimo de carinho para minha bolinha de músculos e pelo.

— Estamos indo visitar sua tia Emily.

Pisco os olhos algumas vezes, prevendo a confusão prestes a explodir. Há uma pilha de anúncios e contratos de locação que aguardam para serem enviados sobre a minha mesa do escritório. Planejei trabalhar o fim de semana todo.

— Não dá, estou cheia de trabalho para fazer.

— Você vai, combinei com a sua tia há semanas, não pode desistir agora.

— Marcou e esqueceu de me avisar.

— Gabriela, você sempre está cheia de coisas pra fazer. — Ela ignora completamente meu ponto anterior. — Eu não ligo, vá arrumar suas coisas, são seis horas de viagem até São Francisco.

— Já disse que não tenho como ir.

— Vai sim, sou sua mãe. Que isso agora?

Reviro os olhos.

Dona Rebecca tem dificuldade em aceitar que os filhos batem as asas e voam.

— Okay, mas vou passar o fim de semana trabalhando.

Ela concorda, mas ambas sabemos que inventará todo tipo de coisa no segundo que eu me sentar para trabalhar. Subo até meu quarto com Daisy ao meu encalço. Coloco as roupas na mala e os livros de Violet, minha irmã caçula, que estão comigo há um tempo. Minha irmã foi uma das únicas amigas que me restaram após tudo acontecer.

O conselho de Nolan, para que eu vá até a praia sozinha, invade meus pensamentos. Realmente, já faz muito tempo. Mas eu deveria levar em consideração algo que um cara que mal conheço falou? Encaro a gaveta de biquínis no closet. Caminho na direção e pego meu maiô menos chamativo. Talvez repense na ideia enquanto estiver lá.

Passamos em Santa Cruz para pegar Violet, que já sabia da viagem desde que fora planejada. Chegamos a São Francisco por volta de três da tarde, e preciso usar o GPS para encontrar a casa da minha tia. Assim que puxo o freio de mão, meu celular apita. Checo imediatamente, visto que pode ser algo relacionado ao trabalho.

A notificação do Instagram diz que a mensagem é de uma conta chamada *@nolan.grayson1952*. É uma foto da praia no Havaí. O Sol intenso ilumina parte de sua prancha. Consigo ver uma inscrição bem pequena nela, como uma espécie de logotipo: Samson.

@nolan.grayson1952: Tem algo na praia que me faz pensar em você, talvez seja a confusão do mar ou a calma que ele me passa.

@iamgabemontgomery: O que é Samson?

Envio a mensagem e sinto os olhos de Violet percorrerem o caminho entre meus ombros e a tela do aparelho.

— Samson é um personagem da bíblia. — Me viro para trás e percebo que nossa mãe já saltou do carro e entrou na casa da irmã. — Sansão e Dalila? O cara que achavam que a força vinha do cabelo comprido? Você prestava atenção nas aulas de catequese da nossa mãe, Gabe?

— Não — digo, e dou de ombros.

— Melhor não deixar ela descobrir isso ou vai te forçar a fazer as aulas novamente.

Fico em silêncio, um pouco perdida. Minha irmã revira os

olhos como se eu não soubesse de nada e explica:

— Ela dá aulas de catequese há uns meses na igreja perto da casa dela, desde que se mudou para Los Angeles por você.

Por você.

Violet sempre faz questão de deixar claro que nossa mãe abandonou sua vida em casa para me apoiar quando tudo desmoronou. Na época, eu estava no fundo do poço, e ela deixou tudo para trás e se mudou para Los Angeles no intuito de me dar suporte. A grande questão é que ela nunca soube da história toda e, se depender de mim, nunca saberá. Rebecca Stolte não suportaria a verdade, e eu não aguentaria ver a decepção em seu olhar toda vez que passasse por mim.

Além disso, acho que a separação dela com nosso pai foi um empurrãozinho a mais para a mudança.

Puxo a chave do lado esquerdo do volante, saio do carro, sigo para a porta de trás e pego Daisy na cadeirinha pet. Enquanto Violet me ajuda com a bagagem, penso novamente no adesivo colado na prancha de Nolan. *Samson*? Já ouvi esse nome antes, só não consigo me lembrar onde. Talvez seja uma marca de artigos para surfe. Quem sabe eu não pesquise mais tarde sobre, caso a curiosidade não suma de repente.



Na manhã seguinte, acordo um pouco antes do Sol nascer. Coloco a coleira em Daisy e saímos da casa da tia Emily quando os primeiros raios estão irrompendo pelo horizonte. Sei onde quero ir. Quando acordei assustada uma hora antes, já sabia o que preciso fazer.

Nolan não me retornou, o que me deixa um pouco perturbada. Anseio por uma mensagem dele, por sua atenção, e não gosto de sentir nada disso. Não deveria permitir que meu humor fosse afetado só porque um cara não me respondeu. Isso já aconteceu antes, e o resultado final não foi nada agradável.

Caminho com Daisy por cerca de trinta minutos até alcançar uma praia que permita cachorros. Posso ver seus olhos brilharem ao ver as ondas se quebrando. Ela quase me arrasta naquela direção, mas eu a contenho antes que meus pés toquem a areia. Preciso respirar fundo uma porção de vezes até largar os chinelos perto de um arbusto e colocar as solas sobre os grãos.

Tomo um último fôlego até finalmente me deixar ser guiada

por minha cachorra, que corre em desespero até a água. Acho que ela nunca viu o mar, ao menos nunca a levei até à praia e acredito que minha mãe também não.

— Okay, meu amor, você precisa pegar leve — grito enquanto estou praticamente sendo arrastada.

Assim que a areia molhada toca a sola dos meus pés, Daisy nada em direção à parte mais profunda. Quando seu corpo está coberto até o pescoço, eu a pego no colo, sob alguns protestos.

Com a minha filha nos braços, respiro fundo novamente, a água já está na cintura e nem percebi como isso aconteceu. Ao menos não deu tempo de surtar.

— Tudo bem, você salvou minha vida uma vez. Isso é mais uma etapa do nosso processo, certo?

Faço a pergunta como se ela fosse responder. A cachorrinha se remexe em meu colo, doida para se ver livre.

— Vou aceitar isso como um sim.

Dou mais um passo e outro em seguida. Só paro quando a água bate em meus ombros. Há mais de dois anos que não sinto essa sensação do mar envolvendo meu corpo. Lágrimas começam a se formar no canto interior dos meus olhos e logo algumas escorrem.

Minha vida virou de ponta cabeça, e me vi enfrentando o que acredito ser o pior momento dela. Eu havia desistido de viver, não enxergava um futuro e não tinha vontade suficiente para correr atrás de um. Simplesmente porque não tinha nenhum objetivo para ele; meus sonhos foram destruídos, inclusive aqueles que eu sequer sabia que tinha. Quando olhava para frente, tudo o que conseguia enxergar era uma tempestade cruel. No entanto, sabia que precisava enfrentá-la e seguir em frente.

Daisy foi um tiro no escuro; eu precisava de alguém para cuidar, algo para ocupar minha mente. As coisas melhoraram um pouco, e agora sei o que quero para o futuro. Não é nada convencional, mas é o que posso ter, então vou agarrar isso e lutar com tudo o que tenho.

Afundo no mar e ficamos submersas por apenas alguns momentos. É o suficiente para sentir minha alma ser lavada. O mar era um bloqueio, uma espécie de trauma causado por algo que contribuiu para o meu tormento de quase dois anos atrás.

— Você gosta da sensação, meu amor?

Novamente, a única resposta que consigo é ela se remexendo em meu colo, desesperada para nadar livremente. Seguro seu corpo com mais firmeza e giro com a cachorrinha, espirrando água para os lados, como se dançássemos com o mar ao nosso redor dando apoio.

Não digo que meu trauma foi curado, mas este com certeza foi um passo na direção positiva da coisa. Um passo dado para me livrar

dos tormentos das memórias.

Submergimos mais uma vez, e quando retornamos à superfície, sei que já é hora de voltar. A passos lentos e sendo empurradas com a ajuda do balanço das ondas, sigo na direção do monte de areia. O corpinho pesado de Daisy começa a tremer de acordo com que a brisa gelada nos atinge. A carrego até onde deixei meus chinelos e vejo Violet sentada na calçada de pedras nos observando.

Quando a alcançamos, coloco minha cachorrinha no chão e a seguro pela coleira, para que não fuja.

Violet inclina o rosto e me observa com atenção ao dizer:

— Você está bem?

— Estou — é tudo o que digo ao me sentar na canga ao seu lado.

— Parecia tão feliz lá dentro. Foi como se sentisse falta da água.

É porque eu senti. No entanto, minha mãe e irmã não sabem que faz tanto tempo que me recuso a sequer tocar os pés na areia. Elas não prestam atenção a esses detalhes, a menos que eu verbalize, e este não é o tipo de assunto com o qual eu me sinto à vontade para falar.

— Impressão sua.

Violet balança os ombros e me estende seu celular. É uma foto minha e de Daisy dançando na água agora pouco. É praticamente impossível nos ver, minha irmã sempre foi péssima com fotografias.

Sorrio de lado.

Pego meu smartphone, que larguei perto dos chinelos, e encaro a tela.

@nolan.grayson1952: *Vai precisar descobrir, boneca!*

A mensagem dele é de uma hora atrás, o que significa que acordou de madrugada, considerando que o fuso do Havai está duas horas atrás do nosso.

Carrego a foto que Violet me enviou e escrevo a seguinte legenda:

@gabemontgomery: *Segui seu conselho. Obrigada, de novo.*

— Quem é esse aí? — minha irmã pergunta. Seu rosto está tombado na direção da tela do aparelho. — Já é a segunda vez que te vejo respondendo uma mensagem dele.

— Um cliente.

Violet dá uma risadinha baixa.

— Você enviou uma foto sua e da Daisy a ele, Gabe. Não é só um cliente.

Balanço o rosto em um sinal negativo.

— É um cliente que me deu um bom conselho, eu só agradei.

— Já faz um bom tempo, ninguém vai falar mal de você por

seguir em frente. Merece isso, você sabe, certo?

Tento sorrir de lado, porém, não obtenho sucesso.

— Nossa mãe vai. — Dou de ombros. — E não preciso de um cara para seguir em frente, tenho meus próprios caminhos para isso.

— Sim, se tornando uma *workaholic* maluca que chama uma cachorra de filha.

— Daisy é minha filha, e se quer saber, foi a única coisa boa desde... — Não concluo a frase.

— De qualquer forma, não precisa iniciar um relacionamento com ninguém. Só viva, Gabriela, se divirta um pouco.

Só viva.

Eu estou vivendo, mas do meu jeito. Vivendo de acordo com o que é possível para mim e minha condição. Preciso me lembrar que Violet também não sabe sobre as minhas consultas periódicas e meus planos para o futuro. Planos que não envolvem um cara, com ou sem relacionamento.

— E você, fica me falando sobre trabalhar demais, e vive enfurnada naquela universidade. *Só viva, Violet! Merece isso, você sabe, certo?*

Ela revira os olhos verdes escuros, iguais aos da nossa mãe, e usa o ombro para me empurrar de lado.

— Estou estudando, e não use minhas palavras contra mim.

Observo Daisy se esparramar sobre a areia. Terei de dar um banho nela quando chegar.

— Então não use *suas* palavras contra mim.

Meu celular apita. Minha primeira reação é desbloquear a tela e conferir se é uma resposta do surfista, no entanto, me contenho. Minha irmã me encara com expectativa, um sorriso idiota brota em seus lábios.

— Qual é, você está doida para ver se a mensagem é dele.

— Claro que não. — Faço o possível para mascarar a verdade.

— Tudo bem. — Ela pega a coleira de Daisy das minhas mãos e se levanta. — Vou levar essa porquinha para casa e dar um banho nela. E você vai responder seu cliente que dá bons conselhos. Só volte para casa se tiverem marcado de sair.

— Eu te odeio.

— Você sabe que não.

Minha irmã me dá as costas, e leva Daisy consigo enquanto eu desbloqueio o celular e confiro a notificação.

@nolan.grayson1952: *Você tem um cachorro? Isso não faz o menor sentido, não tem cara de quem gosta de animais. Como se chama?*

Todo mundo diz isso, principalmente minha família.

@iamgabemontgomery: *Vai precisar descobrir, surfista!*

Uso suas palavras ao responder.

@nolan.grayson1952: *Um desafio? Okay, vou adorar fazer isso. Podemos nos encontrar quando eu voltar do Havai?*

Não, não é uma boa ideia, mas ainda assim não consigo evitar que um sorriso me escape. Ele é meu cliente, não posso misturar o pessoal e o profissional. Isso pode atrapalhar meus objetivos.

@iamgabemontgomery: *Precisamos manter as coisas no profissional.*

@nolan.grayson1952: *O nome no contrato é o do Sean, não o meu. Mantenha uma relação profissional com ele. Além do mais, quer saber o que significa Samson, não quer?*

Usar minha curiosidade contra mim é um golpe baixo.

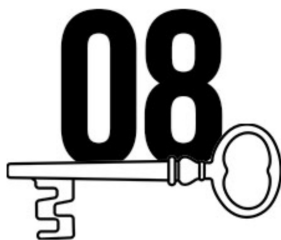
@iamgabemontgomery: *Tudo bem, onde quer se encontrar?*

@nolan.grayson1952: *Will Rogers Beach. Vai ter um luau na sexta, uma amiga está organizando.*

A resposta dele chega tão rápido, como se já estivesse com o texto digitado.

@iamgabemontgomery: *Te encontro lá.*

É tudo o que respondo. Enquanto caminho de volta a casa da minha tia, com o short e a camiseta encharcados pela água do mar, só consigo pensar na próxima sexta-feira.



Você viu as faíscas, sentiu a esperança
De que não está sozinho?
Porque há alguém lá fora
Mandando luz

Flares | The Script

Gabe Montgomery

“Posso te buscar às sete?”

Observo a mensagem de Nolan pela décima vez hoje, sem tê-la respondido. Desta vez, ele não usou o Instagram, mas ao longo da semana recebi uma série de vídeos de cachorrinhos fazendo bagunça pela rede social.

Respiro fundo, sabendo que ele pode achar que desisti de encontrá-lo hoje à noite.

Eu: *É perto de casa, posso ir caminhando sozinha.*

Grayson responde logo em seguida.

Nolan: *Vou estar próximo à praia, passo pra te buscar.*

Solto uma gargalhada baixa pela mentira descarada dele.

Eu: *Para, não vai estar por perto nada. Vamos manter isso o mais profissional possível, lembra?*

Dois minutos depois, meu celular vibra novamente.

Nolan: *Haha, você é engraçada, boneca. É um encontro, aceite, já falei que seu cliente é o Sean. Me passa seu endereço, vou te buscar às sete.*

Engulo o orgulho e por um momento deixo que o conselho de Violet conduza o que escrevo a seguir:

Eu: *Tudo bem. Moro em Pacific Palisades, St. John street.*

Nolan: *Okay, te vejo mais tarde.*

— Cliente novo? — Carlos questiona, parando de pé ao lado da minha mesa.

Quase deixo o celular cair no chão, mas por sorte o seguro a tempo. As sobranças do meu chefe se erguem em curiosidade.

— Hm, não, é... — Pisco os olhos algumas vezes, desconfortável com a atenção que ele direciona a mim. — Assunto pessoal, na verdade.

— Okay. — Ele dá de ombros, ainda um pouco curioso. — Como anda o anúncio de Bel-air, com o cliente do Ramsey?

Me apresso em puxar os papéis debaixo de uma pequena pilha à minha frente. Pelo canto dos olhos, percebo que Liana escuta a conversa descaradamente.

— Eles assinaram o contrato no início da semana e o pagamento está em aprovação pelo banco. Acredito que deva ser aprovado até o fim do dia.

— Os Higgins compraram a cobertura em Marina Del Rey, você conseguiu vender dois imóveis grandes em pouco tempo. Bom trabalho!

Com isso, ele me dá as costas e se tranca em sua sala.

Liana empurra sua cadeira até estar parada ao meu lado.

— Alguém vai receber uma bolada de comissão esse mês. — Seu tom é divertido. — Gabe vai pagar uma rodada no próximo Happy Hour, galera!

Ouçõ um coro de assobios e aplausos do pessoal do escritório. Sinto minhas bochechas esquentarem e um sorriso sem graça estampa meu rosto. Estou feliz pelas vendas, principalmente sabendo o quanto é difícil acontecer duas em uma janela de tempo tão pequena.

— Não se esqueçam de que um dos compradores é meu cliente, comissão dupla para a Gonzales. — Taylor alcança minha mesa e estende a mão para mim.

Acerto sua palma com a minha, fazendo um High Five.

— Formamos uma boa dupla — Ramsey diz. Tenho vontade de acertar sua cara com minha agenda, mas me limito a uma gargalhada contida.

— Topam hoje? — Liana sugere.

— Lógico — Taylor é o único a responder.

— Hoje eu não posso, tenho compromisso.

— Hmm, é isso aí garota, a cidade é toda nossa.

Liana faz uma dancinha sexy, ao menos acredito que foi o que tentou fazer, enquanto Karen ri baixinho e balança a cabeça de um lado para o outro de forma negativa.

Taylor se senta em uma parte vazia da minha mesa e me lança um olhar engraçado ao dizer:

— O que vai fazer a noite? — Seu tom é de falsa

descontração.

Qual é a desse cara?

— É um compromisso pessoal.

— Vai sair com alguém? — indaga.

Gallagher continua ao meu lado, com a atenção bem ativa sobre nós dois.

— Não é da sua conta, gato. Mas se quiser sair comigo, estou disponível. — Minha colega de trabalho tenta me ajudar a escapar da situação. Embora eu ache que ela não veja problema nenhum em manter uma relação extraprofissional com qualquer um dos caras do escritório.

— Você não tem um recém-nascido para criar sozinha? — Taylor se vira para ela, seu olhar é afiado.

O desconforto cresce dentro de mim. Ele não tem o direito de julgá-la desta forma. Se Gallagher é ou não mãe solteira, não diz respeito a nenhum de nós. Ainda bem que ela consegue conciliar a criação do filho com o trabalho.

Liana sorri largamente e se levanta da cadeira. Ela contorna minha mesa, até que esteja cara a cara com ele. Posso sentir a tensão pairando sobre o escritório, enquanto todos ficam em silêncio, sem saber o que fazer.

— Sim, tenho Adam para criar sozinha, e pode ter certeza de que farei um trabalho muito melhor do que a sua mãe fez. Foi justamente por isso que *eu* informei ao pai dele que não quero que faça parte da criação do *meu filho*. E o *meu filho* vai se tornar um homem de verdade um dia, e ele vai saber como respeitar uma mulher, algo que você desconhece.

Taylor sorri com desdém, assente para ela e caminha em direção à sua mesa, pegando uma papelada e colocando-a dentro de um envelope. Um minuto depois, o vemos desaparecer do escritório. Duvido muito que volte hoje.

Liana parece não se importar com a cena de instantes atrás. Ela retorna ao meu lado e seus olhos recaem sobre mim. Seu cabelo crespo está perfeitamente preso em tranças artificiais. Gallagher se recosta na cadeira e cruza as longas pernas pretas, perfeitamente emolduradas por um vestido pink com recortes.

— Quem é o sortudo que conseguiu te convencer a sair da toca? — diz, como se nada tivesse ocorrido.

Levo alguns segundos para me recuperar, sendo que fui apenas a espectadora de tudo.

— Ninguém, não é um encontro. — Não foi isso que Nolan deixou claro nas mensagens, mas ninguém do meu trabalho precisa saber. — Só vou sair com um amigo.

O sorriso da mulher se alarga e os dentes brancos,

perfeitamente alinhados, são exibidos.

— É o cara da praia? Carlos e Sean estavam olhando vocês na areia no dia da festa.

Me engasgo com a saliva.

— O quê? Carlos viu aquilo?

Em uma festa de trabalho ainda por cima!

Eu estou ferrada, certo? Mas ele não tocou no assunto, então talvez não tenha sido um problema. Só que para mim é um dos grandes. Como os clientes vão me enxergar agora? Como uma mulher que não leva o trabalho totalmente a sério?

— Relaxa, Gabe, a festa de inauguração não era trabalho — Karen diz, ainda sem deixar sua mesa um pouco mais ao fundo. — Carlos fez questão que nós fôssemos para que aproveitássemos seus contatos, só isso.

— É o cara da praia, então — conclui Gallagher, voltando ao assunto anterior.

— Não é um cliente. — Me apresso em esclarecer. — E não é um encontro, ele só me deu um bom conselho.

Liana agarra o braço de minha cadeira e a puxa para perto de si, até que nossos rostos estejam praticamente colados.

— Aproveite a noite. Sem medo do que vai acontecer quando amanhecer e as consequências que isso pode trazer. Às vezes, você pensa demais, e isso tem te segurado no lugar. Acredite em mim, consegui um filho lindo nessas vezes sem pensar, e mesmo que eu tenha escolhido criá-lo sozinha, não me arrependo disso.

Engulo em seco, a encarando.

— Ao menos tem o Adam para se ocupar fora daqui.

Os olhos de Liana piscam diante de mim. Seus ombros se retesam, o sorriso travesso desaparece de seu rosto no mesmo instante em que seus dedos soltam minha cadeira, como se tivessem levado um choque.

Junto minhas coisas e as joga na bolsa de qualquer jeito. Tive sorte de meu celular sinalizar uma nova mensagem.

— Tenho que apresentar um apartamento para locação. — Me levanto e apoio os óculos escuros sobre o nariz. — Me desejem sorte!

Assim como Taylor fez agora pouco, deixo o escritório em um estalar de dedos e me tranco dentro do meu carro, pronta para enlouquecer novamente. Odeio quando deixo as pessoas desconfortáveis, e acabei de fazer isso com Liana. Duvido muito que o resto dos meus colegas de trabalho não tenham prestado atenção na cena.

— Ligar para Heather Gonzales — falo para a inteligência do automóvel.

Preciso ocupar a cabeça. Entretanto, Heather não atende,

então faço algo que sempre ajudava antes de tudo se tornar insuportável. Vou até a praia molhar os pés na água salgada.



— Algo branco — Heather diz do outro lado da linha.
Cinco minutos atrás ela retornou minha ligação.

— E algo jeans — sua voz animada acrescenta. — E chinelos, nada dos seus saltos altos desconfortáveis.

Solto uma gargalhada. Heather odeia quando peço dicas de moda, já que, em suas palavras, a coisa não é tão eletrizante como quando se está cozinhando em uma cozinha profissional. Heather Gonzales é a filha de Carlos, meu chefe, e ela é recém-formada em gastronomia, trabalhando em um dos restaurantes mais renomados da cidade.

— Eu não iria de saltos para a praia.

Ouçó uma lufada de ar do outro lado da linha. *Ela acabou de bufar?*

— Você vai com eles para todos os cantos.

— São elegantes, deixam meus clientes intimidados — explico, apesar de saber que já é a quinta vez que digo isso a ela. — Eles aceitam pagar mais quando se sentem assim.

— Você e meu pai são iguaizinhos, sabia? Falam e pensam do mesmo jeito.

— O sr. Gonzales sabe das coisas, apesar de ser meio galinha.
— Contenho uma risada quando ouço outra bufada.

— Que nojo, Gabe, não fique me lembrando que ele age como um garotão de vinte e poucos.

— Okay, okay. Algo branco, jeans e chinelos. — Faço um checklist de suas dicas. — Obrigada!

— Tudo bem, agora me diga quem conseguiu a proeza? — Reviro os olhos com a pergunta.

— Todo mundo deu para me falar isso hoje.

— Não é todo dia que você vai a um encontro. Principalmente depois do que houve, ele ia querer isso.

Ele ia querer isso?

— O seu pai... — Deixo que a pergunta morra no ar.

— Preciso ir — diz rápido, respondendo ao meu questionamento sem se dar conta.

Meus ombros encolhem categoricamente. Carlos contou a ela, mas, assim como o resto das pessoas, ele não sabe de tudo.

— Aproveite a noite, sem pensar no passado, okay.

A ligação fica muda e eu arremesso o celular sobre a cama.

Me encaro no espelho, pronta para jogar tudo para o alto e desistir da noite. Mas não é o que faço. *Ela* ia querer isso. Heather tem razão, apesar de não saber de todos os detalhes. Observo meus olhos castanhos vivos, a tempo de sentir uma lágrima escorrendo por eles. Não a seco, desisti de secá-las quando me dei conta de que elas fazem parte da minha vida agora.

Afirmo a toalha ao redor do corpo e entro no closet. Pego uma saída de praia branca com algumas flores vermelhas bordadas à mão, um short jeans e um maiô da mesma cor, caríssimo, que precisei comprar para uma das inaugurações de Carlos.

Por fim, encaro meu reflexo no espelho. Não fico contente com o que vejo, não por não aprovar as dicas de roupas da minha amiga. A questão é que, nos últimos tempos, tudo em mim tem me incomodado, como os quilos que perdi um tempo atrás, o cabelo opaco e as olheiras escuras embaixo dos meus olhos.

Solto uma lufada de ar um pouco frustrada.

Pego uma bolsa de palha no cabideiro e a passo pelos ombros. Analiso meu celular e percebo que não tem nenhuma mensagem de Nolan.

— Você vai ficar bem sem a mamãe por algumas horas? — falo com Daisy, que mal ergue as orelhas enquanto cochila no canto do meu quarto.

Sorrio de lado e a pego nos braços.

A coloco em sua cama, num cantinho fofo que arrumei para ela debaixo das escadas. Encho os potes de água e comida, conferindo os brinquedos em sequência. Me sento no chão, e afago sua pelagem. Fico ali pelos próximos quinze minutos, sem ter notícias do surfista. Não o vejo desde que retornou do Havaí, porém temos trocado algumas mensagens de texto, e ele vive bombardeando meu Instagram de vídeos fofos de bichinhos. Não é como se tivéssemos algo, ou como se fôssemos ter. Apesar de ele ficar dizendo que é um encontro, tudo o que estou disposta a lhe oferecer é uma amizade. O meu tipo de amizade.

Meu telefone toca, fazendo com que Daisy abra os olhos por conta do barulho repentino. O nome Nolan Grayson acende na tela do aparelho.

— Gabe Montgomery. — Odeio que por costume uso o mesmo cumprimento que direciono às minhas ligações de trabalho.

Posso ouvir sua risada divertida do outro lado da linha.

— Nolan Grayson — o garoto responde com humor e claramente tirando uma com a minha cara. — Estou em frente à sua casa, senhorita.

Me levanto do chão em um salto.

— Hum, está muito fácil para você. Preciso de algo antes de sair.

— Diga.

Sorrio de lado.

— O que significa Samson?

— É como me conhecem no mundo do surfe. Ninguém por aqui me chama pelo nome, exceto Sean; ele nunca se decide entre um dos dois.

Samson! Talvez seja daí que eu tenha ouvido falar.

— E por que Samson?

Ouçõ outra risada escapar de seus lábios.

— Meu cabelo era comprido, todo mundo achava que meu talento no mar vinha dele.

— O que é mentira, porque agora está curto e, pelo investimento do Sean em você, significa que continua bom. — Já estou perto da porta agora. — Por que cortou?

— Hum, está muito fácil para você — repete minha fala anterior, me fazendo revirar os olhos. — Preciso de algo antes!

— De quê?

— Venha aqui fora, quero te ver.

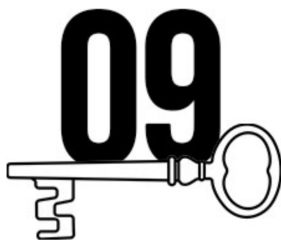
É estranho que eu sinta um frio incomum no estômago de repente. Ignoro a sensação e encerro a chamada. Abro a porta, tomando cuidado para deixar a luz da sala acesa para que Daisy não fique no escuro. Quando cruzo o caminho de concreto em direção à rua, o vejo parado perto de um arbusto, na saída da garagem.

O surfista usa uma blusa branca, de botões e mangas curtas, bermuda verde musgo e o Vans preto de sempre. Os cabelos caramelo, queimados pelo Sol, estão bagunçados e os fios lisos apontam para diversas direções, desta vez parcialmente contidos por um boné verde um tanto surrado. É engraçado como ele sempre está despenteado e não parece se importar com isso.

Suas íris recaem sobre mim e me sinto nervosa. Sei que a inquietação não é por ele estar me olhando, mas sim por me sentir insegura. Odeio ter me tornado essa pessoa.

— Você está linda, boneca — diz, e abre um sorriso bobo.

Meu peito explode, me dando conta de que ele não fez o elogio apenas por educação, mas sim porque realmente acha isso.



É a primeira vez que eu vou sair com você, esta noite
Eu aposto que vai dar errado
Tenho um histórico de histórias que acabam mal
Ainda espero que o fogo não me queime
Só uma vez

Electric Touch | Taylor Swift feat. Fall out boy

Gabe Montgomery

Estamos caminhando em direção à praia. Foi um tormento escolher esta casa por conta da proximidade, mas era exatamente o que eu procurava. Precisei abrir mão da localização, além disso Carlos me fez um bom preço de venda e agora tenho uma dívida meio alta com ele.

Grayson está ao meu lado, andando relaxado pela calçada.

— Você surfa a quanto tempo? — questiono, na tentativa de desviar das perguntas que ele me fez anteriormente.

— Sei lá, não me lembro de não saber fazer isso.

— Nossa, é meio que coisa de família?

— Com toda certeza, meu avô pegava uma onda como ninguém. Minha mãe conta que ele me levou para uma praia sem ondas seis meses após o meu nascimento e ficou duas horas sentado comigo na prancha.

— Ela deve ter enlouquecido.

Seu rosto balança em um sinal positivo.

— Você não conhece Milla Grayson, boneca. Acredite ou não, minha mãe foi atrás e acabou ficando lá com a gente. — Nolan sorri de uma forma doce quando a memória lhe atinge, um sorriso que me deixa tentada a abrir o meu também. — Um dia vou fazer isso com os meus filhos, quero que eles gostem do mar tanto quanto eu.

Ali está, um aperto no peito, então me apresso em mudar o assunto.

— Seu pai também surfa?

Logo percebo que entrei em um lugar proibido, pois os olhos

dele ganham uma nuvem escura. Estou pronta para pedir desculpas, porém o garoto diz:

— Eu não sei. — Ele estende o braço em minha direção, agarrando a alça da minha bolsa e a tira de mim. — Levo isso para você.

O observo passar a bolsa pelo pescoço, de forma que ela abrace seu corpo transversalmente. Ele faz uma pose engraçada e gargalha em seguida.

— Esse tom cru combina comigo — solta em tom de piada.

A poucos metros de nós, podemos ver um aglomerado de pessoas. Algumas estacas de bambu com lanternas nas pontas estão espalhadas pelo local, ajudando na iluminação. A música não é tão alta, e não há tanta gente quanto temi. Posso sentir meus ombros relaxarem, assim como o resto do meu corpo. Gente demais me deixa nervosa. É diferente no trabalho; aqui, não sou obrigada a comparecer, vim porque quis.

À medida que alcançamos a areia, Samson entrelaça nossos dedos e me puxa pela multidão, para que não nos percamos um do outro.

— Tira esse chinelo, os grãos de areia vão se prender entre seu pé e as tiras e acabar te machucando.

Ele para de andar, se abaixa com delicadeza e levanta meu pé direito.

— Samson! — protesto em surpresa, não esperava que ele fosse fazer isso.

Com um dos meus chinelos na mão, ele se levanta e fica à minha frente. Estou sem saltos, então preciso levantar o rosto para poder enxergar seus olhos.

— Me chamou de Samson?

— Não é assim que é conhecido? — Minhas bochechas esquentam. Ele nunca disse que aprovava o apelido.

— É diferente quando você fala, parece tão... não sei. Prefiro quando ele sai dos seus lábios. Pode repetir?

Ergo as sobrancelhas.

— Você é meio emocionado, não?

O surfista apenas ri e se abaixa para pegar meu outro calçado. Noto que ele não me entrega ou faz menção de tirar seus tênis.

— Já foi a um luau? — indaga, e volta a caminhar por entre as pessoas como se procurasse por algo.

— Já me chamaram, mas nunca cheguei a ir.

— Porque você odiava praia até uns dias atrás.

— Tipo isso. — Na verdade, na época eu ainda amava o mar e a sensação da água salgada no corpo. — E você? Costuma frequentar?

— Às vezes, prefiro festas ao ar livre do que em lugares fechados.

Eu também! Embora esteja sempre inserida na segunda opção, por causa do trabalho.

Samson para por um segundo. A textura da areia abraçando meus pés é boa. Ele olha para os lados e, quando acha o que está procurando, passa a direcionar seus passos até lá.

Caminhamos na direção de um bar improvisado. Avisto apenas três pessoas paradas ali, enquanto um cara alto está do outro lado do balcão de bambu, preparando bebidas.

— Tudo bem conhecer alguns amigos meus?

O fato de ele me perguntar me causa espanto. Ele solta minha mão assim que aceno em concordância e não há mais o risco de nos desencontrarmos.

Me mantenho um pouco afastada quando Nolan dá um tapa amigável no ombro de um dos rapazes apoiados no balcão. Ele é negro, braços musculosos, e o cabelo raspado, semelhante ao de Sean. Está sem camisa, com um colar de contas pretas pendurado em seu torso nu. A garota ao seu lado revira os olhos diante do breve diálogo entre eles, mas não consigo ouvir o que foi. Por fim, ela se joga sobre Nolan e o abraça, com um sorriso tão amplo que algo em mim ruge. Isso é ciúmes? Não, eles são amigos e eu e Samson também.

— Christian. — Grayson aponta para o cara das contas. — Misha.

Misha me observa um pouco surpresa.

— Essa é a Gabe. — Forço um sorriso ao ser apresentada, ativando o modo defensivo como sempre faço com estranhos, ainda que sem querer.

Christian ergue as sobrancelhas, e a garota abre um sorriso, como se esperasse por esse encontro.

— Gabriela Montgomery, a famosa única pessoa que o Samson segue no Instagram — ela diz, pronta para me dar um abraço.

A única pessoa que ele segue?

— Já falei que aquele negócio é complicado para mim. E vocês não fazem questão de me dar ajuda alguma.

Misha finalmente me alcança e me envolve com seus braços bronzeados. Ela é um pouco mais alta que eu e não usa nada além da parte de cima de um biquíni e shorts jeans pretos. Os cabelos, com dreads azuis, estão presos em um rabo de cavalo alto.

Me mantenho quieta, e apenas observo a interação entre eles.

— Samson precisa de uma ajuda, Gabe. — Ela me empurra delicadamente pelos ombros, insinuando algo que não pesco.

— O quê?

— O que Misha quer dizer é que você poderia dar umas dicas

para o garotão aqui — Christian explica, rindo, e aponta para Nolan.

— Ah, eu também não uso muito o Instagram, é mais para trabalho.

— E você trabalha com o quê? — a garota, que aparenta ser um ou dois anos mais velha que eu, pergunta.

— Sou corretora de imóveis.

Christian se engasga ao dar um gole em sua bebida. Misha enruga o cenho.

— Okay, isso é meio aleatório. E como se conheceram? — quer saber, curiosa e surpresa.

Encaro Nolan, esperando que ele responda, contudo, o surfista não abre a boca. Apenas me observa, como se deixasse a bola comigo.

— Na ilha de Santa Cecília, ele tinha se machucado.

— Antes da segunda pausa? Isso faz meses.

Segunda pausa? Busco o olhar de Grayson, sem saber do que eles estão falando.

— Precisei fazer uma pausa depois de me machucar. Voltei só há algumas semanas.

— O Havaí foi o grande retorno. Ele conseguiu uma classificação melhor que a do Foster — Chris conta, animado.

— Foster? — questiono, novamente buscando a resposta de Nolan com o olhar.

— Bram Foster, ele é um dos atletas mais promissores do país no momento. Ganhou o último WCT.

WCT, claro, a World Championship Tour, ou Mundial de Surfe. É o maior campeonato de surfe do mundo, e a final sempre acontece no Havaí. Na WCT apenas a elite compete, os vinte e dois melhores no ano anterior. Outros dez se classificam por meio da WQS, que é como Grayson pretende chegar até a Liga Mundial.

— Uma pena que é o maior galinha. — Misha suspira alto.

— Calma aí, o cara vai ter um filho. — É Christian quem sai em defesa. — Ele deve ter sossegado.

— Por enquanto... — Ela termina a sentença e balança o rosto de um lado para o outro.

Meu coração erra uma batida.

— O que aconteceu da última vez? — indago.

Samson caminha dois passos, parando mais próximo a mim agora, antes de começar a explicar com a voz baixa:

— Ele tinha uma namorada, ficaram juntos por anos, mas a traiu em uma festa da equipe. A garota da traição é irmã de um cara do time dele, acredito que compartilhem o mesmo agente.

Acho engraçado como ele toma cuidado para que as pessoas ao redor não ouçam a fofoca.

Misha assobia próxima a nós, contudo, não é um assobio de

surpresa.

— Essa é das minhas. Bora, Chris, o primeiro que cair paga uma pina colada.

— A gente já volta — avisa Christian ao se afastar.

— O que eles...

— Estão indo para o mar.

— Surfar? — indago, assombrada. — Está de noite!

— Sempre é hora — explica e, em seguida, pede algo ao cara dos drinks. — Quer alguma coisa?

Estendo o olhar, vislumbrando uma fileira de garrafas coloridas e transparentes. Mais abaixo vejo uma prateleira repleta de frutas frescas.

— Um suco de morango.

Samson concorda sem qualquer protesto. O cara começa a fazer nossos pedidos.

— E a namorada do Bram? Ex-namorada. — Me corrijo rapidamente.

Não faço ideia do motivo da enxurrada de perguntas sobre o assunto. Elas só saem.

— Não sei dizer, eles quase nunca eram vistos juntos.

Uma banda toma o lugar da música gravada, e o repertório assume um clima mais praiano. Começo a tamborilar os dedos contra o tampo do balcão, acompanhando o ritmo das cordas do ukulele.

Sean passa por nós e troca algumas palavras com Nolan. Nossas bebidas chegam, e antes que eu peça, o cara ao meu lado coloca um canudo biodegradável em meu copo.

— Obrigada!

— Você não bebe nada alcoólico também ou só não está a fim?

Balanço os ombros e termino de sugar pelo canudo.

— Não estou com vontade. — Olho para os lados, um pouco preocupada. — Isso aqui é uma festa de trabalho?

— Mais ou menos, o pessoal gosta de se reunir após alguma competição.

Permanecemos em silêncio até que nossos copos estejam vazios. Samson me convida para dançar, eu recuso, e ele balança a cabeça sibilando que não aceita um não como resposta. Ele se dirige até a parte de trás do bar, onde um furgão da Volkswagen está estrategicamente estacionado para quando a festa acabar. A pintura é de um azul vivo, parece recém-reformado. Uma prancha de surfe está presa ao teto, enquanto várias cordas soltas caem pelas laterais do automóvel. Com um gesto, me convida a acompanhá-lo.

— Relaxa, o carro é da Misha — ele diz ao retirar os tênis e colocar meus chinelos em algum canto do veículo.

Retornamos para perto do pessoal após guardarmos os sapatos, onde uma pista de dança foi improvisada.

— Eu gosto dessa música — é o que ele diz enquanto tentamos vergonhosamente seguir o ritmo de *I Ain't Worried*, do One Republic, tocado no ukulele.

É impossível não soltar uma risada.

— Somos péssimos nisso.

— Ei... — Ele me puxa pela cintura, colando nossos corpos e me gira com delicadeza. — Já que estava curiosa, aquele é o Bram Foster. O cara com camisa florida, ao lado de uma garota grávida.

Encontrar a camisa florida não foi difícil. Bram é alto, o cabelo extremamente preto mantém um corte curto, um pouco mais aparado nas laterais. Um frio terrível me sobe pelo estômago. *O idiota é mesmo bonito!* E eu odeio que já tenha dito isso a ele um milhão de vezes. Odeio que já o tenha deixado me beijar. Odeio que sua presença esteja enraizada em um dos meus maiores demônios.

A garota parece ser baixa perto dele, apesar de achar que temos quase a mesma altura. Ela tem os cabelos castanhos claros, levemente cacheados, como os de Violet. Nenhum deles percebe nossa atenção e eu agradeço por isso.

Algo em meu peito começa a bater com mais velocidade. Já faz cerca de um ano que não o encontro e quase dois desde que tudo aconteceu. Minha garganta queima tanto que sinto vontade de chorar. É a primeira vez que realmente o vejo com outra.

Samson me gira novamente e me deixa de costas para o casal. Me afasto dele, sua mão permanece apoiada em minha cintura. A sensação é agradável, porém perigosa. Fico uma bagunça de sentimentos. Meu ex se encontra a poucos metros de mim, com a futura mãe de seu filho ao seu lado. Ele não faz ideia de que estou aqui.

Os olhos verdes do surfista caem sobre os meus lábios. Posso sentir o gelo crescente em meu estômago, sinalizando aquelas típicas borboletas. O grande problema é que apesar de querer muito beijá-lo, eu não consigo ter a certeza de que alguma parte de mim não deseje fazer isso por raiva de Brandon.

Seu olhar se eleva e encontra o meu. Vejo faíscas brilhando de uma pupila para a outra. Samson desliza suas íris novamente para minha boca, e eu acompanho seu movimento. A dúvida ainda persiste dentro de mim. Ele entreabre os lábios, umedecendo-os com a língua. Meu coração retumba dentro da caixa torácica.

Ah não!

— Eu conheço esse olhar.

— Que olhar? — sussurra.

Engulo em seco. Tiro o foco de sua boca e fito os globos

verdes.

— O de quem está prestes a me beijar e que deseja muito isso.

— Então é o mesmo olhar que o seu, boneca.

Minha respiração falha por um segundo.

— Por favor, não faça isso. — Quase imploro, como se eu não tivesse controle sobre nada.

Só que eu tenho e nunca faço nada a respeito.

— Gabe...

— Por favor, não me beije — peço novamente.

— Não tem que pedir por favor, eu... não te beijaria antes de ter a certeza de que você quer isso.

— É que... — gaguejo um pouco. — É assim que começa. Sei disso! Nós nos beijamos, você me leva em casa e antes de dormir me manda uma mensagem dizendo que quer me ver outra vez.

— Exato, eu sempre vou querer te ver outra vez.

— Nós saímos, e vai acontecer outro beijo, até que vamos estar apaixonados, e eu vou imaginar um futuro com você.

— E *eu* vou imaginar um futuro com você — ele repete minha última fala.

— E quando estiver tudo perfeito, nós vamos nos magoar. — Ergo as mãos e seguro seu rosto bronzeado entre elas. — Eu quero muito beijar você, Samson, mas não posso me deixar envolver nisso outra vez. Ainda não estou pronta para esse passo... eu não aguento viver tudo de novo. Não aguento perder mais ninguém.

— É só um beijo, podemos começar devagar e aí...

Acaricio as maçãs de seu rosto com os polegares, e vejo suas pálpebras se fecharem enquanto ele aproveita a demonstração de afeto, o único que posso oferecer.

O que acontece com Samson é um mistério, algo repentino e *inexplicável*. Parece certo de alguma forma, mesmo que eu saiba que essa possibilidade não deveria existir. É como se houvesse um laço invisível que nos une há muito tempo. Isso é assustador, ainda que se encaixe de alguma maneira. No entanto, minhas memórias me impedem de avançar para algo mais. Estou presa em minha zona de conforto e ainda não estou pronta para deixá-la.

— Nunca é só um beijo comigo — afirmo com firmeza. — Não sou o tipo de pessoa que beija e não consegue não criar laços emocionais, e não estou pronta para eles outra vez. O que aconteceu antes foi o suficiente para uma vida toda. Porque depois que a pessoa parte... não sobra mais nada. — Nolan toma fôlego e traz sua testa até que esteja colada com a minha. A ponta dos nossos narizes se tocam. Fechos os olhos quando é ele quem usa as mãos para segurar meu rosto.

— Você ficaria surpresa com o quanto posso ser paciente,

boneca.

— Samson...

— Nós vamos até o bar tomar uma dose de tequila com limão e depois voltaremos para o meio da galera para dançar até o amanhecer. Não vamos nos beijar, a menos que tome a iniciativa. Pode ser agora ou em dez anos, eu vou aguardar. Um dia você será Gabriela Grayson e vai ser você quem vai me pedir em casamento.

Solto uma risada diante da rapidez com que sua mente viaja em poucos segundos.

— Você está mesmo muito emocionado! Tudo o que posso te oferecer é amizade. — Sorrio para Nolan.

Irônico eu chamá-lo assim quando desejo quebrar os escudos que ergui. Contudo, sei que manter essa distância entre nós é o melhor no momento.

— Por mim... — Ele deixa a frase no ar ao dar de ombros.

O surfista me puxa delicadamente, trazendo-me para perto do seu corpo. Envolver seu pescoço com os braços e afundo o rosto nos ombros dele.

É errado estar aqui sabendo que não desejo nada além do que já disse. Não quero lhe dar falsas esperanças e, ainda assim, caminho ao lado desse cara tão gentil que vai continuar esperando algo que jamais poderá ter.

Seus braços se apertam ao meu redor, feito uma muralha impenetrável. Sem acusações, penalidades ou condescendência. Minha armadura é Samson. E isso me assusta, pois mal nos conhecemos. Não quero iludi-lo, e isso é tudo o que tenho feito desde que o conheci.

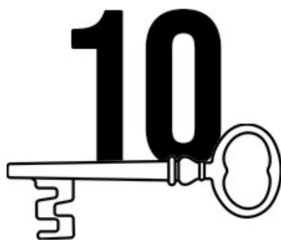
Após bebermos nossas tequilas com limão, voltamos para a pista de dança. Nos movemos completamente fora do ritmo, até que um barulho surge ao longe. É muito baixo, porém Nolan parece tê-lo ouvido de perto. Como se o tivesse escutado no fundo da alma.

É o barulho de pneus freando no asfalto.

Preocupada, o observo tapar os ouvidos, como se quisesse abafar o som, e cambalear na direção do furgão de Misha.

— O que foi? — tento gritar por cima da música. Ele não parece me escutar. — Samson!

Não leva muito tempo até que alcance o carro da amiga e se jogue lá dentro, deitando-se no chão. Seus olhos permanecem fechados, mas eu consigo ver as lágrimas que molham o rosto dele. É quando percebo o que está acontecendo, pois vivi a mesma coisa um milhão de vezes. Nolan está tendo um ataque de pânico.



Eu quero alguém que me ame
Eu preciso de alguém que precise de mim
Porque não parece certo quando é tarde da noite
E sou apenas eu nos meus sonhos
Então eu quero alguém para amar
É isso que eu quero, porra
That's What I Want | Lil Nas X

Gabe Montgomery

Minha primeira crise de ansiedade aconteceu algum tempo depois do pior dia da minha vida. Eu estava em uma reunião na González, ainda sendo uma recém-chegada. Repentinamente, meu peito começou a arder, a respiração falhou e as mãos tremiam. Perdi a noção do mundo fora da minha cabeça. Lembro-me de sair do escritório e a próxima memória é de estar dentro de um ônibus, seguindo numa direção desconhecida e perigosa pela cidade.

Agia no automático durante todas as crises. Tentei me acalmar e recobrar o fôlego enquanto chorava. Já era fim de tarde e só consegui reconhecer por onde o ônibus passava uma hora mais tarde. Quando me senti segura, desci e encontrei um meio de chegar em casa. Foi após esse episódio que os ataques de pânico começaram a ocorrer com frequência.

Observo Samson encolhido no chão do automóvel, as mãos ainda em seus ouvidos.

Me aproximo dele e respiro fundo antes de tomar coragem para tocar no seu rosto.

— Ei, Nolan — chamo baixo. — Precisa tentar respirar com calma, em intervalos de cinco segundos.

Seus olhos verdes se abrem, direcionados para mim com medo. Quando sei que tenho sua atenção, começo a contagem.

— Inspira.

Eu inspiro, mas ele não faz isso. Seguro o movimento por alguns instantes e então digo:

— Expira. — Agora ele me acompanha, apesar de não conseguir fazer com tanta calma quanto eu.

— Inspira. — Fazemos juntos e eu conto mentalmente o tempo. — Expira.

Aos poucos, entre uma respiração e outra, o corpo dele se acalma e Grayson se senta. Sinto meu próprio coração voltando ao seu ritmo normal. Meus dedos continuam a acariciar o rosto do surfista, sem quebrar o contato entre nossas peles.

— Cortei meu cabelo porque sofri um acidente há quase um ano e meio — o diafragma dele sobe e desce ao dizer. — Bati com a cabeça, precisaram raspar meu cabelo para que não atrapalhasse a cirurgia.

Não digo nada. Samson mantém os olhos grudados aos meus, que não consigo fazer outro movimento a não ser os deixar fixos nos círculos verdes.

— Chovia enquanto eu dirigia. Tínhamos ido visitar minha mãe em Henderson e estávamos a caminho de casa. Não sei como perdi o controle do carro. Meus avós faleceram naquela manhã.

Tenho vontade de contar a ele, de compartilhar o que aconteceu no dia vinte e nove de março, quase dois anos atrás. Nolan se abriu comigo, é justo que eu faça o mesmo. *Só que não digo*. Não estou pronta para expor essa parte da minha vida, pelo menos não ainda. Não estou preparada para discutir isso com ninguém. É o meu segredo, e quanto mais tempo eu puder mantê-lo só para mim, menos terei que suportar os olhares de pena.

— Eu... — Agarro as mãos dele, não sabendo bem o que dizer. Embora desconfie que qualquer coisa que saia da minha boca agora seja errado. — Sinto muito.

Nolan aceita meu aperto, e entrelaça seus dedos aos meus.

— Por isso você não dirige — concluo.

Ele assente em sinal de concordância. A feição alegre de horas atrás desapareceu. Tudo o que vejo são seus olhos vermelhos e inchados pelo choro recente, assim como os fios desgrehados.

— É por isso, não é?

— É por isso o quê? — sussurra, enquanto se deita no chão do furgão.

Alguns momentos depois o acompanho no gesto, me esticando ao seu lado. Nossas mãos estão entrelaçadas, e nossos olhares fixos no teto do carro. Solto um suspiro, e busco coragem para o que direi em seguida.

— Por isso faz tanta questão que eu volte a fazer coisas que parei? Pois você me entende, sabe como é já que sente o mesmo.

Deito de lado, ficando de frente a ele, que repete o movimento e nos deixa cara a cara.

— Eu te conheço há um bom tempo, boneca.

— Santa Cecília.

— Não.

— De onde então? Eu me lembraria.

Uma luzinha pisca em minha cabeça. Imediatamente lanço um olhar para o antebraço de Samson, mas está vazio. A luzinha se apaga no mesmo segundo.

— Você precisa se lembrar sozinha.

— Por quê?

— Porque às vezes a coisa está tão feia que nossa mente precisa interferir e trancar algumas coisas em segurança.

— Bem... — Balanço os ombros, sabendo que o assunto é complexo demais para o momento. — Eu já fui à praia quatro vezes desde que nos conhecemos. Quando é que você vai dirigir?

O surfista me puxa para perto dele, de forma que minha cabeça fique apoiada em seu peito.

— Shh, vamos tirar um cochilo agora, sim?

Não respondo e ele se cala. Ficamos ali por um tempo, ouvindo os sons de nossas respirações e a música do luau ao longe. Em algum momento fecho meus olhos e acabo tendo um sonho estranho onde tudo o que enxergo é água. Aquilo me transmite paz, faz com que alguma parte minha tenha certeza de que tudo vai ficar bem.

O rosto de Nolan surge algumas vezes ao balanço do mar. Tão rapidamente quanto veio, ele some. Não o chamo de volta, mesmo desejando sua imagem por perto.

Outro rosto surge, desconhecido. O mar se agita e sinto a água entrar violentamente pela minha boca. Não sou capaz de impedir. Tudo o que consigo fazer é aceitar, como da última vez, não tenho controle sobre isso.

Meus olhos se abrem. Estou de volta ao chão do furgão com o Sol rachando em minha face. Olho para o lado e vejo que Samson continua dormindo. Assim como eu, parece estar em um sono agitado. Ele não usa a blusa de ontem, está jogada no encosto do banco. Pisco algumas vezes e tento não prestar atenção no seu tronco nu.

— Samson — chamo baixo e toco seu ombro com tanta delicadeza que foi muita sorte ele ter aberto os olhos.

Em um salto seu corpo está sentado ao lado do meu.

— Bom dia, boneca.

— Você está bem? Depois de ontem?

Por um momento a nuvem cinzenta volta a passar pelo seu semblante. Ele faz um gesto positivo com a cabeça e se levanta. Eu o acompanho. Nolan então percebe que está nu da cintura para cima e parece um pouquinho envergonhado.

— Me desculpa, devo ter tirado enquanto dormia. — Aponta

para a peça e a coloca de volta ao corpo. — Vou procurar seu chinelo.

Enquanto ele revira o interior do carro atrás de nossos sapatos, observo a praia ao redor. O mar está agitado e ouvir o barulho das ondas é um bom jeito de começar o sábado. Algumas poucas pessoas ainda permanecem sentadas na areia perto das estacas de bambu. Não deixo de notar que agora têm três pranchas presas ao teto do furgão. Misha e Christian provavelmente nos viram dormindo juntos quando voltaram do mar ontem.

Samson já está com os tênis e meus chinelos nas mãos quando volto a fitá-lo. Ele sorri rapidamente e começa a caminhar em direção ao bar. Seus amigos estão sentados na areia, com as costas apoiadas no balcão.

— Vocês perderam a maior parte da diversão. Christian vomitou no mar, depois de tomar quatro shots de tequila.

Geralmente, bebidas não são permitidas nas praias, mas como era uma festa privada, acho que devem ter conseguido algum tipo de permissão com a prefeitura.

— Pior jeito de surfar, cara. — Samson acerta meu chinelo no ombro do amigo, que solta um resmungo intraduzível como resposta. — Vou acompanhar a Gabe até em casa, logo eu volto.

Me despeço dos dois, mas apenas Misha sorri e acena em resposta, pois os olhos de Christian permanecem fechados, amaldiçoando a ressaca. Calço meus chinelos quando alcançamos a calçada e em alguns minutos estou parada no pequeno gramado em frente à minha casa.

Este é um daqueles momentos em que não sei o que fazer ou dizer. Então, decido quebrar o silêncio falando a primeira frase que me vem à mente:

— Obrigada pelo convite.

— Por nada, obrigado por ter ido. — Ele parece tão desconfortável quanto eu. Nolan estende a minha bolsa até mim e sinto o contato do dedo dele resvalar em minha pele.

— Até mais, Samson. — Aceno um pouco envergonhada e percorro o caminho de pedras até a porta.

Meu celular apita dentro da bolsa. Quando o tenho em mãos, desbloqueio a tela e encaro a mensagem.

Nolan Grayson: *Quero te ver outra vez. Não preciso de um beijo para saber disso.*

Eu: *Pra quem é avesso a tecnologia, você conseguiu me mandar uma mensagem bem rápido, não?*

Não entro em casa ainda, aguardo sua resposta enquanto edito o nome descrito no contato.

Nolan/Samson: *Estou pegando o jeito.*

Sorrio de lado e digito outra mensagem.

Eu: *Quer tomar café da manhã?*

Me viro em direção à rua. Samson está com o rosto inclinado na direção do celular. A mensagem não demora a aparecer na tela do meu aparelho.

Nolan/Samson: *Isso depende, você vai sair comigo outra vez?*

Saio da pequena varanda da frente e grito para ele:

— Só se da próxima você me arranjar uns donuts.

Ele ergue o rosto no mesmo instante. Seus olhos brilham em sinal de zombaria.

— Posso conseguir alguns.

— Então vem, vou fazer panquecas. — Me viro e giro a maçaneta.

Samson vem logo atrás e fecha a porta para mim. O som das patinhas de Daisy batendo contra o piso nos alcança e ela logo aparece com cara de sono.

— Nossa, bem que dizem que o cachorro sempre se parece com o dono.

— Está dizendo que pareço um Buldogue?

Ele se abaixa e deixa que Daisy o cheire, antes de afagar a cabeça dela.

— Não, só comentei que ela se parece com você. É delicada, tranquila e meio confusa.

— Confusa? — pergunto um pouco mais alto, já adentrando a cozinha.

— É, e meio vesga.

— Ei! Eu não sou vesga — protesto e solto uma risada em seguida.

— Não, mas você parece perdida.

Touché.

— Devo estar, acabei de convidar um desconhecido para tomar café da manhã na minha casa.

— Posso chamar Chris e Misha se você for se sentir mais segura.

Inclino um pouco o rosto, segurando uma risada. Ele sempre parece disposto a deixar as coisas mais fáceis para mim.

— Então terei três desconhecidos aqui. Como isso melhora a situação?

Samson balança os ombros e puxa o banco da ilha para se sentar. Está tão relaxado quanto o dia que estive no meu carro.

— Então, vamos te deixar confortável — diz e uma parte de mim balança de forma ruim. Eu nunca uso essa palavra. — Uma conversa de negócios. Conseguiu achar um lugar para eu morar?

O fato de ele tentar descomplicar as coisas para mim me alivia e me faz desejar que se mantenha por perto. Mas não *por perto* como suspeito que ele queira estar.

— Tenho dois lugares em vista. Um apartamento pequeno em Venice e uma casa de hóspedes em Marina Del Rey.

— Sendo pequeno e na praia parece bom pra mim — responde, enquanto esfrega o cantinho atrás das orelhas de Daisy, que está em seus braços.

— Por que insiste em um lugar tão pequeno?

Abro meus armários, em busca dos ingredientes necessários para as panquecas.

— Sou sozinho, não preciso de tanto. Mas e você, por qual motivo um lugar tão grande?

Paro o que estou fazendo, ergo o olhar para ele e, em seguida, o desvio.

— Vou precisar de espaço em alguns anos.

— Por quê?

— Porque sim. — Espero que ele perceba meu tom invasivo.

— Você gosta de mirtilos nas panquecas?

Abro a geladeira e pego um pote da fruta.

— Eu lavo isso.

Samson salta em minha direção, após colocar Daisy delicadamente no piso.

— Você não... — Tento protestar, mas ele tira o pote das minhas mãos e o coloca na bancada.

— Adoro lavar mirtilos.

Sei que é mentira, mas se ele quiser fazer isso, não há motivo para discutir. Volto até o bowl de vidro e começo a medir a farinha. Ouço o som da água da pia sendo acionada e vejo Nolan lavar as mãos. Enquanto despejo o leite e quebro os ovos na vasilha, sinto o olhar dele queimar minhas costas. Faço o possível para não ficar tensa, para que Samson não perceba que tem algum controle sobre mim, embora eu suspeite que já tenha percebido.

— Mirtilos lavados, o que posso fazer agora?

Um pote da fruta é colocado à minha frente na bancada de granito. Passo os olhos ao redor da cozinha, em busca de algo para que ele se ocupe. Gosto que o garoto queira ajudar.

— Café ou suco? Tem um monte de laranjas na geladeira.

Completamente à vontade no lugar, ele abre minha geladeira e praticamente enfia o rosto ali. Sinto vontade de rir.

— Panquecas de mirtilo, suco de laranja... vai ficar uma

maravilha.

Não consigo notar se está sendo sincero ou irônico.

Quase dez minutos depois, a chapa do fogão está quente e Samson vira o líquido amarelo em uma jarra de vidro.

— Eu posso... — O surfista indica a espátula em minhas mãos. A entrego a ele após ponderar. — Obrigado.

— Sabe fazer isso, certo?

— É tudo que sei fazer, eu costumava ajudar minha avó nisso.

Um brilho percorre seus olhos, como se uma lembrança boa o tivesse atingido. Me viro lentamente, fingindo focar minha atenção no armário de copos para que ele não se sinta pressionado.

— Você morava com eles?

A cozinha é atingida por alguns momentos de silêncio, antes que ele responda:

— Sim, desde que nasci. Minha mãe morava conosco até se mudar para Henderson com a namorada. — Nolan se cala, antes de recuperar o fôlego e prosseguir. — Preciso me desculpar por ontem, eu não deveria...

— O que aconteceu foi involuntário, Samson, não era algo que você pudesse controlar e eu...

— E você entende. — Ouço um suspiro.

Paro meus olhos nos dele e é suficiente para entender que de alguma forma Samson sabe que algo aconteceu comigo.

— Sim.

Meus ombros desmontam. De maneira estranha, não me sinto exposta ou desconfortável. Sinto como se ele fosse a minha muralha. Um farol que iluminou o caminho para fora da tempestade que eu me encontrava, e mal o conheço.

Ele termina de fritar as panquecas, enquanto eu improviso uma mesa de café na ilha da cozinha. É impossível não notar que Daisy se manteve sentada no meio do ambiente, com suas orelhas de pé e os olhos esbugalhados e atentos a cada movimento do surfista. Quando Samson apoia a pilha de panquecas sobre o balcão, vejo que a avó do garoto tinha um motivo para aceitar ajuda. Ele arrasou! Pego chantilly e açúcar de confeitiro para acompanhar.

— Até que não é tão ruim ter um estranho debaixo do meu teto — murmuro entre uma garfada e outra.

— Qual é, eu não sou mais um estranho, sou?

UM ANO DE NAMORO



Todas as coisas que eu fiz
Só para eu poder te chamar de meu
As coisas que você fez
Bem, espero que eu tenha sido seu crime favorito
É agridoce pensar sobre os danos que causamos
Porque eu estava me afundando, mas eu estava fazendo isso com você
Sim, tudo que quebramos e todos os problemas que criamos
Mas eu digo que te odeio com um sorriso no rosto
Favorite Crime | Olivia Rodrigo

Gabe Montgomery

Ainda me lembro do dia em que conheci Brandon Foster. Estávamos no colégio e eu lia um livro chamado *A Menina dos Olhos Molhados*, de uma autora brasileira.

Quem diria que nossa história terminaria como o título daquela obra?

Eu estava na metade de uma página quando ele veio conversar comigo. Foi um simples:

— Ei, Gabe? — Seus polegares se voltaram para cima, formando um sinal de jinha.

Não me recordo do que respondi, só sei que não foi uma saudação calorosa como a do garoto. No fim das contas, ele foi embora e eu só consegui reclamar por ter me perdido no meio da história.

As pessoas não costumavam puxar assunto comigo, já que eu era introvertida e quieta e, por vezes, minha timidez era levada como mau humor.

Brandon era o contrário de mim. Vivia aprontando com seus amigos e espalhava memes pelo colégio. Lembro quando ele colocou o pé na frente de uma garota que estudava comigo e ela quebrou o braço. Nós duas frequentávamos as aulas de ballet juntas e o xingamos um bocado. Aquilo foi muita maldade da parte dele.

Anos mais tarde, quando cismou comigo e decidiu puxar assunto a qualquer custo, a história do braço quebrado se perdeu, e eu

nem mesmo me lembrava que tinha sido ele. Bram vivia tentando se aproximar e até mesmo ficou colega de Heather, minha melhor amiga desde sempre, que até ia com a cara dele na época.

Passei duas semanas o ignorando por completo, afinal era um cara interessado em mim, a garota magricela que preferia ler e estudar nos intervalos do que fofocar e observar os meninos populares.

Ele só podia estar querendo aprontar alguma comigo, era a única explicação.

Certa vez, após muita insistência, Bram pediu meu número e minha resposta foi:

— Desculpa, eu não tenho celular.

Ele inclinou o rosto e apontou para as minhas mãos.

— Seu celular está na sua mão, Gabe.

— Está estragado.

Suas sobrancelhas escuras se ergueram e ele deu uma risada.

— Por que andaria com um aparelho estragado por aí?

Não faço ideia do que respondi. Só sei que o garoto sumiu, e eu me arrependi por ter sido tão fria. Talvez tenha desistido de mim. Naquela noite, postei um vídeo no meu stories dançando In My Blood, do Shawn Mendes, e depois vi uma publicação de Bram dizendo que o cantor tinha qualidade. Respondi, no privado, que não era apenas isso que ele tinha. Depois desliguei meu Wi-Fi, sem esperar sua resposta.

Na manhã seguinte, Brandon me deu bom dia e me encarou, esperando que eu dissesse algo sobre a quase conversa da noite anterior, mas fingi que nada tinha acontecido. Meu celular seguia com a internet desligada, e horas depois, quando finalmente liguei, tinham vinte mensagens dele. Cinco delas eram a letra da música em questão.

Assim começou nosso relacionamento, a partir de uma troca de mensagens pelas redes sociais e uma pequena mentira da minha parte. É irônico pensar que terminamos por uma mentira vinda *dele*.

Nos primeiros anos, Brandon foi o namorado dos sonhos. Ele me enviava bilhetes carinhosos e caixas de chocolate, especialmente quando eu estava passando por “aqueles dias”.

Todo mundo dizia que nós dois éramos, sem dúvidas, o casal mais improvável do colégio. O que deixava tudo ainda mais divertido, porque a descrença deles só serviu para nos unir.

Ainda me lembro da primeira vez em que tive vontade de chorar por sua causa. Estávamos voltando para a escola, e Heather nos acompanhava. De repente, Bram se virou para mim e soltou minha mão, ao dizer:

— Eu já volto!

Foi só isso o que falou antes de me entregar sua mochila e atravessar a rua. Heather e eu o observamos em silêncio, até que uma garota apareceu correndo em sua direção e pulou em seu colo,

enlaçando as pernas na cintura dele. Meu coração se apertou e provavelmente uma rachadura surgiu naquela tarde. Foster a segurou e retribuiu o abraço enquanto ela soltou um grito animado:

— Amigo!

Desviei o olhar, e foquei todas as minhas forças em não deixar as lágrimas caírem. Afinal, nós ainda não namorávamos, então eu não tinha o direito de surtar, certo?

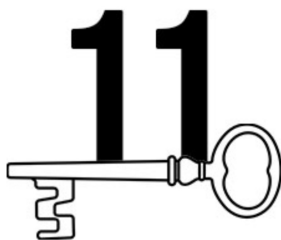
— Não acredito que ele fez mesmo isso — Heather comentou ao meu lado, ainda com a atenção neles. — Gabe, está vendo o mesmo que eu, né?

Concordei com um meneio de cabeça.

— Sim, mas o que tem? Eles são amigos. — *Uma amiga que ele nunca mencionou e que eu vi antes.* — Vamos indo? Brandon se encontra com a gente no colégio.

Heather continuava me encarando, sua expressão denotava surpresa. No entanto, o que eu poderia exigir? Ainda não éramos oficialmente um casal, e dentro da minha mente eu sentia que reclamar seria injusto. Ainda assim, uma pergunta não me abandonava: por que ele não me convidou para ir junto e não me apresentou à sua amiga? Afinal, Foster sempre disse que queria que eu me aproximasse dos seus amigos.

Acho que nunca me impus o suficiente, porque no fundo tinha medo de que isso o fizesse se afastar. Brandon Foster foi apenas o segundo cara, nos meus dezesseis anos de vida, que olhou para mim e me enxergou como uma garota, e não apenas como mais uma. *Isso deveria significar algo, certo?* Acredito que este seja o problema de começar a ler livros de romance tão cedo, qualquer cara que aparecesse e fizesse um gesto fofo, como dizer que eu era bonita e tinha um bom papo, automaticamente era colocado como o príncipe encantado da minha história de amor. Porém, a dura verdade é que não existem tantos Atlas quanto existem Ryles [\[1\]](#) caminhando por aí, e a Gabe de dezesseis não sabia distinguir coisas que só funcionavam nos livros e não na vida real.



Quando dói como se tivesse esmagado por cima
Com os ossos quebrados
Você não pode mover os braços para levantar
Você está certo, você está certo, você está certo
Às vezes você precisa de alguém para te levar pra casa
Carry You Home | Zara Larson

Gabe Montgomery

Passo pela porta do escritório segurando as lágrimas, na tentativa de conter todo o choro na garganta para quando estiver sozinha. Mesmo assim, sei que minha expressão não ajuda muito a disfarçar que algo está errado, e nem mesmo consigo retribuir o cumprimento de Taylor quando trombo nele.

Tudo parece piorar quando me sento à mesa e um carrinho de bebê é empurrado para perto de mim. Observo o pequeno corpinho rechonchudo e ergo os olhos, vendo Liana sorrir. Adam dorme em um sono sereno, de dar inveja em qualquer um, o que me faz pensar que tem um tempo que não durmo tão profundamente assim, nem mesmo na praia com Samson no fim de semana passado.

— Credo, que bicho te mordeu hoje, garota? — a mãe do bebê pergunta, enquanto balança o carrinho com calma para que Adam não acorde.

— Só um começo de dia ruim.

— Nada que uma bebedeira depois do trabalho não resolva. O que acha de chamarmos a Karen e irmos até o Pub no fim da rua mais tarde?

Lanço um olhar enviesado a ela e depois deslizo as pálpebras na direção da criança que dorme tranquilamente dentro do carrinho. Não digo nada, mas tenho certeza de que ela entendeu minha mensagem.

— Eu deixo o Adam com a Manon. — Dá de ombros e sorri para mim.

— Desculpe, eu tenho compromisso. — *Chegar em casa e me*

acabar de chorar até o nascer do próximo dia.

— Ultimamente, você anda tendo muitos compromissos misteriosos. Está saindo com alguém? É o cliente dos conselhos?

— Eu tenho uma vida fora daqui, Liana, e meu compromisso de hoje não é da sua conta.

As indiretas passam despercebidas por ela, e Gallagher continua com suas perguntas incessantes.

Adam resmunga no carrinho, anunciando que o momento de serenidade chegou ao fim. Sua mãe o pega nos braços, o embala no colo e checa a sua fralda em seguida. Noto Karen observar a cena de longe, e apesar de parecer apaixonada com a imagem, percebo a preocupação evidenciada em seus olhos pretos que se cravaram em mim um tempo depois. Tento sorrir, para que ela pense que está tudo bem, mesmo não estando.

De repente, Liana empurra uma mamadeira na boca do filho, que a aceita com fervor. Encaro a cena e não me dou conta da presença de Carlos no local, apenas ouço sua voz.

— Liana, pode vir até aqui? Preciso de um relatório sobre como anda o anúncio da casa com SPA em Malibu — ele fala.

Minha colega de trabalho assente e estende o bebê em minha direção. Eu congelo e estou pronta para negar, só que ela é mais ágil e ajeita meus braços ao redor dele, do jeito correto. Uma das minhas mãos apoia a mamadeira e a outra deixa o corpo firme. Não tenho tempo de contestar, pois quando dou por mim a porta do escritório se fecha.

Estou sozinha com um bebê de verdade no colo. Nunca segurei uma criança tão pequena.

Engulo a saliva, e ela desce incômoda pela garganta. O cheiro de bebê que Adam carrega invade meu olfato. Ele está calmo e focado ao sugar o bico da mamadeira, tanta paz em um corpo minúsculo. Não consigo me recordar quando senti sequer um terço da tranquilidade que essa criança parece ter. Meu peito se aperta a cada respiração dele, como se estivessem arrancando meu coração outra vez.

Um calor diferente passeia pelo meu rosto quando a primeira lágrima escorre. O problema é que elas nunca vêm sozinhas, sempre necessitam de companhia. Minha visão fica turva. É neste momento que percebo que, pela primeira vez, não fui capaz de me segurar até chegar em casa. Desabo na mesa do escritório, com o filho de Liana nos braços. Sempre consegui ser forte, me segurar e evitar. Mas hoje... simplesmente me sinto fraca, pronta para fechar os olhos e implorar para que tudo acabe. Não aguento mais ter consciência do rumo tortuoso que minha vida tem seguido.

Em algum lugar ouço um grito. Talvez tenha sido Karen, mas não tenho certeza. Simplesmente me perdi em um momento, um

momento sombrio como quando eu caí. A diferença é que agora quero voltar à superfície, desejo encontrar o caminho de volta para casa, mas quando estamos a tanto tempo no fundo tudo fica mais complicado.

Alguns instantes depois, sinto meu corpo ser chacoalhado. As vozes de Taylor, Karen e Liana se misturam. Um choro de bebê também se faz presente, provavelmente assustado pelos estampidos. De repente meus pés não tocam mais o chão e estou sendo carregada enquanto as lágrimas não deixam de cair.

— Gabe — outro grito, mas este vem do meu chefe.

Minha visão se acerta.

Estou dentro de um carro que não é o meu, indo para algum destino desconhecido.

Olho para o motorista. Carlos divide sua atenção entre mim e o trânsito. Seu topete grisalho está com alguns fios fora do lugar, provavelmente pela confusão que devo ter causado a poucos minutos.

— Como se sente? — ele questiona ao notar que voltei a ter consciência das minhas ações.

Uma caixa de lenços pousa em meu colo de repente.

— Bem — minto e Carlos sabe disso.

Meu chefe suspira alto. Estou pronta para pedir desculpas, porém, ele me faz uma pergunta:

— Você teve uma consulta hoje mais cedo, não foi?

Meu estômago congela. Carlos sempre soube da minha condição, pois eventualmente eu preciso me ausentar devido às consultas e tratamento. No entanto, nós dois nunca mais conversamos diretamente sobre o assunto, então me limito a balançar a cabeça ao confirmar.

— Foi uma notícia ruim, certo?

Confirmo outra vez.

— Você... — Ele pigarreia. — Sabe que pode tentar outros caminhos, certo?

— Estou no melhor caminho para o que eu preciso e quero.

— Mas se toda vez que vai a uma consulta recebe más notícias, talvez seja melhor considerar outras opções. Sabe, às vezes, queremos correr, mas precisamos aceitar que é hora de apenas caminhar, Gabe. Ou algo assim, esqueci as palavras exatas da Heather.

Me ajeito no banco e abaixo o quebra-sol do carro, torcendo para encontrar um espelho escondido ali. Pego um lenço da caixa e faço o possível para consertar a maquiagem borrada ao redor dos olhos.

— O que você aprontou para que a Heather precisasse te dar umas lições de autoajuda?

Ele bufa alto.

— Acho que nem eu sei ao certo.

Estudei com a Heather no ensino médio, mas nos conhecíamos há um bom tempo. Naquela época, erámos inseparáveis. Então, veio a faculdade, e cada uma seguiu seu caminho. Além do mais, com tudo o que aconteceu comigo, eu me afastei. Desde então, nós duas nos vemos muito pouco.

Foi durante um desses raros encontros que Carlos me ofereceu um emprego. Eu estava completamente perdida na faculdade e prestes a abandonar o curso de administração, enquanto ele enfrentava uma equipe desfalcada em sua empresa. Ele me ensinou a ser a profissional que desejava, basicamente transmitiu boa parte do que sabia. Talvez seja por isso que Heather sempre diz que somos muito parecidos quando se trata de trabalho.

— O que aconteceu no escritório? Eu desliguei por um tempo.
— Esfregi o lenço em uma mancha de máscara de cílios que escorreu pelo canto lacrimal.

Ele me olha rapidamente e logo volta a fitar a estrada.

— Ouvimos um grito da Karen, o que assustou o bebê. Fomos verificar o que estava acontecendo, e você chorava com ele no colo. Você não se movia, não respondia quando Karen chamava, apenas chorava. Liana tirou o Adam dos seus braços, e eu te retirei dali. Vai passar o dia comigo, acompanhando a obra do condomínio, bem longe do escritório.

Meus ombros se retesam. Me sinto mal por ter causado uma cena dessas, principalmente no trabalho.

— Me desculpa, não deveria levar minha vida pessoal para o escritório.

Ele solta uma gargalhada contida.

— Dê esse conselho para a Liana, aquela mulher adora testar a minha paciência.

Um pensamento estala em minha mente. Algo que sempre tive curiosidade de tirar a prova. Nunca tive oportunidade, mas como o dia já está todo ferrado mesmo, e se Carlos for me demitir será pela cena de mais cedo, decido seguir adiante. Um erro a mais ou um a menos não fará diferença alguma.

— Ele se parece com você.

É a vez dele retesar os ombros, além disso, noto quando seus dedos apertam o volante com tanta força, a ponto de os nós se tornarem quase brancos. Tenho a confirmação que precisava.

— Heather sabe?

— Às vezes, odeio o fato de que fui eu quem te ensinou a ser esperta assim. — Seu tom é afiado, porém não me abalo. — Ainda não contei a ela — completa.

— E você e a Li...

— Foi um acidente, coisa de uma noite, acabou acontecendo.

Percebo a forma como ele aparenta querer dizer algo mais. Então, resolvo dar um empurrãozinho:

— Mas...

— Mas estou meio que saindo com outra pessoa. Na verdade, saí com ela uma vez, se aquilo for considerado um encontro. E antes que me julgue, eu só não o registrei porque Liana não deixou, ela insiste que nasceu para ser uma mulher livre e que quer criá-lo assim.

Termino de limpar meu rosto, da melhor forma que consigo, e me apoio no encosto do banco.

— Deveria contar a Heather. Conheço sua filha, ela não vai te odiar por isso.

Carlos me olha seriamente.

— E você? Não tira um dia de folga, férias, nada. Trabalha para mim há quase dois anos, tá na hora de tirar um tempo, Gabe. Sei que te ensinei a ser *workaholic*, mas no seu caso está demais.

— Carlos...

— É sério, se você não se prioriza por conta própria, faço isso por você.

Suspiro, pois tenho noção de que ele é bem persistente quando quer.

— Eu me priorizo — digo.

— O que aconteceu hoje no escritório me provou que não. Você ainda vai à terapia?

— Toda semana.

E eu adoro a terapia, a dra. Newt tem me ajudado muito. Só que, pelo visto, nem toda ajuda do mundo é suficiente para resolver o problema que acabei me tornando. Me dar conta disso é como um balde de água fria, só que lá no fundo, eu sempre tive muita clareza de que essa é a verdade.

— Vamos fazer o seguinte, você vai trabalhar em home office duas vezes por semana. E pode ir planejando suas férias, pelo menos quinze dias. Vá viajar para algum lugar legal, conhecer gente, se esquecer dos problemas um pouco.

Abro um sorriso contido e triste. O trabalho e Daisy são algumas coisas das quais me fazem esquecer momentaneamente dos meus problemas. Bem, e ultimamente Samson também ocupa uma posição nesta lista.

— Achei que ia me demitir.

— Você é quase a funcionária perfeita, só falta colocar a cabeça no lugar e ter um pouco mais de confiança no seu potencial.

— É meio complicado quando tudo parece confirmar que estou certa por ser insegura.

Carlos balança os ombros e acelera o carro para cortar um

caminhão na pista.

— Odeio ter que te dar este conselho, mas... — Respira fundo.
— Se inspire um pouco em Liana. Auto confiança aquela ali tem de sobra e isso intimida as pessoas ao redor, inclusive os clientes.

Meu chefe está certo. Liana é auto confiante, se porta assim, se veste dessa forma e todos ao seu redor acabam não notando seus pequenos defeitos, como ser um tanto intrometida.

— Além do mais, pense pelo lado positivo, está negociando uma casa de oito milhões em Venice, a comissão vai te ajudar com as contas do hospital e dos doadores.

Meus ombros descem.

— O cliente em potencial me ligou enquanto eu esperava pela consulta, eles desistiram de fazer a oferta — revelo.

— Bem, não se pode ganhar todas, palomita.

Ele tem razão, mas isso não significa que eu não queira vencer em tudo, porque quero. A vida é curta demais para fazer um milhão de coisas de qualquer maneira. É melhor dar meu máximo em algo e ver dar certo do que observar diversos fragmentos destinados ao fracasso.

Carlos e eu passamos o dia conferindo a obra no pequeno condomínio que está em construção em Newport Beach, destinado a turistas. Aquilo está se transformando em um luxuoso resort para visitantes, e promete um grande retorno para ele. Almoçamos na cidade e, por volta das três horas, retornamos ao escritório.

Ao chegarmos lá, encontramos apenas Taylor e Karen organizando os arquivos impressos do último mês, que Carlos insiste em manter. Sempre é bom ter tudo na nuvem e uma cópia física de segurança. Notei a ausência de Liana e fiz uma anotação mental para me desculpar pela situação que causei mais cedo.

— Entregaram essa caixa para você agora pouco, Gabe — Karen diz ao apontar para minha mesa.

Taylor está bem atento em mim quando me aproximo do objeto. É de uma padaria perto daqui, às vezes nós vamos até lá tomar um café.

— Ué, não encomendei nada. — Lanço um olhar questionador para Karen. — Disseram quem enviou?

— Não, e não veio com cartão — Taylor responde, mesmo que eu não tenha falado com ele.

Claro que ele foi investigar o remetente.

Após sentar em minha cadeira, abro a caixa. O conteúdo que encontro ali deixa um sinal de interrogação imenso em minha face.

Donuts sem recheio e cobertos de açúcar de confeitiro.

Os meus favoritos.

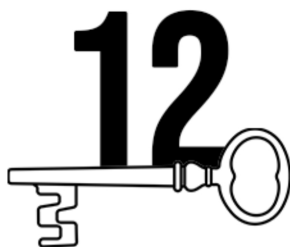
Por um segundo meu coração dá um salto ao imaginar quem

decorou meu sabor de donut favorito.

Uma lâmpada acende em minha cabeça. Resolvo pegar o celular e ligar para a padaria, em busca do remetente da caixa. É quando uma notificação salta na tela. Na verdade, duas de Nolan/Samson, como eu salvei seu contato após descobrir como ele é conhecido no surfe.

Nolan/Samson: *Você queria donuts, eu te dei donuts. Agora você me deve um encontro.*

Nolan/Samson: *Que horas sai do trabalho hoje?*



Eu não quero ver seu sorriso
Eu quero você de manhã
Antes de você se apresentar
Me diga algo que eu não sei
E me leve para o lugar onde ninguém nunca vai
Beige | Yoke Lore

Gabe Montgomery

Há alguns meses, eu jamais teria imaginado que um cara acertaria, por coincidência, meu sabor de donut favorito. E agora, aqui estamos, devorando uma caixa inteira juntos no meu carro, a caminho da praia.

Estou usando a parte de baixo de um biquíni preto, complementado pela parte de cima de um wetsuit todo florido, emprestados por Misha. Ao sair do escritório alguns minutos mais cedo, fui surpreendida com Samson e seus amigos me esperando no furgão. A primeira coisa que ouvi ao encontrá-los foi:

— Já surfou antes, boneca?

Dei pra trás na hora, mas tanto Samson quanto Misha me convenceram de que a experiência seria legal. Para completar, Carlos saiu do escritório no momento em que Nolan e eu entrávamos no meu carro. Bem, meu chefe me falou para fazer algo que não fosse trabalho, certo? É justo que me arrisque no surfe, ainda mais que terei dicas com um profissional.

Mais radical e fora da minha zona de conforto que isso é impossível.

É impossível que a imagem de Samson, da última vez que estive no meu carro, segurando a maçaneta como se aquele fosse seu único ponto de segurança, não surja em meus pensamentos. Agora sei o motivo. Encaro o velocímetro e procuro manter a velocidade dez quilômetros abaixo do limite, para que ele não fique desconfortável.

— Você... — Estou prestes a dizer a Nolan que ele provavelmente acabou de salvar meu dia, mas mudo de ideia no

último segundo. — Como sabia qual donut escolher?

O surfista tem um pouco de açúcar no queixo, mas não digo nada.

— Você me contou.

— Não, eu não contei.

— Contou, só não se lembra. — Seus ombros balançam.

Tenho certeza de que não contei a ele.

— Samson.

— Por que parou de me chamar de Nolan?

Desvio os olhos do caminho por um segundo, e reflito sobre aquilo. Não faço ideia do motivo, então resolvo dizer a primeira coisa que me vem à mente:

— É diferente, eu gosto.

— E eu curto quando você diz. Parece ser a única forma correta de você se referir a mim. — Ele sorri. — Acho que se me chamar de Nolan outra vez, vou sentir que tem algo errado.

— Isso não faz sentido, Nolan e Samson são seus nomes, escolher entre os dois não significa que algo está errado.

— Mas, por favor, não me chame mais de Nolan. Vai me magoar profundamente.

Percebo que ele apoia a cabeça no encosto do banco e continuo, curiosa:

— Agora me diga, por que fica me chamando de boneca?

— Ah não, eu não vou falar.

— Por quê? — insisto.

— Me diga, nós somos amigos, certo? — pergunta.

Solto um suspiro ao pensar na pergunta, espero que ele não tenha notado.

— Eu diria que sim.

— Quando tiver certeza do que somos, vou amar responder à sua pergunta. Até lá, terá que se contentar com a ignorância, *boneca*. — O apelido foi usado para me irritar, e infelizmente, ele conseguiu atingir seu propósito.

Reviro os olhos e pego meu donut pela metade na caixa. Nolan já comeu dois dos seis que me deu. Vejo o furgão azul de Misha fazendo um retorno para chegar até a praia. Das quatro pranchas presas ao teto, duas são diferentes, mais compridas e largas, além de parecerem mais grossas quando vistas daqui. É inevitável não sentir a adrenalina percorrer minhas veias ao me imaginar no mar em cima de uma prancha. O esporte sempre despertou minha curiosidade, mas nunca tive alguém disposto a me dar uma forcinha para experimentá-lo. Depois veio minha aversão à praia e todos os outros problemas, o que me fez deixar esse desejo de lado.

— Pronta? — Nolan indaga.

Ele ajuda Chris a desamarar as cordas e a descarregar o carro. Não deixo escapar o fato de que ele convidou os amigos para que eu me sinta mais segura por estar aqui. Seria completamente diferente se estivéssemos sozinhos, já que se tornaria oficialmente um encontro, e não é o que busco no momento. *É bom saber que ele respeita isso.*

— Um pouco nervosa, mas sim.

Samson dá um sorrisinho de lado, sem me olhar diretamente.

— Até que a minha roupa serviu bem em você, só ficou um pouco larga — Misha fala ao chegar do nosso lado.

Sim, temos quase os mesmos um e sessenta e cinco de altura, porém ela é alguns quilos mais pesada e possui músculos nos lugares certos por praticar o esporte. Já eu, bem, pode-se dizer que sou um pouco magra demais. É inevitável sentir uma onda de insegurança com relação ao meu corpo. Imediatamente cruzo os braços em frente à parte de cima do biquíni, tentando de tudo para que pareça um movimento natural.

Misha e Chris pegam as pranchas menores, nos deixando sozinhos com as duas maiores.

— Venha até aqui. Vou te passar algumas instruções antes de entrarmos na água.

Faço o que ele pede, e caminho até perto da prancha estirada sobre a areia.

— Pra que esses remos? — Observo a haste que ele me entregou.

— Nós vamos remar hoje. SUP é mais fácil do que o surfe, você vai se sentir mais segura pra começar. — Samson segura minhas mãos e suavemente as desliza pela haste, me mostrando o lugar certo de segurar. — Mantenha os pés paralelos no começo, okay? Depois um recua, te dando base.

— Okay.

— Certo.

Ele se abaixa e pega uma das pranchas. Faço o mesmo com a outra e tenho minha primeira surpresa com a experiência.

— Jesus, quanto pesa isso? — questiono, assustada.

Ele ri da minha expressão e explica:

— Dezoito quilos. — *Como um negócio pesado assim boia?* — Não é pra você carregar, Gabe, eu só vou deixar essa mais perto da água e volto para pegar a sua.

Não dou ouvidos a ele, apenas devolvo a prancha ao chão e a empurro até a água. Foi vergonhoso? Sim, mas não queria que ele tivesse um trabalho duplo sendo que eu mesma podia fazer isso.

— Teimosa — o escuto resmungar quando o alcanço.

— Te incomoda?

Ele nega.

— Eu acho foda pra caramba você fazer o que quer mesmo quando alguém diz que não deveria.

Mal sabe Nolan que não consigo fazer isso com o resto do mundo, mas com ele é fácil ser sincera. Samson me deixa à vontade o suficiente para ser quem eu desejo.

— Pois se incomodasse eu não ia mudar nadinha — brinco.

— Tenho certeza disso, boneca.

Subir na prancha foi a parte fácil, o desafio real foi conseguir me manter de pé por mais de três segundos. Cai duas vezes na água, e pelas risadas de Nolan suspeito que, apesar de ter atingido a água junto de mim nas duas vezes, ele tenha me dado algumas instruções erradas neste primeiro momento de propósito. Tento uma terceira vez, mas agora ele segura minha mão, me dando apoio.

— Tente ficar de joelhos antes de se levantar — pede.

— Você não falou isso nas outras duas vezes.

— E perder os dois tombos épicos? Jamais.

Reviro os olhos.

— Eu podia muito bem ter me machucado com essa brincadeira — retruco.

Um sorriso travesso pinta seus lábios.

— Como se eu fosse deixar acontecer. Estou aqui, boneca, agora tente ficar de joelhos primeiro, se você cair, caio junto.

— Tudo bem, mas acho que esse leash está apertado demais.

Samson estreita os olhos e leva as mãos até meu tornozelo, para afrouxar o leash de espiral circular.

— Como sabe os nomes dos equipamentos de surfe? Todo mundo meio leigo no assunto chama o leash de tornozeleira ou cordinha de amarrar nos pés.

Não respondo sua interrogação, muito menos digo qualquer outra coisa para mudar de assunto. Por fim, Samson apenas suspira e continua a minha aula.

— Certo, de joelhos, okay? — pede.

Faço o que ele sugere e finalmente bato meu recorde, permanecendo na prancha por mais de três segundos. Samson não solta a minha mão enquanto sobe na própria prancha. Ele fica de joelhos como eu, e me instrui a remar com a mão livre por enquanto. Continuamos por mais alguns metros, até chegarmos a uma parte mais profunda do mar.

— Isso, muito bem. Vamos tentar ficar de pé agora — ele fita meus orbes ao dizer, e me transmite um sentimento de segurança.

— Pés paralelos — relembro.

— Exato.

Posso sentir meu coração bater forte no peito, uma mistura de empolgação e medo. No entanto, continuo adorando cada segundo.

Após algumas tentativas e desequilíbrios, só não caio porque Samson não larga a minha mão nem por um segundo.

— O que fazemos agora? — questiono em expectativa.

— Agora a gente relaxa um pouco, precisa sentir o balanço do mar antes de sair remando por aí. Feche os olhos.

— Certo, mas Samson — chamo.

— Diga, boneca.

— Não me deixe cair, está bem?

De repente, ele fica sério, como se o momento tivesse adquirido uma importância muito maior do que apenas me ensinar a surfar. Sinto sinceridade em cada palavra que ele me dirige quando as sopra em minha direção.

— Nunca, você é parte de mim, Gabriela, você só cai se eu for junto. Mas isso não vai acontecer, okay? *Nunca mais!* — Posso ver ele acrescentar as palavras de forma silenciosa, apenas no brilho extra que seus olhos verdes adquiriram nos últimos instantes.

Há muito mais nessa frase do que o momento presente, é uma promessa que se estende além do agora, sem data de validade, e eu acredito nela. Nolan nunca me deixaria cair, nem da prancha, e nem da forma que cai na última vez.

Quando ele pede novamente para que eu feche os olhos, sigo o gesto dele. Percebo as pranchas deslizando lentamente em círculos, enquanto a maré nos leva para qualquer lugar que não nos importa. Um arrepio agradável percorre minha espinha quando o polegar de Samson acaricia as costas da minha mão, um gesto carinhoso.

— Está sentindo? — Ouço sua voz rouca.

— Estou. — Espero que estejamos falando da mesma coisa.

A maresia, o cheiro do mar...nunca o tinha notado dessa maneira. É forte e, de alguma forma, consegue ser suave, dois opostos lado a lado. Como Nolan e eu. É agitado e calmo, podendo se alterar de um instante para o outro. Encho os pulmões com o ar salgado e a carga do meu dia péssimo deixa o meu corpo.

— Pronta para remar?

Sorrio ao abrir os olhos e balanço a cabeça de forma positiva. Samson devolve o sorriso e inclina um pouco o rosto na minha direção.

— Nunca te vi sorrir desse jeito. Está tudo bem?

— Sim, eu só... às vezes esqueço de que a vida não é complicada, quem complica tudo somos nós.

— Viver é fácil, Gabe.

— É sim, eu só preciso me lembrar disso com mais frequência.

Samson me entrega um dos remos. Somente agora ele solta minha mão, e a falta de seu calor corporal causa certo estranhamento

em mim. Não queria que ele se afastasse.

— Meu trabalho é fazer com que não se esqueça disso — diz por fim, antes de começar a me explicar como remar e fazer a prancha andar.

Cerca de quarenta minutos se passam, remamos para todos os lados, e ele me derruba algumas vezes só para ver meu cabelo desgrenhado. Contudo, sempre que caio, Nolan está ao meu lado dentro do mar no segundo em que eu retorno à superfície, porque como prometeu: se eu cair, ele cai junto.

Agora estamos deitados nas pranchas, enquanto elas flutuam na água lado a lado. O Sol já começou a se pôr no horizonte. Misha e Chris estão em uma parte da praia onde as ondas são mais altas e violentas, perfeitas para as manobras que gostam. Mesmo não curtindo tanto o Sup, Samson se mantém aqui comigo.

Ele parece relaxado, com um dos braços apoiando a cabeça, enquanto a outra mão repousa dentro da água. É como se ele estivesse apreciando a calma do mar e todas as energias que vêm junto. O gesto é involuntário, e duvido que tenha se dado conta disso.

— Okay, não gosto desse silêncio, me diga algo que eu não sei.

Penso por um segundo em alguma informação inútil.

— O monte Everest cresce quatro milímetros por ano — falo.

— Isso não vale. — Em seguida, sou atingida por um pouco de água salgada, como se fosse chuva.

Ele jogou água em mim.

— Você sabia disso? — questiono.

— Óbvio que não!

Enfio uma mão no mar e espirro água nele como vingança.

— Então vale — acrescento com um sorrisinho vitorioso. — Sua vez de me dizer algo que eu não sei.

— Tudo bem, vou me vingar. Você sabia que a cada sete anos os humanos substituem todas as partículas do corpo? Isso significa que biologicamente não somos as mesmas pessoas que éramos sete anos atrás — ele diz.

Giro meu rosto em sua direção.

— É sério?

Grayson assente de olhos fechados.

— Vamos lá, me diga algo que eu não sei, boneca — Nolan pede.

Nós somos amigos. Claro que somos. Em pouco tempo, Samson me fez vencer o trauma da praia, se abriu comigo sobre seus próprios medos, foi gentil, me fez rir e sorrir, acertou meu sabor de donut favorito e me salvou de um dia terrível.

Nós somos amigos, sim.

Ele merece saber um pouco mais sobre mim, algo mais profundo e pessoal. Então, com isso em mente, olho para o céu e busco coragem. Não olho para ele quando despejo tudo de uma só vez.

— Ele me traiu.

Silêncio.

— Quem? — questiona, surpreso.

— Brandon Foster.

Mais silêncio, seguido pelo barulho da água se agitando. O rosto dele aparece em meu campo de visão, enquanto ainda estou olhando para o céu. O corpo bronzeado e úmido brilha com os últimos resquícios de Sol do dia.

— Você namorava com o Bram? — pergunta, embasbacado, e eu faço que sim. — Era de você que estávamos falando na praia? Por que ficou fazendo perguntas como se não fizesse ideia do assunto?

— Não imaginei que soubessem que era eu, e também não queria que conhecessem essa parte da minha história. Só tentei despistar.

Mais alguns segundos de silêncio preenchem o ambiente, antes que ele o quebre mais uma vez.

— É uma pergunta idiota, mas como se sentiu?

Dou de ombros ao responder.

— Um lixo, seis anos de namoro para ele me dizer que ela o deixou... *confortável* e por isso fez o que fez. Eu era namorada dele, eu deveria deixá-lo *confortável*. Parei de usar essa palavra no dia que descobri tudo.

— Nem imagino a merda.

— Dei uma surtada depois, falei umas coisas que me arrependo. Tentei fazer ele voltar comigo e no fim das contas...sinto que sou tudo aquilo que o Bram me chamou. — Reflito a última parte.

Acho que de tudo, aquele último fato é o que mais dói quando o assunto gira ao redor do *término* com o Bram.

— Do que ele te chamou? — A voz de Samson é baixa, mas sua feição dura evidencia a preocupação.

Respiro fundo e solto uma lufada de ar. O assunto me incomoda o suficiente.

— De manipuladora, depois de maluca, psicopata e mentirosa.

Não gosto quando vejo um novo sentimento atravessar o olhar de Grayson. Um sentimento de pena. Odeio que sintam pena de mim.

— Você não é nada disso, boneca!

Tento dar um meio sorriso, mas meus lábios tremem, e o cara na prancha ao lado não deixa de notar o gesto sutil.

— Minha terapeuta falou a mesma coisa. Depois que ele me chamou de psicopata, passei a noite toda acordada pesquisando sintomas e sinais que provassem ser verdade. Fui para a consulta com uma listinha dos que eu achava ter. Acreditei nele, Samson, porque o Bram era quem mais me conhecia na época. A pessoa em quem eu mais confiava no mundo.

Alguns segundos mais tarde, Nolan salta de sua prancha e se junta à minha. O leash ainda se mantém firme em seu tornozelo, impedindo que o objeto seja levado para longe de nós.

— Não acha isso meio errado? — Lanço um olhar curioso na direção dele. Estamos sentado um de frente para o outro agora. — Ele te traiu, não tem mais que levar o que diz em conta.

— Não é tão simples. Nós namoramos por muito tempo, e há outras partes da história que você não sabe, e que ainda não estou pronta para contar.

— Por muito tempo? — Balanço a cabeça em sinal afirmativo.

— Desde os meus dezesseis anos até o final dos vinte e dois.

— Nossa, isso são seis anos, eu não consigo imaginar vocês dois juntos.

Solto uma risada de escárnio, este é o único tipo de risada que sou capaz de dar sobre o assunto.

— Todo mundo dizia isso.

— Em Santa Cecília, quando falou que tinha perdido uma pessoa, pensei que alguém tivesse morrido, mas estava falando do Bram — Nolan pontua.

Não digo nada sobre isso, e Samson não espera por uma resposta, pois logo acrescenta:

— Não sei nem o que dizer.

— Não diga nada, Bram e eu fomos um erro. Todo mundo falava isso, até nós mesmos. Tudo foi um sinal de como acabaria.

Ele olha nos meus olhos e busca minha mão com a sua. O calor que emana dele é reconfortante, acaba me relaxando de certa forma.

— Acho que você quer um abraço, boneca.

— Eu... — Me preparo para recusar, é o que tenho feito com todos que tentaram me ajudar, mas quando meus olhos desviam das íris verdes e caem em nossas mãos juntas, sinto que é exatamente isso que preciso. Um abraço de alguém que sabe o mínimo sobre mim e Bram. — É, eu quero.

Ele se aproxima de mim, ainda sentados frente a frente na prancha de Sup. Nolan me envolve nos braços dele, e forma uma muralha de proteção. O calor de seu corpo aumenta, o cheiro do mar impregna sua pele, atingindo-me em cheio, fazendo alguns pelinhos na minha nuca se eriçarem. O som da água ao redor, misturado com

nossas respirações, também contribui.

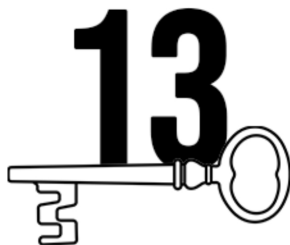
Faz um tempo que não abraço alguém de fora da minha família. Gosto que essa pessoa seja Samson. Gosto que estejamos nos conhecendo aos poucos e que ele aceite que tudo o que posso lhe oferecer é minha amizade.

— Você é um bom amigo — digo, enquanto ele me esmaga em um abraço gostoso.

— Que bom que acha isso, porque depois daqui nós vamos comer pizza.

Consigo soltar uma risadinha.

— Pepperoni e queijo cairiam bem hoje.



Quando eu vejo o seu rosto
Não há nada que eu mudaria
Pois você é incrível
Exatamente como você é
E quando você sorri

O mundo inteiro para e fica olhando por um tempo
Just the Way You Are | Bruno Mars - Glee Version

Gabe Montgomery

Pepperoni com queijo é realmente uma combinação dos deuses. Como a terceira fatia quando Misha pede ao namorado, dono da pizzeria, um drink de frutas vermelhas. Eu beberia outro também, mas um é o suficiente, já que estou dirigindo esta noite. Vim direto do escritório para me encontrar com eles, então uso as mesmas roupas sociais do expediente. No entanto, graças à insistência de Samson, acabei tirando os saltos. Ele passou a noite toda com meus sapatos no colo, enquanto uso um tênis que Misha conseguiu para mim dentro de seu furgão. Quando terminamos de comer, estou pronta para ir embora.

— Eu te acompanho — Nolan oferece.

— Não precisa, mas posso te deixar no hostel se quiser.

— Não vou te deixar ir sozinha para casa à noite, boneca — o surfista completa.

Ergo as sobrancelhas.

— E como pretende ir até o hostel depois?

Ele balança os ombros ao dizer:

— Eu dou um jeito, sempre dou.

— Okay, mas meu rádio fica no aleatório. Não ouse tocar nele — brinco.

— Você tá ligada que o rádio do seu carro é muito mais difícil de mexer do que meu celular, não é? — Solto uma gargalhada, e Chris, ao meu lado, faz o mesmo.

— Precisa ensinar ele a mexer naquele celular, Gabe — Chris

diz em um tom divertido enquanto sobe em sua moto. Misha vai ficar e ajudar o namorado a fechar a pizzaria hoje.

— Não acho que ele vá aprender, de qualquer jeito. — Devolvo no mesmo tom que usou comigo.

Ele se despede quando destravo as portas do automóvel. Samson dá a volta e se acomoda no banco do motorista. Enfio a chave no lado esquerdo do painel, e dou partida. Antes de arrancar com o carro, conecto meu celular no sistema de som e coloco na minha playlist de favoritas do Spotify. Those Eyes soa pelos alto-falantes. Arrasto o câmbio para a posição R, para sair da vaga de ré.

— Gostou do SUP? Quer tentar outra vez qualquer dia? — a pergunta parece estrategicamente utilizada para quebrar o silêncio.

— Adorei, consegui transformar meu dia péssimo em algo relaxante. Obrigada.

Samson sorri, a cabeça apoiada no encosto do banco de forma serena ao me olhar. Ele fica com um ar tão... Preciso piscar os olhos e afastar a palavra que estava querendo se juntar à frase. Mas eu gosto quando ele faz isso, me passa calma.

— Então vai querer de novo qualquer dia? Estou livre todas as tarde depois do treino.

— Adoraria, mas minha agenda essa semana está lotada. Inclusive estou tendo dificuldade em encontrar uma brecha para te mostrar os lugares que separei.

Ele se vira no banco, tentando ficar de frente para mim, mas é difícil, pois seu corpo é um pouco grande para se movimentar num espaço reduzido.

— Sabia que cada vez que diz que não pode me ver, mais eu quero o oposto disso? Parece que está me desafiando, e meu avô me fez aprender a nunca recusar um desafio.

— Você falou como o Daniel agora. — O fito rapidamente, e desfoco da estrada por alguns momentos.

— Quem é Daniel?

— O protagonista do meu livro favorito. Ele costuma matar aulas e se esconde em um armário de vassouras. Um dia, uma garota aparece e eles acabam ficando juntos, sem conhecerem seus nomes ou verem os rostos um do outro. Ele a chamava de Cinderela. Um ano depois, a melhor amiga da namorada do seu amigo retorna à cidade, e o amigo diz para ele ficar longe dela.

Samson assente, como se tivesse entendido onde quero chegar.

— Okay, vou dar um palpite despretensioso: ele tomou isso como um desafio e ficou com a garota.

— Sim, e adivinha? Ela era a garota do armário de vassouras. — Desvio os olhos para ele de novo, que agora parece chocado e um

pouquinho irritado.

— Ah, não. Você tá ligada que me deu spoiler, não é?

Solto uma gargalhada.

— Como se você fosse ler o livro.

— Eu ia ler sim, amo ler. — Nolan mente e em seguida se corrige. — Okay, eu não leio, mas esse aí pareceu interessante, boneca. Lembra um pouco a nossa história.

— Não nos pegamos dentro de um armário de vassouras. — O lembro.

— Mas passamos meses sem saber nossos nomes, fiquei esse tempo todo te chamando de boneca e testando um milhão de combinações no Google para ver qual combinava com a memória que eu tinha do seu rosto.

— Não vai mesmo me dizer o motivo do apelido?

Samson apenas balança a cabeça ao negar.

— Você conhece os meus termos — pontua.

— E você conhece os meus — digo por fim.

A próxima música a tocar é Enchanted, da Taylor. Começo a batucar os dedos no volante no mesmo ritmo. Samson está com os olhos em mim, principalmente quando não consigo me segurar e me viro em sua direção, cantando o refrão da música baixinho. Ele sorri meio sem graça, e responde sem cantar:

— Estou encantado em te conhecer também, boneca.

Entro com o carro na garagem menos de dez minutos depois. Nolan vem ao meu encalço para chamar um Uber. Já passa das dez da noite quando digo a ele que vou tomar um banho enquanto o surfista espera pelo carro sentado no sofá. Daisy foi raptada pela minha mãe novamente ontem à tarde, então ele terá de ficar sozinho.

Subo até meu quarto e arrumo minhas coisas antes de entrar no banheiro. Fico um tempo debaixo d'água apenas para tirar todo o sal do corpo e só então sigo minha rotina diária. Quando saio, estou pronta para dormir, mas em vez disso, volto para a sala e encontro Samson apagado no sofá. Pego seu celular e passo em frente ao seu rosto, desbloqueando-o. Dou uma olhada no aplicativo e percebo que ele não conseguiu mexer no mapa e informou a localização errada. Solto uma risada baixa e cancelo a corrida. Deixo o aparelho na mesinha de apoio ao lado e faço o que posso para acomodar o corpo do garoto à minha frente da forma mais confortável possível. Não quero acordá-lo, já que parece esgotado. Talvez o treino tenha sido pesado hoje, lembro de como o Bram ficava exausto, a ponto de nós dois mal conseguirmos nos ver. Bem, talvez ele usasse algumas daquelas vezes para me trair, mas afasto esse pensamento imediatamente. Não posso ficar pensando no Brandon.

Pego a manta sobre a poltrona, próxima à pequena estante que

mantenho perto da escada, e a estendo sobre o corpo inconsciente de Samson. Sem perceber, estou agachada no chão, e meus dedos acariciam o cabelo dele. Sua respiração fica um pouco mais pesada quando toco os fios quase dourados. São macios, apesar de estarem cheios de água salgada. Seu pomo de adão sobe e desce ritmicamente. Meus olhos se encontram com os dele, que permanecem fechados. Ele está com a guarda baixa, relaxado, como sempre parece estar.

Nolan é tão bonito.

Uma pequena faísca me atinge. Desejo acordá-lo e jogar para o alto qualquer resquício de sanidade existente. Assumir que ele mexe com meus sentidos e pensamentos mais do que eu gostaria. Contudo, quando me afasto dele e me sento no chão, percebo que, por mais que Grayson seja um cara incrível e exista faísca, o meu coração ainda não está pronto para se livrar completamente das amarras e feridas que Brandon me ocasionou. Uma lágrima escorre por minha bochecha.

Já se passaram dois anos, e essa sensação que queima em meu peito persiste. Me sinto tão quebrada. Esgotada. Como se nunca mais fosse capaz de me sentir *inteira* novamente.

Com lágrimas nos olhos, me levanto e enxugo meu rosto com a manga do pijama. Nolan está caído no sofá, exausto após um dia na praia, sem nem mesmo tomar um banho. Deveria acordá-lo e oferecer uma toalha, mas não consigo.

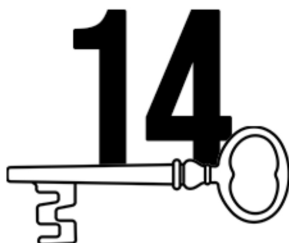
Em vez disso, decido buscar refúgio em algo que costumava me confortar, algo que Bram tirou de mim. Procuro na estante o romance com o qual conversei com Samson no carro: *Em Busca de Cinderela*. Não consigo terminar uma obra desde que tudo aconteceu, o que é frustrante, já que costumava ser uma leitora ávida. Meus dedos percorrem os títulos dos exemplares, mas, estranhamente, não encontro o que procuro.

No entanto, meu indicador para em outro livro, de lombada branca com letras coloridas e chamativas: *Heart Bones*. Lembro-me de ter lido apenas o primeiro capítulo. Pego o volume, abro na página marcada e me jogo na poltrona. Apago todas as luzes e deixo apenas um abajur aceso perto de mim. O título parece saltar em minha direção, assim como o nome do par romântico da protagonista:

Samson!

Talvez seja por isso que não consigo chamá-lo de outra forma desde que me contou como é conhecido no mundo do surfe. Começo a seguir com a história e quando olho pela janela os primeiros raios solares do dia invadem a sala. O livro está quase no fim, assim como a ressaca literária que se apossou de mim desde que tudo aconteceu.

Nolan conseguiu outra vez, ele derrubou mais uma de minhas barreiras.



Então, não esquite essa cabecinha linda
As pessoas jogam pedras em coisas que brilham
E a vida faz o amor parecer difícil
Os riscos são grandes, a água é agitada
Ours | Taylor Swift

Gabe Montgomery

Nunca imaginei que fosse gostar de ler na bancada da cozinha, mas parece que sentar nos bancos altos e apoiar os cotovelos no granito enquanto o café passa na máquina é incrivelmente relaxante.

Talvez se torne um hábito.

Leio o epílogo, onde Beyah está com Samson na praia após alguns anos, quando escuto um grito agudo vindo da minha sala. Automaticamente, largo o exemplar sobre a bancada e corro até lá para ver o que aconteceu.

A sra. Louise, a moça que limpa minha casa a cada duas semanas, se mostra horrorizada ao portar seu guarda-chuvas como se fosse um rifle, enquanto Samson, o *meu Samson*, não o personagem do livro, está sentado no sofá sem camisa e com a manta o cobrindo da cintura para baixo. Desse jeito até parece que não tem mais nada por baixo do tecido. Os olhos dele parecem sonolentos, porém as mãos seguem erguidas para o alto em alerta.

— Que isso, gente? — Os dois me fitam com atenção.

— Eu dormi no sofá — Nolan conta o óbvio e depois acrescenta: — Devo ter tirado a camisa durante o sono.

Oh, então ele realmente não tem mais nada por baixo da manta. Isso explica o porquê acordou sem blusa quando dormimos na praia.

— Hm, okay. Sra. Louise, esse é o meu amigo Nolan.

A mulher de meia-idade, ainda com o guarda-chuva erguido, direciona seus olhos castanhos para mim um pouco confusa.

— Amigo? — As sobranceiras grisalhas dela se enrugam de leve. — Seus amigos dormem sem roupa no sofá?

— Hm, não, bem... ele... — começa a falar, porém a mulher

grita novamente:

— Não se levante!

Nolan para na metade do caminho e com cuidado tira a manta de seu colo, revelando que ainda usa a bermuda de ontem.

— Eu só tirei a camisa, estou vestido!

Enquanto soltamos o ar que estávamos segurando nos pulmões, as mãos dele permanecem erguidas. Uma risada escapa diante da cena que acabou de se desenrolar. A faxineira me fita, como se eu fosse uma completa maluca, e se apressa em sair. No entanto, ao passar por mim, ela para por um instante e lança um último olhar para o cara que procura freneticamente sua camisa.

— Esses jovens de hoje em dia... Amigos? Vê se pode, a coisa trocou de nome — resmunga, e quase sai correndo dali.

— Me desculpa — é o que ele diz, ainda procurando sua camiseta.

Avisto a blusa caída atrás do sofá e a lanço em sua direção. Samson a veste às pressas, o rosto levemente ruborizado pela vergonha. Me viro para retornar à cozinha e ouço seus passos vindo logo atrás de mim.

— Por que não me acordou ontem? — quer saber.

— Você apagou no sofá, parecia cansado. Além do mais, colocou o endereço errado no aplicativo, ia demorar pelo menos mais trinta minutos até que outro carro viesse.

Samson fecha os olhos e uma expressão de irritação surge em seu rosto bronzeado. Ele precisa aprender a mexer no celular.

— Que horas são?

Checo meu aparelho sobre a bancada.

— Seis da manhã.

— Preciso estar no treino às sete.

— Eu te levo quando estiver indo para a academia. — Desligo a cafeteira. — Se quiser tomar um banho, vou preparar um café enquanto isso.

Samson assente e me segue até o andar superior. Ao entrar no quarto, percebo o surfista atrás de mim e me dou conta de que deveria ter mostrado o banheiro primeiro. Rapidamente, abro a porta do closet e puxo o banquinho, subindo sobre ele. Na prateleira superior, guardo três caixas organizadoras. Escolho a maior delas e a seguro em minhas mãos com cuidado.

— Devo ter algo aqui que sirva em você.

Coloco a caixa no chão e a abro.

— O que é isso? — ele pergunta parado ao meu lado, a atenção todinha no conteúdo da caixa.

— Minha exbox.

— Sua o quê?

Dou uma risadinha nervosa.

— Exbox, uma caixa para ex-namorados — explico. — Guardei tudo que me lembrava o Bram aqui dentro, pra não ter que encarar essas lembranças pela casa e estragar meu dia com surpresas inconvenientes. Ele deixou algumas roupas para trás, ou simplesmente decidiu não se encontrar comigo para buscá-las de volta. De qualquer forma, algo deve servir em você.

Acho uma camisa toda florida. Bram não tinha um bom gosto para estampas e pelo que vi no dia do luau, o tempo não mudou isso. Estendo a blusa limpa para Nolan e começo a buscar por uma bermuda.

— Tudo bem pra você remexer nessas coisas?

— Não. — Dou de ombros. — Mas quanto menos coisas dentro dessa caixa, melhor para mim.

— E as outras duas lá em cima? Também são exbox?

— A pequenininha é do Mason. Tivemos algo, antes do Bram. Mesmo sem vê-lo desde que terminamos, ele conseguiu ser um peso no meu relacionamento e de Brandon.

— E a média?

Encaro a caixa. Não é uma exbox, mas também não é algo que Samson precise saber sobre o conteúdo. A caixa média representa meu maior tormento, guardando exames e parte dos meus demônios internos. No dia vinte e nove de todo mês, a abro e coloco algo lá dentro. Logo precisarei substituí-la por uma maior.

— Aquela está vazia.

Ele sorri de lado, e adquire um tom de deboche agora.

— Aguardando o próximo ex?

— Não. — Abro uma porta do armário e retiro uma toalha de banho dali. — Vem, vou te mostrar o banheiro.

Deixo Samson tomar banho, e desço para a cozinha. Arrumo a mesa do café e começo a preparar ovos mexidos com bacon, aproveitando o momento para afastar os sentimentos ruins que a caixa média me trouxe. O delicioso cheiro do bacon e café se espalha pelo ambiente. Com a comida organizada na bancada, volto para as últimas páginas do livro. Chego ao ponto final e uma onda de emoções me faz querer chorar. Lembro-me de quando comecei a ler essa obra e precisei interromper no primeiro capítulo. É o primeiro exemplar que consigo terminar em dois anos.

Nolan entra na cozinha vestindo a camisa florida de Bram. Não combina com ele, mas, na verdade, aquela peça não combina com ninguém. Torço o nariz diante da cena.

— Realçou seus olhos verdes — brinco.

— Jura? Acho que vou aderir esse estilo.

Ele faz uma pose engraçada e consegue me arrancar uma

risada.

— Por Deus, não faça isso.

— Gosto de ser mais básico. — Samson se senta no banco e aponta o livro com o indicador. — E esse livro aí?

Começo a me servir.

— Descobri por que seu apelido soou tão forte para mim. É o nome do meio do personagem principal. Shawn Samson Bennett. Comecei a ler há quase dois anos e nunca consegui finalizar. Terminei agora pouco.

— Você leu isso tudo nessa madrugada? — Ele parece surpreso quando eu confirmo. — Que louco. Gostei.

A sra. Louise entra na cozinha, arrastando um mop e alguns produtos de limpeza. Ela mal fita Samson quando a chamo.

— A senhora não vai tomar café?

— Ah, eu não... — A mulher olha de esguelha para o surfista que coloca uma fatia de bacon na boca. — Não quero atrapalhar.

— Para com isso, a senhora sempre toma o café comigo quando vem.

— Juro que vou continuar vestido. — Nolan tenta deixá-la mais à vontade. Gosto de como ele sempre age assim. — O que foi, boneca?

— O quê?

Puxo sra. Louise para se sentar em um banco ao meu lado. Me certifico de que ela tenha uma xícara cheia de café em mãos.

— Estava me olhando de um jeito estranho.

— Eu... não.

— Tem certeza? — pergunta, e se aproxima um pouco mais de mim.

Confirmo e tomo um gole de café, sobre o olhar atento da senhora ao meu lado. Ela analisa minha roupa por cima da xícara.

— Vai malhar? Você odeia aquele lugar.

— É, estou meio elétrica hoje. — Balanço os ombros um tanto confiante. — Quem sabe hoje não seja um bom dia?!

— Não é porque aquela mulher disse que você parece uma pessoa doente que precisa tentar ganhar uns quilinhos. Está linda assim, querida — ela sussurra, porém tenho certeza de que a outra pessoa na cozinha conseguiu ouvir cada palavra e vai fazer perguntas sobre quando estivermos sozinhos.

— Não é por ela, sra. Lou.

Encaro Samson, que enfia uma colherada de ovos mexidos na boca, fingindo que não ouviu a nossa curta conversa.



Estaciono o carro perto da praia onde será o treino de hoje, não muito distante da academia que raramente visito. Ele segura a maçaneta, mas não destrava a porta.

— Obrigado pela carona. — Sei que não é isso o que ele quer dizer.

— Pode perguntar se quiser — falo.

— Não quero perguntar nada. — Ele dá de ombros e puxa os cantos dos lábios para baixo, dando ênfase na afirmativa mentirosa. — Não quero me intrometer na sua vida.

— Sei que está se coçando para saber — insisto.

— Certo... de quem a sra. Louise falava?

Não gosto do assunto, mas entendo que fui eu quem deu liberdade para que perguntasse o que quisesse.

— Estava falando da mãe do Brandon. Ela meio que me odiava. Apesar do nosso término não ser recente, as coisas que ouvi dela ainda fazem eco em meus ouvidos. Uma vez me disse que eu parecia uma pessoa doente por ser magra demais. O que foi uma facada e tanta na minha autoestima.

— Ela falou isso na sua cara?

Balaço a cabeça em negativa.

— Não, ela era quase um anjo perto de mim. Depois que terminamos, descobri que ela vivia me xingando e dizia que eu era uma vagabunda interesseira.

— Mas, Gabe, você tá ligada que não precisa ir à academia por causa dos outros, certo? Está perfeita assim, boneca.

Dou um sorriso de lado, um pouco triste. Bram também costumava dizer que eu era muito magra, só que nunca soou pejorativo. Ao menos *eu* não enxergava assim. Talvez ele estivesse apenas reproduzindo o que a mãe fazia, mas de uma forma mais sutil, sempre disfarçada de um elogio.

— Quero ir, me faz bem. Só não gosto porque todo mundo fica me olhando, me sinto meio deslocada.

— Tudo bem, me ligue se algo te chatear lá, okay? — Samson abre a porta do carro, mas ainda não sai de dentro dele. — Eu te compro uma caixa de donuts e um bobba.

Bobba Tea.

Mesmo que eu saiba a resposta, inconscientemente meus olhos deslizam para a parte interna do seu antebraço.

Não tem nada ali.

— Ei, obrigada por ontem. Bom treino!

Ele sorri, um sorriso que lhe atinge os olhos. Gosto desse sorriso.

— Bom treino pra você também, boneca.

TRÊS ANOS DE NAMORO



Você me deixou fodida da cabeça, garoto
Nunca duvidei tanto de mim
Tipo, eu sou bonita, eu sou divertida, garoto?
Eu odeio que te dou poder sobre esse tipo de coisa
1 Step Forward, 3 Steps Back | Olivia Rodrigo

Gabe Montgomery

Nosso relacionamento começou e se estendeu através de mensagens de texto. Nós virávamos a madrugada falando sobre qualquer assunto que conseguíssemos arranjar. Desde o início, percebi que Bram tinha um temperamento forte, especialmente quando o assunto era aprontar. Em uma de nossas conversas, ele me explicou o motivo por trás de suas brincadeiras:

— Sabe por que vivo aprontando? É pra chamar atenção, Gabe, já que nunca tive isso em casa.

Foster era filho único e tinha tudo o que precisava, exceto *atenção*. E isso sempre foi o que ele mais desejou.

— Não precisa fazer essas coisas por atenção, Bram. Seus pais se importam com você.

— Não, eles não se importam. Quando parecem ligar, é por algo que beneficia o interesse deles.

Uma vez, no aniversário da minha melhor amiga, nossos pais nos deram uma viagem para o show da Taylor Swift. Nós duas fomos sozinhas para Nova York passar o fim de semana, nossa primeira viagem juntas. Bram ficou um pouco enciumado, mas fiz de tudo para tranquilizá-lo.

Na hora do show, desmaiei devido à aglomeração que atacou minha ansiedade, o que me impediu de comer adequadamente naquele dia. Um cara que minha amiga havia conhecido a cerca de uma hora, que sequer me recordo seu nome, me carregou para longe da multidão e precisamos ir embora antes do fim da apresentação. Após a confusão, percebi que havia perdido meu celular. Aquele dia foi suficiente para entender que sair não era o meu forte.

Avisei Brandon e minha família do ocorrido pelo aparelho da

Heather. Quando o vi novamente, ele me abraçou e eu comecei a chorar, um pouco envergonhada.

— Tem gente que não nasceu para sair de casa, amor.

Foi o que ele me disse.

Nosso estilo de vida era diferente, e isso se tornou um problema. Eu preferia ficar em casa, enquanto ele adorava sair. Cedi algumas vezes, na tentativa de agradá-lo, apesar de ser um tormento. Além disso, por mais que me esforçasse, nada parecia satisfazê-lo. *“Está magra demais, Gabe.” “Não acha que sua maquiagem está forte?” “Esse batom vermelho acabou com o seu rosto, amor.”*

Eu não via problema nenhum com o meu rosto. O batom vermelho me fez sentir poderosa, mas desisti de usá-lo depois que ele expressou desaprovação. Sempre evitava sair com os amigos dele para não ser criticada em público, já que era bem comum. Apesar disso, eu não me afastava, interpretava suas críticas como apenas “dias ruins”, embora se tornassem cada vez mais frequentes.

Certa vez, cedi aos seus chamados, e a experiência não foi nada divertida. Heather e seu namorado da época estavam conosco. De repente, alguns conhecidos surgiram e Brandon simplesmente se virou para mim e disse:

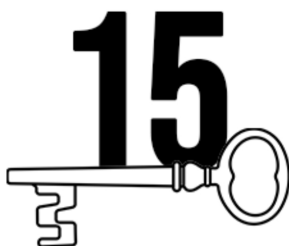
— Já volto, amor.

Não reclamei. Afinal, que mal haveria naquilo? O problema é que ele sumiu por quase uma hora, me largando com Heather. Quando voltou, agiu como se tivessem se passado apenas cinco minutos. Antes de irmos embora, resolvemos comer um hot-dog. Estava tudo certo, até que esbarrei no meu namorado acidentalmente e ele acabou derrubando seu refrigerante no chão. Bram explodiu e começou a reclamar, enquanto eu só conseguia ficar muda junto a Heather, seu acompanhante e o moço do carrinho de hot-dog que encarava a cena.

— Tudo bem, te dou outro refrigerante, por conta da casa — falou o vendedor, ao sentir pena de mim.

— Eu não quero porcaria de refrigerante nenhum, da próxima vez, tenha mais atenção Gabriela. — E saiu, me deixando sozinha e com todos ao redor fitando a cena.

Desde então, não bebo mais refrigerante, já que sempre me recordo daquele dia.



Porque todas as pequenas coisas que você faz
São o que me lembram por que me apaixonei por você
E quando estamos separados e eu sinto sua falta
Eu fecho meus olhos e tudo que vejo é você
E as pequenas coisas que você faz
Those Eyes | New West

Gabe Montgomery

Carlos me proibiu de ir trabalhar hoje. Mais cedo fui para a terapia e contei para a dra. Newt sobre Samson. Falei da relação que talvez vire uma boa amizade e do quão gentil e divertido ele costuma ser comigo.

Sempre após as sessões, por incentivo da dra. Newt, começo a anotar aquilo que refleti durante a consulta. Meu caderninho de reflexões é quase uma extensão de mim no mundo real. Nele eu consigo desabafar tudo o que não consegui dizer à minha psicóloga e, às vezes, faço até um checklist de assuntos que quero abordar na próxima consulta.

— Entregue, minha linda. A Gabe logo... — Dona Rebecca invade minha casa com Daisy a tiracolo, e se surpreende ao me ver no sofá. — O que aconteceu?

Em dois segundos, ela está ao meu lado, com uma das mãos em minha testa.

— Nada, o Carlos que... — Posso dizer a verdade e deixar que fique preocupada, ou inventar uma desculpa e não enlouquecer minha mãe por algo que já está sob controle. — Ele me transferiu para o híbrido. Estou em home office dois dias por semana.

— Pode ficar em casa na quinta e sexta da semana que vem, assim visitamos a sua tia em São Francisco. — Seus orbes brilham diante da notícia.

Ao menos desta vez ela decidiu me comunicar.

— Não, mãe. Vou estar em casa, mas tenho as minhas obrigações aqui.

Vejo toda a luz deixar seu rosto quase que imediatamente. A conversa com Violet me vem à mente. Minha mãe largou tudo em casa para ficar comigo em Los Angeles, e só o que tenho feito é mantê-la afastada. Tento verificar minha agenda para a próxima semana e sinto um pequeno arrepio quando encontro um espaço.

— O que acha de almoçarmos juntas na semana que vem?

A tristeza surge em seu semblante.

— Aqui? — questiona dramaticamente, e eu apenas confirmo, na tentativa de entender o que fiz de errado. — Você só faz coisas de mãe e filha comigo se estivermos na sua casa ou na minha. Nós nunca saímos.

— O que tem?

— Você tem vergonha de mim, Gabe. Jeremy tem vergonha de mim. Violet tem vergonha de mim. Eu tenho três filhos, e todos eles têm vergonha de mim. Devo ser a pior pessoa desse mundo.

— Ah, mãe, qual é. Eu trabalho, fico ocupada quase o dia todo — explico em vão, pois ela já sabe disso.

— Vocês têm vergonha de mim — repete.

Jogo meus braços ao redor dela e a puxo em minha direção. Um nó se forma em minha garganta ao perceber o quão estranho é o contato. Já nos abraçamos muito ao longo dos meus vinte e quatro anos, mas faz algum tempo desde a última vez. Foi quando contei sobre a traição de Bram.

— Nós também podemos sair para comer comida mexicana. Topa?

Ela me aperta firmemente contra seu corpo e resmunga a seguir:

— Odeio comida apimentada demais.

Sorrio de lado, sabendo que essa discussão vai ser um pouco longa.

— Que tal uma pizza?

— Estou de dieta.

— Você sempre está — sussurro, porém não tão baixo para que ela não escute. — Você é linda assim, mãe.

— Não te criei para contar mentiras, Gabriela. — *E ainda assim é tudo o que tenho te dito ultimamente.* — Eu te criei para ser uma mulher independente, e nós vamos almoçar sushi.

Não odeio sushi, mas também não gosto. Contudo, decido ceder na intenção de vê-la feliz.

— Sushi, então.

Nós nos largamos. De repente, ela é uma mulher um pouco mais feliz do que dois segundos atrás e um pouco mais triste do que na minha infância. Não tem sido fácil para dona Rebecca também.

— Você tem conversado com o seu ex-marido?

— Meu ex-marido que por acaso é o seu pai? — me alfineta, e eu reviro os olhos. — Nós não falamos do seu pai.

— Okay.

— Você tem conversado com o Brandon? — Os olhos agora estão mais atentos em mim do que a meio segundo.

— Nós não falamos do Brandon — rebato.

Minha mãe dá um sorrisinho de canto e duas batidinhas em meu joelho.

— Ainda vão voltar, Gabe, não tem como aquele amor todo ter desaparecido.

Talvez não tenha sequer existido, mas minha mãe não sabe disso, nunca conversei sobre tudo com ela, muito menos quando o assunto se trata do Brandon. Ela via o lado bom, porque era tudo o que eu deixava que visse.

— Não, nós não vamos. — Me levanto do sofá com um nó na garganta. — Preciso trabalhar.

Mentira, pois meu horário acabou uma hora atrás.

— Tudo bem, me avise quando será o almoço. — Ela se levanta também. — Ah, e não conte para a Violet, ela pode ficar com ciúmes.

Se não fosse o incômodo na garganta, eu diria a ela que Violet ficaria feliz por estarmos fazendo algo juntas, e não o oposto disso. Pego Daisy no colo e beijo seu focinho, já em direção aos degraus da escada.

— Tchau, mãe.

Ao fechar a porta do quarto, desabo na cama com lágrimas que jorram dos meus olhos. Odeio quando minha mãe diz que Bram e eu temos jeito, porque não temos. Como consertar anos de desconfiança, falta de afeto e diálogo como num passe de mágica? Contudo, sua insistência sempre faz com que eu imagine as coisas voltando aos trilhos.

Aquele maldito segundo onde Brandon me dizia que não estava bem e a traição foi só uma escapatória mais fácil. A porra do segundo em que eu acredito, ainda que inúmeras provas esfreguem o contrário na minha cara.

Já consigo sentir o ar chegar com dificuldade em meus pulmões. A pressão no peito, como se algo estivesse tentando me esmagar. O peso é muito grande para os meus ombros pequenos. As lágrimas são quentes demais para minha pele fria. Tenho vontade de abrir a caixa para me torturar, só que não é dia vinte e nove ainda.

Daisy tenta subir em mim, parecendo perceber que há algo errado. A abraço com força e deixo que esfregue o focinho em meu rosto encharcado. Ela é boa para mim e me ajuda. Faz com que eu me sinta amada e a pessoa mais importante do mundo para alguém.

Tento controlar a respiração aos poucos e limpo cuidadosamente as lágrimas que escorreram pela bochecha. Recebo uma lambida de Daisy, que parece, de alguma forma, tentar me reconfortar.

Alguns minutos se passam até que sinto meu telefone vibrar no bolso da calça.

— Ei, boneca, como foi na academia? — é a voz de Nolan que reverbera do outro lado.

— Foi legal. — Respiro fundo para tentar dissipar a voz embargada.

— Você tá chorando, Gabe?

Sim!

— Não — acabo falando um pouco mais alto que antes. — É que a Daisy está quase deitada em cima do meu rosto. — Tomo fôlego e despejo: — Quer assistir um filme?

A linha fica muda e meus olhos se fecham no exato momento que o convite sai da minha boca. A cachorrinha se acalma e deita a cabeça em meu pescoço.

Sei que não deveria trazê-lo para a bagunça que sou, mas Nolan me acalma de uma forma que nunca havia acontecido antes.

— Tipo ir ao cinema?

— Tipo vir assistir um filme na minha casa.

Sua voz está repleta de humor quando ele diz:

— Está me chamando para assistir Netflix, boneca?

— Qual seu filme favorito? — desconverso a pergunta que ele me fez.

A ideia de conhecê-lo um pouco mais me agrada.

— Top Gun.

Solta uma lufada de ar.

— Como é que você sempre diz a coisa certa?

Ouçoo sua risada do outro lado da chamada.

— É o seu filme favorito?

— Não — digo baixo.

— Mas você ama a música tema.

— Mas eu amo a música tema. — Eu me sento e seguro Daisy nos braços como se ela fosse um bebê. Ela fecha os olhos esbugalhados e aproveita a posição para tirar um cochilo. — Fala a verdade, qual seu filme favorito?

— Caçadores de emoção, mas o original de noventa e um, não o remake de dois mil e quinze.

— Me deixe adivinhar... — Faço uma pausa dramática. — Surfistas?

Outra risada salta pelo alto-falante.

— Surfistas assaltantes de banco.

— Parece divertido.

— É divertido, mas nós vamos assistir Top Gun.

Me animo um pouco mais de repente. Esfrego o dorso da mão livre nos olhos.

— Então você vem?

— Me dê trinta minutos, vou comprar donuts.



É como se Samson tivesse engolido um cronômetro, pois exatos trinta minutos depois, a campainha toca e ele me entrega uma caixa de donuts sem recheio, cobertos de açúcar.

— Os donuts são pelo choro mal disfarçado. — Ele segue para a sala enquanto eu tranco a porta. Daisy salta imediatamente nele. — Uau, vinho com donuts.

Me jogo no sofá e pego o balde de pipoca.

— E com pipoca — falo.

Nolan se senta ao meu lado, completamente à vontade.

— Ah, nós vamos mesmo assistir ao filme.

— Só pra eu chorar com a música do fim — respondo.

Só preciso apertar o play para dar início a sessão, já que havia deixado tudo pronto. Assim que o filme começa e o primeiro avião decola a toda velocidade, Samson se inclina ao meu lado e sussurra bem próximo do meu ouvido:

— É essa a música?

Ignoro o arrepio que surge em minha nuca.

— Não, essa é Danger Zone. A *minha* música é Top Gun Anthem.

— A *sua* música, okay.

— Sh, não fala durante o filme.

— Oh, céus, você é uma daquelas pessoas. — Ele se afunda um pouco no sofá e escorrega até que a cabeça esteja em meu ombro.

O gesto parece bem arquitetado, mas eu não menciono nada, muito menos peço que se afaste. Gosto da sua proximidade.

— Eu vou sussurrar para não te incomodar — sussurra. — Por que estava chorando?

— Preste atenção no filme, Samson.

Ele ergue as mãos em sinal de rendição e se inclina até a mesa de centro, onde estão as comidas e bebida. Leva a taça de vinhos aos lábios e toma um gole generoso.

De repente, um braço bronzeado e com músculos não muito

avantajados sobe pelo encosto do sofá, bem atrás de mim. O braço contorna meus ombros e, com muita delicadeza, me sinto ser puxada para o lado.

— O que está fazendo? — sussurro.

— Puxando a minha amiga para deitar no meu ombro.

— Amigos fazem isso?

Não, eles não fazem.

— Ah, sim, o tempo todo — é a resposta dele. — Se sente desconfortável assim?

Samson guia meu corpo até que eu esteja um pouco deitada sobre ele e um pouco sobre o sofá.

— Não — respondo. Não me sinto nem um pouco desconfortável, na verdade.

Daisy caminha desajeitadamente, pisando em mim e em Nolan, até se encaixar no pequeno vão que existe entre nós.

— Ela tá ligada no quanto pesa? — O surfista solta uma risada. — Quantos quilos Daisy tem?

— Uns onze ou doze.

— Meu Deus, como ela não te esmaga quando sobe em você?

— Qual é, minha filha é mais leve que a prancha de SUP. — Dou de ombros, e volto a fixar os olhos na tela.

— É, você tem um ponto.

O silêncio preenche o ambiente e o filme passa na televisão. O sono começa a me atingir aos poucos, à medida que Nolan acaricia meu cabelo. Daisy já está roncando há um tempo.

— Bom dia, boneca — a voz sonolenta dele ecoa até meus ouvidos.

— Bom dia.

Quero muito me levantar e ir passar um café, mas a forma com que estamos deitados é tão boa que não tenho vontade de sair daqui nunca. É como se os problemas não existissem.

— Preciso parar de dormir no seu sofá. — Samson tenta se esticar, mas Daisy e eu o atrapalhamos. — Você fez café?

Balanço o rosto em negativa. De alguma forma, ele ainda conseguiu tirar a camisa no meio da noite.

— Acabei de acordar.

— É que está com um cheiro forte de café.

Ele tem razão.

Apoio um dos braços sobre o peito de Samson e levanto metade do corpo.

— Ah, Deus, não. Ela está aqui.

— Quem? — Nolan ergue as sobrancelhas quase douradas.

— A minha mãe.

As cortinas fechadas, a televisão desligada; ela nos viu

dormindo juntos.

Penso em todos os cenários possíveis nos três segundos que levo para pular do sofá e vislumbrar o caminho que leva até a minha cozinha. Deslizo meus olhos para Samson e, em seguida, arrasto as íris pelo seu peitoral. Dona Rebecca me viu dormindo no meu sofá com um homem seminu.

É claro que ela não vai deixar essa passar.

— Eu posso ir embora — sugere Nolan.

Balanço o rosto com uma expressão agradecida. Mas é tarde demais, pois Rebecca Stolte surge pelo portal da cozinha com um pano de prato nas mãos.

— Vim tomar café com você — a mulher fala, e leva a xícara até a boca.

Samson me encara sem saber como agir, e eu cravo os olhos na minha mãe, odiando ter contado a ela onde guardo a chave de emergência. Lógico que tomar café da manhã num sábado seria considerado uma emergência.

— Hm...bom dia. — Pela primeira vez, vejo Samson sem saber como agir. — Eu já vou.

Ele agarra sua camisa jogada no chão e a veste. Minha mãe o analisa a todo instante com um misto de curiosidade, desconfiança e algo mais que não sou capaz de identificar.

— Gabe, chama seu amigo pra tomar café com a gente — convida.

Lanço um olhar furioso em sua direção, tentando decifrar o que se passa na cabeça dela. O sorrisinho em seu rosto me diz que isso não é algo bom.

— Samson — começo, mas percebendo o temor presente em minha voz, ele se apressa em me interromper.

— Obrigado, mas tenho treino daqui a pouco.

— Ah, que pena. — O fingimento é evidente na voz dela.

Nolan se aproxima de mim, ainda um pouco em dúvida. Minha mãe o deixou desconfortável, é perceptível que sua postura relaxada não está mais presente. Me sinto mal por presenciar isso, este cara quieto e inseguro não é quem Samson é de verdade.

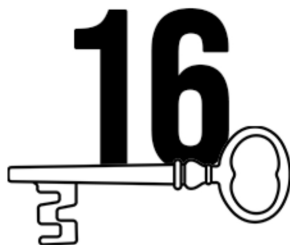
Ele olha de relance para minha mãe, ainda parada perto do batente, e volta a atenção para mim. É um olhar que pergunta o que está acontecendo, mas eu apenas dou de ombros sem ter ideia do que responder. O surfista se inclina e gentilmente deposita um beijo no alto da minha testa.

Eu paraliso, meu peito balança e metade dos meus pelos se eriçam.

O surfista se afasta com um adeus educado e baixo enquanto Rebecca e eu o encaramos em silêncio.

Quando o som da porta se fechando ecoa pelo ambiente, ouço os passos da mulher que me deu à luz vindo em minha direção, contudo, as únicas palavras que consigo fazer saírem dos meus lábios são:

— Ele beijou a minha testa?



Eu tenho seguido os movimentos
Aprendendo a fingir
Que tudo está perfeito
E eu tenho afundado em um oceano
Me afogando mas em silêncio
No entanto, todos pensam que estou flutuando
Changes | Hayd

Gabe Montgomery

Um dia antes do vinte e nove de março, eu caí em uma crise de choro quando lembrei dos bons momentos entre mim e Bram, só para me martirizar um pouquinho mais. Costumava fazer isso com bastante frequência.

A questão é que, ao mentalizar nossos melhores momentos, percebi que vivia esperando pelo dia em que supriria minhas expectativas, como por exemplo, me dar um beijo na testa ao se despedir. Com o passar do tempo, passei a listar todos os detalhes que gostaria de encontrar em alguém. Perceber que Bram não se encaixava em dez por cento daquelas coisas doeu. Eu não deveria ter esperado tanto por algo que jamais aconteceria. Se ele realmente me amasse, teria demonstrado em pequenos gestos desde o princípio.

Foi aí que tornei a lista como um pré-requisito para garantir que nenhum outro Brandon Foster voltasse a cruzar meu caminho. Não deixaria a paixão me cegar novamente. Estava cansada de aceitar o mínimo. Ou teria tudo, ou ficaria sozinha.

Não faço ideia de onde aquela lista foi parar, talvez jogada em alguma agenda velha.

Acordo do meu breve transe e percebo que me encontro sozinha na sala. Sei onde minha mãe está e que ela espera uma explicação minha. Quando adentro a cozinha, a encontro lavando a louça com certa brutalidade.

— Alguma explicação sobre isso? — questiona.

— Explicação? O que quer dizer, mãe? — Respiro fundo e a

olho de canto.

— O que quero dizer? — A mulher solta uma risada nasalada. — Eu chego na sua casa e você está dormindo com um cara sem roupa no sofá. — Ele não estava sem roupa, mas ela sempre prefere pecar pelo excesso. — Gabe, precisa manter as aparências por um tempo ou vai ficar falada.

— Primeiro, Samson é meu amigo. Segundo, Bram pegou metade da cidade, e a namorada atual dele tá grávida. Não vejo ninguém o criticando, pelo contrário. E, sinceramente, acho que ele está mesmo certo por não deixar que nada interfira nas suas escolhas. Mas eu preciso parar *as minhas* pra não ficar falada?

— É diferente, Gabe, as pessoas julgam....

— É diferente para mim porque a mulher sempre é vista como a vagabunda da história. Não vou levar em conta a opinião de pessoas que acobertam alguém por fazer algo e me criticam por fazer a mesma coisa. Já se passaram dois anos e, spoiler, não estou fazendo a mesma coisa porque tenho os meus objetivos e eles não incluem uma terceira pessoa.

— Só não quero que fique daquela forma outra vez. Doe em mim também, filha, ter ver naquela situação e não conseguir resolver.

— Não vai acontecer outra vez, eu não vou deixar. E você deveria ter vergonha de tratar o Nolan bem quando ele está por perto e julgar pelas costas.

— Não o julguei, só... não sei o que pensar disso tudo.

Um momento de silêncio preenche o ambiente.

— Você gosta dele? — Ela fecha a torneira da pia e finalmente se vira para mim.

A sua expressão se suaviza um pouco. Seus olhos repousam sobre mim, revelando apenas preocupação.

— Nolan é meu amigo.

— Então gosta dele. Ele é um garoto, Gabe! Você é uma mulher adulta, está com a vida feita, ele não deve ter maturidade suficiente para... — Seu tom preocupado me desarma um pouco.

Solto um suspiro pesado e digo com mais calma:

— Como sabe se ele tem maturidade ou não? Nem o conhece! E a senhora não tem que ficar julgando se eu tenho ou não algum interesse amoroso nele.

— Tudo bem, a errada sempre sou eu. — Rolo os olhos por conta da frase condescendente que tenho ouvido com bastante frequência. — Estou errada por me preocupar, por querer cuidar de vocês, por querer ajudar. Vivo errada pelo visto.

Levo alguns segundos para assimilar todo o drama exagerado e vou colocar razão para Daisy antes de voltar até a cozinha. No meio do percurso envio uma mensagem rápida para Samson:

“Me desculpe, eu não sabia que ela ia vir até aqui.”

Paro do outro lado da bancada, estamos cara a cara. Ela mastiga um pedaço de baguete com uma expressão de tédio para disfarçar o que quer que realmente esteja sentindo.

— Me desculpa pela falta de paciência — digo. — Mas você precisa entender que eu não sou a mesma garota destrutiva de dois anos atrás, posso lidar com os meus problemas.

Ela larga a baguete sobre o balcão e me lança um olhar preocupado. Seu tom é tranquilo, porém a voz não deixa a firmeza de lado.

— Como estava lidando no dia que desabou nos meus braços, desesperada porque o *Brandon* precisava de ajuda? Pedi socorro para ele, não pra você! E quando desabou novamente, um tempo depois, porque ele te traiu? E como estava lidando quando decidiu, de um dia para o outro, que queria um cachorro pra te fazer companhia e pegou a primeira que passou na frente? Me responda, você está lidando agora quando enfiou na sua cabeça que não vai se casar ou ter filhos? Isso não é lidar com as coisas, Gabe, isso é carência e só mostra que não superou.

Meu peito se aperta. Preciso me lembrar de que ela não sabe da história toda. Que omiti essa parte porque nunca conseguiria ver dona Rebecca realmente desapontada comigo. Ela deu duro para me criar, para que eu estudasse e cursasse o ensino superior, mesmo que eu tenha me formado apenas para satisfazê-la. Se não fosse pelo desejo de ver um sorriso de missão cumprida em seus lábios no dia em que joguei aquele maldito capelo para o alto, nunca teria ido até o final. Engulo em seco ao sentir as lágrimas quentes se acumularem em meus olhos.

— Pare de dizer isso, você não entende...

— Quero entender, meu amor, mas fica difícil quando você não me conta quase nada sobre o assunto, apenas fragmentos da história. Você parecia tão feliz antes, e então, de um dia para o outro, Brandon se tornou o vilão da história.

— Mãe...

— Não venha dizer que é adulta e que sabe se cuidar, você saiu de mim. E nunca vou ver minha filha se afundar e ficar de braços cruzados. Se eu precisar interferir para que você não se destrua novamente, para que não fique como da última vez, eu vou. Você e seus irmãos são tudo o que tenho.

Eu já sabia disso, mas acabei de ter ainda mais certeza de que amo minha mãe. Ela pode me irritar, brigar comigo e querer dar pitaco na minha vida, mas ela me ama e faria tudo, até mesmo o que estiver fora de seu alcance, para que eu fique bem.

E eu faria o mesmo por ela!

É assim que que sei que não é justo. Não é justo que fique no escuro sobre a história, quando sempre deixou claro estar lá por mim. E não é justo comigo ter que sentir tudo aquilo e ainda me preocupar em manter as aparências como se não doesse mais.

Subo as escadas em direção ao meu closet. Pego o banquinho e estendo o braço na direção da última prateleira do armário.

Na direção da caixa média.

Na direção da minha maior amarra.

Na direção do meu maior tormento.

Ela se mudou pra cidade por mim, para me ajudar, então tem o direito de saber qual foi o maior motivo de tudo.

A caixa média está nas minhas mãos quando adentro a cozinha novamente. A xícara de café repousa no balcão no segundo em que estendo a caixa em sua direção.

Meu coração bate forte no peito, o receio de sua reação e possível rejeição quando entender o que o conteúdo da caixa significa gritam em minha mente.

Não estou disposta a lidar com isso, mas vou precisar aceitar o que ela quiser me oferecer como reação.

Seus olhos se erguem na direção dos meus. A curiosidade estampada ali mais do que qualquer coisa.

— Isso é um presente?

Balanço o rosto ao negar.

— Essa é a verdade.

— Que verdade?

— A minha — digo tentando soar firme. Rebecca Stolte ergue ambas as mãos e toca a caixa, mas não largo o objeto ainda. — Mamãe... — Minha voz vacila e soa baixinha, por medo. — Só... por favor, não me odeie.

Ela sorri de canto, docemente, sem ter ideia do que realmente está por vir.

— Odiar você? Filha, por favor, isso é impossível de acontecer.

Meus dedos cedem, e assim ela tem a caixa em sua posse. A vejo tocar a tampa, erguê-la e, finalmente, seus olhos encontram o conteúdo que escondi por tanto tempo com cuidado. Vejo a confusão inicial. Noto o entendimento ir lhe atingindo aos poucos. Observo o lábio inferior tremer, e então a primeira lágrima escorre por sua bochecha. Eu desabo em silêncio.

Quando seu olhar encontra o meu novamente, começo a contar tudo a ela, nos mínimos detalhes. A cada palavra dita, é um peso a menos que sinto sobre mim. É como se a parede torturante que me sufocou por tanto tempo fosse aos poucos cedendo e me libertando. Ela precisava saber.



Não sei ao certo em que momento nós duas acabamos no chão da cozinha, escoradas em um dos meus armários. Talvez tenha sido quando Rebecca Stolte me abraçou aos prantos e eu não me aguentei sobre meus pés, desabando em seu colo. Ou quem sabe tenha sido no instante em que Daisy percebeu as lágrimas e, como sempre, pulou em mim para dar amor e tentar fazer a dor passar.

Agora minha cachorrinha está em meu colo, com a cabeça apoiada na curva do meu ombro. Minha mãe ainda chora baixinho, coisa que nunca a vi fazer. A mulher sempre se demonstrou uma muralha impenetrável na presença dos filhos. Vê-la de guarda baixa me preocupa.

Acho que o conteúdo da caixa a quebrou, como aconteceu comigo quando a ficha caiu e precisei guardar tudo aquilo em seu interior.

— Me desculpa. Por favor, não me odeie — repito exatamente o que falei mais cedo.

— Pare com isso, quem precisa se desculpar sou eu. Você ficou tão fechada de repente. Não fazia ideia, filha, se eu tivesse o mínimo de noção que as circunstâncias eram essas...

— Tudo bem, tomei muito cuidado para deixar essa parte do meu relacionamento escondida, você não tinha como saber.

— Por que não me contou? Por que não me ligou, Gabe? Eu teria te levado até lá.

— Tive vergonha, não queria que me olhasse dessa forma. Mas sim que sentisse orgulho por ter uma filha forte, e não pena. E a senhora tem o péssimo hábito de julgar ou dizer que avisou. E provavelmente pediria que eu mantivesse tudo em segredo, apenas para que as pessoas não pensassem mal de mim.

— É isso o que acha de mim?

— Mas a senhora teria pedido — digo e ela se cala, pois sabe que teria mesmo feito isso. — O que me torna uma pessoa hipócrita, eu acho, já que foi esse o motivo que não te contei, também não queria que pensasse mal de mim.

— E Brandon? Ele...

— Não faz mais diferença.

— Gabe...

— Mãe, quero que ele viva a vida dele longe de mim. Eu só preciso lidar melhor com a memória e as cicatrizes. Vai sarar um dia.

Ela solta uma risada nasalada e, então, apoia a cabeça na

minha enquanto Daisy respira profundamente e deixa claro ter pego no sono.

— E eu estarei aqui, pronta para apenas ouvir se for isso o que precisar. Vou trabalhar isso, prometo.

— Então a senhora me perdoa?

— Não tenho o que te perdoar, eu quem preciso pedir perdão por ter sido tão insensível.

— Me perdoar por ter escondido isso por dois anos — explico.

— Não se preocupe quanto a isso, filha, só quero que entenda que estou aqui agora e que sempre vou estar. Pode contar comigo, me ligar quando precisar, não me deixe no escuro novamente. Violet sabe?

— Não, ninguém sabe, você é a primeira pessoa além dele e de quem estava lá aquele dia.

— Jesus, vocês sempre contam tudo uma para a outra.

Fechos os olhos, prestes a voltar a chorar.

— Eu sei, me sinto péssima, mas contar a destruiria. Não posso fazer isso.

— Tudo bem, eu guardo esse segredo. E quanto ao garoto...

— A senhora pode tentar não ser inconveniente com ele?

— Não fui inconveniente — diz, como se fosse um ultraje.

— Rebecca...

— Okay, posso ter exagerado um *pouquinho*. Estou disposta a conhecê-lo e só então tirar conclusões sobre isso.

— Então aceitaria se Samson e eu...

— Eu jamais admitiria se aceitasse. — Ela faz uma careta engraçada e um sorriso brota no canto dos meus lábios.

Acabo soltando uma gargalhada baixa.

— Jamais mesmo — retruco.

Deito minha cabeça em seu ombro bem a tempo de receber um beijo na testa, como Samson fez mais cedo.

— Nós somos um time, Gabe.

Solto um suspiro pesado.

Um time!

Sorrio para minha mãe.

— Nós somos um time, sempre seremos. — Minha voz é baixa, porém é leve e calma.

Somos interrompidas pelo som estridente do celular dela.

— Uh! — Ela pega o aparelho muito animada, não antes de secar o rosto com as costas das mãos e só então aceitar a chamada. — Violet!

Seus dedos deslizam pela tela do aparelho ao mesmo tempo que confiro o meu, esperando que Samson tenha respondido ao meu pedido de desculpas. *Ele não respondeu!*

— Qual é o problema? Vocês estão com cara de enterro — minha irmã diz. — Por acaso Gabe quebrou algum salto da sua preciosa coleção?

Enquanto reviro os olhos ao comentário sarcástico de Violet, envio outra mensagem para ele.

“Se não responder vou te enviar uma caixa de donuts como pedido de desculpas!”

— Gabe está namorando um garoto — minha mãe se apressa em dizer.

— Ah é? — A voz de Violet salta da caixa de som do aparelho.

— Samson não é meu namorado — rebato.

Enfio a cara em frente a tela apenas para que ela me veja revirando os olhos.

— Samson? O cliente que estava conversando em São Francisco?

— São Francisco? — nossa mãe grita em sinal de surpresa. — Isso faz semanas. Sabia disso e não me contou, Violet?

— Espera, Gabe arrumou um namorado e a mamãe é contra? Justo a senhora que vive reclamando que não quer nós duas o resto da vida sozinhas, solteiras e sem filhos?

Comemoro a percepção da minha irmã internamente, então acrescento para o assombro de nossa mãe:

— Ela reclamou disso não tem nem cinco minutos.

Dona Rebecca Stolte me lança um olhar envergonhado, pois sabe que a peguei se contradizendo e ela odeia quando expomos isso.

— Mas não significa que precisem escolher o primeiro que passar na frente de vocês.

— Samson não é qualquer um, ele é legal— retruco ao dar ênfase na última parte.

— Pensei que não fosse seu namorado— Violet fala.

Me levanto do chão e largo as duas para trás sem uma resposta, os olhos focados no smartphone em minhas mãos. De novo, ele não responde. Caminho até a sala e me sento no sofá, no mesmo segundo em que Daisy acorda de seu cochilo e se espreguiça. Ela salta do meu colo e corre em busca da minha mãe.

— Traidora — resmungo, a fuzilando.

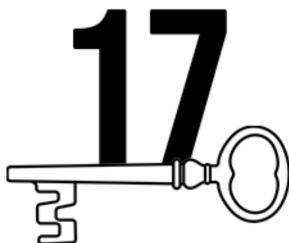
Confiro o chat e pondero se seria chatice demais enviar outra mensagem. É quando ergo as pernas para apoiá-las na mesa de centro que meu pé toca algo gelado. Inclino um pouco o rosto e vejo a capinha transparente e sem graça do celular de Samson. O papel em seu interior grita diante dos meus olhos. Quero muito saber qual é o conteúdo, mas ultrapassar uma linha na intimidade dele e não estou disposta a isso.

De repente me sinto uma idiota por ficar ansiosa por uma resposta que nunca viria e imaginando que ele estivesse chateado pelo que aconteceu.

Em dez minutos estou com uma roupa confortável e tênis.

— Mãe, eu vou sair. Acho que volto para o almoço, tudo bem?

Como ela não responde, apenas sigo para a garagem e entro no carro em direção à praia onde Nolan disse que costumava treinar. É um lugar mais afastado, mas não é tão longe assim. No meio do trajeto passo em uma padaria e compro uma caixa de donuts com sabores variados, já que não sei qual é o favorito dele. Faço uma anotação mental para descobrir essa informação mais tarde.



Poupe seu fôlego
E você acha que eu sou louca, sim, você acha que eu sou louca
Bem, isso não é justo
The Monster | Rihanna

Gabe Montgomery

A conversa com dona Rebeca me passou uma sensação de leveza, com o gostinho de uma liberdade bem-vinda. Faz tempo desde que me senti assim pela última vez. Estou um pouco mais em paz após me abrir com minha mãe.

Ao chegar à Malibu Beach e estacionar meu carro próximo ao píer, percebo uma pequena aglomeração na areia. Algumas tendas com preparadores físicos estão montadas, juntamente com os logos dos patrocinadores espalhados por todos lados. Algumas pessoas curiosas encontram-se na areia, tirando fotos. Decido deixar os donuts no carro, para evitar que caiam na areia ou algo do tipo. Saio do estacionamento e contorno uma casa para alcançar a areia.

Minha primeira ação é procurar por Samson, e quando não o encontro na areia, sei que está surfando. Me aproximo um pouco, na tentativa de avistá-lo na água. Não leva muito tempo até que os cabelos molhados e dourados de Nolan reluzem contra o Sol.

Samson executa um Cut Back após realizar um Floater na onda anterior. Ao longo dos últimos anos, acho que aprendi um pouquinho sobre o esporte. Nunca o tinha visto surfar, mas agora, com uma visão clara e atenta, vejo o motivo por ele amar tanto o que faz. Nolan é incrível sobre a prancha, como se fosse uma extensão natural de seu corpo no oceano. Apesar da postura relaxada, seu olhar concentrado revela uma mente atenta a cada movimento, mostrando preocupação e cuidado. A calma e satisfação que ele exala são tão palpáveis que não consigo evitar um sorriso.

— O garoto é bom, tem futuro no surfe. — Sinto meu interior congelar aos poucos.

Aquela voz!

Aquela voz que um dia me falou coisas bonitas e profundas, mas que agora só consigo lembrar das palavras afiadas e torturantes que estão enraizadas dentro de mim. Já faz tanto tempo que não a escuto. Não preciso desviar meu olhar de Samson para saber quem está parado ao meu lado, tentando iniciar uma conversa comum após tantos diálogos que foram responsáveis por boa parte das minhas lágrimas. Palavras e ações que deram origem a muitos dos meus demônios.

— Ele é — é tudo que digo após engolir em seco.

Um momento de silêncio recai sobre nós dois. Minha pulsação está acelerada, consigo sentir isso. Meu peito queima e a respiração ameaça falhar a qualquer momento. É o que acontece toda vez que Brandon se aproxima: eu tenho um surto e ele coloca toda a culpa sobre os meus ombros.

— Como foi que vocês se conheceram? — questiona.

A forma casual que ele usa para fazer a pergunta é tão cínica que aumenta a pressão em meu peito.

Eu quero gritar!

— Como sabe que nós nos conhecemos? — indago.

Será que nos viu na festa? Não, a atenção de Bram estava completamente voltada para Julie e sua barriga de mais de cinco meses.

Ele balança os ombros. A camisa estampada sobre o wetsuit azul marinho não combina nem um pouco. Houve uma época em que achava aquele gosto divertido; hoje, só me provoca náuseas.

— Ele apareceu com uma das minhas camisetas no treino. Mas eu não tive certeza até te ver saindo do mesmo carro que ele saiu ontem.

Os dois minutos seguintes são de completo silêncio e constrangimento para ambas as partes. Eu diria que ele se afastou, porém o frio e o desespero entranhados em meu estômago e em boa parte do corpo me certificaram do contrário.

Eu quero chorar!

— Não ligo, Gabe, sério. Fico até feliz que estejam juntos. O que me importa é saber se as pessoas que ficavam te mandando mensagens pararam de te incomodar. Pararam, certo?

Levo um tempo para perceber que Foster realmente perguntou isso. *É sério?* Depois de tudo o que me falou e de tanto pedir para eu ficar longe, ele vem do nada me questionando como se fôssemos velhos amigos? Como se ele ainda tivesse algo a ver com a minha vida? E quando o procurei para que desse um jeito nas mensagens, simplesmente me disse que não era problema dele, agora quer que eu acredite que se importa?

Bram fez uma escolha e ela não me abrangia. Ele deixou clara sua decisão mais de uma vez usando todos os tipos de palavras possíveis.

— Agora você liga? Não tem vergonha na cara? Vai mesmo fingir que nada aconteceu? Esfregou na minha cara um milhão de vezes que não se importa, então não venha fingir que como eu me sinto faz alguma diferença. Não me faça pensar que você ainda se importa, eu não mereço isso outra vez, Brandon.

— Só quero ter certeza que está bem, Gabe, nunca desejei o seu mal. — Existe tanta verdade em seus olhos que eu quase caio na farsa outra vez.

— Ah, jura? Primeiro você vem pra cima de mim com esse papo de que me viu lendo e achou fofo. Depois, começa a bancar o garoto que não tem atenção dos pais. Aí paga de namorado perfeito, mas me trai e finge que está com depressão só pra eu sentir pena. E, como se não fosse o bastante, você ainda disse que só me traiu porque eu não fui uma boa namorada. Podia só ter terminado, não precisava quebrar o meu coração e ainda pisar nos caquinhos que restaram.

— Olha, a situação de antes não é a mesma de agora. Os meus problemas, minha família e amigos, os sonhos que tenho...

— Que bom que seus problemas se resolveram por ter se livrado de mim. Deveria ter feito antes, teria me poupado de muita coisa também.

Ele solta uma risada de descrença.

— Não faz chantagem emocional comigo outra vez, Gabe, isso é psicótico.

É a minha vez de soltar uma risada, mas a minha é de escárnio.

— Eu não... ah, quer saber...

Olho para o mar, e Samson está voltando para a praia com a atenção fixa em nós dois. Sua expressão é de pura preocupação. Ele viu tudo. Volto a fuzilar Bram e faço o que tenho vontade desde que ele me contou que me traiu, dou uma joelhada no meio de suas pernas. Nunca adicionei tanta força em nada como fiz nesse golpe. Foi o suficiente para ele soltar um gemido sofrido e cair no chão de joelhos. Eu me viro, com os olhos encharcados e um soluço prestes a escapar quando o escuto gritar:

— Sua maluca!

Paro de andar.

Maluca.

Psicopata.

Psicótica.

As ofensas são como uma adaga que atravessam minhas costas e acertam o coração. Seis anos juntos e tudo é resumido a essas três

palavras.

Instintivamente meus olhos deslizam para um ponto logo atrás dele, onde Willy Dener me fuzila com o olhar acusatório como fez na última vez que o vi.

Maluca.

Psicopata.

Psicótica.

Me lembro do amigo dele dizer para mim.

O soluço escapa, e eu apenas corro para o meu carro, enquanto as memórias inundam meus olhos junto das lágrimas mornas. Apoio a chave na ignição e salto para o banco de trás, onde posso ficar encolhida, como uma covarde, e chorar em paz

Os problemas de Brandon se resolveram sem mim. Eu era um peso, uma pedra no sapato dele, uma que ele jogou fora sem a menor preocupação.

A porta do carro se abre. Alguém se joga lá dentro em um pulo. Eu não abro os olhos. O cheiro de mar e a euforia com que me procura bastam para saber quem é.

— Gabe!

Nolan fecha a porta e pula para o banco de trás. Ele está encharcado, sinto isso quando me abraça firmemente. Em dois segundos estou em seu colo, com o rosto afundado no pescoço dele.

— Samson... — Não consigo seguir, pois os soluços não deixam.

— Shhh, tudo bem. Apenas respire um pouco. Não vou sair daqui, a não ser que me peça.

Estico os braços e aperto seu pescoço com força. Por um segundo o movimento parece um déjà-vu.

— Eu o odeio — murmuro entre os soluços.

— Okay, só respire e pode chorar o quanto quiser, o quanto precisar.

Samson me abraça com mais força, depositando outro beijo em minha testa. Apenas esse gesto é suficiente para dissipar a pressão no peito, mas as lágrimas e soluços persistem. Desabo em seu colo, permitindo que meus ombros balancem e os soluços, mais parecendo uma crise de falta de ar, se manifestem. Entrego-me à queda, e quando caio, o surfista me ampara. Ele está ao meu lado, gosta de mim, preenche quase todos os requisitos da minha lista e, o mais importante, não é o Brandon.

Lembro de uma sabedoria que carregarei para sempre: "não se envolva com alguém que dorme tranquilamente enquanto você chora." Isso não se aplica apenas a relacionamentos românticos, mas a todos os tipos de conexões.

Levanto o rosto, ainda com lágrimas escorrendo. Fixo os olhos

em Samson, que parece ainda mais preocupado do que antes. Uma preocupação que nunca vi em Bram.

— Esqueceu seu celular, só vim trazê-lo para você — falo, retomando o fôlego.

Seus olhos verdes se fecham, não antes que eu consiga ver a culpa transbordar ali.

— Você tá ligada que só deixei o celular para trás na intenção de ter uma desculpa para te ver hoje mais tarde, não é?

Minhas bochechas esquentam, tenho certeza de que estão rosadas neste exato momento.

— Também trouxe donuts para me desculpar pela minha mãe.

Ele sorri, ainda é um sorriso repleto de preocupação, e de alguma forma o sentimento me aquece.

— Só não sei qual é o seu sabor favorito — completo, sentindo as bochechas ainda mais quentes por ele esfregar os polegares ali. Samson pesca as lágrimas, uma por uma, com as pontas dos dedos.

— Qualquer um que tenha caramelo salgado — responde.

Lanço um olhar para a caixa no banco do carona.

— Eu não trouxe nenhum assim.

— Não faz mal, boneca. — Ele sorri de canto.

— Faz sim, você acertou o meu.

— Sim, mas só porque você me disse.

Ele repete isso incessantemente, mas nunca consigo compreender. Gostaria que Samson pudesse me explicar isso de uma vez por todas, mas reconheço que também guardo os meus próprios segredos. Não seria justo que apenas um de nós se abrisse, então, por enquanto, deixo o assunto de lado.

— Você está melhor? — pergunta, ao acariciar minhas bochechas.

Assinto.

— Me desculpa pelo escândalo, eu não planejei encontrar com ele aqui, ou ver Willy.

— Relaxa, ninguém viu aquilo. Eu só percebi porque você é como um ímã para a minha atenção. — Recebo outro beijo na testa. — Se quiser, nós podemos sair daqui e ir para algum lugar divertido. Tenho mais quarenta minutos de treino e estou livre até a tarde, pelo menos.

Respiro fundo. As coisas que senti alguns minutos atrás somem aos poucos.

— Não precisa, você tem seu treino e eu vou almoçar com a minha mãe. Tivemos uma conversa, acho que as coisas estão se acertando entre nós.

Ele sorri, mas ainda questiona:

— Você tem certeza? — Seus olhos me avaliam atentamente.

— Sim, estou bem. E me desculpe pela cena, não era isso que eu queria.

— Relaxa, boneca. Fiquei feliz que veio me ver.

— Eu nunca tinha te visto surfando, você é incrível — elogio.

Brandon surfa bem, ele tem preparo e técnica. Mas Samson praticamente nasceu sobre uma prancha. O mar, o surfe, isso tudo faz parte de quem ele é. Nolan faz isso por amor, pois está na sua essência.

Recebo um sorriso levemente tímido como resposta. Ele não demora para deixar um beijo em minha bochecha, fazendo com que fiquem um pouco coradas. Samson se despede de mim e com calma saio do seu colo. Vou para o assento do motorista. Ele bate à porta ao mesmo tempo que abaixo o vidro.

— Não esquece os donuts.

Pego a caixa e estendo para ele, que a agarra. No entanto, ao invés de ir embora, Grayson apoia os cotovelos na janela e lança seus olhos verdes na minha direção.

— Você quer que eu converse com ele? — questiona.

Apenas nego.

— Um dia, isso vai passar, e quando acontecer, eu só vou rir por ter sido uma idiota por fazer ele se sentir um Deus.

— Tudo bem. — Apesar de ter dito isso, algo em sua expressão me evidencia o contrário. Talvez Samson saiba que estou apenas me enganando. — Se precisar conversar estou com o celular agora.

Nolan enfia metade do corpo para dentro do carro e eu me estico para me aproximar dele. Ele beija minha testa e em seguida esfrega o polegar livre em minha bochecha. Eu sorrio em sua direção. O surfista se afasta com a caixa de donuts nas mãos.

Fecho os vidros e ligo o carro, mas não vou embora de imediato, pois Brandon está parado no mesmo lugar de antes, com o amigo ao seu lado como um guarda-costas. O rosto do meu ex ainda está um pouco contorcido pela dor do meu golpe, porém nada tão doloroso comparado ao que aconteceu comigo.

Samson passa por ele, e eles trocam algumas palavras rápidas. Não faço ideia de quais foram, mas eu daria qualquer coisa para ser uma mosquinha e voar ao redor deles durante aqueles poucos segundos.

Agarro o volante do carro e respiro fundo. Penso na minha mãe em casa e não tenho a mínima vontade de voltar, não após a sensação de leveza e paz de espírito terem ido para o ralo. Não quero arriscar ter que retroceder dois passos na nossa evolução, não por culpa dele. Amo a dona Rebecca, mas agora não estou no meu melhor momento para lidar com ela.

Mas existe alguém capaz de me acalmar e fazer com que eu me sinta bem naturalmente, sem nenhum esforço.

Quando dou por mim estou digitando uma mensagem para Samson.

Eu: Ainda vai estar livre em quarenta minutos?

Nolan/Samson: Quarenta minutos, boneca.

Nolan/Samson: Se a próxima etapa do WQS não estivesse tão perto eu sairia agora.

Eu: O QS é seu!

Eu: Vou estar te esperando aqui.



Pouco mais de uma hora depois, estamos em uma sorveteria no píer de Santa Mônica.

— Qual vai querer, boneca? — o surfista indaga.

Preciso conter o rubor em minhas bochechas por ele ter me chamado de boneca na frente da atendente.

— Você tem sorvete natural de maracujá? — Me inclino sobre o tampo do balcão, e ainda posso ver o sorrisinho de canto nos lábios de Samson.

— Esse é feito na hora, vai levar alguns minutos, tudo bem?

— Tudo bem, obrigada.

— Vou querer um igual, por favor — pede ele.

Nós dois nos afastamos do balcão para que uma fila gigante não se forme atrás de nós.

— Pode me dizer o que eu acabei de pedir? Para mim, o sorvete sempre foi sorvete — Nolan questiona, curioso.

— É algo meu e da minha mãe, sempre tomamos esse sabor quando tem, embora a gente possa fazer em casa em cinco minutos. É nada mais do que banana congelada batida com o maracujá.

— Vou adicionar à lista de receitas que acho que sou capaz de fazer.

Acabo soltando uma risada.

— Se não conseguir isso, pode se considerar um caso perdido — brinco.

— Eu vou testar e você vai ser a minha cobaia, tem coragem?

Outra risada escapa.

— Claro que tenho, mas diz aí, como está indo no WQS?

A resposta vem acompanhada de um suspiro.

— Às vezes acho que não vai rolar, mas a cada etapa em que não perco uma posição fico com mais esperança.

— Claro que vai, você é ótimo. Vi isso hoje.

Samson balança os ombros.

— Recebi o Wild Card, mas espero não precisar usar.

— Meu raso conhecimento sobre a Liga Mundial de Surfe não inclui nenhum Wild Card.

Nossos sorvetes ficam prontos. Damos uma pausa no assunto até sairmos da sorveteria e alcançarmos a areia da praia, onde tiro meu sapato de salto e Samson faz questão de carregá-los para mim.

— Wild Card é um convite, uma vaga na WSL. Toda temporada, dois surfistas que não conseguiram competir na temporada anterior por conta de lesões são escolhidos, e como sofri o acidente na metade do QS daquele ano, me escolheram.

Ele não parece muito contente com isso.

— Então, se recebeu um, já se classificou para a CT deste ano, por que está tentando uma vaga pela QS?

— O Wild Card é um caminho fácil, mas o QS é onde os surfistas provam que podem fazer parte da elite do surfe.

— Você estava machucado, Samson, se te deram essa oportunidade é porque sabem que se tivesse competido no QS daquela temporada, teria se classificado para o CT.

— Mas eu não participei do CT temporada passada, boneca, e não consegui pela QS. Eu não mereço esse Wild Card, preciso fazer isso por meu mérito.

— Se mais pessoas pensassem como você, o mundo seria um lugar melhor.

— E se mais pessoas soubessem da existência desse sorvete natural de maracujá, elas com certeza reclamariam menos da vida.

Solto uma risada quando ele rola os olhos ao dar uma colherada no sorvete.

— Olha só, ele confirmando que tenho bom gosto.

— Mas eu nunca disse ao contrário disso. — Seu olhar sobre mim é quase ofendido. — Além do mais, existe algo melhor do que sorvete de maracujá debaixo do pier de Santa Mônica?

Encaro a paisagem ao redor. O deque do pier impede que meu olhar alcance o céu azul de Santa Mônica, mas ainda sou capaz de ouvir as gaivotas ao longe e o som das ondas indo e vindo. Acho que se eu pudesse escolher um momento da vida para viver nele, este seria um forte candidato.

Uma vez idealizei exatamente isso. Tomar sorvete de maracujá debaixo do pier com alguém especial. Eu nunca imaginaria que essa pessoa seria um desconhecido que encontrei em apuros em uma ilha quase deserta, e principalmente um surfista.

— Parece até um sonho — sussurro. — Eu sempre quis que algo assim acontecesse. — Lanço um olhar contente na direção dele e o pego no flagra me observando com atenção. Seu olhar é diferente. É quase como se ele já esperasse por isso. — Você já sabia, não é?

— Já — confirma enquanto nos sentamos em uma pedra.

Estamos muito próximos, tanto que a lateral dos nossos corpos se tocam e os pelos de todo meu corpo se arrepiam. Por sorte, posso colocar a culpa no sorvete.

— Como?

— Você contou para mim uma vez.

— Quando? — pergunto.

— Há muito tempo, boneca.

Enrugou a testa, e tento puxar na memória os detalhes da tarde na ilha.

— Não falamos sobre sorvete na ilha — pontuo, confusa.

— Não mesmo. — Seus ombros balançam.

— Samson, nós já nos conhecíamos antes de Santa Cecília?

Ele apenas assente.

— De onde? Como? Eu não...

Gentilmente ele me interrompe e diz:

— Quando estiver pronta você vai se lembrar.

— Por que você não me dá essa resposta?

— Porque eu quero que você se lembre por conta própria, se sua mente apagou essa parte foi por alguma razão.

— Mas eu quero me lembrar.

— Você vai, quando tiver que acontecer.

Não gosto que ele não queira se abrir, porém é impossível que eu odeie Samson. Ele é a personificação da paz e um dos únicos capazes de transformar qualquer momento ruim em uma memória incrível. Preciso repetir um milhão de vezes na minha cabeça que eu não estou sentindo por ele nada mais do que amizade. Mas no fundo eu sei que isso é uma mentira das grandes.

Me ajeito na pedra perto dele e apoio minha cabeça em seu ombro, para que Nolan saiba que eu não estou brava ou chateada.

Penso por alguns segundos, tomando coragem para dizer o que vem a seguir:

— Sabe, você não precisa deixar seu celular na minha casa para ter uma desculpa para me encontrar. Se quiser me ver é só dizer.

O surfista sorri de lado, um pouco tímido.

— Eu sempre quero ver você, boneca.

— Ultimamente é tudo o que tenho vontade também — confesso.

Deixo que meus pés toquem a água, e sinto a energia boa que sobe pelo meu corpo.

— Gabe!

— Sim. — Lanço o olhar para Samson, e noto seus olhos focados nos meus pés em contato com a água.

— Por que odiava a praia?

Acho que meu coração para de bater por um segundo, enquanto meu cérebro absorve a pergunta e a resposta para ela.

— Eu...

Travo, e tudo que meu corpo é capaz de reproduzir é um suspiro. Enfim, vou contar a ele o motivo.

18

Ela está chamando meu nome e, soa legal
A maneira como você dança ao luar
Eu acho que estou me apaixonando por todos esses grandes sinais
Paradise | Chase Atlantic

Nolan Grayson

Não pode ser só por causa do Bram.

Sei que tem algo a mais nessa história. Não deixei de reparar na forma assustada com que Gabe encarou Willy mais cedo.

Agora, de frente para ela, enquanto me dou conta de que provavelmente acabei de jogar um bom momento no lixo, deixo o pote de sorvete ao meu lado na pedra, e agarro uma de suas mãos, torcendo para que o toque a deixe mais confortável.

— Ei, eu não queria te deixar mal ou te fazer lembrar de nada. É só que quero entender — falo, carinhosamente.

Ela consegue esticar um sorriso sutil no canto dos lábios.

— Entender o quê?

— Tudo que tenha a ver com você, boneca. Quero te conhecer, completamente. Mas compreendo que não tem como ser de uma vez.

— Aí é que está, Samson, eu não consigo fazer com que me conheça, porque nem eu sei quem sou.

— Boneca...

Ela rapidamente me interrompe.

— Eu caí uma vez, só que ainda não me levantei, e não quero cair de novo, porque tenho medo de que, se acontecer, eu vá estar tão fundo que nunca mais consiga voltar.

— Nunca vou deixar você cair — prometo.

— Não posso colocar essa responsabilidade sobre você.

— Mas quem quer essa responsabilidade sou eu, vou adorar passar uma vida garantindo que você é feliz — respondo.

— Quando o relacionamento acabou... — sussurra, sem conseguir olhar nos meus olhos. — Eu continuei indo à praia. Era um refúgio. Um dia, da segunda vez que fui caminhar com a Daisy, cometi o erro de ir até uma praia onde Bram frequentava com os amigos.

Acho que... no fundo eu tinha esperanças de encontrá-lo por lá. Sei que pode parecer um pouco doentio, mas afinal, nosso relacionamento era mesmo assim, e eu me contentava com suas migalhas. No entanto, ao invés disso esbarrei com Willy.

Sabia que havia algo de estranho naquele olhar que os dois trocaram mais cedo.

— Willy veio até mim e começou a me acusar de perseguir o amigo dele. Me senti culpada, porque realmente pensei que ia encontrá-lo por lá. Então, por conta disso, tudo o que ele disse se enraizou na minha cabeça. Willy falou que eu fui uma péssima namorada, que deveria me colocar no meu lugar, que nenhum dos amigos de Brandon gostavam de mim porque sou uma pessoa estranha, quieta, e que eles viviam tentando abrir os olhos de Foster. Ele começou a gritar, andar ao meu redor e assustar Daisy. Não fazia muito tempo que ela estava comigo, então ainda não confiava muito em mim. Ela começou a tremer, e eu só consegui ouvir ele me chamando de louca, estranha e maluca. Comecei a chorar, e a coisa toda só parou porque ele se cansou e foi embora. Eu não consegui me defender das ofensas ou sair de lá antes, apenas paralisei e ouvi tudo.

— Boneca...

— E eu concordei com o que ele falou, Samson. Na época, realmente achei que ele tinha razão, e até hoje ainda não...

— Você não é louca, Gabe — me apresso em dizer.

— E se eu for?

Balanço o rosto em uma negativa.

— Você não é, te conheço o suficiente.

Ela dá uma risada sem graça.

— Bram levou seis anos para notar, e você só me conhece há alguns meses se contar Santa Cecília.

— Acho que ele é quem não te conhecia. Se Foster foi idiota o suficiente para trocar você por outra pessoa, então não, Brandon não te conhece de verdade.

Percebo um sutil sorriso no canto dos lábios dela.

— Nolan Grayson? — ela chama. Seus olhos castanhos fixos nos pés descalços e molhados pela água do mar.

— Sim, boneca.

— Estou pronta para me vingar.

Céus! Se vingar do Bram?

— Do seu ex? — arrisco uma pergunta.

— Não, de você. Lembra quando jogou areia em mim na festa do Carlos?

Deslizo os olhos para seus pés dentro da água e então entendo tudo.

— Gabe, não...

Mas é tarde demais, pois ela ergue o pé e chuta a água diretamente contra mim. Fecho os olhos e sorrio, feliz por vê-la agir de forma tão espontânea, completamente diferente da Gabe do escritório.

— Sabe, posso te molhar de novo até você reagir, ou você pode começar a correr.

Gabe se levanta em um salto e para a cerca de quatro passos de mim. A água bate um pouco abaixo dos seus joelhos.

Eu me levanto e começo a alongar os braços de forma displicente, porém meu olhar é afiado quando o direciono na direção dela e digo, antes de uma piscadela:

— Vou te dar cinco segundos de vantagem, mas fique ciente de que vou te alcançar antes que consiga mergulhar.

— Cinco segundos? — Reflete por um momento. — Qual é, eu passo o dia sobre um salto de dez centímetros, correr descalça é moleza. Não preciso de cinco segundos de vantagem.

— No três então, boneca. — Começo a contagem, sem desviar os olhos dos dela. — Um.

— Dois — completa Gabe.

— Três — falamos juntos.

Gabe se vira e corre, enquanto eu a alcanço com quatro passadas largas e a jogo sobre os ombros, indo em direção ao mar.

Quando a solto, estamos com a água na altura do pescoço. Gabe sorri como se estivesse com a água salgada rodeando seu corpo pela primeira vez.

Nós nos encaramos novamente, olho no olho, e fazemos uma nova contagem em silêncio. Bastou uma troca de olhares para que entendêssemos o que fazer.

Um.

Dois.

E três.

Deixamos nossos corpos se afundarem e a água tocar cada canto de nós, renovando tudo, em mim e nela. Por algum motivo, Gabe agarra minha mão no meio do percurso, como se essa fosse a sua âncora na superfície, sem impedi-la de cair até as profundezas do oceano.

Não sou sua âncora, mas por mim tudo bem assumir o papel até que entenda que o poder para se manter de pé é todo dela e não meu.

Emergimos algum tempo depois. Assim que abro os olhos, me deparo com uma das visões mais lindas do mundo: Gabriela Montgomery com os cabelos extremamente negros e molhados. Ela recupera o fôlego, e quando suas pálpebras se erguem, o mundo parece congelar por um instante. Minha boneca me encara em meio a

um sorriso lindo e sincero.

Durante este momento, sei que ela está feliz. Há dois anos tenho sonhado em ver essa mulher alegre, mesmo que ela ainda não tenha percebido o momento real em que nos conhecemos. Ainda se recuperando do mergulho, ela não nota que se aproximou de mim e passou um dos braços sobre meus ombros. Não percebe o quão perigosamente próximos estão nossos rostos, a ponto de eu sentir o calor de sua respiração que bate contra meu pescoço.

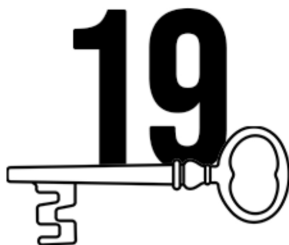
Seus olhos deslizam por meu rosto e repousam em meus lábios. Não consigo desviar minha atenção; é intrigante ver uma pontinha de desejo transparecendo em meio à confusão que transborda deles. Gabe quer me beijar, tanto quanto eu desejo que ela o faça. Ela sabe que não vou tomar a iniciativa, uma vez que me pediu para não fazê-lo.

Vejo suas pálpebras começarem a ceder lentamente. Gabe se aproxima de mim, os lábios entreabertos, e tudo o que consigo fazer é encarar a cena fascinado, aguardando o momento. Até que algo acontece. Ela abre os olhos e me encara, um pouco envergonhada, e se afasta rapidamente.

— Às vezes, esqueço o quanto isso é revigorante, recarrega as energias — despeja. Tenho certeza que falou a primeira coisa que veio à sua cabeça.

Devolvo o sorriso, incapaz de tocar no assunto e deixá-la desconfortável. Não suportaria vê-la assim.

— Você não tem ideia, boneca.



Mas eu quero sentir todo esse amor e emoção
Ser próximo assim à pessoa que estou abraçando

Um dia me apaixonarei sem cautela

People Watching | Conan Gray

Gabe Montgomery

Meu telefone berra na minha mesa de cabeceira, e eu abro os olhos parcialmente. Quando vejo pela fresta da cortina que está escuro lá fora, decido que vou deixar tocando. Mas, no segundo que imagino que possa ser referente ao trabalho, estendo um dos braços e atendo:

— Gabe Montgomery.

— Bom dia, boneca!

Desperto de vez no mesmo segundo.

— Samson! Tudo bem? Está meio cedo. Bom dia!

— Que bom que está acordada. Se veste, nós vamos malhar.

Levo algum tempo para assimilar a animação em sua voz.

— Domingo?

— Domingo — devolve, empolgado. — Estou aqui fora te esperando.

Certo, ele está mesmo disposto, pelo visto.

Me levanto da cama e caminho agitada até o closet. Samson conseguiu me acordar antes das seis da manhã de um domingo e isso é um quase um milagre.

— Não tem academia aberta hoje — digo, ainda com o celular na orelha. — Onde pretende treinar?

— Logo você descobre.

— Okay, você quer entrar? — pergunto enquanto vasculho minha gaveta de roupas de treino.

Não que eu tenha muitas, mas quando comecei a frequentar a academia por indicação da psicóloga, me empolguei e comprei alguns conjuntos. Porém a euforia durou apenas uma semana, já que o lugar acabou me deixando ainda mais insegura e ansiosa.

— Não, eu te espero aqui.

— Ainda preciso comer, ou vou cair dura no primeiro exercício. Entra aí, tem uma chave reserva dentro do vaso de porquinho.

O escuto remexendo nos vasos do pórtico. Aproveito para colocar o celular no viva-voz e conseguir trocar de roupa sem precisar desligar.

— Você tem muitos vasos de porquinho — ele comenta após um barulho alto —, e eu acabei de derrubar um deles no chão.

— Tudo bem, a chave está no menorzinho.

— Beleza, vai se arrumando aí porque hoje você vai provar o meu café da manhã.

Enfio uma das pernas dentro da calça e começo a fazer o mesmo com a outra.

— Pensei que a sua avó só te deixasse fritar as panquecas.

— Sim. — Escuto o barulho da porta se abrindo. — Mas eu precisei me virar depois de...

A linha fica muda pela primeira vez. Eu ainda consigo ouvir sua respiração, que se torna cada vez mais pesada. Com medo de que isso desencadeie outra crise como a que presenciei na praia, tento fazer com que ele pense em outra coisa.

— Eu sei. Me surpreenda, é o mínimo por me acordar tão cedo em um domingo e quebrar um dos meus vasos preferidos.

Samson ri, a tensão de cinco segundos atrás sumiu por completo. Acabo soltando o ar que eu sequer me lembro de ter segurado.

— Não crie muitas expectativas, boneca, eu sou péssimo.

— Relaxa, não espero nenhum Atlas Corrigan, ou os cookies.

— Porque você prefere donuts.

Sorrio de lado antes de dizer por fim:

— Porque eu prefiro donuts.

Embora eu suspeite que o Atlas saiba fazer donuts, não digo isso a Samson.

Agora que entrou na casa, acredito que nossa ligação será encerrada, mas ele não faz isso, muito menos eu. Pelo auto-falante do celular, escuto enquanto ele faz barulho na minha cozinha. Não sei se ele é capaz de me ouvir também, pois quase não emito sons. Visto o top preto que faz conjunto com a calça e volto para o quarto com o par de tênis nas mãos, bem a tempo de vislumbrar Daisy se remexendo em meio ao edredom e se espreguiçando do jeito mais preguiçoso possível.

— Bom dia, meu amor!

A pego no colo e beijo sua cabeça após calçar meus tênis. Daisy está tão quentinha que sinto vontade de voltar para a cama com ela e dormir até amanhã. Ainda com a cachorrinha em meus braços,

finalmente sigo para encontrar com Samson na cozinha e ver o que ele está aprontando.

Sobre minha ilha de granito há um grande pote de vidro repleto de frutas picadas. Eu o peguei escondido numa das vezes que fui até a casa da minha mãe. Ela deu falta, mas nunca o encontrou aqui.

Cumprimento Samson, que está com a porta da geladeira aberta e a cara enfiada lá dentro. Ele rapidamente se distancia e coloca um pote de cream cheese ao lado das frutas. Em seguida, se aproxima de mim com um sorriso largo e faz o mesmo de quando se despediu da última vez que nos vimos: um beijo na testa.

— Bom dia — ele diz, animado. — Usei sua cafeteira, espero que tenha ficado bom já que eu nunca fiz café em uma prensa francesa.

— Obrigada.

— Meu nutricionista sempre me aconselha a comer frutas antes do treino, porque elas dão energia rápida. Depois nós comemos direito.

Nós!

O uso da palavra já não é tão estranho quanto foi quando nos conhecemos.

Após uma xícara de café e dividirmos o bowl de frutas, já estamos no meu carro dirigindo em direção ao centro da cidade. As ruas estão praticamente vazias e Samson está recostado no banco de olhos fechados, curtindo o som de Heat Waves do Glass Animals de uma playlist no Spotify chamada Surf Music. Duvido muito que ele já tenha ouvido a música antes, mas parece que curtiu a vibe.

— É aqui? — pergunto. — Se você me encaminhou o endereço certo por mensagem, parece que sim.

Samson abre a porta do carro, mas antes de saltar, se vira para mim:

— É sim.

Desço com ele um pouco incerta. A rua está deserta e, observando pelo lado de fora, não parece ter uma viva alma na academia. Atravesso a rua como se fosse a sua sombra, o dia está começando a se iluminar apenas agora.

— Acho que não tem ninguém aí.

— Não tem mesmo — Samson murmura ao enfiar uma das mãos no bolso da bermuda. — Treino aqui durante a semana. Sean me arranhou a chave.

Pisco os olhos, confusa.

— O quê? Como assim?

Ele dá de ombros ao responder:

— Você disse que se sente deslocada na academia, mas que

malhar te faz bem. Conversei com Sean e ele conseguiu que um amigo nos emprestasse o lugar aos domingos. Assim vai poder se exercitar sem estresse e nem ter ninguém por perto, pelo menos até se sentir confortável. Nós só precisamos deixar tudo como encontramos.

Ele destranca a porta e entra antes que eu diga qualquer coisa.



Termino meu treino na esteira, sendo acompanhada por Samson. O silêncio do lugar é reconfortante. Me sinto bem pela primeira vez e sei que é pelo fato do ambiente estar vazio, o que é um pouco preocupante e, provavelmente, terei que omitir isso na próxima consulta com a dra. Newt. Acho que a minha lista do que não contar tem estado mais extensa do que as das coisas que quero dizer. *Eu não deveria omitir nada da minha psicóloga.*

— Ah não, isso é deprimente demais, boneca.

Ele apoia um pé de cada lado de sua esteira e se estica sobre a minha para agarrar meu celular. Quando chegamos, levamos cerca de dez minutos para conseguir conectar meu bluetooth nas caixas de som.

— Nada de Ophelia, aqui você precisa de motivação — resmunga, tentando com muita dificuldade mexer no Spotify. — Não conheço a maioria dessas músicas.

— Está procurando alguma específica?

— A sua música!

Acabo gargalhando um pouco alto.

— Não, essa é para uma entrada marcante, não para a academia.

— Entrada marcante tipo... — Nolan tira os olhos do celular e direciona para mim com uma desconfiança fingida. — Tipo um casamento?

— Sim, tipo isso.

— Então já escolheu a música que vai entrar na igreja e não é a marcha nupcial? Por que isso não me surpreende?

Apenas nego, e balanço o rosto.

— Seria essa se eu fosse me casar, mas não vou.

Às vezes, penso que nasci para ser solitária como aquele farol.

— Por quê?

— Eu não venho sozinha, Samson, tenho uma bagagem... complicada. A pessoa teria que aceitar se casar nos meus termos —

tento explicar, sem me expor muito.

— Você tá ligada que hoje em dia todo mundo tem uma bagagem, né? E o casamento é isso, conversar, avaliar, se adaptar, ter alguém pra dividir o peso com você.

Respiro fundo.

— É diferente para mim e... — Não consigo concluir a frase, pois ele me interrompe com um gritinho engraçado quando uma música que não conheço toma conta do lugar.

— Acho que essa pode ser boa e eu nem conheço, só estou sentindo.

Samson volta para a esteira como se estivesse esperando o seu momento. Ele pisca para mim e me deixa entender que desviou do assunto de propósito, ao perceber que eu não queria falar sobre. Quando o refrão agitado começa, ele abana o rosto com as mãos e move o corpo de um jeito tão desajeitado que me arranca uma risada.

— On and on and on — ele canta, só acertando o refrão na vez que a música toca no on repeat. — Vamos lá, boneca, we're talking body. You got a perfect one, so put it on me.

— Samson... — Não consigo parar de rir dele caminhando na esteira como se estivesse em uma passarela. — Para alguém contra tecnologia, você conhece bem as músicas de hoje em dia.

— Misha vive ouvindo essas no furgão, acabei decorando algumas mesmo sem querer.

Ele desce da esteira e estende uma das mãos para mim. O sorriso divertido está estampado em seu rosto bronzeado, enquanto algumas gotas de suor escorrem por sua testa devido aos exercícios anteriores. Seguro seus dedos sem nenhum receio e não deixo de gargalhar. Ainda embalado pela música, ele contorna os aparelhos até a área vazia onde provavelmente são realizadas as aulas de funcional.

— On and on, Let's go. Oh, now, if we're talking body. You got a perfect one, so put it on me. Swear it won't take you long. If you love me right... — Ele me gira pelo lugar enquanto segura a minha cintura. — Você agora.

Gargalho antes de acompanhar a música:

— On and on and on.

Eu me solto e jogo os braços para cima. Começo a dançar feito uma maluca ao lado de Samson. Não consigo parar de rir à medida que tento acompanhar o resto da letra, e erro praticamente tudo.

Puxo o ar e sorrio. Faço algo idiota sem me culpar ou me importar, já que a academia está vazia. Na verdade, mesmo se tivesse mais alguém aqui não importaria, porque Nolan Samson Grayson está comigo. Ele não liga de passar vergonha em público, principalmente comigo.

Samson gosta de mim!

Eu gosto de Samson!

No entanto, as coisas são complicadas para *mim*, e não quero complicar para ele. Só que nesse instante, é como se o mundo lá fora não existisse, igual acontece quando leio um livro.

Ele se vira em minha direção e sorri. A beleza da cena faz com que meu mundo congele. Gostaria de pegar meu celular e capturar o momento exato em que esse homem sorriu desse jeito tão absurdo. Deveria ser crime. Quando Samson segura minha cintura outra vez, eu estico meu rosto sem pensar em nada mais.

Apenas o beijo.

O pego de surpresa e o beijo.

É calmo e refrescante como uma brisa de verão. Não consigo mais ouvir a música agitada que falava de corpos e amor próprio. Não ouço nem mesmo o som das nossas respirações, pois Samson prendeu a dele e eu estou ocupada demais tocando seus lábios quentes para fazer algo tão simples quanto respirar.

Nós nos afastamos segundos depois. Ele leva algum tempo para erguer as pálpebras e, quando acontece, tudo o que enxergo em seus olhos é um misto de surpresa e desejo. Gosto da combinação desses sentimentos refletidos em suas íris verdes. Nolan expira, seu peito sobe e desce com força antes de dizer:

— Gabe, eu quero outro beijo seu.

Sua voz baixa, rouca e totalmente afetada pela minha iniciativa é o suficiente para que eu jogue pelos ares o resquício de sanidade que me resta. Ergo os calcanhares para ficar alta o suficiente e conseguir que nossas bocas fiquem quase na mesma direção novamente.

— Eu também quero outro beijo seu.

Em menos de um segundo, sua língua já está pedindo passagem entre os meus lábios. Ele leva uma das mãos ao meu pescoço e as deixa ali, trazendo uma nova sensação ao meu corpo.

Um novo tipo de arrepio.

Um novo tipo de calor.

Agarro Samson pelos ombros com afinco, como se ele fosse fugir, e eu não quero que ele fuja. Hoje, só desejo que fique comigo.

Nossas bocas juntas é algo novo. Único. Apesar de Samson ser a terceira pessoa que toco os lábios desta forma, parece que é a primeira.

— Boneca — ele tenta dizer algo, mas desiste e volta a me beijar, porque nada mais importa no momento.

O toque é suave, romântico e calmo. Tão tranquilo quanto o que sinto quando Nolan está por perto. Me deixo levar, aproveito o beijo e esqueço do resto do mundo lá fora. Sem desfazer o contato, nós cambaleamos até que minhas costas colidam contra o bebedouro.

Sinto o suor e o cheiro de mar juntos, e me entrego ainda mais a ele. Minhas mãos percorrem seus ombros e as dele por todas as partes de mim. Quero sorrir, quero gritar, quero nos fundir como se fôssemos um só.

Quero que esse beijo dure para sempre.



Sentados no chão de um dos boxes do banheiro feminino, Samson e eu nos apoiamos nas costas um do outro, enquanto a água do chuveiro cai sobre nós. Nossas roupas estão ensopadas e não nos importamos com isso.

— E agora? — ele pergunta.

— Agora? — repito, hesitante, sem saber o que dizer. — Nós...

— Não diga que somos só amigos, boneca. Não adianta tentar fingir que não rola alguma coisa entre a gente. É algo que existe desde o primeiro momento que botei os meus olhos em você.

— Não posso ser mais que sua amiga. — Meus ombros balançam.

— Então nós não somos nada?

— Nós somos alguma coisa, mas é complicado e...

— Sabe, Gabe, eu não me importo de sentir por nós dois. — Suas palavras me atingem com tanta força que meus olhos se fecham.

Algo em meu peito se aperta. Algum tempo atrás, quando eu e Bram chegamos ao limite, citei exatamente essas mesmas palavras a ele, implorando para que não terminasse comigo porque, em meio a todos os meus problemas, nosso relacionamento era a única coisa que ainda estava em minhas mãos, que eu podia lutar e ter algum controle. Enquanto todo o resto era inalcançável, a sensação de que eu conseguiria consertar as coisas me fazia sentir menos inútil.

Ainda dói quando penso nisso, e embora eu saiba que não deveria ser assim, também entendo que as memórias de um namoro de seis anos não são esquecidas tão facilmente quanto eu gostaria.

— Mas eu me importo que você faça isso — digo. — Não é justo com você!

— Gabe nós dois...

— Nós dois nos beijamos e só. — Minha voz embarga. — Você não pode sentir nada por mim, porque... porque eu não...

— Porque você ainda ama o Bram — conclui.

Balanço a cabeça ao mesmo tempo que uma lágrima escorre.

— Não. O amor acabou na noite em que ele me contou da

traição por uma mensagem de texto. Quem ama e se importa de verdade não trai, e eu não quero esse tipo de cara comigo. — *Demorei muito tempo para perceber a verdade que sempre esteve bem na minha cara.* — Mas isso não significa que não doa. Dói muito. E ainda não me sinto pronta para me abrir de novo.

Samson descola suas costas das minhas e me vira com delicadeza, até que eu esteja cara a cara com ele.

— Olha. — Seus dedos acariciam minhas bochechas suavemente. — Eu não estou aqui para adicionar peso nenhum nos seus ombros, mas sim para dividir a carga com você.

Cravo meus olhos nos seus.

— Tem seus próprios problemas, não é justo que carregue os meus também.

Um sorriso triste desponta no canto dos lábios, que minutos antes beijava os meus. Minha boca ainda formiga, ansiando para que aconteça outra vez, só que pelo bem de nós dois, não posso permitir.

— Sei o que eu posso aguentar, e também sei que você não está suportando o seu, boneca. Se permita dividir isso comigo.

Fecho os meus olhos, pedindo para que todas essas palavras sejam uma alucinação. Não posso iludi-lo desse jeito, sabendo que não vou mudar de ideia. Eu não amo o Samson e, honestamente, não amo sequer a mim mesma. Como saberia amar outra pessoa?

— Samson, precisa me prometer, não pode sentir nada por mim. Por favor!

— Eu sei me cuidar, boneca, não tem que se preocupar comigo, sim?

Suspiro, abatida, e deixo que meu rosto descanse em seu peito quando ele me puxa para si e me aninha em seus braços. A água ainda recai sobre nós, o calor suaviza o clima estranho que paira ao nosso redor. Inspiro o cheiro de mar que o homem agarrado a mim exala mesmo quando não está no oceano. É como se o aroma estivesse em sua alma, impregnado em cada pedacinho dele.

Fecho meus olhos, as lágrimas descem e se misturam com a água do chuveiro em meu rosto. Respiro fundo e faço uma prece silenciosa que costumava ouvir minha avó sussurrando na minha infância:

“Por favor, Deus, me permita ser capaz de amá-lo. Mesmo que eu não consiga me amar, me ajude a superar meu passado para que nós dois possamos ficar juntos. Samson não é como Bram. Ele me deixa leve... feliz até. Então, por favor... por favor, faça com que eu consiga amá-lo como ele merece. Me faça amá-lo, por que ele sente algo verdadeiro por mim e ele *quer* sentir algo por mim!”



Você me viu totalmente vestido, sem disfarces
Me despiu até o meu núcleo
E eu te dei meu projeto, e você usou e abusou dele
Sim, me disse na minha cara que eu estava seguro
Graças a Deus você é apenas uma parte dos vinte anos
Graças a Deus não somos casados com família
On Purpose | Bellah Mae

Gabe Montgomery

Encaixo o pé na sandália de salto azul clara e confiro no espelho se ela combinou bem com o jeans que escolhi minutos antes. Quando o resultado me agrada minimamente, pego minha bolsa e desço.

Depois da academia, Samson e eu viemos para a minha casa. O clima ainda é meio estranho após o beijo e a conversa no chuveiro, e não tocamos mais no assunto durante o caminho de volta.

O encontro na área da piscina, de banho tomado e outra roupa, sentado no chão de pedras sob um pergolado de madeira.

Samson joga um brinquedo de Daisy longe e ela sai correndo com seu monte de músculos e perninhas curtas, movendo-se tão rapidamente como se sua vida dependesse disso.

— Acho que eu não demoro, Karen está precisando de mim por um tempinho.

Ele ergue o rosto ao ouvir minha voz. Posso perceber seus olhos percorrendo meu corpo lentamente, como se observasse todos os detalhes da minha roupa e de mim.

— Você vai ficar bem aqui sozinho?

Ele balança a cabeça, assentindo.

— Não se preocupe — diz. — Você está linda, aliás.

Minha feição ganha um rubor ao ouvir as palavras que saem de seus lábios. Agradeço por ele estar do outro lado da piscina e não perceber a mudança em meu rosto.

Para dissipar meu momento de timidez, caminho até a garagem e ligo o carro. Karen telefonou pouco tempo depois que chegamos, sua voz estava vacilante, porém seu tom era sério. Seu ex-marido, Edgar, adiou a mudança o quanto pôde, mas após marcar e desmarcar tantas vezes, ele decidiu que hoje seria o dia. Karen me pediu para dar uma volta com os dois filhos mais novos, Theo e James, enquanto Edgar estivesse carregando o carro. Ela não queria que eles presenciassem tudo.

Quando estaciono em frente à sua casa, caminho até a porta da frente e toco a campainha. Quem atende é John, seu filho mais velho. O garoto é educado ao me cumprimentar, mas consigo perceber em sua expressão que ele não está nada bem. O sigo para dentro da casa e encontro com Karen na cozinha, segurando uma taça de vinho e um olhar tristonho.

— Ei! — cumprimento.

Karen ergue os olhos castanhos para mim e se obriga a abrir um sorriso murcho.

— Obrigada por ter aceitado vir, Gabe.

— Te falei que podia contar comigo.

Me aproximo dela e dou um abraço meio desajeitado. Sei mais ou menos o que está sentindo e que o contato físico não é de muita ajuda, ao menos não de alguém de fora. Suspeito que John e os meninos sejam os únicos por quem ela queria ser abraçada hoje.

— Quer vinho? — oferece, mas nego, já que estou dirigindo.
— Liana aceitaria sem pensar duas vezes.

— Sem dúvidas ela aceitaria — concordo.

Minha colega de trabalho suspira, tristemente. Sinto a necessidade de dizer algo a ela, já que sei qual é a sensação de fazer de tudo por alguém e, ainda assim, ela decidir partir.

— Eu...

— Ele me traiu — ela me interrompe. Eu já sabia dessa informação. O escritório todo sabia, assim como sabiam sobre mim e Brandon. — O que você sentiu?

Engulo em seco, encolho os ombros, sabendo que, por mais que eu não queira falar, ela precisa da resposta.

— Senti como se o meu mundo tivesse ruído, porque ele ruiu. Meu erro foi tê-lo colocado como o centro de tudo e não a mim.

Ela está com os olhos cravados na taça de vinho ao dizer:

— Abri essa garrafa de vinho hoje já que *era* a minha favorita, mas adivinhe? Acabei de descobrir que a odeio. E da primeira vez que tomamos esse vinho juntos, eu o odiei, mas era o favorito *dele*. O que eu amava era a sensação de acabar com a garrafa juntos. Passei quase vinte anos achando que eu amava essa merda de vinho, para descobrir que é uma porcaria.

— Passei anos da minha vida tirando fotos e guardando para mim, só porque ele achava exibicionismo demais postar. Por muito tempo acreditei que compartilhar algo nas redes sociais era frívolo, mas agora sei que gosto que as pessoas saibam quando conquistei algo, já que assim podem ver que é possível.

Após me ouvir com atenção, Karen solta uma risada de escárnio.

— Quando notei eu não me amava mais, Gabe. Amava ele e apenas isso. E quando ele se foi... — fala.

Karen se cala, mas sei como a frase termina.

— Não sobrou nada de você — completo.

Ela ergue os olhos e confirma.

Dependência emocional é uma merda.

Quem sou após o Brandon? O que gosto em mim? O que eu amo além de Daisy? O que eu amo em mim? O mais triste, além de não ter resposta alguma para essas perguntas, é não ter certeza se um dia as encontrarei.

Quando meu namoro com Brandon começou aos meus dezesseis anos, eu ainda estava me descobrindo. Não faço ideia do que sou por baixo da casca. Não sei qual é a minha essência, porque após Bram, tudo se resumia a ele e no que faríamos juntos. Deveria me bastar sozinha, mas essa não foi a realidade.

Quando a campainha toca novamente, John desce com Theo e James pelas escadas. Eu me despeço de Karen e dou de cara com Liana, Adam e uma adolescente emburrada no pórtico. Não a vejo desde que surtei no escritório com seu filho nos braços. Ela, porém, apenas sorri para mim em um cumprimento que não evidencia qualquer problema entre nós.

— Nós vamos ao parque fazer um piquenique — diz, animada.

Adam solta uma risada para a expressão exagerada no rosto da mãe, enquanto a adolescente revira os olhos ao ponto de eu me preocupar que não voltem para o lugar certo. Esta deve ser Manon, irmã da Liana.

Theo e James, com cinco e sete anos respectivamente, logo ficam eufóricos e cheios de energia para gastar.

Enquanto Liana prende a cadeirinha do filho no banco de trás e John faz o mesmo com a dos irmãos, mando uma mensagem para Samson. Quanto a Manon, não faço ideia de como conseguiu se espremer entre os meninos no banco traseiro.

***Eu:** Mudança de planos, não vou conseguir almoçar com você.*

Quase um minuto depois recebo uma foto dele e de Daisy dentro da piscina.

Samson: *Tudo bem, eu te espero.*

Meus dedos são rápidos ao digitar uma resposta.

Eu: *Posso comprar o jantar, o que prefere?*

Samson: *Nada disso, boneca, vou cozinhar pra você.*

Ergo as sobrancelhas para suas palavras.

Eu: *Você não sabe cozinhar.*

Rapidamente ele digita de volta. Até que Nolan está mesmo pegando a manha do celular.

Samson: *Nunca é tarde para aprender. Se importa se eu levar a Daisy comigo até o mercado?*

Apenas respondo que não tem problema. Saber que os dois estão se dando bem é um alívio.

Um pouco mais de vinte minutos depois, Liana, eu e as crianças estamos no parque perto do escritório. Ela preparou uma cesta enorme de piquenique, mas me obrigou a organizar tudo sobre a toalha.

Theo e James passam algum tempo arremessando uma bola de futebol, enquanto Liana e eu permanecemos sentadas na toalha. E uma Manon emburrada se afunda no celular e faz o que pode para ignorar nossa presença aqui.

Assim que chegamos ao parque, precisei arrancar os saltos, ou eles afundariam na grama. Então estou descalça quando um dos meninos acaba acertando a bola em mim.

— Desculpa, tia — o mais novo grita, se desculpando.

Liana solta uma risada de deboche enquanto balança Adam nos braços. Pego a bola e me levanto, indo em direção a eles.

— Você não sabe jogar, tia Gabe. — O outro me encara como se eu fosse louca.

— Claro que sei — respondo na tentativa de soar ofendida, apesar de ele ter razão. — Se preparem, essa vai longe.

O anúncio é o suficiente para animá-los. Recuo um pouco os braços como meu irmão, Jeremy, costumava fazer, e arremesso o objeto de borracha com toda a força que tenho. No entanto, após ela percorrer dois metros no ar, rapidamente perde altitude e aterrissa praticamente no pé de Theo.

Ouçõ a risada de Liana em meu ouvido quando ela brinca:

— A NFL não sabe o que está perdendo.

Deixo meus ombros caírem.

— Okay, não sei jogar. — Me dou por vencida.

James se abaixa e pega a bola do chão, e em seguida caminha

até mim.

— Tenta assim, ó. — A criança de cabelos pretos e lisos faz o movimento lentamente para que eu o acompanhe.

Ele arremessa a bola a uma distância suficiente para que o irmão corra tentando alcançá-la. Theo traz a bola para perto de nós e me entrega.

— Tenta você agora, tia — James pede.

O menino se afasta, ocupando a mesma posição de antes para que eu arremesse. Repito cada movimento feito por James e, desta vez, a bola corre por mais do que dois metros, mas ainda não se compara com o arremesso dele.

— É, você é péssima — minha colega de trabalho ralha atrás de mim.

— Papai sempre diz que tudo é treino — explica James.

Apesar de ter sido um péssimo marido, Edgar parece ser um ótimo pai para os meninos. Isso eu não posso negar.

— Não, meu irmão disse que eu não tenho salvação — falo.

Theo solta uma gargalhada ao caminhar com a bola para perto de Liana.

— Tudo tem salvação, tia Gabe.

Todos nos sentamos na toalha. Os meninos parecem alheios ao que está acontecendo em casa nesse momento, o que indica que Liana e eu estamos fazendo nosso trabalho direito. Adam crava os olhinhos grandes na bola de futebol, o que faz com que a criança que tem o objeto nas mãos ganhe um brilho a mais no olhar por receber a atenção do bebê. Ele entrega a bola para que as mãos gordinhas de Adam fiquem batendo alegremente na borracha.

— Onde está o seu bebê, tia Gabe? — um dos meninos pergunta.

Paro minha mão sobre uma caixinha de suco e não a movo quando estou encarando ele um pouco estática.

— Ah, eu não...

— Para Gabe ter um filho, ela precisa de um namorado antes — Liana se apressa em responder.

— Não preciso não — falo.

Outra risada de deboche sai dos lábios de Liana. Tenho vontade de perguntar onde está seu namorado, mas seria maldade demais e sei que ela não merece isso. No entanto, sua irmã de repente pareceu achar nossa conversa mais interessante, e então, para meu desespero, sua atenção está toda em mim.

— Pensei que namorasse um surfista menor de idade — Manon despeja, provando que é mesmo irmã de Liana.

Ergo as sobrancelhas na direção dela, torcendo para que a expressão esconda a vermelhidão em meu rosto.

— Liana me contou — completa.

— Mentirosa — rebate a irmã.

— Você me contou sim, no dia que falei que não ia para a faculdade ridícula que sugeriu e que preferia me sustentar vendendo as coisas que eu faço. Aí você disse que nunca me permitiria ser como aqueles hippies que vendem artesanato na praia e completou com “Gabe namora um surfista”. E fez uma anotação na sua agenda para perguntar como ele se sustentava.

Um sorriso bobo me escapa ao me lembrar do dia que Samson me levou até a praia para mostrar o que fazia da vida, e eu perguntei se ele vendia sua arte na praia. Foi uma brincadeira, mas, olhando Manon agora e tudo que Nolan me ensinou, se aquela fosse a realidade que o fizesse feliz, por mim estaria tudo certo.

— Oh. — Liana abre a boca em espanto. — Eu nunca disse isso.

— Disse sim — a garota afirma.

— Eu nunca ficaria falando da vida dos outros pelas costas — minha colega de trabalho rebate.

Manon e eu trocamos um olhar cúmplice, mas, enquanto a menina revira os olhos pela quinta vez desde que a vi hoje, me limito a rir e negar com a cabeça. Então, me viro para James e finalmente respondendo à pergunta que havia me feito minutos antes.

— Eu não tenho filhos. Por que achou isso?

Ele balança os ombros ao explicar.

— É que todo mundo do trabalho da mamãe tem.

Ergo as sobrancelhas para sua afirmação e me viro para Liana.

— Taylor tem filhos? — indago.

— Eu não sei, quando ele não está no trabalho, está dando em cima de você. Fica complicado saber algo mais pessoal — ela responde.

— Mas você não namorava o surfista paz e amor? — é Manon quem questiona agora.

— Surfista paz e amor? — Não nego a pergunta de Manon e sei que Liana nota, pois ela esboça um sorriso de canto que me irrita um pouco.

— É, tipo, eles são tão relaxados e estão de boa com tudo. Me irrita tanto. Odeio surfistas.

— Manon! — Liana a repreende.

— O quê? — a garota pergunta.

— Ontem, tio Taylor veio nos visitar e trouxe Kevin para brincar — James corta a discussão ao dizer.

Fico feliz ao ver que, apesar de ser um incômodo no trabalho, ele mostrou sensibilidade o suficiente para oferecer algum apoio a

Karen nesse momento.

— Tia Gabe, quando você tiver filhos, escolha uma menina. Já tem garotos demais aqui.

Solto uma risada.

— Não é assim que funciona — respondo.

— Mamãe disse que você poderá escolher — o mais novo fala, contrariado.

— Ué, adquiriu algum superpoder agora, Gabe? — Liana ri ao dizer.

Não respondo a pergunta dela. Pego um pedaço de queijo sobre a tábua de frios e o enfio na boca. Os meninos devoram seus sanduíches e as caixinhas de suco. Quando acabam de comer, pego a bola sorrateiramente e a encaixo entre o braço como os jogadores costumam fazer. Depois que eu disparo pelo gramado, eles não demoram a se pôr a correr para me alcançar e tomar a bola das minhas mãos. Passamos um bom tempo assim, entre os lanchinhos e eles tentando me deixar minimamente decente no futebol.

Quando volto para casa horas depois, com uma caixa fechada do estoque de vinho que Karen mantinha e que descobriu odiar, encontro Samson na cozinha, correndo de uma panela para outra enquanto assiste um tutorial no Youtube.

Terminamos a noite pedindo uma pizza, já que ele queimou toda a massa que se propôs a fazer para o jantar. Pizza com vinho é uma boa combinação para um domingo à noite, mas, devido às duas garrafas que abrimos, o surfista não conseguiu voltar para o Hostel e precisou se hospedar no meu quarto de hóspedes por uma noite.



Eu não achei que poderia ser verdade
Ainda mais com você
Eu acho que estou apaixonada de novo
Meu coração está no ritmo
Eu estou confusa, estou tonta
Eu vi algo em você que eu nunca vi antes,
isso me deixou tremendo
Eu devo estar alucinando
I Think I'm in Love | Kat Dahlia

Gabe Montgomery

Há três semanas, Samson e eu nos beijamos. Isso aconteceu em mais duas oportunidades desde então. Todas as vezes, porém, terminaram comigo me xingando por ceder ao desejo de sentir o calor dos lábios dele novamente. A cada novo beijo, sentia uma necessidade ainda maior de repetir o momento.

Uma dessas ocasiões foi há mais de dez dias, quando praticamos SUP em Santa Mônica. Enquanto Nolan comentava o quanto eu estava mais confiante em cima da prancha, acabei beijando-o.

Quem pode me culpar, afinal? Seus olhos esverdeados, os fios molhados e as gotículas de água que escorriam por seu abdômen definido, estavam extremamente convidativos e, quando percebi, já estava agarrada a ele.

A segunda foi há cerca de uma hora, depois que ele voltou de Mavericks Beach de um torneio. Daisy e eu estávamos em meu escritório quando ele entrou sorrateiramente na minha casa, já que eu não troquei a chave reserva de lugar, e me surpreendeu com sua presença. Eu me joguei sobre ele e o beijei, mas dessa vez Nolan não demonstrou surpresa alguma.

Gosto do fato de que fui eu quem tomou a iniciativa em todos esses momentos, exatamente como ele me disse na praia certa vez.

Agora, estamos deitados em lados opostos da minha cama

assistindo ao segundo filme de Top Gun. Ouvir Samson falar de sua viagem a Mavericks Beach me fez querer assistir o longa. O surfista, no entanto, divide sua atenção entre a tela e o que quer que esteja riscando em seu moleskine preto.

— Como esse cara não envelhece?

Apenas rio com a pergunta dele.

— É sério, ele tem o quê? Uns cinquenta anos já? — indaga, mais uma vez.

— Ele tem quase sessenta, Samson.

— Tá vendo, ele parece ter uns quarenta — retruca, resignado.

— E cadê a Charlie? Não gosto dessa Penny.

Viro o rosto na direção dele e ergo as sobrancelhas.

— Por quê? — questiono.

— Todo mundo sabe que os primeiros amores são para sempre.

Nem sempre!

Alguns momentos se passam até que ele perceba o que disse.

— Nos filmes, boneca.

— A Penny é mencionada no primeiro filme, como um caso do Maverick. Ela é a filha do almirante — comento.

Samson arregala os olhos e deixa o caderno de lado no mesmo segundo. Sinto uma tentação momentânea de puxar o objeto para perto e conferir seu conteúdo, mas não faço isso.

— Sério?

— Sim — respondo.

— Bem, ao menos é o primeiro amor dele — o surfista fala. — Eu já estava inconformado, como o Daniel dando moral pra Six sem pensar na Cinderela. Mas no fim...

— Six era a cinderela. — O encaro em choque. — Você leu o livro!

— Roubei da sua estante quando vim aqui pela primeira vez.

— Por quê?

Dá de ombros.

— Queria saber por que era o seu preferido.

— E descobriu? — pergunto.

— Ele vai de zero a cem muito rápido, é surpreendente.

— Não, é por causa do Daniel, os protagonistas são sempre carrancudos, misteriosos, playboys ou badboys. Mas ele é divertido e não tem medo de parecer bobo na frente das pessoas. Ele sabe quem é e se orgulha disso.

Nolan estica o braço por cima da minha cama e me puxa para perto com gentileza. Aceito o gesto e apoio a cabeça em seu ombro.

— Nós deveríamos ir até Mavericks, você ia gostar de lá —

sugere.

— Talvez. — Volto minha atenção para a televisão e finjo não ouvir o ronco estridente de Daisy. — Carlos está me obrigando a tirar férias, então estou de olho em algumas coisas.

Ele passa a deslizar as mãos em meu braço, me causando um arrepio bom.

— Eu tenho alguns dias livres depois das finais. Deveríamos ir juntos.

Levanto o olhar e capto os olhos verdes de Samson. Sua atenção está na televisão, como a minha estava antes.

— Como se sente com o fim da temporada? — Decido mudar o assunto.

— Tranquilo, eu acho. Claro que quero ir bem, uma classificação para o Mundial seria incrível. Mas se eu não conseguir, nada me impede de tentar de novo na próxima temporada. Minha carreira acabou de começar. Já cheguei longe de mais de qualquer forma.

Meus lábios se esticam e eu apoio o queixo em seu ombro.

— Seus avós devem estar orgulhosos de você, Samson.

Ele sorri e dá de ombros.

— Talvez, realmente espero que sim.

— Eu com certeza sinto orgulho de você.

Samson se aproxima com um sorriso largo adornando seus lábios. É a primeira vez que ele toma iniciativa de me beijar. O caminho até que sua boca toque a minha é lento o suficiente para que eu tenha tempo de me esquivar, se quisesse. No entanto, não faço isso. Pelo contrário, me aproximo dele, e encurto a distância.

É impossível encontrar uma palavra capaz de retratar o que sinto quando sua língua toca a minha, ou a sensação das suas mãos firmes em minha cintura ao me girar com delicadeza, mudando nossa posição. Agora, ele está por cima de mim, e um frio bom começa a nascer em meu interior. Os arrepios vêm e posso sentir meu corpo se incendiar no segundo em que uma das suas mãos desliza para um ponto mais abaixo da cintura. Agarro seus ombros e deixo que o momento siga por sabe-se lá quantos minutos, até que o afastamento devagar e solto uma risada nervosa.

— Okay.... Hm, vou preparar o jantar. — Salto da cama e me viro para ele antes de sair do quarto. — Espaguete, e diferente de você eu não vou deixar queimar.

— Eu te ajudo.

Ele me segue até a cozinha e me auxilia na separação dos ingredientes para o molho. Pego uma faca e uma cebola, pronta para picar a hortaliça. Mas Samson tira as duas coisas das minhas mãos rapidamente.

— Deixe que eu corto, boneca.

— Posso fazer isso.

— Não vou te deixar chorar por causa de uma cebola — diz, já arrancando a primeira camada.

— Chorar por causa da cebola é fchinha.

— Não se eu estiver por perto. As cebolas são todas minhas a partir de hoje.

Tenho vontade de sorrir, mas me seguro. Tenho sorrido muito ultimamente, e na maioria das vezes, simplesmente por estar na presença dele. Mesmo durante sua viagem a Mavericks, ele começou a me mandar uma centena de fotos de pets usando roupinhas engraçadas. Segundo Nolan, eu deveria mudar o estilo de Daisy e trocar os vestidinhos por uma fantasia de vaca.

Ele falou a mesma coisa da fantasia de porquinho, mas a do dinossauro foi a mais hilária. No fim das contas, Daisy ganhou a bendita fantasia de vaca, que chegou pelo correio dois dias após a conversa. No entanto, ela odiou a fantasia e a destruiu depois de quase uma hora. Mesmo assim, não deixei de achar fofa a sua ideia.

— Esse espaguete está incrível — Samson diz ao terminar o segundo prato.

Cozinhamos juntos, mas ele insiste em deixar todo o crédito para mim.

— Sério, você passou vários dias em um hotel maravilhoso à beira-mar e está elogiando meu espaguete com as sobras da minha geladeira.

— Nada como uma comida caseira, boneca. Minha mãe foi garçonete em um restaurante chique em Newport uma vez, e ela sempre chegava em casa doida pela comida da minha avó.

Nolan está emergindo em seu passado, então decido aproveitar, já que ele não costuma fazer isso em uma conversa comum.

— Vocês moraram muito tempo com os seus avós?

Samson dá de ombros, e se serve com mais um pouco de espaguete.

— Eu sim, minha mãe se mudou quando eu tinha uns dezessete anos. Ela foi morar com a Sloan e eu preferi ficar com os meus avós em Santa Cecília. Mas Milla sempre estava por lá ou nós íamos visitá-la em Henderson.

— E o seu pai? — questiono, ciente de que talvez eu tenha mandado toda a descontração para o espaço e ele volte a se fechar.

Surpreendentemente, Samson não o faz.

— Não faço ideia, ele engravidou minha mãe, a convenceu a passar um tempo fora do país e quando nasci resolveu que não aguentava a responsabilidade. Quando voltamos, fomos morar com os

meus avós e ele nunca mais deu notícias.

— Espera, não nasceu aqui? — Sinto meus olhos dobrando de tamanho.

— Não, nasci no Brasil.

Não consigo impedir que meu rosto se incline um pouco enquanto o analiso.

— Como é lá? — indago.

Samson solta uma risada e dá de ombros.

— Saí de lá com um mês de vida, não tenho memória alguma, boneca.

Quero parar de perguntar com medo de estragar o momento, mas meus pontos de curiosidade são muitos.

— Por que o Brasil?

— Tudo o que sei, pelo que minha mãe me soltou ao longo dos anos, é que ele gostava de viver de aparência. O Brasil tem a moeda menos valorizada que a nossa, então ele não precisava de tanto dinheiro assim. Basicamente ele trabalhava aqui por um tempo e ia para lá se sentir rico.

— Isso não faz muito sentido.

— Nenhum, acho que ele era meio burro ou algo assim.

— Tem curiosidade em conhecê-lo? — pergunto.

— Nenhuma. — Ele balança o rosto.

— E de conhecer o Brasil?

— Hum, nunca parei para pensar nisso. Você tem?

— Acho que sim, é tão grande, deve ter uma porção de coisas para conhecer — respondo.

Samson assente com a expressão tranquila, assim sei que ele não se incomodou com meu pequeno interrogatório.

— Tem umas praias legais por lá.

— E dizem que a comida é ótima — acrescento animada com o assunto, mas não o assunto de seu pai ausente.

— Nada supera esse seu espaguete. — Aponta antes de enfiar um bocado na boca.

— Nosso espaguete.

Ele entra na brincadeira e diz:

— Okay, nossa Daisy!

— Não, ela eu não divido.

Nolan ergue as sobrancelhas de forma sugestiva.

— Tem certeza? Acho que me tornei o favorito dela. — Ele indica algo sobre os meus ombros.

Eu me viro e vejo Daisy com uma nova fantasia, mas essa ela não parece disposta a destruir.

— Você a vestiu com uma roupa de panda?

— Agora ela é um panda feliz.

Na verdade, ela é um panda muito fofo!



Essa é a primeira noite que Samson dormiu na minha cama. Nas outras vezes, ele se acomodou no quarto de hóspedes, mas ontem, nós dois caímos no sono enquanto assistimos a um filme qualquer na televisão. Nada mais aconteceu, nem mesmo outro beijo quente como o de ontem.

Quando acordei há cerca de cinco minutos, não me surpreendi. A visão das suas costas nuas pareceu tão natural, como se eu estivesse habituada a essa vista de tirar o fôlego e Samson acordasse ali todas as manhãs. Sorri, e enquanto ele ainda dormia, aproximei-me do seu pescoço para sentir o aroma do mar, que se tornou um dos meus favoritos.

Samson se vira lentamente e se espreguiça, exibindo um sorriso bonito, de quem acabou de acordar.

— Bom dia, boneca. — Me puxa para que eu deite perto dele.

Eu o abraço e percebo que Nolan tem sido meu primeiro *bom dia* e o último *boa noite*. É como se estivéssemos seguindo os itens daquela lista, começando e terminando os dias juntos.

— Você conseguiu mais uma.

— O que eu consegui? — Sua voz me atinge com curiosidade impregnada ali.

— Nada. Bom dia!

Deposito um beijo em sua bochecha antes que a dura verdade me atinja.

É dia vinte e nove.

Odeio esse dia e sempre passo remoendo tudo, me martirizando, adicionando um novo objeto na caixa média. No entanto, quando deslizo os olhos pela cara amassada do homem sem camisa deitado em minha cama, percebo que, pela primeira vez, não quero passar esse dia sofrendo. Desejo superá-lo e aprender a conviver com a data.

Me levanto em um pulo, o que faz com que Samson se assuste.

— O que aconteceu? — ele pergunta com cuidado.

— É dia vinte e nove, não é o meu dia favorito do mês, e tenho uma tradição deprimente nesse dia. Estou cansada dela, Samson, está na hora de criar uma nova tradição.

Ele parece prestes a pular da cama, mas para antes que o lençol o destampe.

— Hm, não estou usando muita coisa por baixo. — Seus olhos demonstram timidez. — Mas como posso ajudar?

Meu rosto se inclina, enquanto passo os olhos pelo lençol e ergo as sobancelhas, perguntando algo que me deixou curiosa da primeira vez:

— O que é isso de tirar a roupa dormindo?

Ele me encara e logo desvia o olhar. Estou pronta para aceitar que não terei essa resposta e entrar no closet, mas paro quando escuto sua voz baixa:

— Fiquei preso no carro com eles por algum tempo...no começo eu não conseguia dormir. As roupas me sufocavam, como se eu estivesse lá outra vez, encarando seus corpos sem vida. É como...

Como um gatilho!

Ele não diz a palavra.

Eu também não.

— Comecei a dormir sem roupa e toda vez que me esqueço ou só não quero tirar, meu corpo faz isso sozinho quando estou dormindo.

Também percebi que durante a noite, apesar de ter cochilado com o braço ao redor de mim numa espécie de concha, ele acordou do outro lado da cama completamente isolado. Como se a proximidade o sufocasse como as roupas fazem.

Não quero estender o assunto, e percebo em suas feições que também não é o que ele deseja.

— Quando quiser conversar sobre isso, estou aqui para ouvir — digo. — Mas agora vou trocar de roupa. Se vista, nós vamos tomar café na cafeteria do bairro, e depois iremos à floricultura comprar lírios-da-chuva. A não ser que queira conversar sobre isso agora.

Ele apenas nega e espera que eu entre no closet para se levantar e colocar uma roupa.

Uma hora mais tarde, minha sala está uma bagunça e nós dois amarramos fitas lilases aos buquês de lírios-da-chuva, a flor que só floresce após chuvas fortes. Ela simboliza o despertar após alguém passar por uma tempestade terrível, deixando claro que após a chuva algo bom virá.

— O que vamos fazer depois?

Solto um suspiro de satisfação após ver os buquês prontos.

— Nós vamos entregar para quem está precisando de algum apoio.

Chamo um entregador e peço que deixe as flores em um hospital específico. Após lerem a minha carta, as enfermeiras saberão o que fazer.

Assim, Samson e eu criamos uma nova tradição para os dias vinte e nove, uma tradição que me faz sentir bem e não me destrói um

pouquinho a cada mês.



Eu quero saber quem você é
Eu quero que seu coração bata por mim
Quero que você cante para mim suavemente
Porque então eu estarei ultrapassando o escuro
Isso é tudo que o amor já me ensinou
Ligue e eu vou sair correndo
Sem fôlego agora

Power Over Me | Dermot Kennedy

Gabe Montgomery

Carlos me avisou que não poderá me levar para casa, pois tem um compromisso com a organizadora do aniversário de Heather. Ele sempre dá uma grande festa para comemorar. Hoje de manhã, ele me buscou em casa para irmos juntos até San Diego, onde quer me mostrar uma casa antiga que pretende comprar, reformar e depois vender. No fim das contas, acredito que, além de ser o dono da Gonzáles, Carlos é o maior cliente da empresa.

Tento chamar um Uber, mas todas as corridas marcam mais de quarenta minutos de caminho. É dia de jogo da NFL, Rams contra Vikings, e os motoristas por aplicativo estão todos se dirigindo para a região do estádio. Meus pés me matam sobre os saltos agulha. São tão elegantes, mas tão desconfortáveis.

Após confirmar com um motorista, pondero se devo ligar para Samson. É estranho, pois não preciso dar satisfações para ele, mas sei que se eu não aparecer após o horário de sempre, Nolan vai se preocupar. E por alguma razão... gosto da ideia de ter alguém para avisar, alguém me esperando em casa novamente.

Então disco o número dele, que demora dois toques para atender.

— Oi, boneca.

— Vou chegar tarde, a cidade está uma loucura por causa do jogo.

A linha fica muda por alguns segundos.

— Eu te busco — anuncia de repente.

— Sério? Não falou que não dirige desde... — Me interrompo sabendo que é um assunto delicado para ele. — Tipo, há muito tempo?

— Tudo bem, considere hoje o dia de vencer certos traumas. Prometo que não vou estragar seu Porsche. — A última frase vem em um tom de ironia.

Sei que ele está rolando os olhos e rindo de lado, por ter tentado me irritar.

— Eu não ligo para o carro, só tome cuidado, está bem? E se puder, traga um tênis ou um sapato baixo.

— Deixa comigo — ele responde.

— A chave está no aparador do hall de entrada.

— Até daqui a pouco.

— Cuidado — digo por fim.

Samson é quem encerra a chamada. Normalmente, levo dez minutos de casa até aqui. Chuto que Nolan vai levar um pouco mais por conta de tudo, mas mesmo assim não deve demorar muito. Pego minha bolsa e a pasta, e logo depois cancelo a corrida. Apago as luzes do escritório e tranco a porta. Vou esperá-lo na calçada em frente ao escritório.

O surfista chega após alguns minutos. O vejo estacionar com cautela na vaga. Acho que ele precisa dirigir e ver que pode realizar a tarefa sem causar acidentes. Vê-lo estacionar o carro é como vê-lo vencer seu trauma. Aguardo pacientemente enquanto ele termina a baliza e, quando termina, penso que ele vai me passar a direção, mas, em vez disso, Nolan abre a porta do passageiro pelo lado de dentro e me lança um sorriso contente.

Não sei o que acontece, mas toda vez que ele me lança esse sorriso relaxado, tenho vontade de retribuir. A verdade é que Nolan Grayson foi uma das únicas pessoas que conseguiram fazer com que a Gabe do presente chegasse mais perto da Gabe de antes. Não que eu amasse alguma das duas. Mas tenho uma pequena preferência pela do passado, a que não sabia o que era um sofrimento real.

Entro no carro. Nolan pega minha bolsa e pasta, e as joga na parte traseira do automóvel. Daisy está em um dos lados do banco, presa em sua cadeirinha pet. Ela usa uma bandana lilás no pescoço. A língua caída para fora da boca e as patinhas agitadas para pular em cima de mim.

— Oi, meu amor. A mamãe estava morrendo de saudade! — Com cuidado a liberto e trago para o meu colo. — Minha coisinha pesada.

— Ah, está falando dela. — Samson faz um drama completamente fingido quando dá seta, para sair da vaga.

— De quem mais seria? — brinco.

— Oh... — Seus olhos se arregalam. — Okay, pelo visto sou só seu chofer mesmo.

— E está fazendo seu trabalho errado, estamos quase sem gasolina — informo e solto uma gargalhada em seguida. — Preciso ir abastecer, tenho uma casa para mostrar amanhã do outro lado da cidade.

— Tudo bem, podemos abastecer e depois comer. O que acha? Burritos.

Samson toma o caminho do posto e eu troco a música que toca no rádio. Depois que encho o tanque do veículo, nós seguimos para onde, segundo ele, tem os melhores burritos da região. Continuo passando as músicas até que Nolan dá um grito:

— Deixa nessa, posso não conhecer as músicas atuais, mas Adele é um ícone.

Ele não tinha um celular decente até alguns meses atrás, ou qualquer conexão com a tecnologia, e ainda assim conhece uma música da Adele? E a acha um ícone?

— É fã da Adele? — pergunto, em choque.

Sem me responder, enquanto seus olhos estão fixos na estrada, o surfista começa a cantar junto com a letra.

— I'm giving you up. I've forgiven it all. You set me free. Send my love to your new lover. Treat her better. We've gotta let go of all of our ghosts. We both know we ain't kids no more.

A essa altura, estamos gritando feito dois loucos dentro do carro, no meio do frenesi da voz da Adele que ressoa pelos alto-falantes. Daisy, que tenta descansar em meu colo, apenas mantém as orelhas eretas e abre os olhos como se perturbássemos sua paz. Percebo que Samson tomou a estrada, e estamos quase saindo da cidade. Apesar de eu estar curiosa para saber para onde estamos indo, decido me permitir não me preocupar e simplesmente curtir o momento.

Três músicas depois, cantamos mais baixo, com a respiração ofegante e precisando desesperadamente de água. Por sorte, sempre tenho uma garrafa à mão. É quando começa outra música e, ao reconhecer o título, as energias de Samson parecem renovadas. Ele me lança um olhar de canto, com aquele sorriso que eu adoro, e praticamente me convida a cantar junto. No entanto, não conheço essa música, então fico apenas observando enquanto ele canta desafinado, assim como eu fazia nas anteriores.

— Essa é pra você boneca.

Quando ele chega ao que acredito ser o refrão, percebo que já ouvi essa parte antes, mas apenas isso. É o suficiente para que eu me junte a ele novamente.

— Everything I hold dear resides in those eyes. You've got that power over me, my m. The only one I know, the only one on my mind. You've got that power over me (my my). Got that power over me (my my). You've got that power over me.

— You've got that power over me — finalizamos, juntos.

Então reconheço a paisagem pela qual estamos passando, mesmo que esteja escurecendo. É o mesmo caminho da... Burritos!

— Samson? — Meu tom é hesitante.

— Diga? — Seus olhos verdes não escapam do caminho pelo qual percorremos.

— Onde nós vamos comer burritos?

— Mr. Burrito. — Samson sorri de lado, um sorriso tenso. — Hoje é o dia de vencer os traumas, lembra?



Se em algum momento eu me apaixonar, sei que será por você

É você, é sempre você

Conheci muitas pessoas, mas ninguém é como você

Então, por favor, não quebre meu coração

It's You | Alie Gatie

Gabe Montgomery

Em uma das nossas conversas, contei a ele sobre quando o colégio fez uma viagem para San Diego. Estávamos no início do namoro, e como eu era um ano mais velha e me formaria antes, o assunto faculdade surgiu durante a madrugada, na volta para Los Angeles. Foi então que ele começou a chorar, dizendo que a distância iria acabar com o nosso relacionamento. Apesar de estarmos juntos por menos de um ano, a cena fez com que eu desmoronasse por dentro.

Já era tarde, e a maioria das pessoas no ônibus dormia, enquanto eu tentava acalmá-lo. No meio do caminho, ele já estava melhor e decidimos fazer uma parada no Mr. Burrito para comer. Bram saiu do ônibus com o rosto inchado e nem se preocupou em calçar os sapatos, seguindo descalço pelo estacionamento até a lanchonete, o que chamou atenção das poucas pessoas que aguardavam por lá.

Foster era mestre em fazer uma grande cena e sempre nos colocar de protagonistas de seu teatro, me envergonhando na frente de todos.

No fim das contas, acabei não indo para a faculdade no ano em que deveria, mas me mudei para Los Angeles quando ele se formou, e conseguimos ingressar na mesma universidade. Apesar de estarmos na mesma instituição, não morávamos juntos, pois consegui uma vaga no alojamento da UCLA.

— Não, ainda não, não consigo voltar lá.

Ele me olha de relance e guia o carro para o acostamento, ligando o pisca-alerta antes de se virar para mim.

— Escute, boneca, quanto mais evitar, mais difícil vai ser para superar. — Samson segura minhas mãos e me lança um olhar que transmite confiança. — Pense como no dia da praia, mas dessa vez estarei com você. Não tem que vencer seus traumas sozinha, não mais. Eu estou aqui. Eu lido com os meus, você com os seus, mas fazemos isso juntos. Se achar que não está na hora, nós viramos o carro e paramos no primeiro McDonald's que encontrarmos. A escolha é toda sua.

Respiro fundo a tempo de ouvir *1 step forward, 3 steps back* explodir nas caixas de som do carro. O álbum Sour da Olivia Rodrigo encaixa perfeitamente em minha história com Bram, literalmente todas as músicas. Eu poderia até dizer que ela as escreveu para nós, de tanto que me identifico com as letras. É torturante ouvi-las e me dar conta de quão ferrada aquele relacionamento me deixou.

1 step forward, 3 steps back.

É sempre assim com Foster, cada vez que avanço um passo na direção oposta à dele, algo vem e me faz recuar três. Talvez os números mudem se eu tentar dar mais passos para frente antes que os três para trás venham para me abalar. Samson tem razão no fim das contas, e se eu quiser viver sem que o passado me incomode, preciso superar meus traumas. E hoje todos eles estão, de alguma forma, ligados a Brandon Foster.

Pulo a música e sussurro para mim:

— Um passo para frente e mais três em seguida, sem retrocessos. Vamos lá, Samson.

Ele franze as sobrancelhas e me olha de canto rapidamente, com um sorriso vitorioso.

— Não sei o que significa, mas parece bom para mim. Eu te daria uma das mãos, mas estou tenso demais dirigindo para fazer isso.

Ele dá seta e volta para a pista. A forma como aperta o volante e reduz a velocidade é suficiente para que eu perceba que está nervoso por dirigir após tanto tempo. Mas, apesar disso, lá está ele vencendo seu trauma mais profundo.

Algumas coisas acontecem no seu tempo, outras precisam enfrentar ondas gigantescas para que deem certo. Por sorte, nós dois possuímos uma prancha para lidar com isso. Samson é a minha, e eu sou a dele. Sem aquela balela de âncora. Âncoras te fixam quando tudo o que você precisa é ser impulsionada a sair da zona de conforto e desbravar o mundo. *Para que ficar ancorado em um só lugar?*

Dez minutos mais tarde, estamos entrando no estacionamento do Mr. Burrito. O estabelecimento de beira de estrada parece um lugar barato onde nenhuma das pessoas do meu círculo profissional sonharia em frequentar. Samson liga o ar-condicionado e deixamos

um pouco dos vidros abertos para Daisy, que está afundada em seu sono profundo desde que saímos da cidade. Quando passamos pelas portas, as mesas e bancos ao estilo sorveteria dos anos sessenta chamam a minha atenção.

Lembro de Bram com os olhos inchados e os pés descalços caminhando pelo lugar com um burrito enorme nas mãos.

Sou desperta da lembrança pelos dedos de Samson, que enlaçam os meus quando percebe que já não estou mais aqui mentalmente. Minha respiração é pesada e mostra sinais de falha.

— Apenas respire e se lembre que estou aqui, boneca. — Ele me dá um sorriso encorajador.

Não consigo lhe devolver o favor. Apenas tento controlar minha respiração enquanto caminhamos até o balcão de pedidos.

— Quero um burrito tradicional e uma Coca-Cola. — Ele se vira para mim. — O que vai querer?

— Burrito tradicional e um milk-shake de baunilha — digo com a voz arrastada.

— Deveria tomar um refrigerante hoje.

Balanço o rosto.

— Um trauma por vez, Samson.

O vejo entregar uma nota de cinquenta para o cara e deixar o resto como gorjeta. Sinto minhas pernas tremerem enquanto ele me direciona até uma das mesas, a mais afastada delas e próxima de onde estacionamos. Consigo ver Daisy dormindo no banco traseiro. O cheiro de gordura e asfalto invade meu nariz, por estarmos à beira da pista. É possível ouvir o som dos motores dos carros e motos, até alguns caminhões, quando passam por aqui em alta velocidade.

Samson se senta ao meu lado. Ele passa um dos braços sobre o encosto do banco e em volta dos meus ombros. Seu rosto apoiado na lateral do meu em um típico gesto usado para me tranquilizar.

— Não tem uma caixa de som nesse lugar — resmunga. Ele faz carinho na mão que apoio sobre a mesa. — Vamos resolver isso, boneca.

Ele tira o celular de um dos bolsos e um fone de ouvido do outro.

— O que quer ouvir? Saiba que vamos nos lembrar dessa noite por um bom tempo e, sempre que isso acontecer, vamos sentir os pelos da nuca se arrepiando e...

— Está tentando substituir uma lembrança ruim por uma feliz? — pergunto. Um sorriso sincero desponta em meus lábios.

— Um trauma a menos e uma memória a mais juntos. Olha que incrível!

Acho que no fim das contas esse é o poder de Nolan Grayson.

— Quero a música que cantou para mim no carro.

— Okay, só cuidado para não me apaixonar, boneca.

Me apaixonar por você é tudo o que mais quero, Samson!

A música começa e nós dois nos afundamos no banco. Seu braço ainda ao meu redor, enquanto os dedos dele deslizam suavemente pelas minhas mãos postas sobre o tampo da mesa.

O simples gesto preenche minha barriga por aquele friozinho característico dos primeiros encontros e beijos. Sei disso, pois já o senti algumas vezes e em todas elas eu me encontrava insegura. A mesma insegurança que nasce em minha cabeça. Graham disse para a Quinn ^[2]que ele não era como Ethan e ainda assim partiu o coração dela cometendo o mesmo erro. O que diferencia Samson desta equação sombria? Até o momento, nada.

Inclino o rosto na direção dele, fazendo de tudo para espantar o pensamento negativo para longe.

— Samson, por que boneca?

Ele se vira no mesmo momento. Suas íris verdes se focam no fundo dos meus olhos. Consigo ver a forma rápida com que vão escurecendo e as pupilas se dilatam, tomando conta do seu olhar por completo. *Acho que atingi um ponto proibido.*

— Eu gosto — é a resposta dele. Sei que é mentira.

— Hoje é o dia de vencer os traumas, lembra? — Repito a frase que usou comigo mais cedo no carro. — Boneca não é um termo comum usado hoje em dia.

— Não, não é. — Sua voz é baixa e rouca.

De repente ele se parece com outra pessoa.

— Eu... — começo a dizer, mas sou interrompida.

— Cinquenta e seis — o cara do balcão grita.

Nolan arrasta os olhos pelo papel largado sobre a mesa e salta do banco, como se ali estivesse pegando fogo.

— É o nosso — ele fala, apressadamente.

Lanço outro olhar para o carro. Daisy está com a barriga voltada para cima e a língua vazando pelo cantinho da boca. Solto um suspiro.

Alguns instantes se passam até que Samson apoie a bandeja na mesa e sorria ao empurrar a Coca-Cola pra mim, um sorriso encorajador desponta em seus lábios.

— Sei que você disse um passo de cada vez, mas estou aqui. Caso mude de ideia, é sua. — Aponta discretamente para a lata de refrigerante.

Pondero por alguns instantes até que tomo a decisão.

— Você primeiro. — Noto que ele não me chamou de boneca de propósito, fugindo do assunto. — Quero ver sua cara depois de tanto tempo sem tomar refri.

Samson age como se os minutos anteriores não tivessem

acontecido, exatamente como Brandon fazia. Balanço a cabeça sutilmente, espantando o nome desgraçado que insiste em me atormentar. Primeiro, puxo o burrito para perto e abro o papel que o envolve, tendo olhos verdes atentos e encorajadores sobre mim. Aproximo a tortilha da boca e dou uma mordida.

— Tem o mesmo gosto. — Aceno com a cabeça para enfatizar.

— Nunca mais comi burritos depois daquela noite.

— Não precisa se privar das coisas que gosta por conta do que aconteceu.

Desvio meus olhos dele e agarro o copo com a Coca-Cola. Samson esfrega as mãos ansioso. Tenho vontade de sorrir para ele e rolar os olhos apenas para implicar, mas não consigo fazer isso. A forma como agiu anteriormente ainda martela em minha cabeça. Aproximo o canudo da boca e quando estou prestes a tomar a bebida ele diz:

— Era assim que meu avô chamava minha avó. Boneca.

Seus ombros estão baixos e a respiração contida. Sugo um gole da bebida e ele continua a falar. Sinto as bolhinhas explodindo em minha língua e o gosto por todos os lados.

— Sempre achei aquilo brega, e todo mundo tem uma listinha de coisas bregas que precisa viver antes de morrer. Chamar alguém de boneca era uma delas, e eu sempre soube que não poderia ser com qualquer garota.

Ali está, Samson não é como Brandon.

Bato o copo sobre a mesa e procuro a melhor coisa para dissipar o clima triste que se apossou de seu corpo novamente.

— É, uma coisa boa aquela confusão serviu, meu paladar não gosta mais de refrigerante.

O surfista dispara uma gargalhada e eu o acompanho. Em seguida, ele toma fôlego. Percebo que faz o que pode para relaxar os ombros e espantar a tensão.

— Vou para Santa Cecília na sexta. Preciso fazer o que não consegui da última vez que estive na ilha. Volto no domingo. Quero que vá comigo, se quiser.

— Tomou essa decisão agora, não foi? — indago baixo.

Ele sorri de lado e assente.

— Quer ir comigo ou não, boneca?

CINCO ANOS DE NAMORO



Como eu deixei você me tratar como o segundo melhor
E você diz que está tudo na minha cabeça
Então me diga, por que você me ligou se só quer me ver nos fins de semana?

Me disse que você está caindo agora você está rezando pela minha fraqueza

Droga, dói como você ama à distância
Quer falar, mas você não quer ouvir
Só consiga metade da sua atenção

In Secret | Laila Mach

Gabe Montgomery

Minha família adorava Brandon e ele frequentava mais a casa dos meus pais, um pouco afastada da cidade, do que a minha em Los Angeles, onde estudávamos. A mãe dele, no entanto, não gostava de mim e expressou suas preocupações sobre nosso relacionamento em duas ocasiões.

Na primeira vez, ela apareceu inesperadamente em minha casa para conversar com minha mãe, enfatizando que não queria que nosso namoro atrapalhasse os estudos do filho. No entanto, isso não seria um problema, já que Bram e eu passamos na mesma universidade e decidimos evitar um relacionamento à distância.

Na segunda, quando Foster se recuperava de uma cirurgia, ela questionou nossa decisão de morarmos juntos durante a faculdade, decisão que eu sequer sabia ter tomado. E, ainda, insinuou que eu estava influenciando seu filho para que vivesse às custas dele.

Aquele foi um ponto essencial para que eu decidisse não ir até a casa dos Foster e mantivesse o máximo de distância possível dela. E, a partir de então, nossas brigas começaram.

Eu estava errada e sabia. A base de qualquer relacionamento é o diálogo, e no nosso não existia.

O namoro começou a mudar quando passei a reclamar de sua ausência. Piorou quando pedi que ele dormisse de conchinha comigo e Bram se negou, sendo super frio e distante como se exigisse um

enorme sacrifício. Dormir de conchinha era uma das minhas coisas favoritas, mais uma das que li nos livros e queria para a minha vida.

Meus amigos na faculdade me perguntaram se ainda estávamos juntos, já que nunca nos viram perto um do outro. Quando tomei uma atitude e reclamei, Brandon pediu que déssemos um tempo. Ele disse que precisávamos nos afastar porque éramos dependentes um do outro emocionalmente. Até sugeriu que eu saísse com o Taylor, que vivia dando em cima de mim. Aquilo me destruiu. Me senti descartável. Foi quando, então, percebi que era o início do fim.



Mas é tão bom, eu nunca sonhei com ninguém como você
E eu ouvi falar de um amor que vem uma vez na vida
E eu tenho certeza de que você é esse amor meu
Porque eu estou em um campo de dentes-de-leão
Desejando em todos que você seja meu, meu
Dandelions | Ruth B.

Gabe Montgomery

Vimos para Santa Cecília pela manhã, após Samson ter um treino intenso na academia com um preparador físico. As finais se aproximam e ele quer se classificar.

Nolan está no mar, relaxando, enquanto Daisy e eu tomamos Sol sobre a toalha de piquenique que ele encontrou na casa dos avós. Tento dividir minha atenção entre a prancha, subindo e descendo pelas ondas, e meu telefone. Eu amo vê-lo no mar.

Allan Beauhale, um popstar egocêntrico, está em busca de uma casa em Los Angeles e me procurou. Tenho certeza que deseja algo à altura, daquelas extremamente luxuosas ao estilo Carlos Gonzales de ser. Se eu conseguir fazer com que compre uma mansão no valor de dois dígitos, minha comissão provavelmente será equivalente a uma pequena fortuna, o suficiente para viver tranquila por alguns meses e pagar boa parte do próximo tratamento que o médico quiser experimentar.

— A água do mar faz tão bem para a pele quanto para a alma. — Ouço algo se afundar na areia ao meu lado, me interrompendo dos meus devaneios.

Ergo os olhos e noto uma mulher na casa dos quarenta anos parada ao lado de sua prancha, recém firmada na areia perto da toalha. Daisy abre os olhos e ergue as orelhas ao perceber que temos companhia. Seus cabelos são em um tom de castanho escuro, e a pele muito bronzeada. Quase não enxergo rugas, e as linhas de expressão são mínimas; os olhos verdes são chamativos e instigantes, como se já tivessem visto muita coisa ao passar dos anos. Os ombros um pouco

mais largos que os meus e um porte atlético incrível. Provavelmente surfa com bastante frequência.

— É, já vou entrar, só preciso me livrar de umas coisas do trabalho.

— Você está em Santa Cecília, menina. Esqueça o trabalho por umas horas.

— Costuma vir muito aqui? — questiono a ela.

— Menos do que gostaria.

Ela volta a agarrar sua prancha, apoiando-a debaixo do braço. Pelo canto dos olhos, vejo Samson sair do mar. Os olhos verdes, preocupados, cravados sobre nós. Ele a conhece?

— Vá para o mar. À noite nós nos vemos.

Ela se vira e segue por uma fenda entre duas pedras, que formam uma espécie de corredor até a praia ao lado. Uma praia mais isolada, apesar de que está aqui estaria vazia se não fosse por nós.

Samson me alcança quando o corpo da mulher some por entre as enormes pedras. Ele finca sua prancha bem ao lado de onde ela tirou a dela segundos atrás.

— O que minha mãe queria?

Eu me engasgo com a saliva e ele se apressa em me dar uns tapinhas delicados nas costas.

— Era a sua mãe? — Nolan assente. — Ah não, as mães nunca gostam de mim. Na verdade, elas sempre me odeiam. Me acham um peso, um estorvo, uma nuvem de...

— Hey. — Samson ri ao se jogar sobre mim e beijar minha testa. Ele está todo molhado e acaba me molhando também. — Relaxa, Milla Grayson gosta de todo mundo.

— Ela pode achar que eu estou me aproveitando do filho que acabou de sair das fraldas. — Faço um drama um pouco exagerado, e ele gargalha alto.

— Primeiro, eu sou maior de idade. Segundo, você só é três anos mais velha. Terceiro....

O interrompo.

— Vai mesmo adicionar um terceiro ponto?

— Terceiro, você é uma garota incrível, não tem como alguém não gostar de você, boneca. E quarto... — A mudança drástica em sua voz me dá um sinal de que não vou gostar do quarto ponto. — Até onde sei, nós dois não somos nada, então não tem que se preocupar se ela vai gostar de você ou não.

Um tapa na cara doeria menos, embora seja eu a responsável de que nada mais entre nós aconteça. Mereci ouvir essas verdades, mesmo que Nolan pareça ter odiado dizê-las em voz alta. Para dissipar um pouco a onda agitada que nos atingiu neste último momento, ele se aproxima e me dá um beijo rápido nos lábios.

— Relaxa, tá legal — completa.

— Tudo bem. — Tento respirar fundo. — Você não mencionou que ela estaria aqui, eu só gostaria de ter me preparado antes de... você sabe, conhecer a mãe do meu amigo.

Ele contorce o rosto de um jeito sofrido.

— Não me chame mais de amigo, boneca. Nós dois sabemos que não somos amigos, prefiro que me chame de Samson.

— Okay, reformulando, eu gostaria de ter me preparado para conhecer a mãe do *meu Samson*.

Reflito sobre a frase por um segundo enquanto ele escancara um sorriso brilhante no rosto.

— Espera, reformulei errado — tento me explicar.

— Achei que ficou perfeito assim. Eu sou o *seu Samson* e você é a *minha boneca*, sem rótulos de amigos para nós.

É a minha vez de exibir um meio sorriso para ele.

— Adoro como consegue deixar tudo mais leve para mim.

— E eu adoro quando você me diz coisas assim — responde.
— Juro que quando liguei para a minha mãe avisando que ia vir pra cá, não imaginei que fosse vir atrás.

Acredito nele.

— E eu adoro quando você me chama de boneca. E está tudo bem quanto a sua mãe, sim? — Decido amenizar sua preocupação.

— E eu adoro como você diz o meu nome quando está dormindo. — Ele sorri ao beijar meu nariz, entrando no jogo.

— Não faça isso.

— Você faz isso o tempo todo, eu sempre durmo melhor quando estou ao seu lado. É como uma música de ninar relaxante, me sinto no paraíso. Ou melhor, em casa.

— Eu não... — começo a falar, mas ele me interrompe quando passa seus braços por trás dos meus joelhos e se ergue me levando junto.

— E eu adoro quando te arrasto comigo para o mar.

— Ah, não, Samson! — reclamo um pouco alto, o que faz com que ele solte uma risada.

Nolan dispara comigo no colo.

— E eu amo quando você me chama de Samson, mas agora prefiro *meu Samson*.

Um calor sobe pelas minhas bochechas, e tenho a certeza que estão tingidas de vermelho. Para diminuir um pouco o meu constrangimento, enquanto ele corre comigo em direção ao mar, viro o rosto por cima de seus ombros, para que não veja o que suas palavras causaram em mim. É quando percebo que minha filha corre em nossa direção, com a língua de fora, tão feliz como nunca vi antes.

Acho que esse é o efeito de Nolan nas pessoas, afinal.

— Ah, Deus, a Daisy vai... — Não consigo concluir.

Ela passa por nós como um foguete e se joga na água, afundando como um saco de batatas fofas. Solto um grito alto, em desespero. Samson me coloca no chão para ajudá-la, mas dois segundos depois sua cabeça emerge e ela começa a nadar.

Recobro o fôlego pelo susto e termino de entrar no mar, enquanto Nolan nada rapidamente atrás dela, que vai cada vez mais para a parte funda, onde estão as ondas grandes. Daisy não tem medo do perigo, é destemida e parece não entender o quanto preciso dela comigo. O surfista a agarra e a traz para perto de mim.

— Você é maluca, filha? — indago como se Daisy fosse responder.

Samson a segura por um tempo até que ela pare de respirar com dificuldade. Quando Daisy está livre novamente, o surfista se aproxima de mim e beija minha boca. Apenas por aquele momento é como se estivéssemos nós três sozinhos na ilha.



Após me vestir, saio do quarto. Já era fim de tarde quando retornamos para a casa dos avós de Nolan, um pequeno bangalô extremamente aconchegante à beira-mar, e para minha sorte, a casa estava vazia. O encontro oficial com sua mãe levaria mais algum tempo, e eu poderia me preparar psicologicamente. Nolan tinha razão ao dizer que eu não deveria me preocupar. Afinal, gosto de deixar claro que não temos nada sério. No entanto, é impossível não querer a aprovação da mulher.

Há algumas horas, Samson perguntou se eu me importava de ficar sozinha enquanto ele terminava o que tentou fazer da outra vez, quando o encontrei machucado. Não me opus, pois ele vive me ajudando com os meus problemas, e se quisesse que eu fosse junto, tenho certeza de que teria me dito isso. Fiquei em casa com Daisy e um dos livros que nunca li da minha estante. Quando percebo que o exemplar não é tudo o que imaginei quando o comprei, decido sair do quarto.

Desço as escadas de madeira e paro na pequena sala. Tudo parece tão natural, em tons de madeira e vidro. A atmosfera transmite uma vibe relaxante e descontraída, que me faz lembrar de Nolan Grayson em cada canto que olho. Paro em frente à lareira e pego um porta-retrato disposto ali. Na foto, há um casal jovem; a imagem está em preto e branco, indicando o quão antiga é. A mulher é um pouco

mais baixa que o homem, ambos sorriem com seus cabelos compridos e ondulados. Não consigo discernir os tons dos fios, mas sei que são escuros. Os dois estão de branco, descalços na areia da praia. Samson se assemelha muito à mulher, o nariz pequeno, o sorriso largo e brilhante.

— Foi no dia do casamento deles.

Quase deixo o porta-retrato cair devido ao susto. Quando me viro, vejo uma mulher sorrindo em minha direção, que de nada se parece com a que vi na praia mais cedo. Ela é negra, o tom da pele um pouco mais escuro do que a de Liana. Ela é pequena e parece ser tão delicada como uma boneca. O sorriso gentil em seu rosto a difere ainda mais da minha colega de trabalho, enquanto Liana é como uma leoa pronta para defender o filho sem levantar a voz ou descer dos saltos, a moça à minha frente parece prestes a resolver seus assuntos com calma.

— Sloan. — Ela estende a mão e eu a aperto. — Veio com o Nolan?

— Ah, sim, meu nome é Gabriela, mas pode me chamar de Gabe.

As patinhas de Daisy fazem barulho na escada e Sloan rapidamente poussa os olhos sobre o animalzinho.

— Oh, meu Deus, essa coisinha fofa é sua? — A mulher faz menção de se aproximar, mas para no meio do movimento e me lança um olhar questionador. — Ela morde?

— Não, é meio dada. Se resolver levá-la com você, acho que ela vai sem nem olhar para trás.

No segundo seguinte, Sloan está com Daisy nos braços.

— Ela é muito fofa, Gabe, como se chama?

Sorrio de lado, amo quando as pessoas gostam da minha filha.

— Daisy.

— Ei, Daisy, você é muito fofinha. — Sloan a embala como se fosse um bebê. — Quer tomar alguma coisa? Já está quase de noite, eles não devem demorar para chegar.

Penso por alguns segundos e então devolvo o porta-retrato, em segurança, para seu lugar na lareira.

— Claro, não sendo nada forte.

— Relaxa, Milla sempre reclama que meus drinks parecem água. — Ela quase cantarola indo até a cozinha com Daisy ainda nos braços. — Ela é bartender no momento, e é muito boa no que faz, só não soube me ensinar. Como professora ela é péssima.

— Milla é a mãe do Nolan? — pergunto.

— Sim, ele não te contou o nome da mãe dele?

Sloan se vira para mim quando alcançamos a cozinha e me entrega Daisy. Eu apenas nego a pergunta.

— Ele te falou que Milla e eu estamos juntas, certo?

— Sim, ele também falou dos avós, do acidente e um pouquinho sobre o pai. Mas nunca citou os nomes.

Ela lava as mãos, as mangas do quimono dobradas até a metade de seus braços. No entanto, quando direciona seu olhar para mim, parada perto da geladeira, percebo a surpresa estampada ali.

— Nolan conversou com você sobre o pai? Tipo, por vontade própria?

— Sim, uma vez.

— Nossa, ele é uma rocha quanto a isso. — Ela pede licença para poder abrir a geladeira e retira algumas frutas dali.

A foto da sala volta a circular minha mente.

— Como era a relação dele com os avós?

— Ótima, Bruce foi pai e avô ao mesmo tempo. Milla odiava isso às vezes, ela queria que Nolan saísse mais dessa ilha, tanto que insistiu para que ele fosse morar com a gente em Henderson, mas o garoto se recusou a ir.

— Samson se parece muito com a mulher da foto. — Aponto na direção da sala com o rosto.

Sloan coloca dois copos iguais sob a bancada perto da pia, e uma porção de limões picados em cada.

— Sim, Nolan é a cara da Ellen, sua avó, nos anos cinquenta.

— Eles se casaram nos anos cinquenta?

— Sim, a foto é de mil novecentos e cinquenta e dois. Bruce e Ellen eram duas crianças.

@nolangrayson1952, usuário de Samson no Instagram. Mais uma peça se encaixa no enorme quebra-cabeça.

Quando Sloan desliza o copo cheio de um líquido transparente em minha direção, estou ansiosa para fazer mais perguntas. Ela ergue seu copo no ar, me instigando a bater o meu ali, e assim o faço. Após tomar o primeiro gole e constatar que realmente seu drink parece apenas um suco de limão, acho que já posso matar outra curiosidade.

— Então, uma das coisas que Milla não concordava era a aversão por celulares? O Samson é uma negação nisso, é sério, quando o conheci, ele possuía um aparelho de botões.

A mulher solta uma gargalhada baixa e assente.

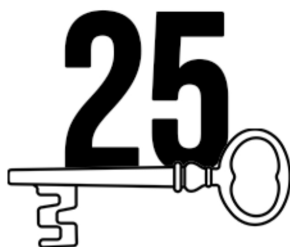
— Bruce usava um rádio que fica na oficina, era o único jeito de conversarmos com eles aqui. Nós demos um celular ao Nolan quando ele completou dezesseis, mas o encontramos ainda na embalagem no quarto dele. Ele disse que não precisava.

— Até hoje Samson acha que não precisa — digo ao dar de ombros.

Sloan inclina o rosto na direção da janela e então caminha até lá. Precisa levantar um pouco os pés para se debruçar sobre o balcão e

espiar o lado exterior.

— Eles chegaram.



E foi encantador te conhecer
Tudo que posso dizer é que fiquei
Encantada em te conhecer
Esta noite está brilhando
Não a deixe passar
Estou maravilhada
Enchanted | Taylor Swift

Gabe Montgomery

Coloco Daisy no chão e corro até lá para espiar junto dela. A primeira visão que me atinge é o objeto prateado nas mãos de Samson, o mesmo que avistei em sua mochila no dia que nos conhecemos. Eram as cinzas de seus avós, ele provavelmente as lançou do topo da colina diretamente no mar.

Sinto o peso atingir meus ombros, simplesmente por imaginar o estado emocional de Nolan nesse momento. Ele deve estar péssimo, assim como Milla. Entendo agora a razão que não quis que eu fosse junto.

Quando a porta da frente se abre, eu e Sloan nos afastamos da janela, evitando que fôssemos pegas no flagra. Cerca de alguns segundos depois, Milla adentra a cozinha e joga as íris idênticas às do filho sobre nós. Ela fita os copos sobre a bancada de madeira da pia e revira os olhos.

— Não serviu sua água suja para a Gabe, serviu?

Sloan sorri de forma divertida e assente.

— Ela adorou.

— Estava uma delícia — concluo por fim.

Milla me encara como se estivesse detectando uma possível mentira. Por um momento, isso me assusta, quase me fazendo lembrar a mãe de Bram a minha frente. No entanto, seu sorriso lateral e o balançar de cabeça ligeiramente cético me tranquilizam.

— Impossível, eu vou te preparar um drink de verdade — ela diz, ao piscar de forma descontraída para Sloan.

Eu gosto dela, e espero que ela também goste de mim.

Observo o portal que leva da cozinha ao pequeno corredor, aguardando a aparição de Nolan. Quando ele não aparece, tomo a liberdade de perguntar.

— Cadê o Samson?

Milla solta um suspiro e abre um armário alto.

— Ele foi para a oficina, deveria ir até lá, acho que vai fazer bem a ele.

Em seguida ela me estende uma garrafa com um líquido âmbar. O vidro se encontra lacrado e parece ser antigo.

— Que isso?

— Whiskey, leve com você a garrafa inteira. — Milla encaixa um copo de vidro no gargalo. — Faça com que ele tome ao menos três doses, está bem?

É tão ruim assim? Sinto vontade de perguntar, mas não é necessário, pois eu sei que é muito mais do que ruim.

— Onde fica a oficina?

Milla indica a sala com o rosto.

— A porta ao lado da lareira. E quando você voltar, vou te servir um Malibu.

Sorrio para ela por cima do ombro e sigo pelo caminho indicado. Assim que abro a porta de correr, deparo-me com dois degraus, já que a oficina está em um nível mais baixo do que a casa, devido ao declive do terreno. Desço os degraus e fecho a porta atrás de mim. Olho ao redor, esperando encontrar a tempestade que flutua ao redor de Samson, mas ele não está lá. Há pranchas de surfe espalhadas por todo o lugar, em vários tamanhos e cores, algumas pela metade do processo de fabricação. Continuo contornando o amplo espaço e percebo que o esporte está mais enraizado na família Grayson do que eu imaginava.

Do outro lado do cômodo, algo se encontra coberto por um pano azul turquesa. Instantaneamente, a curiosidade me consome. Questiono o motivo de aquela ser a única protegida. Entretanto, antes que eu consiga ir até lá dar uma espiada, percebo uma perna estendida no chão. Caminho até perto da mesa e o encontro encostado na parede de madeira. Seus olhos captam os meus, mas sua feição permanece imutável. Ele está ali, petrificado, como se a vida tivesse abandonado seu corpo.

Me sento ao seu lado e faço o que Milla me instruiu. Abro a garrafa e viro uma dose no copo de vidro, estendendo-o a Nolan. No entanto, ele não aceita de imediato, o que me leva a chacoalhar o objeto diante de seu rosto.

— Por favor, sua mãe pediu. Quero muito que ela goste de mim, então bebe esse negócio. Acho que vai agradecer depois.

O surfista revira os olhos, mas ainda assim estica um sorriso fraco em minha direção. Se dando por vencido, agarra o copo e engole o líquido âmbar de uma vez, fazendo com que uma careta surja.

Esboço um sorriso encorajador e deixo a garrafa de lado.

— Como você está?

Ele dá de ombros, sem olhar para mim.

— Eu realmente não faço ideia de como me sinto.

— O que posso fazer para te ajudar? — indago.

Um sorriso de canto estampa seus lábios, ainda triste e perdido. Samson baixa os olhos para meu colo e lentamente entrelaça seus dedos aos meus, enquanto eu ainda aguardo por uma resposta.

— Você já está fazendo, apenas por estar aqui comigo. Não existe nada no mundo que eu queira mais do que você bem perto de mim, boneca.

Minhas bochechas se tingem de vermelho

— O que você sentiu lá em cima? — mantenho nossas mãos entrelaçadas ao indagar.

Ele leva algum tempo para responder.

— Senti como se um pedaço de mim estivesse indo embora junto com eles. Mas também me senti bem, porque apesar de não estarem mais aqui, sei que eles foram pessoas incríveis e estão em um lugar muito melhor que este. Além disso, essa ilha é muito mais do que um bloco de terra em meio ao oceano; é a casa deles. Meu avô sempre disse que nossa casa não é o lugar onde moramos, casa é algo que encontramos ao longo da vida, algo que traga conforto e paz, algo para proteger e lutar por aquilo. Nossa casa é onde nosso coração está, e os corações deles estavam aqui.

Samson não percebeu ainda, mas acredito que essa ilha não seja apenas a casa de seus avós, mas a sua também.

— Doeu? — Não sei o motivo da pergunta idiota que me escapa.

— Muito.

— Quando for a minha vez, quero que esteja lá comigo. Eu não vou conseguir sozinha.

Ergo os meus olhos e encontro os de Samson me fitando, ainda sem expressão alguma.

— Você não quer falar sobre isso, certo? — ele questiona.

— Ainda não. Além do mais, nós dois viemos até aqui pelos seus avós, o assunto não sou eu ou meus problemas.

Deveria contar a Nolan hoje, me sinto pronta para isso. Mas seria egoísmo despejar tudo sobre ele justamente no dia de hoje. Hoje é o dia da dor do Samson, não da Gabe. Estou aqui para dar apoio a ele, e não ao contrário.

— Tudo bem, boneca. — O surfista se levanta e me puxa junto

dele. — Acho que preciso de um abraço bem apertado agora.

Estendo os braços e os encaixo ao redor de seu pescoço, apertando o máximo que posso. É tão bom, os braços dele são como uma nuvem de algodão ao meu redor, mas ainda é capaz de me passar a segurança de uma muralha. Ele afunda o rosto na curva do meu pescoço e o sinto respirando ali, como se meu cheiro surtisse o mesmo efeito nele.

Me afundo no abraço e me deixo sentir a energia de Samson fluir para dentro do meu corpo. É quando, após cinco minutos de abraço, uma música começa a tocar dentro da casa. É baixinha aqui na oficina, porém eu consigo identificar o título. *Enchanted*, da Taylor Swift. O abraço se torna ainda melhor, principalmente quando o cara que estou abraçando com tanta vontade desce os braços até minha cintura e começa a balançar de um lado para o outro.

Estamos dançando.

Estamos mesmo dançando Enchanted.

— Só faltou a chuva — murmura sem se desgrudar de mim.

Ele acertou mais uma vez.

Após alguns minutos a música acaba, e coincidentemente começa outra vez. No segundo em que começo a desconfiar que ele tenha, de alguma forma, descoberto a minha lista, Samson se afasta com um sorriso menos triste no rosto.

— Preciso surfar — anuncia.

— Agora?

— Sempre é hora, boneca. Vem comigo?

Seus olhos verdes me observam em expectativa.

— Nessa altura do campeonato eu te seguiria para onde me pedisse. — *E isso me dá um friozinho na barriga.*

Ele vai até a prancha misteriosa e puxa o lençol com força. Meu coração para de bater no mesmo instante.

Aquele desenho!

Aquele farol!

A moldura branca ao redor da pintura!

Eu já vi aquela prancha. Sem perceber toco a parte interior do meu antebraço e deslizo os olhos para o de Samson, completamente descoberto por conta da regata branca. Está vazio assim como o meu. Cada vez mais acredito que a imagem daquela tatuagem não tenha passado de uma alucinação, mas a prancha está aqui bem em frente aos meus olhos.

Ela é real!

Eu posso ver e tocar se eu quiser!

— É sua? — Faço o possível para que minha voz não vacile, contudo, sem sucesso.

— Não... quer dizer, agora é. Mas foi o meu avô quem fez, ele

demorou meses para finalizar o desenho. Eu sempre fiquei fascinado por essa prancha.

Seus olhos verdes brilham para o objeto. Posso ver, pelo seu perfeito estado de conservação, que nunca foi usada. Samson a guardou para uma memória especial, o último adeus a seus avós. O que me faz lembrar de que aquele é o momento dele, não o meu. Posso tirar a limpo essa história em outra hora e é isso que farei.

Samson me entrega a prancha e de repente ela pesa uma tonelada. Ele vai até um suporte com pranchas enormes, que agora reconheço sendo as de SUP, e pega uma do menor modelo, que acredito ser para mim, e escolhe um remo. Eu apenas o sigo com a prancha desenhada, enquanto ele sai da oficina pelas portas largas que dão direto para o quintal.

Espanto a imagem da tatuagem da minha cabeça e foco no momento. Concentro-me em Samson, que ainda parece atordoado. Caminhamos alguns metros até alcançarmos a praia. Encaro o mar, iluminado apenas pelo brilho da Lua.

Ele arranca a regata, eu a minha camisa branca. Por sorte, coloquei um conjunto de academia, composto por short e top, por baixo após o banho. Nolan me lança um olhar animado e quente. A adrenalina corre em suas veias, assim como eu. Diferente de mim, o garoto surfa todos os dias, não deveria ser novidade para ele. Só que a coisa está em sua essência; ele nunca se cansa, sempre é como da primeira vez.

— Está pronta, boneca? — pergunta com os olhos verdes cravados nos meus.

— Estou!

Caminhamos até a água. Enquanto Samson segue a braçadas, eu me ajoelho na prancha e encaixo a mão na manopla, seguindo-o a remadas. Não ousa me aproximar do local para onde Nolan foi, onde as ondas se quebram. O lugar é perfeito para as suas manobras. Eu me mantenho remando no local onde as ondas vêm com pouca intensidade. Quando me canso, sento na prancha ao longe e o observo fazer o que ama sob a luz da Lua. Nunca me cansaria desta cena.

Samson executa um aéreo e crava seus olhos em mim assim que se estabiliza sobre a água. Algo em meu interior se acende no mesmo momento. Ele deixa que a maré empurre a prancha na minha direção e não se move até estar ao meu lado. Com um passo extremamente tranquilo, ele está sob a minha prancha, e a do seu avô permanece presa em seu tornozelo pelo leash.

Estendo um sorriso e brinco:

— Você veio deslizando como se flutuasse sobre a água sem sequer tocá-la.

Samson se senta com uma perna de cada lado da prancha,

frente a frente comigo.

— Eu tive muito tempo para praticar — responde.

— Uma vida toda — brinco.

— Algo assim, mas eu... eu não sei quase nada sobre o surfe. — Sutilmente seus dedos alcançam minha cintura, ao me puxar para perto dele. — O mundo não sabe nada sobre o surfe, não como se sabia antigamente. Os havaianos e os polinésios surfavam com blocos de madeira e hoje as pessoas reclamam até dos adesivos das pranchas.

— Como assim o mundo não sabe nada sobre o surfe? Samson, você literalmente acabou de voar uns três metros acima da água, usando apenas uma tira de isopor.

Ele apenas dá uma risada, como se não fosse nada demais, enquanto seus ombros balançam.

— Meu avô acreditava que a maioria dos ensinamentos, os mais incríveis, se perderam ao longo do tempo.

A menção a Bruce Grayson faz com que meu olhar seja atraído para o desenho na prancha vazia, que flutua ao nosso lado. O farol praticamente grita com a confusão do mar descrita ali. É tão real, como se eu pudesse sentir o que Bruce sentiu enquanto fazia sua obra de arte.

Toco a pintura com os dedos, consigo sentir o relevo em algum lugar das pinceladas.

— Você faz pranchas também?

Samson sorri e me puxa um pouco mais para perto. Uma das minhas pernas já está apoiada sobre a coxa dele.

— Fiz essa que está usando. Olha — ele aponta a do avô, onde um pequeno B decora o cantinho de uma forma bem discreta —, meu avô costumava deixar essa marca nas que fazia. Eu faço a mesma coisa. — Agora ele indica a de SUP, onde estamos sentados, um adesivo maior com a inscrição de seu nome completo. — Só que não gosto de ser tão discreto quanto ele. Fiquei tão feliz com a primeira prancha que fiz, gastei semanas naquilo. Então tudo o que queria era me exibir.

— É o adesivo da foto que me enviou do Havaí, a que descobri seu apelido. Você faz as suas pranchas da competição?

— Faço e eu amo me gabar disso — fala.

— É isso que fica rabiscando naquele caderno então? — pergunto, animada. — Está trabalhando em alguma neste momento?

Acabo me aproximando ainda mais dele.

— Boneca. — Sua voz escapa como uma súplica. — Eu sou a pessoa mais controlada do mundo, mas com você quase sentada no meu colo fica um pouco complicado manter esse título.

Fico imóvel por apenas dois segundos e logo entendo o que ele quer dizer.

Inclino o rosto um pouco para frente, até que meus lábios toquem os dele, em um gesto não tão delicado quanto ele sempre se preocupou em fazer comigo.

— Controle demais as vezes atrapalha as pessoas de viverem as suas vidas.

— Gabe...

Ele para de falar quando passo a outra perna sobre sua coxa. Eu não estou mais *quase* sentada no colo dele.

— Isso é muita maldade comigo — murmura em um suspiro. Apenas sorrio e beijo seus lábios rapidamente. — Ótimo, agora preciso de um banho frio.

— Que bom que água fria é o que mais tem ao nosso redor.

Noto quando seus braços cercam meu tronco e os olhos dele escapam para a água de forma furtiva. O sorriso brincalhão desponta em seus lábios ainda úmidos.

— Prenda a respiração, boneca.

Nossos olhares se cruzam no momento em que percebo o que planeja, porém não tenho tempo de protestar, pois Samson gruda sua boca na minha, e no segundo que prendo a respiração ao aceitar o beijo, ele nos joga para dentro do mar. Não vamos muito longe, já que ainda estamos presos às pranchas. Mas isso não impede que eu enrosque as minhas pernas ao redor da cintura dele, enquanto a confusão de bolhas se forma ao nosso redor.

Não arrisco abrir os olhos e ver a escuridão imensa dentro do oceano.

Sinto os dedos quentes dele apertarem minha cintura com um pouco mais de intensidade, algo que foge do sutil e alcança o desejo. Quando emergimos, precisamos nos afastar para recobrar o fôlego.

— O melhor banho de mar da vida — é a primeira coisa que o surfista fala.

Algo em meu peito se aquece, junto das minhas bochechas; em contrapartida, o frio em minha barriga cresce a cada segundo.

O surfista quebra nossa distância e ataca os meus lábios em um beijo explosivo. Passo minhas mãos pelo seu abdômen molhado.

— Aqui não, boneca, no meu quarto.

— Mas a sua mãe...

— Ela e a Sloan, provavelmente, estão fazendo uma fogueira na praia ao lado. É alguma tradição delas ou algo assim.

Um momento de silêncio preenche o ambiente, até que ele o quebre.

— Você tá ligada que eu gosto muito de você, né? — Acaricia suavemente minha bochecha.

Confirmo e acrescento:

— E você sabe que eu gosto muito de você, certo?

— Sim, porque agora eu sou o *seu Samson!*

Minha respiração se torna um pouco pesada. Isso vai mesmo acontecer, e estou ansiosa para caramba.



Eu estava pensando que só uma vez
Talvez as estrelas se alinhem
E talvez eu te chame de meu
E você não vai precisar de espaço
Ou só vai passar o tempo comigo
E só uma vez

Talvez o momento seja certo

Electric Touch | Taylor Swift feat. Fall out boy

Gabe Montgomery

Levamos as pranchas até a areia e, muito rapidamente, chegamos até a casa, as deixando apoiadas de qualquer jeito na oficina. Subimos as escadas furtivamente, para o caso de Milla e Sloan não terem saído, como se o rastro de água dos nossos corpos molhados não entregasse a nossa presença.

A cada degrau que nos aproximamos do quarto, sinto um frio a mais na barriga, como na época da escola quando estava prestes a fazer algo que minha mãe não aprovava. O surfista faz as borboletas se agitarem mais ainda ao segurar minha mão durante o percurso.

Samson abre a porta do quarto e se vira em minha direção. Ele esboça um sorriso de canto e me puxa para dentro. Após fechar a porta, as luzes se acendem, e ele apoia as costas na madeira, sem desviar seu olhar ou largar o contato com a minha pele.

— Você tem certeza disso?

A voz é baixa, mas algo nela me atinge como se ele gritasse e implorasse para que eu respondesse que sim.

— Nos últimos meses, isso é tudo o que tenho absoluta certeza de que quero.

Seus lábios exibem um sorriso largo e diferente do que já o vi fazendo. É quente e... céus, sequer sei descrever. Ele estica a mão livre na direção do interruptor, apagando as luzes do quarto. A luz que atravessa as janelas de vidro é quase nula, assim o ambiente está encoberto pelo mais completo breu.

— Apagou a luz — comento baixinho.

— Você disse que nunca fez isso com outra pessoa e que tinha medo de não se sentir segura o suficiente quando fosse tentar. Posso acender, se quiser!

— Não, assim está perfeito.

Amo o fato de que Nolan se preocupa comigo até mesmo nos pequenos detalhes.

— Um trauma de cada vez, se lembra? — Sinto que ele sorri ao falar.

— Obrigada por isso.

Encurto nossa distância em um passo pequeno.

— Um dia vamos fazer isso com as luzes acesas.

Sua fala soa como uma promessa, uma que amo que tenha feito. Por isso, sorrio e respondo:

— É, nós vamos!

O corpo dele está bem próximo ao meu. A respiração quente bate em meu rosto, e faz com que os pelos em minha nuca se ergam. Arfo ao sentir minha respiração se alterar em uma ansiedade boa.

Grayson se afasta por um minuto apenas e, quando retorna, me abraça, fazendo com que nossos lábios se encontrem. Sinto uma de suas mãos subir pelas minhas costas, aquecendo a pele por onde passa. Seu toque deixa um rastro de pelos erguidos junto da sensação de excitação que irradia por todo meu corpo. É como se cada centímetro ganhasse vida.

Gosto da pessoa que tenho me tornado na presença dele.

— Tudo bem? — questiona entre o beijo. Algo me diz que vou ouvir essa indagação algumas vezes ao longo da noite.

Respiro o cheiro de mar vindo do corpo dele e deixo uma risada escapar.

— Tudo bem — respondo.

Suas mãos alcançam a barra do meu top encharcado pela água salgada. O barulho do tecido molhado ao acertar o chão é um tanto alto, o que arranca uma risada de nós dois. O silêncio para subir as escadas acabou de ser arruinado.

— Isso não foi muito discreto.

— Estamos sozinhos, Gabe. — Gosto que ele reserve o *boneca* para outros momentos.

— Mas e a...

— Daisy está com a minha mãe e a Sloan na praia. Agora não pense, não veja, só se permita. Como se sente?

— Estou sentindo seu cheiro, de mar. — Seus lábios deslizam na direção do meu pescoço, enquanto os dedos dele dançam ao redor do meu corpo. — É inebriante.

— E você tem cheiro de cereja com avelã, é enlouquecedor.

— Isso é bom? — sussurro a pergunta.

— É perfeito. Perfeito e enlouquecedor — diz. Com calma ele me deita sobre a cama. — Você é toda perfeita e ainda não é um elogio justo.

Não enxergo nada no quarto, nada além do breu, e isso não me preocupa. Na verdade, gosto que seja assim, me sinto menos insegura, não que com Samson e seus milhares de elogios eu fosse sentir algum problema comigo ou com meu corpo no momento.

— O que não é justo é só existir um Nolan *Samson* Grayson no mundo.

Seu corpo balança sobre o meu em uma risada fraca, enquanto ele toma cuidado para apoiar seu peso sobre os próprios cotovelos.

— E ele é todinho seu. Além disso, só existe uma Gabriela Montgomery, vulgo minha boneca, e eu não estou reclamando de ela ser somente minha. Na verdade, me sinto muito grato.

Um sorriso sorrateiro surge em meus lábios, juntamente com um suspiro causado pela mão dele que toca a parte de trás do meu pescoço.

— Você é meu?

— Desde o primeiro segundo. — As palavras têm o mesmo efeito em mim que a maresia tem em tudo ao redor, corroendo a matéria.

Com muita delicadeza, Samson me explora com as mãos. Eu não me movo, e ele continua enquanto aprecio o calor de seus dedos contra a minha pele. Ondas de choque percorrem o meu corpo e tudo ganha ainda mais intensidade quando Nolan se abaixa e, suavemente, como se eu fosse a coisa mais frágil que já conheceu, toca seus lábios contra os meus.

— Preciso perguntar outra vez, Gabe, tem certeza disso?

Puxo o ar com força, as borboletas no estômago cada vez mais eufóricas.

— Absoluta, você não?

O corpo dele estremece sobre mim.

— Porra... — O som que sai de sua boca não pode ser considerado um gemido, mas com toda certeza foi algo próximo a isso. — Me dê um segundo.

É engraçado porque quase nunca o escuto xingar. Ter feito isso agora mostra que eu o afeto tanto quanto ele me afeta, e essa reciprocidade é tudo o que preciso para terminar de me entregar.

Seus braços envolvem minha cintura e ele me puxa para o seu colo. Um gemido suplicante rompe por minha garganta quando ele me beija, suas mãos percorrem meu corpo ao passo em que as minhas se perdem por seus ombros fortes. Ele desce os lábios pelo meu pescoço e me arranca uma porção de suspiros e arrepios.

Samson apoia uma de suas mãos na curva do meu quadril e se posiciona sem tirar sua boca de mim. Ele nunca esteve tão perto fisicamente e isso faz algo explodir em meu interior. Como se uma peça perdida de um antigo quebra-cabeças tivesse sido finalmente encontrada.

— Gabe... — Samson ofega dentro de mim, porém se segura para não se mover.

Como resposta, meu corpo solta um gemido enquanto digo a ele:

— Continue, só continue!

E ele continua, cada vez mais rápido e seguro do que está fazendo. Eu poderia dizer que meu mundo parou de girar, mas não parou, pelo contrário. Meu mundo se tornou uma confusão, simplesmente porque Nolan Grayson está tão submerso no prazer que eu me sinto a pessoa mais confiante de todas. Assumo o controle da verdadeira Gabe.

O rosto de Samson fica praticamente grudado ao meu nos minutos seguintes. Sua preocupação me deixa ainda mais entregue, já que a cada movimento e suspiros ecoando dentro do quarto, onde ele se afasta e toma impulso para voltar, tudo o que consigo entender é que não existe espaço para nada esta noite além de nós.

É o nosso momento de dar outro passo. Nosso momento de nos conhecermos de uma forma diferente e sentir que, pelo menos por agora, vale a pena se arriscar e sair dos planos de vez em quando, porque a vida pode surpreender quem sabe viver. E eu estou aprendendo a viver da melhor forma, com ele ao meu lado.

Não sei quanto tempo leva até atingirmos nosso limite, porque a minha percepção de tempo foi afetada pela visão de sua sombra se movendo sobre mim na escuridão do quarto. Quando acaba, ele vai até o banheiro, e eu permaneço na cama, entorpecida. Ao menos até que ele volte e se jogue ao meu lado.

— Como você está? — indaga, aos sussurros.

— Exausta, e você?

— Extasiado.

Solto uma risada cansada com a resposta.

— Você é real?

— Não sei, podemos fazer tudo de novo pra você tirar a prova, se quiser.

— Vou ficar na dúvida, preciso de um bom banho. Estamos suados e com os corpos cobertos de sal.

Com muita dificuldade, me levanto e visto uma camisa que ele deixou pendurada na cabeceira da cama mais cedo.

— Vai me convidar pra ir junto ou me largar aqui? Mas só para você saber, estou tão extasiado que quando voltar eu vou estar

dormindo e sequer tenho forças para tomar um banho sozinho. Você sugou todas as minhas energias, boneca.

Ergo as sobrancelhas na direção dele.

— Está me chantageando, surfista? — Uso o tom mais humorado que meu corpo me permite no momento.

Vejo Samson se espreguiçar sobre o colchão, em um gesto ensaiado.

— Não. — Ele me fita com os olhos inocentes e apoia o queixo nas mãos, enquanto os cotovelos estão sob o colchão. — Estou me convidando para te acompanhar.

— E o que ganho com isso?

Ele balança os ombros.

— O que você quer?

O encaro no fundo dos olhos verdes ao dizer com certeza:

— Que você não me deixe cair, nunca mais.

Os lábios de Nolan se esticam enquanto ele assente.

— Sabe por que os surfistas passam parafina nas pranchas?

— Fácil, porque ela aumenta a aderência e os impede de escorregar durante as manobras — respondo.

— Touché, por isso eu sou sua parafina, boneca.



Porque eu tenho estado parado
Deixando o passado definir o ritmo
E cada passo me leva ao chão
E eu não acho que posso ficar aqui
Old Wounds | Jake Scott

Gabe Montgomery

Na quinta-feira, após nossa viagem a Santa Cecília, planejo almoçar em casa, como tenho feito todos os dias que Samson vem aqui. Normalmente, passo pelo local onde ele está treinando para buscá-lo. No entanto, cerca de uma hora atrás, recebi uma mensagem de Nolan que informava que tinha uma surpresa e que nos encontraríamos em casa.

Logo em seguida, recebo uma foto de um buldogue vestido de Fred Flintstone. Espero que a surpresa não seja outra fantasia para Daisy. No entanto, considerando que Samson costuma me enviar essas fotos, dessa vez deve ser algo diferente.

Quando abro a porta de casa, a sra. Louise vem correndo até mim, um pouco esbaforida, e começa a falar muito rápido.

— Eu falei que ele não tinha autorização para fazer aquilo.

A preocupação da mulher se transmite para mim, e a sigo a passos largos na direção da piscina. Ao alcançar a porta da sala, consigo avistar Samson do outro lado da água, embaixo do pergolado. Ele veste shorts de treino e uma regata surrada, com seus velhos companheiros Vans nos pés. Segura uma parafusadeira nas mãos, emitindo um barulho imenso que encobre a presença de Daisy.

Não a vejo em canto algum, apenas um tecido estirado no chão de pedras. *Ele está instalando um gancho na minha área externa?* Preciso inclinar o rosto para entender onde isso vai dar. Entrego o almoço para a sra. Louise e me aproximo, contornando a piscina, até que ele para com o barulho e verifica a qualidade de seu trabalho. Quando ele se vira para pegar o tecido, seus olhos verdes caem sobre mim. Samson sorri, e eu respondo.

— O que está fazendo? — indago.

Ele apenas estende uma das mãos, pedindo que eu espere para que ele mostre.

Nolan pega o pano e encaixa uma das pontas no gancho que acabou de prender. Apenas quando ele segura a outra ponta entre os dedos é que reparo em um segundo gancho.

— Quando conversamos sobre o Brasil, lembrei que um dos caras de lá estava vindo para o início dos treinos do Mundial. Pedi para que ele trouxesse uma rede para nós.

Samson abre o tecido e se joga ali, balançando-se por alguns segundos antes de estender os braços para mim. Eu completo o caminho em sua direção, e quando nossas mãos se entrelaçam, ele me puxa, fazendo-me cair em seu colo. Acabo perdendo um dos saltos no caminho, e imediatamente ele deixa um beijo em minha testa, como sempre faz.

— Eu adorei, não conseguia pensar no que colocar aqui — falo.

O abraço e deito o rosto em seu ombros. Ficamos alguns momentos ali, na calmaria, até que somos interrompidos pela sra. Louise que vem até nós, com uma expressão engraçada no rosto.

— Você tá ligada que essa ve... senhora é a maior fofqueira, né? — sussurra em meu ouvido.

— Sh, ela vai te ouvir.

A mulher de meia-idade se aproxima e parece um pouco nervosa.

— Tudo bem? — pergunto, saindo do colo de Samson, pois sei que isso pode deixá-la um pouco constrangida. — A senhora parece preocupada.

— Bem, sim é que... acho que é melhor a sua mãe te contar.

Ela se vira no mesmo segundo em que o olhar confuso de Samson se encontra com o meu.

— A minha mãe? — indago.

— Sim, ela veio mais cedo buscar a cadelinha. Acabei contando a ela primeiro, desculpe.

— Contando o quê?

— Hm, é que eu trabalho para você e não quero arriscar ser demitida por omitir algo.

— Eu não vou te demitir, a senhora salva a minha vida limpando a casa para mim. Acho mais fácil que me expulse de casa do que o contrário. — Tento deixar a conversa leve, mas não tenho o mesmo talento de Samson para isso.

— Bem, eu moro no mesmo bairro daquela mulher. — Com isso sei que ela se refere a sra. Foster, também conhecida como a mãe do meu ex. — Fui ao mercado hoje mais cedo porque uns produtos de limpeza acabaram, e ela estava lá conversando com uma moça sobre

você.

Paro de respirar. Paro de piscar. Já fazem quase dois anos que o relacionamento acabou, e eu não preciso mais passar pela tortura de vê-la. E, ainda assim, Sharon fala de mim por aí?

— Boneca, acho melhor que não ouça isso — diz Samson ao meu lado, o tom em sua voz é de cautela.

Apenas peço silenciosamente que Louise continue a falar, sem dar ouvidos ao Nolan. Eu sei que não deveria ouvir, mas existe uma grande diferença entre saber o que é o melhor para mim e fazer o que é o melhor. E, infelizmente, sempre sigo pelo segundo caminho.

— A moça perguntou sobre você e o filho dela, se ainda mantém contato.

— O que ela respondeu? — questiono, já sentindo meu peito arder.

— Disse que assim que ele abriu os olhos e terminou com você, a vida dele foi para frente, que você era um atraso e que agora Brandon consegue ser feliz de verdade. — Louise não olha para mim ao dizer a última parte. — Ainda te chamou de “aquela menina interesseira”.

— Ela não usou a palavra “menina”, não é?

Sra. Lou apenas faz um sinal negativo com o rosto.

Me levanto da rede com cuidado e quase caio, já que estou com um dos pés descalços. Rapidamente me livro do par restante e o jogo em um canto qualquer. Algum tempo depois, subo as escadas em direção ao meu quarto. As palavras dela não deveriam doer. A opinião dela não deveria doer, mas dói, sempre doeu. Quem é que gosta de ter alguém dizendo esse tipo de coisas a seu respeito por aí?

— Por favor, não chore por causa disso — pede Samson quando adentra meu quarto.

Acho que eu de fato explodiria.

1 step forward, 3 steps back.

Lá está o meu mártir. Dei inúmeros passos para frente desde Samson, e quando acho que não irei mais regredir, minha mente vem me mostrar que eu só estive me enganando este tempo todo. Os três passos são imensamente maiores dos muitos que avancei. Como essa conta é possível?

— Gabe! — ele chama um pouco mais alto.

Me viro para ele e apenas balanço a cabeça antes de me jogar na cama. Samson logo está perto de mim e segura a minha mão.

— Você não entende... eu...

— Okay, Brandon te traiu? E daí? Você não é o relacionamento, é mais do que isso. Tem sua vida, carreira, carro, casa própria e ainda por cima é a mulher mais bonita que eu já vi.

Ele chegou ao ponto certo da questão.

— Percebe que só citou coisas materiais, acha que isso basta pra me deixar feliz? Acha que ligo pra alguma dessas coisas? Eu trocaria tudo pra minha vida estar nos eixos. Para mudar o que aconteceu há quase dois anos.

Meus olhos se enchem de água, e as mãos tremem. Meu peito queima, e minha garganta dói por tentar evitar os soluços. É sempre assim quando o assunto surge novamente em minha vida, uma nuvem tempestuosa que carrega uma nova sessão de tortura.

— O passado traumatizante e tóxico que você vem falando pra mim desde o começo? Porra, boneca, você só precisa parar de deixar que Brandon ainda controle sua vida.

É uma das primeiras vezes que ele deixa um palavrão escapar enquanto está na minha presença.

— Eu não amo mais o Bram — afirmo. — Mas não tem como apagar o passado, Samson.

— Sei que não, mas precisa aprender a lidar com isso e deixar o passado no lugar dele, lá atrás. E quem sabe consiga abrir seu coração, poderíamos ser algo mais e aí...

— E aí, o quê? Eu me apaixono, começo a te amar. Namoramos seis anos, fazemos planos para o futuro, você fala de casamento e eu começo a sonhar com isso e querer mais do que qualquer coisa. E aí, do nada, você me trai com a primeira que aparece porque ela te deixou confortável. E depois? Eu sigo em frente, outra vez, te odiando, passo mais dois anos na merda e começo tudo de novo? Eu não quero isso, não tem porque alimentar uma esperança que não deveria existir. Estou acabada, Nolan.

Samson dá um passo para trás, como se tivesse sido atingido por algo forte. A sombra sob os olhos dele demonstra tristeza, sei que o magoei. Principalmente porque o chamei de Nolan e não de Samson como de costume.

— Eu não sou o Brandon, Gabe.

— Eu sei, mas quando o conheci ele também não era esse tipo de cara. E olha só o que aconteceu.

— Você é nova, nós dois somos, temos tempo para recomeçar caso isso não dê certo.

Respiro fundo.

— Temos tempo, sim, mas não tenho forças o suficiente pra recomeçar. Toda estabilidade emocional que eu tinha usei para tentar superar o que aconteceu e foi uma missão falha. Sinto muito, não posso te oferecer mais do que temos agora.

Ele assente e olha para os próprios pés. Então se vira de costas para mim e dá o primeiro passo. Dois segundos depois, ele gira o rosto, me olhando pelo canto dos olhos. Tenho uma visão perfeita de seu perfil. Meu coração se aperta dentro do peito.

— Vou para o hostel.

Não tenho condições de retornar ao escritório hoje, e sei que ele não pretende seguir para a bateria de treinos da tarde. Por isso, digo:

— Vai no meu carro, a chave está no aparador da sala.

Ele não respondeu, apenas foi embora. Deveria ter corrido atrás dele e pedido que terminássemos aquela conversa de outro jeito, mas eu não fui. Fiquei parada como uma idiota. Deveria ter contado tudo, como queria ter feito em Santa Cecília, talvez assim Samson me compreendesse. Eu queria dar tudo a Nolan, mas não podia me arriscar outra vez.

Sei que ele não pegou o carro, pois não ouvi barulho nenhum vindo do andar inferior.

Me sento no chão do quarto, com as costas apoiadas na cama. Respiro fundo e desabo. Choro por Samson ter ido embora, pelo o que Brandon me fez. Pelo o que Sharon Foster falou sobre mim no mercado. Por deixar Daisy tanto tempo na minha mãe, sendo que quando a peguei, fiz uma promessa de que seríamos nós duas dali em diante.

Não sei por quanto tempo choro deitada na cama, mas sei que quando o Sol se põe, braços fortes enlaçam meu corpo como uma armadura. Me remexo o suficiente para ficar de frente para ele e, ainda sonolenta, vislumbro seus olhos e relaxo, me sentindo finalmente segura.

— Samson! — falo.

Os lábios dele soltam um resmungo, e em seguida, seus olhos verdes se abrem por cerca de dois segundos antes que voltem a se fechar.

— Quando chegou? — minha pergunta é arrastada pelo sono.

Ainda estou meio grogue e consigo sentir a bolsa abaixo dos meus olhos inchada por conta do choro anterior.

— Dormi na rede lá embaixo; uns vinte minutos atrás, subi e você estava dormindo no chão.

De olhos fechados, chego um pouco mais perto dele, que me dá uma ajudinha ao me puxar em sua direção. Estou com a cara afundada em seu pescoço e um braço largado sobre seu tronco quando, então, digo:

— Pensei que fosse demorar para te ver outra vez.

Ele solta uma fraca risada nasalada, completamente bêbado pelo sono.

— Posso te fazer mudar de ideia, sabe. Com relação a relacionamentos. — Sua voz soa baixa.

— Eu não vou — afirmo.

— Você é cabeça dura pra dizer que não quer isso pra sua

vida, e eu sou cabeça dura o suficiente para achar que posso te fazer mudar de ideia. Então, lide com isso! — fala.

É minha vez de soltar uma risada fraca.

— E até um dos dois ceder, como é que a gente fica? — Inspiro seu cheiro, me lembra tanto o mar, é refrescante.

— Até lá me contento em ficarmos como estamos, não somos nada...

— Mas somos alguma coisa — completo.

Percebo que ele está sorrindo e eu gosto de vê-lo dessa forma.

— Exato. E esse *alguma coisa* é o suficiente para mim, boneca.

Respiramos fundo e exalamos juntos em seguida. O Sol ainda se põe pelas grandes janelas de vidro. Quase levanto para fechar as cortinas direito, mas está tão gostoso nós dois deitados aqui agarrados. É como se o mundo lá fora não existisse, é quase como se nada tivesse acontecido e Samson fosse o primeiro cara a cruzar meu caminho. *Eu amaria que ele tivesse sido o primeiro em tudo!*

Às vezes me pergunto se anos atrás, ao invés de Mason e Bram, fosse Samson a aparecer, será que estaríamos juntos? Ou a vida teria sido tão dura conosco quanto foi comigo das outras duas vezes? De qualquer forma, não posso apagar meu tempo, mesmo que eu queira muito. São os nossos erros e cicatrizes que moldam quem somos hoje, são eles que nos tornam mais fortes e quando precisamos, sabemos exatamente o que não fazer para que nada se repita. Ironicamente, as coisas que nos machucam e nos destroem são as mesmas que nos tornam mais fortes e preparados para a vida que ainda precisa seguir.

Meu sono vai para o espaço quando a consciência atinge o meu ser.

Ainda sonolento, Nolan acompanha meus movimentos. Ele me entende através dos gestos, pois me conhece como ninguém. É quando seu olhar preocupado recai sobre o meu, que entendo o motivo de ter parecido tão familiar em Santa Cecília.

— Samson — digo quando uma onda de temor me atinge. — Acho que chegou a hora de você saber algumas coisas sobre o meu passado.

ÚLTIMOS MESES DE NAMORO



Então vá logo, não há quantidade suficiente

De lágrimas que eu possa chorar por você

Todo esse tempo

Nós sempre andamos em uma linha muito frágil

Você sequer me ouviu

Você nunca deu um sinal de aviso

Exile | Taylor Swift feat. Bon Iver

Gabe Montgomery

Demos um bendito tempo de algumas semanas. Durante esse período, descobri a música *Only Love Can Hurt Like This* e me vi ouvindo-a em looping, enquanto fingia para meus amigos, família e colegas do trabalho que tudo ia muito bem. Durante o dia, mantinha um sorriso no rosto, mas quando chegava em casa, minha ansiedade tomava conta, esperando por uma mensagem qualquer dele. Comecei a perceber que Brandon tinha razão sobre minha dependência emocional.

Quando voltamos a nos encontrar, as coisas estavam mais calmas. Ele vinha até a minha casa, nós nos víamos de vez em quando e, às vezes, até dormíamos juntos, só para que eu parasse de reclamar que nos agarrávamos e ele ia embora.

Resolvemos ir a Santa Cecília certa vez, fazer uma trilha e subir a colina mais alta da ilha. Não era exatamente a minha ideia de diversão, mas fui por ele. Queria sair com Bram e cultivar memórias. De madrugada, Brandon colocou uma prancha no teto do carro e nós dois partimos para a aventura.

Quando alcançamos a metade da colina, comecei a passar mal, fiquei zonha e vomitei nas raízes de uma árvore. Eu não era uma pessoa muito ativa fisicamente, então, quando decidi fazer aquela caminhada, meu corpo não tinha preparo.

— Tudo bem, amor? — Se sentou ao meu lado.

Me lembro de balançar a cabeça e sentir a garganta queimar quando tentava respirar.

— Acho que não consigo ir até o topo.
— Você está pálida, Gabe.
— Estou bem, só preciso voltar para o carro. Pode subir se quiser e...

— Não vai comigo?
— Não consigo, Bram. Pode ir sem mim.
— Nem ferrando, não sem você.

Voltamos para Los Angeles dali mesmo, e ele não conseguiu esconder sua frustração pelo fato de eu não ter conseguido continuar a trilha. Me lembro que acabamos na casa dos pais dele, e enquanto caminhávamos pela calçada a caminho de lá, passamos por uma igreja.

Brandon sorriu, virou o rosto para mim e falou:

— Nós vamos casar aqui um dia.

Havia sido uma sequência de pesadelos tão intensa que dei uma risada aliviada e agradeci por finalmente tudo estar dando certo. No entanto, três dias depois, ele recebeu a notícia da morte de um amigo, alguém cuja existência eu desconhecia, o que era bem recorrente na nossa relação.

Após isso, Brandon se tornou outra pessoa. Ele parecia destruído, sumiu por dias e não me enviou sequer uma mensagem. Minhas tentativas de conversa foram em vão. Meu namorado me pedia distância, explicava que não estava bem e precisava ficar sozinho. As poucas vezes em que tentei fazer contato foram completamente frustrantes.

Eu: Oi, como você tá?

Eu: Bram, fala comigo.

Eu: Estou preocupada.

Eu: Você sumiu!

Eu: Por favor, só me responda como você está e não precisamos mais conversar.

Estas mensagens foram enviadas depois de quase uma semana sem me dar notícias. A resposta que recebi foi:

Brandon: O que foi?

Brandon: Não quero conversar, por favor, respeite a minha dor.

Eu: Okay, desculpa, só estou preocupada.

Na mesma noite, um número desconhecido me enviou uma foto dele em uma festa com alguns amigos. Lembro de pensar que, apesar de ficar triste por Bram me ignorar daquela forma, talvez ele estivesse tentando esfriar a cabeça pelo que tinha acontecido.

Enquanto Brandon saía com os amigos, frequentava festas e vivia a vida, eu estava me destruindo. Não dormia, não comia e negligenciava minha própria saúde por um relacionamento baseado em uma mentira. Percebi que a única pessoa que ele queria manter afastada era eu.

Criei uma lista de características que um cara precisava ter, para consultar toda vez que estivesse me envolvendo com alguém. Ela me ajudou a concluir que ele não se parecia com o Brandon. Eu desejava encontrar alguém que me fizesse soltar risadas bobas e acelerasse meu coração. Essa pessoa estava em algum lugar do planeta, eu só tinha que ter a sorte de encontrá-la.

As fotos e vídeos continuaram por dias, através de números restritos. Pedia a todo custo para que ele fizesse algo para que as mensagens parassem, mas só o que recebia como resposta era *“sinto muito, não posso fazer nada”*.

Eu: Que tal não dar motivo para me enviarem essas coisas? Você tem namorada, lembra? Para de agir como se fosse solteiro. Não precisa me dar satisfação da sua vida, mas exijo respeito.

Brandon: Eu sei, por isso não dou.

Eu: Só que ainda precisa me respeitar.

Eu: Querendo ou não, as suas ações respingam em mim, e as minhas em você. Precisa pensar um pouco antes de sair por aí como se não tivesse namorada.

Brandon: Não posso pensar em você agora, Gabriela.

Brandon: Isso aqui não é um dos seus livros de romance, e o mundo não gira em torno de você.

Mas o meu girava ao redor dele, e isso era errado. Só que mesmo tendo noção disso, eu não entendia o real problema da situação. Não sabia quem eu era sem a presença dele, e tinha pavor de precisar descobrir.

Brandon: Não posso fazer nada sobre essas mensagens. Sinto muito. Agora, por favor, não tente conversar comigo. Eu te procuro quando estiver melhor.

Se havia alguém que podia fazer alguma coisa, era ele. No entanto, me deixou enfrentar aquilo e ver as fotografias enviadas. E, é claro, Brandon me procurava para conversar. Mais precisamente quando precisava desabafar ou descontar frustrações. Sempre que eu entrava em algum assunto mais pessoal, ele recuava.

Se sua namorada não poderia participar de sua vida pessoal, de qual vida eu fazia parte?

Certo dia, uma amiga me mandou mensagem, preocupada, dizendo que ouviu comentários sobre Brandon ter tentado algo contra si mesmo. Quando perguntei, ele negou. Obviamente não me contaria mesmo que fosse verdade. Foi quando pus as diferenças e o orgulho de lado e contatei a mãe dele, visto que Bram continuava sendo meu namorado e eu queria poder ajudá-lo. Sharon me escreveu textos enormes, perguntando como estávamos e confidenciou que ele se mostrava muito triste. Esfregou na minha cara que fui uma inútil em não tê-lo ajudado durante os anos de relacionamento. Me odiei por ser uma pessoa tão ruim a ponto de Bram recusar minha ajuda.

Minha avó morreu naquele meio tempo. Me lembro de observar o seu corpo no caixão e a expressão serena no rosto dela. Assim como eu, minha avó também foi traída. No caso dela, após anos de casamento. Portanto, prometi em seu leito de morte que nunca mais me envolveria, jamais daria a chance de outro alguém me apunhalar como meu avô a machucou ou como Bram me feriu.

Tudo ficaria bem enquanto eu mantivesse a promessa.

Eu só não esperava que pudesse piorar quando chegasse o dia vinte e nove de março.



E eu não tinha certeza
Eu tive uma sensação tão peculiar
De que essa dor iria durar para sempre
Evermore | Taylor Swift feat. Bon Iver

Gabe Montgomery

Conto tudo a ele, desde o começo até o dia vinte e nove de março, e então paro. Me lembro da prancha de surfe que vi na oficina de seu avô, e como o objeto pareceu ganhar uma tonelada enquanto estava em minhas mãos.

— Mas essa parte você sabe bem, não é? Por que estava lá. Dois anos atrás, por isso insistia em dizer que me conhecia muito antes de Santa Cecília. Estava ao meu lado naquele dia.

Vejo seu pomo de adão subir e descer conforme sua respiração acelera. Nolan não esperava que eu me lembrasse, principalmente agora.

— Te encontrei sangrando na rua — sussurra, a voz quase inaudível.

Assinto com os olhos grudados nos dele, que por sua vez se encontram estáticos.

— Comecei a sangrar de manhã, um sangramento leve, como quando meu ciclo menstrual está prestes a iniciar. No entanto, ele não parou ao longo do dia e à noite se tornou incontrollável. Percebi que algo estava errado e corri para o hospital. Naquela época, eu não tinha carro, então fui a pé mesmo. Na calçada do hospital, fui atingida por uma pontada tão grande que caí. Foi quando percebi que um líquido escarlate estampava minha roupa.

Ele se aproxima um pouco mais de mim e acaricia meus dedos, na tentativa de me transmitir coragem, algo que sempre achei que nunca teria.

— Então te encontrei. Não sabia de onde vinha o sangue; pensei que tivesse se machucado. Te peguei no colo no mesmo momento, e você apertou meu pescoço com tanta força que suas unhas

chegaram a me machucar. Senti certa dificuldade em respirar por conta da pressão contra o meu pescoço.

— E eu sujei toda a sua camisa branca. Você me levou para o hospital e tentou me acalmar enquanto me colocavam na maca e me levavam para alguma sala. Me lembro de ter me chamado de boneca e pediu que eu dissesse algo bobo.

— E você respondeu, algo sobre vacas ou coisa assim. — Consigo sentir seus dedos tremendo contra a minha pele. — Depois perguntei qual o seu sonho e você disse que era conhecer a Escócia, porque viver numa cidade construída dentro dos muros de um castelo era coisa de livro. Não deixaram que eu te acompanhasse depois disso e nunca mais te vi.

— O seu cabelo era comprido e tinha uma tatuagem, a prancha do seu avô. Me lembro disso como se fosse real.

Vejo seus lábios se repuxarem de canto, enquanto ele abre um sorriso triste.

— Foi real, fiz aquilo como uma forma de homenageá-lo, mas ele odiava *rabiscos* e não gostou do que fiz. Eu a removi após o acidente; não é homenagem se é algo que ele sempre foi contra em vida.

Isso explica por que nunca encontrei nenhum sinal dela em seu antebraço.

— O que aconteceu lá dentro, Gabe?

Engulo em seco e prossigo.

— Algo que fez todo meu problema com Brandon ser resumido a quase nada, ao menos agora. Descobri a gravidez, mas todo aquele sangue significava que eu já não estava mais.

— Gabe...

— Não, por favor, preciso te contar. De verdade, quero que saiba. — O nó em minha garganta é tão grande que sinto como se ela fosse fechar a qualquer momento. Como se revivesse aquela dor. — Nunca quis ter filhos, Samson, só que após aquilo percebi que a vontade sempre esteve alojada dentro de mim, bem escondidinha, esperando acontecer. Meu mundo ruiu, tudo piorou quando o plantonista me aconselhou a procurar um especialista, pois segundo ele aquilo aconteceria outras vezes. Foi assim que descobri meu problema de infertilidade.

— Por isso as idas misteriosas ao médico? — pergunta, e eu ergo as sobrancelhas. Nunca mencionei as idas ao médico. — Seu celular costuma mostrar notificações da agenda, então vi algumas vezes os lembretes. Eu não estava bisbilhotando, só...

— Só me deixe continuar, ou vou perder toda a coragem — peço, e ele aperta minha mão um pouco mais. Gostaria que desta vez ele me transmitisse aquela famosa paz, porém, nem mesmo o seu

contato foi capaz disso. — A primeira coisa que fiz foi enviar uma mensagem ao Brandon para perguntar como ele se sentia. Pedi que fosse ficar comigo no hospital, já que estava muito assustada e a ideia de permanecer lá sozinha me apavorou. Ele me respondeu algumas coisas sem sentido e não me deu muita bola. Eu estava no hospital, passando pelo pior momento da minha vida e precisei colocar as coisas em uma balança. Ele se encontrava em seu pior momento por perder o amigo, então não podia jogar mais aquilo sobre seus ombros.

Continuo, e limpo uma lágrima solitária que escorre pela bochecha.

— Passamos a madrugada discutindo e quando amanheceu, pedi que o médico me desse alta. Ele não permitiu e eu insisti. Assinei um termo o isentando de qualquer problema que eu pudesse ter. Ainda precisei assinar uma pilha de papéis e tomar um monte de decisões sem conseguir pensar sobre elas para cumprir o protocolo. Como só cheguei até a nona semana de gestação, não precisei escolher entre um enterro ou a cremação. Nem sabia que isso era possível, embora nunca tenha parado para pensar no que acontece quando uma mãe perde o filho antes do nascimento.

— Gabe... — Nolan tenta me interromper.

Apenas ergo uma das mãos para que espere. Meus olhos estão embaçados, não consigo vê-lo muito bem, mas isso não é tão importante agora. Não preciso tomar nota da pena estampada em sua feição. Ou da dor que sente por tentar imaginar tudo o que aconteceu depois de nos separarmos naquela noite, porque ele é este tipo de cara.

Retomo o fôlego da maneira mais rápida que consigo, antes de voltar a narrar tudo o que contribuiu para a minha queda.

— Quando saí do hospital já era dia, eu tinha uma lista de remédios, um pedido de repouso, um namorado que até então precisava de mim forte e um buraco sem fundo na alma. Então fiz o que sei de melhor: escondi a bagunça dentro de mim e me calei. Fui para casa, tomei um banho, tirei a roupa do hospital e me encaminhei até o escritório. A única pessoa que percebeu que havia algo de errado comigo foi a Liana. Ela disse que eu estava muito quieta. Não contei para a minha família, amigos e nem para o cara que deveria ter passado por tudo aquilo ao meu lado. A culpa começou a me corroer, porque ele tinha o direito de saber, de sentir aquela dor.

— Então Bram não sabe sobre o bebê?

Fecho os olhos com força e nego.

— Por favor, Samson, não use essa palavra. Eu não... eu só...

— Respire, boneca. — Ele me puxa e faz com que eu me sente em seu colo, com o rosto encostado em seu ombro, como a minha mãe costumava fazer quando eu era bem pequena e me encaixava

perfeitamente em seus braços.

O buraco em minha alma de repente ganha mais proporção, pois novamente me dou conta de que quase tive a oportunidade de criar este tipo de memória para alguém.

Passo algum tempo ali em silêncio. Preciso disso para encontrar meu fôlego e conseguir voltar a falar sem que meus soluços estrondosos me impeçam.

— Bram sabe, mas só contei muito tempo depois. Usei disso para que sofresse, já que chegou um momento que ele parecia bem, enquanto eu tão mal, que pensei que seria injusto poupá-lo quando Foster não pensou em mim por nem um segundo sequer. Mas, antes de contar, dois dias depois do que aconteceu, Brandon me enviou uma mensagem dizendo que precisávamos conversar pessoalmente no campus, mas era tanta coisa que eu simplesmente não podia esperar dias até saber o que ele queria falar.

Brandon: *Você não tem ideia mesmo do que é?*

Eu: *Não!*

Brandon: *Tá, mas olha, precisa entender que fiz isso naquela época que não estávamos bem. As coisas estavam confusas e eu fiz merda.*

Eu: *O que você fez?*

Brandon: *Não imagina mesmo?*

Eu: *Não! Só diz logo, por favor, eu aguento. — Só que era mentira, eu sabia que não aguentaria.*

Brandon: *Eu te traí, Gabe.*

Eu: *Com quem?*

Brandon: *Isso não tem importância, eu te traí.*

Eu: *Com quem, Bram?*

Brandon: *Com a irmã do Parker.*

Eu: *Beatrice? Você disse que eram apenas amigos.*

Brandon: *Eu sei.*

Eu: *Onde?*

Brandon: *Não faça isso com você mesma. Vai se machucar mais ainda.*

Eu: *Me diz, Bram, onde foi?*

Brandon: *Se lembra quando fui com a sua mãe visitar a sua avó?*

Rebecca me deixou com o meu pai e eu pedi para ele parar em uma cidade no caminho. Tinha uma festa, ela estava lá e bebemos um pouco demais.

Eu: *Isso faz meses, eu fui na sua casa depois disso, você falou de casamento. Por que fez isso? Por que fez isso com a gente?*

Brandon: *Nosso namoro tava uma merda, ela me ouviu e me deixou confortável.*

Eu: *Seis anos, Brandon, não acredito que teve coragem de fazer isso. Preciso de espaço, preciso pensar.*

Meu mundo continuou desabando. Tinha medo de que em algum momento as rochas acabassem e não restasse mais nada de mim.

Fiquei ainda mais arrasada, mas diante de tudo o que aconteceu, apesar de ter doído muito, possuía dores maiores naquele momento. O perdoei. Afinal, quase tivemos um filho juntos. Deveria ser um sinal do Universo, e escolhi acreditar nisso.

Eu: *Eu vou tentar, Bram, vou tentar perdoar você. Só não consigo fazer isso agora porque estou com problemas maiores.*

Brandon: *Não tem que tentar. Não pedi desculpas, não é para me perdoar. Acabou, Gabe, não quero mais namorar. Estou mal com o que fiz e não tenho espaço pra relacionamento na minha vida.*

Eu: *Não entendo, está mal com o que aconteceu, estou te dando a oportunidade de consertar e você não quer?*

Brandon: *É, eu não quero. Isso não teria acontecido se você tivesse sido mais presente na minha vida, sabe. Assim eu não me sentiria confortável com outra.*

— Me humilhei muito por ele, Samson, pedi inúmeras vezes, mesmo sabendo que Brandon não era obrigado a ficar comigo. Tudo porque eu queria passar por uma coisa de cada vez; perder um filho que eu não sabia da existência e lidar com um término após seis anos de relacionamento seria demais para mim. Não queria ter que aguentar as perguntas sobre os motivos que levaram ao fim do namoro enquanto enfrentava uma carga que tinha certeza de que não conseguiria suportar. Mas ele não se importava. Bram queria ser solteiro outra vez e afirmou que em sua vida não tinha tempo para um relacionamento. As pessoas me mandavam fotos dele em festas, diziam que ele estava feliz, e eu mergulhava cada vez mais fundo na tristeza.

Me levanto do colo dele e pulo para fora da cama. Tento secar os olhos com a ajuda das mãos, mas as lágrimas não param de escorrer. Entro no closet, e sinto a presença de Samson ao meu redor. Saber que ele está aqui me dá forças para puxar uma caixa média e

colocá-la no chão. Estou conseguindo dar um passo adiante, um que acreditei nunca conseguir dar.

Quando me sento no chão do closet, Samson faz o mesmo. Abro a caixa e a empurro em sua direção, com as mãos trêmulas e o interior gelado, como naquela noite do dia vinte e nove.

— Entrei em negação nos dias que se seguiram. — O olhar assustado dele está fixo no conteúdo da caixa. — Enlouqueci. Agi como se o bebê estivesse dentro de mim.

Seus dedos pegam uma chupeta rosa, soltando-a imediatamente. Faço o mesmo com uma roupinha branca de recém-nascido. É tão pequena, e ainda guarda o cheiro de amaciante para bebês.

— Comprei várias coisas e fiz isso todo dia vinte e nove. Uma peça por mês, até o dia que me ajudou com as rosas. Enviei buquês ao hospital e instruí as enfermeiras que os entregassem para cada mulher que passava pelo mesmo que eu. Alguma delas provavelmente estavam sozinhas lá também, sem apoio.

— Por que não contou para a sua mãe? Ou sua irmã?

Dou de ombros, com os olhos ainda voltados para o conteúdo da caixa.

— No começo fiquei com medo. Depois, aceitei que elas não precisavam sofrer por aquilo. Era, ainda é, uma dor minha. Minha mãe sempre me alertou para não ter filhos antes de estabilizar minha vida. Ela se decepcionaria, e não suportaria vê-la assim. Mas aquele dia que ela nos pegou dormindo no sofá, decidi abrir essa parte da minha vida.

— E o Bram?

— Adotei Daisy logo depois, sentindo a necessidade de cuidar de alguém, já que não podia mais fazer isso com uma criança. A vontade se aflorou em mim e em menos de vinte e quatro horas eu a tive nos braços. Daisy é fêmea, porque desde o primeiro momento senti que era uma menina. Foi estranho, mas nunca a imaginei de outra forma. Chorei muito no primeiro dia, segurando-a. Prometi que seríamos nós duas, eu cuidaria dela e ela de mim. Sim, foi uma decisão carente, mas não me arrependo.

“Bram me mandava mensagens de vez em quando. Ele sempre me procurava quando precisava desabafar ou soltar as merdas da vida dele. E eu o ouvia. Aquilo continuava alimentando esperança de que um dia as coisas voltariam ao que eram antes. Numa noite, cansei de ser o potinho que ele usava para guardar os seus problemas sem poder falar sobre os meus. Conte sobre a impossibilidade de realizarmos seu sonho de ser pai, sabendo que isso me afastaria de nós. Queria que ele entendesse o que eu sentia, que não era mais capaz de dar a ele o que mais desejava.”

Respiro fundo, e prossigo. Despejo tudo o que guardei por muito tempo.

— Conteí tudo e pedi que se afastasse, para não me lembrar daquela dor. Contudo, o ciclo persistiu. Ele sumia e voltava por um bom tempo. Foi quando decidi dar um basta. Me humilhei outra vez e pedi para voltar. Mas a verdade é que eu não o queria de volta. Mas alguns caras tem disso, eles precisam se sentir no controle. Tentar fazer Bram se afastar com palavras e distância não funcionou, porque cada vez que a última palavra não era dele, ele voltava, me pedia um conselho de amiga, perguntava se eu estava melhor.

“Brandon sempre me viu como um desafio, já que no começo eu não caía no seu papinho barato. Após seis anos de namoro, eu já estava apaixonada e o brilho do desafio acabou. Para Bram, eu deixei de ser interessante, mas ele ainda precisava sentir que foi o último a tomar a decisão. Por isso, pedi para voltar, me humilhei, realmente fiz o papel da ex maluca. Dei um jeito dele dar a palavra final, já que assim poderia se sentir no controle e sair por cima, dizendo que a ex ainda era apaixonada por ele e que ele não ligava.

Ainda gostava dele apesar de tudo. Era a dependência emocional falando e o sentimento de não querer ficar sozinha.”

— E depois? — pergunta baixinho.

— Conversamos muito pouco. Tentei mostrar os exames, pois senti que Brandon merecia ver. No entanto, ele se recusou, e afirmou que o que aconteceu não mudaria a sua vida e que não era problema dele.

Fico em silêncio, e espero que Samson assimile o que acabei de dizer. É muita coisa, eu sei, mas não quero esconder mais nada de Nolan. E sim que saiba tudo para decidir se quer ficar comigo ou não.

Um minuto inteiro se vai até que ele segura meus dedos e me puxa para um abraço apertado.

— Devia ter criado uma confusão com aquelas enfermeiras para que me deixassem estar com você. — Consigo ver os sinais do choro preso em sua garganta. — Eu... eu não podia só ter esperado sentado por notícias.

Ele ficou lá esperando por notícias minhas? Uma pessoa que ele até então não conhecia?

Não quero que ele chore por minha causa, não quero que se sinta culpado por algo que ninguém tem culpa.

— Você fez mais do que deveria, consegui me distrair e me fez sorrir. Me lembro disso.

— Passei quase dois anos procurando por você, passei a noite no hospital em busca de informações, mas não quiseram me dizer nada. Na tarde seguinte, fui embora e, nas vezes que voltei para perguntar sobre você, ainda não queriam me dar informações.

— Você não me conhecia, Samson, não precisava se preocupar. Não era sua obrigação me dar apoio.

Ele solta uma risada nasalada.

— Doe a ver o sofrimento e a confusão nos seus olhos, boneca. Desde aquele dia senti que deveria te encontrar e te fazer sorrir. Tudo o que eu queria era descobrir como seu rosto ficava quando estava verdadeiramente feliz. Até que consegui a imagem. Foi quando você praticou SUP pela primeira vez, após todos os tombos, finalmente conseguiu se manter de pé e remar. Você sorriu de uma maneira tão bonita, sua feição se iluminou e as maçãs do seu rosto se sobressaíram um pouco. Deveria ser considerado um crime quando fica triste.

— Você não existe *Nolan Samson Grayson!*

— Como vão as consultas com o médico? — Ele muda de assunto drasticamente.

Fico surpresa, porém feliz por ele se interessar.

Me limito a balançar os ombros.

— Estou fazendo os tratamentos, mas não estão surtindo efeito. Por sorte o problema está no meu útero, não nos óvulos. Provavelmente vou poder recorrer a barriga de aluguel.

— E como se sente com essa possibilidade? Com o fato de presenciar uma mulher gerando seu filho?

Deixo que um suspiro escape. Não tenho uma resposta para essa pergunta que não seja repleta de amargura e negação.

— Não tenho muito o que sentir. Se eu quiser mesmo fazer isso, precisa ser por este caminho.

Estamos como no dia da academia, Samson com as costas apoiadas na parede, comigo entre suas pernas. Os braços dele por baixo dos meus, quase contornando meu tronco, e nossas mãos entrelaçadas. Meu rosto provavelmente está vermelho e inchado, mas não tenho vergonha. *Não dele!*

— Só para deixar claro, você tá ligada que basta me pedir, certo? Uma palavra e estou dentro.

Solto uma risadinha baixa.

— Sei que sim, você pularia da Golden Gate se eu pedisse. Desde o começo, parecia disposto a fazer qualquer coisa por mim.

Seu rosto se enfia na curva do meu pescoço e sua respiração quente faz com que meus pelos se arrepiem.

— Você ter consciência disso me deixa preocupado.

— Só por que sou uma *psicopata manipuladora*? — brinco, mudando o tom das duas últimas palavras. Rir disso é melhor do que remoer. Sei disso agora.

— Não, isso foi algo que o idiota do seu ex usou para te diminuir. Não pode deixar que os outros façam isso, boneca. Só você pode delimitar seu tamanho. E você é valiosa demais.

— Estou brincando, mas você não precisa ser o meu doador. Vou escolher algum desconhecido que não queira se envolver.

— Mas eu quero me envolver, e desejo fazer isso ao seu lado. Não sei até onde as coisas entre nós vão chegar, mas mesmo que acabe em algum momento, quero estar contigo. Qualquer coisa é melhor do que nada.

— Você não existe, sabia? — falo, emocionada.

Sinto quando ele sorri, e giro meu rosto, fitando os orbes do surfista. Seu sorriso de tirar o fôlego se alarga um pouco mais quando ele diz:

— Existo sim. E estou bem aqui, doido para te dar um beijo daqueles.



Cheguei á você sem esperança
Você me deu mais que uma mão pra segurar
Me segurou antes que eu caísse
Me diga que eu estou segura, você me tem agora
Take Me Home | *Jess Glynne*

Gabe Montgomery

Na manhã seguinte, entro no escritório com dois pesos a menos nos ombros. Um por ter compartilhado tudo com Samson e recebido seu apoio, e outro por ele entender minhas decisões. O tratamento de fertilidade é caro, e todos os custos que terei com uma barriga de aluguel e os procedimentos médicos envolvidos demandam muito dinheiro. Ao menos agora ele compreende porque escolhi uma casa tão grande, com um quintal espaçoso. Busquei o lugar ideal para criar uma criança no futuro. Sabia que levaria tempo até ter condições de realizar todos os meus planos, mas estou chegando lá com um passo por vez.

— O que é essa curvinha para cima nos seus lábios? — Liana é a primeira a me ver. — Socorro, a Gabe está sorrindo.

Apesar de suas palavras, não me sinto exposta ou envergonhada, mesmo com todos no escritório virando para olhar para mim.

— São boas notícias, não são, palomita? — Carlos fala, com os pés cruzados em cima da mesa.

Apenas faço que sim e me aproximo dele.

— Como sabe?

Meu chefe dá de ombros.

— Tenho acesso à agenda de vocês para coordenar os clientes e vi sua consulta ontem. Foi assim que descobri a gravidez da Liana — ele sussurra a última parte.

— Estava me esperando? — questiono. Contorno a mesa e coloco a bolsa no tampo de vidro. — Algum problema?

— Nenhum, só quero atualizações sobre os negócios com o

cantor.

— Allan Beauhale? — Meu chefe confirma, então continuo a passar o relatório. — Ele tem uma viagem marcada para visitar casas. Adiantei alguns imóveis e enviei fotos para ele. Gostou da mansão na colina de Malibu, que tem uma quadra de basquete enorme no porão, e da mais afastada em Venice, por causa da área verde e maior privacidade.

— Mostre a mansão de dezoito milhões a ele.

Quase me engasgo com a saliva.

— Não é a que você mostrou ao Travor Dax? Enlouqueceu? Eles se odeiam, Carlos, a mídia toda só fala disso.

— Exato, vamos instigar essa rivalidade e fazê-los brigar pela casa. O que pagar mais leva, vamos faturar uma bela comissão, palomita.

— Você não presta! — Solto uma risada e tiro a agenda da bolsa. — Ah, vou precisar sair na hora do almoço, tenho um compromisso.

— Se conseguirmos vender a casa de dezoito milhões para um daqueles dois metidos, pode tirar dois meses de folga, querida. — Ele finalmente tira os pés de cima da minha mesa e libera a cadeira para que eu me sente, mas quando faço isso, Carlos se abaixa um pouco, ficando à minha altura, e sussurra: — Contei a Heather sobre o Adam, ela ficou nas nuvens, mas ainda me preocupo que fique chateada.

— Heather é adulta, ela não vai sentir ciúmes de um bebê fofinho como o Adam.

— Mesmo assim. — Suspira, meio preocupado. Alguns minutos de silêncio preenchem o ambiente até que ele o quebre, dizendo: — Suspeito que seu compromisso seja a final do surfe que está acontecendo em Manhattan Beach, certo? — Aceno em concordância. — Tudo bem se ela for com você? Quero que Heather dê uma relaxada.

— Claro, estou morrendo de saudades de Heather, deixa que eu combino tudo com ela.

Quando meu chefe se afasta, pego meu celular e envio uma mensagem para minha amiga.

Gebe: *Temos compromisso hoje, me encontra na Gonzales às onze horas se quiser conhecer o cara do luau.*

Após me livrar de todos os documentos que precisavam de conferência e enviá-los por e-mail, procuro por Karen. Temos mantido uma relação um pouco mais pessoal desde que Edgar fez a mudança. Foram algumas tardes de vinho no pub aqui perto. Em algumas, Liana nos acompanhou, sob a justificativa de precisar de uma válvula de escape da vida de mãe solteira, sendo que foi a própria quem pediu a

Carlos que não participasse do cotidiano do filho. Liana não queria um cara ditando suas escolhas como mãe, assim como não queria alguém reclamando de seus relacionamentos casuais e sem compromisso. É assim que ela quer levar a vida, mas agora que Heather sabe da história, duvido um pouco que ela vá fingir que o irmão não existe.

Arrasto minha cadeira até a mesa de Karen, mais ao fundo do escritório.

— Como foi a viagem do John para conhecer a faculdade?

Dois segundos depois ouço as rodinhas da cadeira de Liana parando perto da minha e ela logo diz:

— Pensei que ele não quisesse viajar com o Edgar!

Karen dá de ombros.

— Ele não quis que o Edgar fosse, pedi ao Taylor para levá-lo. John adorou o campus, está animado em se mudar.

— Taylor? — Minhas sobrançelas se erguem. — Taylor Ramsey? O nosso colega de trabalho?

— Sim, ele se ofereceu para conversar com o John se precisasse. John parece confiar nele.

— Hum... — Liana murmura surpresa. — Sempre pensei que o único traço de personalidade dele fosse achar que gosta da Gabe.

— Achar? — Karen a encara um pouco perdida, assim como eu.

— Sim, os homens são assim. Não podem ver uma mulher solteira que acham que ela é obrigada a dar bola para eles. Ou não reparou que as investidas começaram depois que você confirmou estar solteira? — Minha expressão evidencia que finalmente entendi a coisa toda. — Viu, homem não presta. Por isso não fico com um por mais de uma semana.

— Um dia eu quero ser igual a você, Liana — digo a ela.

— Você nunca vai ser igual a mim, porque tem um baby surfista andando atrás de você como um cachorrinho que abana o rabo. E eu não suportaria esse tipo de coisa, nasci com o espírito livre.

— Amor jovem é tão fofo, aproveite, Gabe. — Karen suspira, como se estivesse se recordando de algo.

Os olhos de Liana se voltam faiscantes para Karen.

— Eu sou jovem também, Karen. — Nós três gargalhamos juntas e voltamos aos nossos afazeres.

Às onze da manhã, junto minhas coisas e saio do escritório com os olhos no celular. Verifico a mensagem de Heather, onde diz que está a caminho daqui. Vou em direção ao meu carro com mais calma do que antes; não quero ficar lá dentro sem nada para fazer até que ela apareça.

Destravo o alarme e jogo a bolsa no banco de trás. Ao fechar a porta, percebo alguém parado bem perto de mim. Meus olhos se fixam

em sua barriga protuberante e, em seguida, se voltam para o rosto dela. É a garota que estava com Brandon no dia do luau. Deveria sentir raiva dela, assim como quando me contaram da gravidez, ou de Bram, já que para ele conseguir um filho bastou outra garota. No entanto, não sinto nada, apenas pena, pois sei que a mãe dele deve estar enlouquecendo-a e dizendo coisas horríveis.

— Eu... — Seus lábios se abrem e em seguida se fecham.

— Tudo bem?

— Sim — ela tenta, mas novamente se cala.

Resolvo dar uma forcinha.

— Quer me dizer alguma coisa?

— Sim, quero per...

— Tente respirar fundo, ajuda quando trava assim. Já aconteceu comigo. — Aconselho com gentileza.

A vejo respirar fundo e então seus lábios se abrem.

— Me desculpa se estou te atrapalhando. Deve ser estranho me ver aqui por... bem, por tudo, né?

Ela dá um sorrisinho sem graça, e eu apenas aceno positivamente.

— Eu sou a Jane.

— Gabe — respondo, embora ela já saiba disso.

— Me desculpe a pergunta que vou fazer, mas... por que foi procurar o Bram em um dos treinos? Por acaso vocês...

— Está me perguntando se estou tendo um caso com o meu ex-namorado? — Ergo as sobrancelhas, e a encaro em choque.

— Olha, Gabe, a minha situação é complicada. Não quero passar por isso. Se estiver acontecendo algo, preciso...

— Não tem nada acontecendo. Fui até o treino encontrar outra pessoa, o Brandon estar lá foi pura coincidência. Quero distância dele, Jane, você não deveria se preocupar.

— Assim como você não se preocupou? — questiona.

Solto uma lufada de ar.

— Está preocupada por que ele te deu motivos ou por ele ter me traído?

— Eu não sei. Fico tão paranoica com a história de vocês que tudo que ele faz parece um motivo para desconfiança — desabafa.

— Aceitaria um conselho meu? — Ela pensa por alguns segundos antes de assentir. — Não tome minha história com ele de exemplo. Nunca teríamos dado certo porque achávamos que o amor era uma coisa diferente do que realmente é. A melhor coisa que pode fazer é conversar e dizer o que sente, para ver o que Brandon tem a falar também. Não fique agindo por coisas que você acha ou não têm certeza, vai enlouquecer. Então, sempre que algo te incomodar, apenas sente e converse.

Jane sorri de lado. Ainda não sei se vai seguir meu conselho ou não, mas sinceramente não ligo. Só espero que a criança na barriga dela tenha uma boa vida.

— Obrigada!

Ela se vira, pronta para sair andando naquele Sol infernal.

— Vai para Manhattan Beach assistir as finais? — pergunto a ela, que nega ao puxar um celular da bolsa. — Deveria ir, Bram ficaria feliz se te visse lá — admito, mesmo odiando reconhecer que conheço aquele imbecil mais do que gostaria. — E vai passar mal até um motorista aceitar sua corrida e chegar aqui. Se quiser carona, estou indo para lá.

— Não precisa, eu não costumo...

Um carro preto para perto de nós. Heather sai com um chapéu, saída de praia estampada com flores e shorts jeans por cima do biquíni. Os óculos escuros estão presos no decote. Ela sorri para mim feliz, contudo, logo o repuxar de lábios se vai ao notar Jane.

— Essa aí não é a...

— Sim — a interrompo. — Vou dar uma carona a Jane até Manhattan Beach.

Heather inclina o rosto, enquanto o olhar vaga de mim para a outra garota. Sua feição é questionadora. Apenas me aproximo dela e me jogo em seus braços. Senti saudade do abraço reconfortante da minha amiga. Logo ela me aperta e devolve o gesto na mesma intensidade.

— Tudo bem com você? — sussurra em meu ouvido.

— Sim, senti saudade, Heat!

— Eu também, GG.

— O que é GG?

Os olhos castanhos de Heather brilham de pura excitação ao dizer:

— Um passarinho me contou que a coisa com o surfista anda às mil maravilhas e que logo você vai se tornar Gabriela Grayson, GG!

— O passarinho tem nome e sobrenome, e um bebê com parte do seu DNA?

— Minha quase madrastra, mas o papai já tem outra em vista. Ele acha que sou cega e não vejo os sorrisos bestas para o telefone.

Nós duas nos afastamos muito durante meu relacionamento com Bram. Heather vivia dizendo que não éramos um casal saudável, e eu escolhi ignorar. Não fiz esforço algum para nos encontrarmos quando as agendas batiam, e ela parou de tentar. Ao menos nunca desistiu de nós, e agora tenho a oportunidade de recuperar o tempo perdido.

Quando me solto dela, existe um brilho molhado em nossos olhos. Nos encaramos por um segundo e soltamos uma gargalhada

baixa que diz muito mais do que qualquer palavra. As coisas vão voltar ao seu lugar.

Destravo o carro e dirijo até a praia. Alguns minutos se passam até que cheguemos ao local indicado e nos acomodamos na areia, sobre a canga de Heather. Afundo os pés nos grãos e observo a movimentação ao redor. Samson me avisou que sua participação seria às uma da tarde, então assim que me vê, ele vem até mim. O surfista se joga ao meu lado na areia e beija minha testa.

— Você veio, boneca!

— Não perderia por nada. — Sorrio e me aproximo prestes a juntar nossas bocas, porém um murmuro ao meu lado me impede. — Ah, trouxe a minha amiga Heather. Heather, esse é o Samson.

— Uh, o cara dos conselhos e do luau. É um prazer! — Ele estica a mão, porém minha amiga o puxa para um abraço e sussurra algo em seu ouvido.

Não consigo entender o que é, apenas sei que Samson sorri e diz:

— Por nada!

Quando Nolan volta para perto de mim, um dos seus braços é enrolado ao redor do meu pescoço. Gosto da sensação, gosto que estejamos dando esse passo adiante, gosto que ele pareça tão animado quanto eu, principalmente agora que deixei claro como as coisas precisarão ser, caso isso entre nós dê certo.

Ele usa o wetsuit hoje, já que a temperatura da água é um pouco mais fria que o normal. Precisei me trocar dentro do carro e deixei as roupas sociais de lado ao vestir um maiô preto bordado e uma saída branca, nada chamativa como a de Heather.

Chris e Misha aparecem logo depois. A bateria da garota foi mais cedo e ela não conseguiu se classificar, apesar de ter ido muito bem em toda a competição. Já Christian tem o surfe como um hobby, ele parou de competir quando percebeu esse pequeno detalhe.

Noto o olhar de Samson um pouco mais ao longe. Debaixo de uma tenda branca está Bram, seus olhos pairam sobre mim enquanto Jane está recostada nele, aparentemente feliz. Meu ex a abraça e uma das mãos pousam carinhosamente sobre a barriga, mas os olhos permanecem fixos em nós.

— Por que ele está olhando pra cá? — A voz de Samson é baixa.

— Jane foi conversar comigo no escritório, acabei dando uma carona a ela. Acho que ele não gostou muito disso.

Imediatamente os orbes de Samson então em mim, a preocupação piscando nas íris.

— Tudo bem? O que ela queria?

— Está sim, ela só queria conversar. Nada demais.

— Você tem certeza? — Como resposta, meneio a cabeça positivamente. — Misha vai me ajudar na tenda, Chris vai ficar aqui se alguém vier te atormentar. Mas pode me chamar se preferir, ou praticar aquele belo chute da última vez.

Solto uma risada quando ele me empurra com os ombros.

— Sei dar uns socos no nariz também — acrescento.

Samson sorri, seus olhos se fecham levemente, e ele balança a cabeça em um sinal de aprovação.

— É isso aí, boneca. — Ele aproxima seu rosto do meu e me dá um beijo rápido. — Preciso ir.

O surfista me beija outra vez e quando se afasta digo:

— Dá um caldo neles, Samson.

Ele se levanta e faz aquele sinal engraçado com os polegares e os mindinhos apontados para o alto, enquanto os outros dedos estão encolhidos. Abana a mão no ar enquanto se afasta com Misha em seu enalço.

Heather e eu passamos a observar os surfistas nas ondas, enquanto dizemos o quanto todos eles são péssimos, mesmo não entendendo muito bem do esporte. Bem, posso dizer que sei alguma coisa, mas nem de longe sou uma expert nisso. Christian ri de nós e explica que estamos erradas cada vez que abrimos a boca.

Quando Samson corre com sua prancha na direção da água, consigo sentir um frio na barriga de excitação. Já o vi surfando e treinando, mas nunca competindo. Ele começa com manobras mais simples, e a calma que transmite ao público é surreal. Parece tão à vontade.

— Ih, Bram está vindo pra cá. — O desdém na voz de Heather é evidente. — Podemos fingir que ele não existe por um tempinho?

Por dois segundos desvio os olhos de Samson, apenas para encará-la e rir.

— Isso é tão quarta série.

— Ah, Gabe, a quarta série foi a melhor época.

Concordo enquanto gargalho e volto a fixar a atenção em Nolan. Ele dá uma rasgada e um cut back em seguida. O número onze em seu wetsuit fica evidente daqui. Samson nunca me disse o motivo de escolher usar aquele número. Faço uma anotação mental para perguntar depois.

Logo a sombra de Bram se faz presente na areia. Sigo o conselho de Heather e finjo que ele não existe.

— Gabe! — chama.

Tudo o que faço é permanecer com os olhos fixos no meu surfista, que realiza um aéreo. Nolan não mostra nem um traço de que tenha se desequilibrado ao executar o movimento. A sensação de vê-lo no mar e quando me beija é a mesma. O frio na barriga, a ansiedade

para o que vem a seguir e a explosão de calor quando ele me surpreende. Percebo que nunca foi Brandon. O tempo com Foster apenas me preparou para encontrar Samson, já que se Bram e eu não tivéssemos nos conhecido, meu caminho nunca se cruzaria com o de Nolan.

Samson realiza um Floater no segundo que Brandon chama pelo meu nome novamente.

— Gabe!

Por um minuto me esqueci da presença dele aqui.

Quando não respondo, ele chama por Heather, que apenas finge não vê-lo também. Então, ele caminha até a nossa frente e se espreme no pequeno espaço vago entre nós. Ter a pele dele grudada na minha é como uma queimadura de Sol. Dói, arde, incomoda. A sensação por si só já é uma vitória; antes, eu ansiava por seu toque, mesmo sabendo de tudo. Agora, o único que desejo é o de Nolan Samson Grayson.

— Gabe, pode parar de agir feito uma criança e... — A voz de Foster surge.

— Eu não estou agindo como uma criança, só não quero perder a performance.

Não tiro os olhos do número onze quando digo as palavras. Bram já tomou tempo demais de mim.

— Tudo bem, só queria agradecer por ter trazido a Jane. Ela é teimosa, não me ligaria pedindo para que eu a buscasse para assistir. Acho que isso é um carma meu.

— Não tem de que, só peça para ela não ir até o meu trabalho. É meio assustador encontrar a namorada do meu ex me esperando para conversar. — Balanço os ombros.

— Agora vaza, porque a gente te odeia. — Heather o empurra.

— Odeio vocês também — murmura ao se levantar, mas não vai embora. — Que bom que veio, ele deve ter ficado feliz.

Não preciso pensar muito para saber que ele está falando do colega de surfe. Só então volto meus olhos para os de Bram. Sua expressão é séria e em algum lugar ali existe sinceridade. Brandon se vira prestes a voltar para a tenda de sua equipe quando o chamo. Ele me olha por cima do ombro, e assim sei que tenho sua atenção.

— Jane gosta de você, ela está insegura e grávida. Não faço ideia de como é a relação de vocês dois, mas... faça com que ela se sinta segura, não cometa aquele erro outra vez. Ela não merece isso.

Ele sorri de lado e assente. Um silêncio acomete o lugar, seguido por gritos assustados. Nós dois olhamos na direção, a expressão no rosto das pessoas é de choque e tensão.

— O que aconteceu? — Minha voz sai baixa.

— Alguém está se afogando — explica Heather.

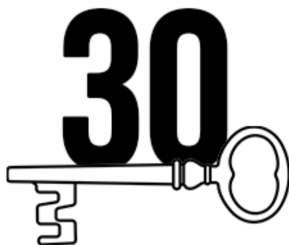
Chris não está mais ao nosso lado, o vejo correndo em direção a água em desespero.

— Ele entrou numa corrente de retorno. — A voz reflexiva de Foster fica cada vez mais baixa de acordo com que ele corre para o mar também.

Procuro pelo número onze, mas não o encontro em lugar algum. O outro competidor retorna para a areia com o rosto assombrado. Meu peito se aperta e meu corpo todo passa a tremer enquanto estou correndo para a água. Dois braços me agarram com força, não preciso olhar para saber que é Heather. A prancha surge em algum momento, saltando de dentro do mar muito rápido, mas pela altura que atingiu é impossível que ele ainda estivesse preso a ela, o leash não é tão comprido.

Quando vejo Chris e Bram, além de alguns salva-vidas que vasculham a água em busca dele, eu grito:

— Samson!



Você diz algo tão carinhoso, mas
Agora tenho que deixar você ir
Não quero ficar sozinho
Você sabe que isso me machuca também
Você parece tão destruída quando chora
Mais um e depois direi adeus
Heat Waves | Glass Animal

Gabe Montgomery

Correntes de retorno são o ponto de convergência entre duas ondas. Olhando de fora, parece calmo, mas a correnteza é forte. A força da água é tanta que consegue criar valas profundas na areia. O primeiro conselho para quem vai à praia é identificar onde estão as correntes de retorno e se manter longe delas.

Mas hoje, Samson, por alguma razão, foi direto para uma.

Não sei quanto tempo se passou. Não sei quando Heather me largou. Tudo o que sei é que meu peito doeu a cada instante em que Samson estava submerso. Meu mundo ruiu outra vez. Quando Bram o tirou do mar, corri até eles e caí na areia molhada, onde ele deixou o corpo quase desfalecido de Nolan. Me inclinei sobre ele e o chamei algumas vezes, não recebendo resposta alguma.

— Abra os olhos — peço, enquanto o chacoalho.

O corpo continua imóvel. Os lábios começam a ganhar tons mais frios e não a cor viva de antes.

— Abre os olhos. — Afundo minha cabeça na curva de seu pescoço. — Preciso que alguém me segure se eu cair outra vez. Samson, abre os olhos e me chame de boneca. Por favor...

— Gabe, se afasta dele. — Ouço a voz de Bram, mas não dou importância.

Apenas quando ele segura meus ombros e puxa, me mantendo afastada do corpo de Nolan, é que percebo a equipe de socorristas prontos para fazer seu trabalho. Meu ex mantém seus braços ao redor de mim, quando faço menção de me aproximar outra vez. Um dos

socorristas se abaixa para ouvir a respiração de Samson. Não sei o que ele escutou, mas me desespero ainda mais quando apoia as duas mãos unidas no peito do surfista inconsciente e inicia uma massagem cardíaca.

— Oh, Deus, ele não está respirando — grito. — Samson, por favor, respire. Só respire.

Bram me olha um pouco irritado; ele sempre reclamou sobre eu gritar quando fico nervosa. A diferença é que agora não ligo para a opinião dele, muito menos quando o cara que gosto está quase morto por não conseguir respirar.

— Acorda — outro grito escapa.

O socorrista continua com os movimentos, até que o corpo de Nolan tem um espasmo e um pouco de água jorra por seu nariz e boca.

Prendo todo o ar quando ele volta a respirar, ainda com um pouco de dificuldade. Então, com muita calma, o cara faz com que ele se deite de lado até que toda a água que engoliu saia. Eu me aproximo outra vez, assim que Bram me larga, e passo a mão nos cabelos molhados e dourados de Samson.

Os paramédicos o checam enquanto me abaixo e lhe dou um beijo na testa. Ele permanece com os olhos fechados, mas quando o meio sorriso surge, tenho certeza de que sabe que estou bem aqui. Sinto quando os dedos dele tocam em meu braço, procurando pela minha mão. Samson abre os olhos quando ajeito sua cabeça em meu colo com cuidado.

Sean, Misha, Chris, Heather, Jane e Bram permanecem ao nosso redor, assim como dois paramédicos e algumas pessoas que assistiam à bateria.

Ele busca os meus olhos e meu peito explode em alívio. Grayson sorri de lado, um leve repuxar de lábios, pois logo tosse algumas vezes. Quando a crise passa, ele estica a mão que não está grudada à minha e toca minha bochecha. Resmunga alguma coisa que nenhum de nós entende, tanto que nos aproximamos um pouco para ouvir.

— Você está bem? Sente dor em alguma parte do corpo além dos pulmões queimando? — indaga um dos socorristas.

Samson parece respirar um pouco mais calmo. O socorrista avisa que vai se afastar, mas alerta para qualquer desconforto que procure um hospital. O surfista tenta falar novamente, mas sua voz é abafada pelo barulho ao redor. Nolan persiste, enquanto uma multidão começa a aplaudir.

— Você conseguiu, cara!

Direciono minha atenção a Sean, que está feliz ao confirmar que Samson, apesar do erro em ir direto para uma corrente de retorno,

consegui se classificar para o Mundial.

Olho para o homem em meu colo e sorrio para ele, enquanto as comemorações ao redor continuam. Nolan ainda permanece estirado sobre a areia, com o rosto meio sonolento.

— Eu trapaceei — é o que sai de sua boca.

Todos fitam o surfista quase desfalecido no chão. Me inclino para mais perto na intenção de compreender melhor suas palavras.

— O quê?

— Trapaceou? Como? — questiona Bram, tão encabulado quanto eu. — Estava todo mundo de olho em você.

— O quê? — Samson questiona, ainda confuso.

— Você conseguiu, se classificou para o Mundial — resolvo explicar novamente.

— Consegui? — indaga em choque. — Mesmo?

Balanço o rosto com veemência, e caio sobre ele em um abraço desajeitado. Samson me rodeia com seus braços assim que afundo o rosto em seu pescoço coberto de areia.

Ele conseguiu!

— Eu consegui — repete — Eu consegui, boneca.

— Conseguiu, sim.

— Parabéns aí, cara — Brandon diz, e se afasta. Consigo captar um pouquinho de constrangimento em sua voz.

Nolan sorri amplamente, com um brilho especial nos olhos. Minha expressão não deve ser muito diferente.

— Tenho muito orgulho de você. Seus avós também, tenho certeza.

Ele fecha os olhos e gargalha, iluminado pelo Sol. Esta é a melhor visão do garoto, no lugar que mais ama no mundo, fazendo o que lhe faz feliz e obtendo sucesso. É nesse instante que tenho certeza que o amo. Quero vê-lo feliz a cada conquista, sem perder um único sorriso. Quero ele ao meu lado no dia mais importante da minha vida.

Antes que eu consiga dizer qualquer coisa, o brilho se desvanece e o tormento retorna ao seu rosto. Quero chacoalhá-lo e dizer que deveria ficar alegre por ter se classificado, mas me contenho.

— Eu trapaceei... — As palavras escampam de seus lábios.

— Como? — é Sean quem pergunta.

Samson desvia os olhos para seu agente, como se apenas agora tivesse notado sua presença.

— Não com a competição, trapaceei com você, Gabe. Eu menti, te enganei, não sou quem fiz parecer.

Meus olhos ficam úmidos quase instantaneamente.

Ele mentiu?

— Comigo? — questiono.

— Preciso do meu celular — ele pede.

Sean tira o aparelho do bolso e o entrega a Nolan. Meu coração acelera, acompanhado por uma sensação terrível de déjà-vu. Engulo em seco quando Samson remove a capa e me entrega o papel que sempre esteve guardado ali. Meus dedos tremem ao tocar a folha. Nunca rotulamos o que tínhamos, e fui eu quem preferi assim, mas Samson não se envolveria com outra pessoa.

Ele não é como Bram.

Repito essa frase mentalmente algumas vezes enquanto respiro fundo, reunindo coragem. Quando um pequeno resquício de força surge, desdobro a folha de caderno e reconheço imediatamente minha letra desenhada ali.

Minha lista para encontrar um cara decente.

Volto meus orbes para os dele. É evidente o quanto se culpa por ter estado com ela todo esse tempo.

— Eu trapaceei — repete.

Dobro a lista, não precisando tomar nota do conteúdo para saber que ele concluiu quase todos os itens escritos ali. Samson sabia tudo o que precisava sobre mim antes mesmo de nos encontrarmos em Santa Cecília.

— Não fiz aquelas coisas porque você me contou ou porque sou um cara legal.

— Samson... — começo, mas sou interrompida pelo seu dedo posicionado em frente aos meus lábios, um gesto educado para que eu o deixe falar. As pessoas ao redor se afastam, nos proporcionando um pouco de privacidade.

— Fiz porque tive a dica, e você merece esses gestos genuínos, não premeditados.

Inclino a cabeça e o observo com as sobrancelhas arqueadas.

— Quer mesmo que eu te culpe por ter descoberto as coisas que eu mais queria em um cara e ter tornado a maioria delas realidade? Não me importo. Bram sabia de tudo aquilo e nunca moveu um dedo para fazer acontecer. Você agiu, Samson. Fez com que fosse real. O maior erro dos casais hoje em dia é idealizar um milhão de coisas, mas nunca colocá-las em prática, e você veio e tirou todas as minhas aspirações do papel em menos de seis meses.

— Ainda não conheceu a Escócia. — Seus ombros balançam.

Sorrio de lado, contente por ele se lembrar.

— Até onde eu me lembre, a Escócia não está nesta lista. — Inclino o rosto e o abraço forte. Samson circula meu corpo com seus braços, sua pele ainda está fria, mas não como quando saiu da água. — Se sente melhor?

— Sim, só os pulmões um pouco estranhos.

— Onde conseguiu a minha lista?

— No dia em que te encontrei caída na rua, o papel estava na sua mão. Guardei no bolso e não consegui te devolver. — Ele sorri de canto. — Eu me apaixonei lendo seus critérios para encontrar a pessoa certa. É estranho porque eu não sabia nada de você além daquelas coisas. Sequer tinha um nome, idade ou endereço. Apenas uma lista de coisas que por meses idealizei fazer.

— Não precisava ter feito nada daquilo para que eu gostasse de você.

— Não precisava, mas eu quis. Gabe, você não desejava nada inalcançável. Eram coisas tão simples, cotidianas. Não precisava sonhar com elas, porque deveriam acontecer todos os dias. Muito menos listá-las.

Eu não o mereço e ainda assim sou egoísta o suficiente para querê-lo apenas para mim. Meu peito se aperta e provavelmente minha feição demonstra a mudança, pois Samson inclina o rosto para encarar o meu com desconfiança.

— O que foi, boneca? Está com uma expressão estranha, você parece meio...triste?

— Como foi parar na corrente de retorno? — a pergunta sai e ele desvia o olhar no mesmo segundo. — Você nasceu no mar, como foi parar numa corrente de retorno?

Seus ombros caem, então o escuto confessar:

— Vi o Bram conversando com você. Depois do que me contou ontem e o quanto se sente mal quando ele está por perto, eu só consegui pensar que ele estivesse te incomodando. Me distraí com isso e não percebi que estava indo para além das marcações da competição.

Engulo em seco. Estamos repetindo a história, e não quero arrastar Samson para uma confusão como aquela. É como se eu me visse anos atrás conversando com Brandon.

— Entende o que vai acontecer com a gente, certo? — Seu cenho se franze. — Estamos começando a depender emocionalmente um do outro. Você poderia ter morrido hoje, tudo por causa do caos em minha vida. Não é responsabilidade sua arrumar nada disso.

— O que quer dizer?

— O que estou tentando dizer é... não podemos ser irresponsáveis assim. Estou planejando ter um bebê um dia e gostaria que estivesse incluído nesses planos. Mas não vou contar com isso, já que as coisas podem mudar entre nós. E como ficaria o outro com isso? Destroçado.

— Gabe... — Ele suspira baixinho.

— Não está na hora. Eu não estou bem para manter uma relação agora.

— Ei, boneca, posso fazer isso. Quero ser o doador — ele para

de falar de repente, e faz uma careta em seguida. — Não, me desculpa, isso pareceu um argumento para te convencer de algo e... nós não somos assim.

Apenas nego ao balançar a cabeça.

— Você é jovem demais para decidir isso, e eu também sou nova demais para dar esse passo, especialmente agora. Não estou pronta para ser mãe no momento. Antes, eu desejava tudo imediatamente, mas percebi que era apenas uma forma de tentar preencher o vazio deixado pelo bebê ou pelo Brandon. Mas não preciso substituir nada. Essas experiências fazem parte da minha história e me levaram até você. Estou trabalhando em mim mesma, e quando me sentir pronta, farei acontecer.

— Mas eu quero fazer isso com você, quando achar que...

— Antes, preciso ter certeza de que me amo e de que sei exatamente quem sou sem a sombra de um homem interferindo. Quando isso acontecer e você tiver certeza do que quer, e quando nós dois tivermos certeza de que queremos estar juntos, então daremos esse passo.

— É por causa da carta? — indaga, num sussurro.

— Não é por causa da carta, é por mim. Samson, eu... caí uma vez, e não posso arriscar desmoronar de novo porque ainda não consegui me reerguer.

— Gabe, não vou deixar que caia de novo. Eu juro.

— É isso que estou pedindo, não me deixe cair. Me deixe ir, para que eu possa aprender a me levantar sozinha.

Os ombros dele murcham, e seus olhos varrem meu rosto com uma expressão que não sei descrever. É como se sentisse pena de mim e ao mesmo tempo uma pontada de orgulho e preocupação.

— Você não precisa me pedir para ir, é escolha sua, não tenho o poder de te manter por perto se não for o que deseja.

É quando mais uma fração da realidade me atinge em cheio. Eu sou essa pessoa, que mesmo gritando ser independente e sabendo do que precisa, busca a aprovação de alguém.

— Eu... — As palavras apenas somem da minha mente.

— O que quer fazer agora? — pergunta. — É sua decisão.

Solto uma lufada de ar.

— Você vai para o torneio Mundial, Samson, e vai dar um caldo em todos esses metidos que acham que sabem competir. — O nó desconfortável em minha garganta reflete a dificuldade de expressar minhas palavras. — Enquanto isso, vou focar em me descobrir, me amar e, quando tiver certeza das duas coisas, então poderemos ver o que acontece a seguir, se ainda estiver disposto. Mas não me espera, aproveite cada segundo desse torneio.

— Então cada um vai para o seu canto? Tudo bem, se for isso

o que quer, mas precisa saber que posso te ajudar a se descobrir, a se amar e...

Apoio uma das mãos em seu ombro, o calando.

— Preciso fazer isso sozinha. Hoje, quando você surfava, senti o meu mundo desmoronar. Estou me agarrando a você, muito, e tenho medo de que não dê certo. No momento, meu maior medo é te perder, e tive um vislumbre disso. Não posso viver a sua vida como fiz com Foster.

Seus dedos correm pelo meu rosto. Estamos de pé agora, frente a frente. Não sei ao certo quando nos levantamos.

— O que quer dizer com isso, boneca? — A voz baixa e o brilho em seus olhos fazem com que meu coração se aperte.

Não quero ter que fazer isso, mas se não fizer, pode ser que a história se repita. De jeito nenhum vou passar por algo assim novamente. E de jeito nenhum vou deixar que Samson passe.

— Quando entrar em um relacionamento, preciso ter certeza de que vou sair dele sabendo quem eu sou e que vou sobreviver sozinha. Vai doer, mas é assim que tem que ser. Não posso ser egoísta com nós. Quero ter certeza de que posso sentir tudo sem que meu passado interfira ou me deixe na dúvida. Não quero estar ao seu lado apenas porque Brandon e eu não demos certo. Mas sim porque te amo, e realmente sinto que te amo.

Suspiro, retomando o fôlego.

— Mas só vou poder te amar de verdade depois que eu me amar. Como vou saber se qualquer sentimento meu por alguém é real quando não sei quem sou de verdade e tudo o que sinto por mim mesma é mágoa por me considerar inútil?

Uma lágrima escorre de seus olhos. Samson pressiona sua testa contra a minha, as mãos dele apoiadas em cada lado do meu rosto.

— Você não é inútil, Gabe — sussurra.

— Sei que não, mas é involuntário. Às vezes, o coração e a mente têm opiniões divergentes. Eu não desejo sentir isso. Quero que meu coração e mente estejam em harmonia.

— Não precisamos ficar longe para você se descobrir, mas se é isso que quer...

Nolan abre um sorriso de nervosismo ao mesmo tempo que balança o rosto de um lado para o outro.

— Precisamos, ou vou ser uma distração para você, como fui hoje, e você para mim. Tem que dar tudo de si nesse torneio, Samson, você é capaz de ganhar o título. Eu não vou te atrapalhar com os meus problemas. Você merece cem por cento de mim, e quero te dar cem por cento, só que no momento só posso te oferecer oitenta. Oitenta não é suficiente, não para você.

Sua testa está apoiada na minha, e os olhos permanecem fixos

nos meus. Samson abre a boca e diz a frase responsável por fazer meu mundo parar de girar.

— Como vou dar tudo no Mundial se você faz parte de mim, boneca?

Uma lágrima escorre dos meus olhos. Estou pronta para jogar tudo para o alto, mas reprimendo o impulso, entendendo que tudo tem seu tempo.

Aproximo minha boca da dele, mas não permito que se toquem ainda.

— Você não precisa de mim para nada, Nolan *Samson* Grayson. Você é capaz de tudo que quiser ser ou fazer. E um dia, nossos caminhos vão se cruzar outra vez.

Ele respira fundo.

— Tem certeza de que é isso o que quer?

— Tenho, porque você merece cem por cento.

— Odeio como sempre faço qualquer coisa que me pede, porque estou prestes a concordar com isso e é uma droga. — Outra lágrima desliza por sua bochecha, acompanhada de uma risada nervosa. — Mas escute, boneca, precisa prometer que assim que se redescobrir, serei a primeira pessoa que vai procurar, querendo ficar comigo ou não. Vou estar te esperando porque não existe a possibilidade de você deixar de ser a garota perfeita para mim.

— Acaba com esses bobões no Mundial, meu Samson.

Ele dá uma risadinha contornada pelas lágrimas, e eu o acompanho, pois não estou muito diferente dele.

Samson me puxa pela cintura e pressiona seus lábios nos meus. Nosso beijo é diferente, pois agora não sabemos quando, ou se, acontecerá de novo. Sua boca está quente, e seu corpo tem um aroma de maresia mais intenso do que o normal. Amo esse cheiro, é como se estivesse em casa, porque desde que Samson apareceu, tenho me sentido conectada ao mar de uma forma inexplicável.

Não quero me afastar dele. Esta será a terceira vez que nos separamos sem saber o que o futuro reserva. Uma vez no hospital, a segunda no cais de Newport e agora. Quando o beijo acaba, por falta de ar, encaro seus olhos e permito que ele veja tudo o que sinto, para que saiba que vou voltar, e que este não é o nosso fim.

Dou passos para trás, observando cada centímetro de seu rosto bronzeado, como se assim pudesse visualizá-lo sempre que quiser, para aliviar a saudade. Samson não desvia o olhar de mim, e quando me viro para alcançar o carro, ele ainda me encara. Os pelos da minha nuca permanecem arrepiados até que eu vá em direção ao endereço da minha mãe.

Larguei Heather na praia, mas não é como se ela não pudesse voltar para casa. *Espero que ela me entenda!*

Quando Rebecca abre a porta, sua expressão muda instantaneamente. A preocupação toma seu olhar. Meu rosto entrega tudo.

— Gabe, o que aconteceu?

— Samson — é tudo o que consigo dizer.

— O que ele fez? — Lá está a cara que diz silenciosamente “outra vez?”.

— Pedi que se afastasse.

— Como? Pensei que gostasse dele.

— E gosto. — Minha voz já está embargada.

— Se gosta dele, por que fez essa estupidez, Gabe?

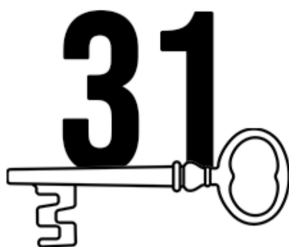
— Porque eu gosto do Samson mais do que de mim. Eu o coloquei à frente de tudo, como fiz com Bram. Minha prioridade precisa ser eu mesma, mãe. É uma merda, mas...eu preciso ser um pouco egoísta agora.

Ela abre um sorriso compreensivo. Minha mãe entende o que estou sentindo, porque foi exatamente o que ela fez com o meu pai a vida toda. Rebecca deixou de viver por si mesma, para viver por ele. Deixou seus próprios sonhos de lado, enquanto ele nunca abriu mão de nada por ela.

— Eu concordo com você, filha, mas entende que se colocou na mesma posição que estava dois anos atrás, certo? — Apenas faço que sim. — Vai doer como da primeira vez.

Ela agarra as minhas mãos e me leva até o sofá. Nos sentamos nele, abraçadas.

— Vai doer, mas não como daquela vez. Sei exatamente onde encontrar Samson quando for a hora certa.



Talvez eu fosse pessimista, um tolo
Nada jamais fez eu me sentir como você faz
O que eu não faria só para te segurar aqui nos meus braços
Lose My Mind | James Arthur (feat. You Me At Six & Josh Franceschi)

Gabe Montgomery

| Nova Iorque, Nova Iorque |
Algumas semanas mais tarde

É minha última viagem a trabalho antes das férias forçadas que tive que tirar. A parte boa é que Heather vai comigo, a ruim é que ela não revelou nada sobre o destino. Tudo o que sei, de acordo com suas palavras, é que será uma experiência inesquecível. Isso me assusta, pois apesar de Heath ser ajuizada, ela é filha do Carlos Gonzalez.

Vim a Nova Iorque sondar alguns imóveis em potencial para reforma e venda. Carlos planeja expandir a Gonzales para a costa leste do país. Passei uma semana andando pela cidade, então, quando chego ao quarto do hotel, jogo os saltos em qualquer canto e me sento na cama.

Quinze minutos após, o celular apita. Agarro-o, pronta para desligar a chamada, mas percebo que não é uma ligação. É o alarme que configurei para não perder a estreia de Samson na WSL.

Nós dois não conversamos desde a despedida na praia. Isso dói, e muito. Sinto falta dele, dos beijos, das idas à academia nas madrugadas de domingo, e até do cheiro de queimado toda vez que ele tentava cozinhar. Daisy também sente saudades do surfista, às vezes ela arrasta sua cama para perto da porta, esperando que ele chegue.

Mas sei que preciso disso. Não posso correr o risco de que tudo aconteça outra vez.

Ligo a TV do hotel e vasculho atrás de algum canal de esportes.

— Por favor, não faça isso comigo — exclamo, frustrada. Nenhum dos canais de esporte está disponível, e não consigo liberá-los nem mediante pagamento.

Coloco um par de *tênis* e pego a minha bolsa, dirigindo-me até a recepção.

— Oi — cumprimento a recepcionista, que segura uma enorme xícara de café entre os dedos. — Consegue liberar os canais de esporte do meu quarto? Sei que não estava na minha reserva, então eu posso...

— Lamento, mas não é possível — ela responde com um largo sorriso, seguido por um bocejo.

— Pode me dizer o porquê?

— Infelizmente não tenho autorização para liberá-los.

— Ah, vocês não têm... — Me calo quando um cara se apoia no balcão e dá uma piscadela para a recepcionista.

Ela muda a postura, como se agora tivesse resolvido ser uma boa funcionária.

— Posso ajudar, sr. Conrad?

O rapaz de pele clara me lembra muito Nolan, a não ser pela falta de bronze, os músculos a mais e os olhos azuis. Mas o formato do rosto e os fios dourados lisos são muito parecidos. Ele sorri para mim de forma gentil.

— Se quiser um conselho, tem um bar a duas quadras daqui. As pessoas costumam se reunir lá para assistir aos jogos — o tal do Conrad fala.

Não deveria aceitar o conselho de um estranho, especialmente quando envolve ir a um bar.

— Acha que eles estão assistindo ao Mundial de surfe?

Conrad estuda meu rosto com seriedade, como se eu estivesse tirando uma com a cara dele. Mas depois de perceber que falo sério, ele se empertiga.

— Com toda certeza não, especialmente quando hoje tem jogo. Giants contra Dolphins.

— Basquete? — chuto.

O cara revira os olhos.

— Futebol.

— Ah, quem é que assiste futebol hoje em dia? Um bando de marmanjos que correm atrás de uma bola oval. Além disso, eu preciso mesmo assistir ao mundial de surfe, não vejo o Samson há semanas e não quero perder as etapas da WCT, já que não posso estar lá com ele.

Ele se apoia no balcão da recepção, contendo o riso, enquanto a recepcionista parece prestes a me dar um tapa por estar conversando

com o cara.

— Quem é Samson? — ele questiona.

Abro a boca para responder, mas percebo que não tenho uma resposta clara.

Tudo o que sei é que gosto de Nolan de uma maneira assustadora e que, no momento, a distância pode nos salvar de algum eventual desastre futuro.

— Ele quase foi meu namorado, mas precisei me afastar.

Algo passa por seus olhos azuis. Algo como... *identificação?*

— Vamos para o bar, garota.

— Mas você disse que estão assistindo futebol, Giants contra Dolphins.

Ele se dirige em direção a porta. No meio do caminho, puxa o gorro do moletom, que veste por baixo da jaqueta jeans, para cobrir sua cabeça.

— Isso depende, o quão convincente você é? — o cara questiona.

Impossível não ajeitar minha postura ao dizer:

— Muito. Sou corretora. Eu vendo qualquer coisa, ainda que ela esteja quebrada.

— Ah, é? — Ele continua a andar.

— Sim, você está precisando de uma casa? A costa oeste tem muitos imóveis que podem te agradar. Aliás, me chamo Gabe Montgomery.

Conrad dá uma risada contida.

— Holden Conrad — se apresenta.

— Hm, seu nome não me é estranho.

— Talvez tenha visto na TV.

Inclino ligeiramente o rosto enquanto caminhamos juntos pelas calçadas de Nova Iorque.

— Sério? O que você faz? — questiono.

— Sou quarterback dos Patriots.

Meu rosto fica quente ao lembrar do que disse antes. Sinto-me ainda pior por ele estar tentando me ajudar.

— Oh, Deus, desculpe por ter te chamado de brutamontes idiota.

— Relaxa, vou relevar porque quer ver seu *quase namorado* surfando.

Ao chegarmos no bar, percebo que perdi a abertura da competição e provavelmente já estão na segunda bateria do dia. A Austrália está dezesseis horas à frente, então enquanto aqui ainda são apenas dez da noite, lá já é uma da tarde.

Serpenteio pelo salão lotado do bar, cercada por gritos e xingamentos, sentindo meu coração diminuir um pouco a cada passo

por não estar do outro lado do mundo com o meu Samson.

Holden se acomoda, em pé, ao lado do único banco vazio no balcão, deixando-me sentar ali. Ele aponta para indicar um cara de meia idade do outro lado, que serve as canecas com cerveja.

Timidamente chamo o moço.

— O senhor poderia trocar de canal?

O cara solta uma gargalhada na minha cara e nega.

Lanço um olhar para Holden e ele dá de ombros.

— O quanto quer ver Samson?

Muito! Ele pode conseguir uma vaga para as Olimpíadas se tiver um bom desempenho.

Respiro fundo e peço mais uma vez se ele pode mudar de canal. Recebo outra negativa, e algumas vaias quando ele compartilha meu pedido com todos do bar.

É um dos momentos mais constrangedores da minha vida e em qualquer outro instante eu viraria as costas e voltaria para o hotel. O problema é que me recuso a não assistir a bateria de Samson. Já estou perdendo muito por não estar lá com ele.

Meus pés ganham vida própria quando se apoiam no tampo do banco. E continuam agindo por conta própria quando se movem para cima do balcão. Consigo ver Holden rindo, ainda com o rosto escondido nas sombras do gorro preto.

— Oi — digo, e ninguém se dá ao trabalho de prestar atenção em mim. — Oi!

Me sinto invisível novamente. Estou prestes a descer e desistir, contudo, retomo o fôlego. Por *ele*.

Me agacho no balcão e agarro a mangueira de cerveja. Sem pensar no que faço, aperto a trava que aciona a saída da bebida e esguicho o líquido nas pessoas. Alguns segundos após a coisa mais insana que já fiz na vida, um copo voa na minha direção e se espatifa ao lado do balcão de bebidas. Meu corpo inteiro se encolhe na hora, a adrenalina começando a correr dentro de mim. Com os olhos arregalados, encaro Holden, que gesticula com as mãos e me pede para descer.

Mas eu não o faço. Samson criou a noite de superar os traumas ao me levar ao Mr. Burrito. Bem, resolvi que hoje é o dia de superar os traumas outra vez. O trauma do momento é conseguir ser o centro das atenções, nem que seja um pouquinho.

— Eu adoraria pedir um favor a vocês. — Todos os olhos continuam sobre mim. — Sei que amam futebol, mas alguém que conhece de verdade está hoje naquele campo? Amigo ou parente?

Todos permanecem em silêncio, a não ser Holden, que começa a erguer um dos dedos.

— Você abaixa esse dedo, porque no seu caso não conta —

sussurro a ele.

É óbvio que ele tem amigos lá; afinal, faz parte desse mundo também.

— Não? — Sorrio, pois amo quando alguém começa a entender meu ponto de vista. — Vocês não têm ninguém naquele campo, mas eu... bem o meu... meu quase namorado está agora se preparando para entrar no mar, em Margaret River, na Austrália, para a competição mais importante da sua vida. E eu não estou lá, então por favor, me deixem assistir apenas a bateria dele na TV e depois podem voltar a ver o jogo.

— Não — alguém grita.

Me recuso a desistir agora.

— Por uma rodada de cerveja na minha conta? — Faço uma nova tentativa.

Alguns olhares mudam, como se considerassem a ideia, mas recebo outro não como resposta.

— Tá, mas e por uma rodada de cerveja... — Meus olhos caem sobre o pobre Holden escondido no canto do estabelecimento. — Que tal uma foto com Holden Conrad? — Todo bar se cala, e o quarterback arregala os olhos para mim, deixando claro que quer me chacoalhar. Me inclino para perto dele e arranco o gorro que protege sua identidade. O silêncio preenche o ambiente. Pigarreio, decidida a quebrá-lo: — Esse aqui é o meu amigo... Holder... Martin. Ele é a cara do Holden Conrad, eles são quase sósias.

Enfim todos concordam, mas ainda escuto alguém dizer:

— Mas antes precisa virar o copo na sua mão.

Encaro o copo com desconfiança. Não gosto de cerveja, é amarga demais e praticamente sem gosto.

— Vira aí, de uma vez só — o quarterback resmunga perto de mim, nada contente pelo o que fiz.

Enrugo as sobrancelhas e engulo em seco antes de levar a borda do copo aos lábios, entornando o líquido de uma só vez garganta a baixo. É horrível, mas quando tomo a última gota, já não parece tão amargo quanto no começo.

Jogo o copo no chão e todos no bar começam a berrar, eufóricos.

Uns dez minutos depois, o quarterback permanece tirando fotos. O cara do balcão vasculha os canais em busca de algum que esteja transmitindo a WSL.

— E então?

Holden se inclina sobre o balcão, os olhos fixos na TV. Sem o moletom, seus braços fortes, um deles adornado com uma tatuagem de um palhaço no estilo do Coringa, são nitidamente destacados pela camiseta preta com o logo dos Giants.

— Nada ainda.

— É bom que ele encontre, já que me jogou aos leões sem nem pensar duas vezes — brinca.

Sorrio de canto, e rodo meu segundo copo de cerveja.

— Na verdade, eu não pensei nem uma vez... Holder Martin.

Holden solta uma gargalhada, negando.

— É bom que o seu surfista valha a pena, garota.

— E ela vale a pena? — questiono.

A expressão séria em seu rosto, aliada à mágoa que percebo crescendo, é uma resposta clara à minha pergunta. Sim, ela vale a pena.

— Ela quem?

— A pessoa que você precisou se distanciar, a mesma que se lembrou quando falei sobre o Samson no hotel.

— Ron — deixa escapar. — E ela vale a pena, exatamente por isso estou aqui.

Ergo as sobrancelhas.

— Em Nova Iorque?

— Ah, não, estou na cidade visitando meu irmão. Ele joga pelos Giants. — Isso explica o motivo de um jogador dos Patriots usar uma camisa do rival. — Quando digo "aqui", quero dizer *bem longe dela*.

— Me afastei do Samson exatamente por isso, não posso ficar com ele enquanto não organizar a minha bagunça interna.

Seus lábios se esticam de canto, num sorriso triste. É o primeiro sorriso que vejo partir do cara e não é de felicidade. Encarando Holden agora, me dou conta de que já fui essa pessoa não tem muito tempo. Eu era assim quando reencontrei Samson na ilha.

— A diferença é que não posso estar perto dela ou vou ceder.

— Quando conheci o Samson, tudo em mim gritava para ficar longe dele, porque não era seguro para mim.

Os olhos dele me observam com atenção, esperando por algum conselho que eu não sei dar. Mas Nolan saberia se estivesse aqui comigo.

— O que você fez?

— Eu dizia que ia ficar longe, mas minhas ações me jogavam para cima dele. Quando percebi, estava completamente apaixonada. Quer um conselho? Desiste amigo, aceita a derrota e vai ficar com ela.

— Adoraria que fosse tão simples. Mas diz aí, qual deles é o seu quase namorado?

Encaro a tela, onde agora mostra uma tabela com os dados da bateria anterior. Logo em seguida, os comentaristas anunciam a formação da próxima bateria, e o nome Nolan Grayson surge no fim da lista.

Nolan Grayson e não Samson, como ele era conhecido em sua carreira no surfe.

O que aconteceu?

Sorrio ao identificar o número que estampa sua camisa, apesar da confusão causada pela troca de nomes.

— O número cinquenta e dois — digo.

— E como você, corretora de imóveis, foi encontrar um surfista?

— Ele me ajudou no pior dia da minha vida, e nos desencontramos. Depois, eu o ajudei quando se machucou em uma ilha e nos desencontramos outra vez. Até que o agente dele procurou a corretora onde eu trabalho para encontrar uma casa em Los Angeles. E você e a Ron?

Holden balança o rosto, um pouco indeciso.

— Se eu contar você vai sair correndo.

— Vou nada, só te contei a parte leve da minha história.

— Certo, eu cursava o terceiro ano da faculdade, e ela o primeiro. Meu irmão, Jake, estava fugindo comigo de uma encrenca quando encontramos Ron e a filha do delegado saindo de outra confusão. Resolvemos ajudar as duas e, no fim das contas, a polícia nos levou para passar a noite na delegacia por *vandalizar* a cidade.

— E o que a Ron fez para precisar fugir?

— Tentou incendiar a casa da amante do pai dela.

Seria errado admitir que gostei um pouco mais da garota por causa disso?

— Nossa!

— Pois é, a filha do delegado não era uma boa influência. Mas a noite na delegacia juntou nós quatro de uma forma que...

— Não dá para explicar, né?

— Nem um pouco — confessa Holden.

Nós dois fixamos o olhar na tela da TV assim que a bateria de Samson começa. Mesmo através de uma placa de vidro que transmite imagens, sua performance é eletrizante. Enquanto os outros competidores da bateria estão sérios e carrancudos, claramente preocupados, Nolan mantém uma expressão séria e concentrada, mas é evidente o quanto ele se diverte nas ondas.

Ele executa um aéreo, seguido de uma manobra que não sei o nome, onde gira a prancha sob seus pés, como se fosse um skate. Então, assim que se equilibra novamente com ambos os pés na superfície, ele comemora a manobra perfeita.

— Ah, número cinquenta e dois, estou vendo. Seus olhos brilham diferentes quando o fita. — Ao mesmo tempo que diz isso, Holden esfrega a tatuagem do palhaço no braço, como se ela de repente queimasse a sua pele. — Ron me olhou assim uma vez.

— Essa tatuagem tem algo a ver com ela?

O quarterback dá de ombros, e desliza os olhos para a tatuagem. Eu, em contrapartida, grudo meus olhos na televisão e não os tiro dali. Samson está sentado sobre a prancha agora, acompanhando outro competidor tomar a vez na onda.

— Ela se vestiu de Arlequina em uma das festas de abertura da temporada.

— Que previsível! — brinco.

— É, nossa amiga, Aster, disse a mesma coisa. Naquele dia, percebi que Ron tirava minha sanidade, então tatuei isso como uma âncora na pele.

— Âncoras nunca são boas, elas te prendem em um lugar só.

— Não, tatuagens são âncoras internas, para a mente, traumas passados. Como uma ferida na sua alma, aquela que não quer cicatrizar. Uma forma de nunca esquecer as feridas, aceitar que elas existem e usar isso como uma força, e não fraqueza.

Furtivamente olho a tatuagem, contrariando a mim mesma por desgrudar os olhos da bateria.

— E isso aí doeu?

— Não tanto quanto deixar Ron em Hartford — diz ao passar o moletom pela cabeça e, logo em seguida, vestir a jaqueta jeans por cima. — Preciso ir agora, Jake quer que eu esteja lá quando o jogo acabar.

Ele se levanta e estende a mão para mim, que aperto com firmeza, e mostro um sorriso agradecido.

— Obrigada pela dica do bar.

— Que isso, só queria ver quanto tempo ia levar para se tocar de que podia ter pesquisado no Google e assistido à competição online.

Meus lábios se abrem pela idiotice que acabei de cometer, provando que sou cega quando se trata de Samson.

— Okay, devia mesmo ter pensado nisso.

— Jake vai adorar quando eu explicar o motivo do meu atraso.

— Bem, de qualquer forma, obrigada.

— Por nada, se cuida, costa oeste.

— Me ligue quando precisar de uma casa, Hartford.

Quando volto a atenção para a TV, vejo Samson se preparando para sua performance final na bateria. Não é surpresa que ele tenha se saído excepcionalmente bem, e obteve notas altas que o classificaram para a próxima fase, também na Austrália.

Um frio percorre minha barriga quando as palavras de Holden continuam a ecoar em minha mente, sobre transformar feridas em força.



São duas da manhã quando volto ao quarto de hotel. Paro em frente ao espelho do banheiro e arranco o blazer preto.

O plástico ao redor dos meus braços chama minha atenção, lembrando-me da dor terrível que senti quando inventei de fazer isso. Com cuidado, retiro a proteção da tatuagem e repito para mim mesma que hoje não é o dia de superar os traumas, mas sim de marcá-los na pele, e aprender a conviver. Utilizar disso como uma força, algo que me motive a querer continuar.

Um par de asas de anjo, uma asa na parte de trás de cada braço, como uma armadura protetora. É uma parte de quem eu sou agora. Não aceito a dor, mas convivo com ela. As asas servem para isso, para eu me lembrar da ferida que nunca vai curar e entender que, mesmo que machuque, nunca mais estarei sozinha. Um dia, chorei por uma perda, mas o que um dia quase foi um neném em meu colo agora é um anjo da guarda olhando por mim em algum lugar lá em cima, e de certa forma, ela está eternizada nos braços de onde nunca deveria ter saído.

32

Nem mesmo as ondas podem apagar
Nossos nomes na areia
Nunca puderam, nunca poderão
Você é tudo para mim
Eu desistiria de tudo

Me mostre as partes mais escuras do seu coração, eu não vou correr
Toda dança é lenta, todo beijo é como uau
Eles dizem que você sabe quando você sabe, bem, eu sei
Eu sei que você é a escolhida
Lifetime | Justin Bieber

Nolan Grayson

| **G-LAND, INDONÉSIA** |
Mais algumas semanas depois

O mar me engoliu.

Definitivamente não soube fazer boas escolhas. Tentei uma rasgada e a onda se virou contra mim. Realizei um aéreo e me desequilibrei, perdendo toda a performance. Apenas três das minhas manobras foram bem sucedidas e ainda assim não posso dizer que as executei com perfeição. Por sorte ainda não é a etapa de cortes do campeonato, então posso correr atrás do prejuízo.

Quando deixo o mar, sigo pela areia com minha prancha em direção à pousada que estamos hospedados. Sequer lanço os olhos para Sean porque sei que ele não está muito contente comigo no momento.

O motivo da minha bateria decepcionante?

Gabe nunca leu a carta que escrevi a ela. Me preocupei tanto em colocar as palavras no papel, de uma forma que ela entendesse, e me esqueci do quanto era importante enviá-la.

Minha cabeça, desde que acordei pela manhã e vi o papel ainda preso ao meu caderno de esboços, não me deixou manter a concentração em nada a não ser no meu descuido.

Para completar o desastre do dia, no caminho para fora da

praia, não me liguei e bati de frente com a imprensa. Bram estava lá dando uma entrevista para um canal de esportes norte-americano e eu não consegui desviar a tempo para que não me vissem. De repente, estávamos nós dois sendo enquadrados pela câmera e atacados pela repórter curiosa.

— Samson, sobre a sua performance de hoje, existe algum ponto que queira destacar?

Meus ombros estão duros, e minha respiração um pouco descontrolada. Sinto falta de como ela apoiou minha cabeça na curva de seu pescoço quando a coisa com meus avós pesava, do seu cheiro e, principalmente, da sua presença.

— Não, eu surfei mal.

A jornalista leva um segundo para entender que encerrei e então faz outra pergunta:

— Talvez um recado para os fãs sobre o que esperar das próximas etapas?

As próximas etapas? O campeonato só termina em setembro, daqui a sete meses. Sei que Gabe não vai me procurar nesse meio tempo, pois não quer me desconcentrar durante o CT, mas preciso dela aqui comigo.

— Eu não sei, talvez eu vá embora antes do previsto.

Os olhos da entrevistadora praticamente saltam para fora, enquanto Bram franze o rosto em uma careta. Mas não ligo. Meu avô me disse uma vez que se eu quero algo, preciso correr atrás, porque as outras pessoas estão percorrendo seus próprios caminhos. E quero minha boneca feliz, já que realmente sei que posso fazer isso.

Gabe e eu sabemos.

Deixo a imprensa para trás e corro até a pousada, com esse pensamento rondando minha mente. Não é muito longe da praia, e posso alcançar meu quarto pela porta da varanda. Coloco a prancha encostada na parede do lado de fora e entro.

Meu quarto está uma zona, minhas roupas espalhadas por todos os cantos e meu caderno aberto sobre a mesinha ao lado da cama. Eu o pego, na esperança de que desenhar um pouco vá me acalmar, mas num simples movimento um papel despenca do interior do caderno, a carta. A carta que deveria ter deixado com a Gabe antes do CT. *Como eu me esqueci da carta?*

Assim que abro a mochila, gritando comigo mesmo por ela nunca ter recebido a maldita carta, começo a jogar tudo lá dentro, sem pensar muito se as roupas vão ficar amassadas no processo. Eu não ligo para o Mundial, porque ele não faz sentido sem notícias de Gabe.

Só preciso saber se ela está bem, ou não vou conseguir ir muito longe no CT.

— Que papo furado foi aquele de talvez ir embora antes do previsto?

Não viro o rosto para responder à pergunta acusatória de Bram.

— Esqueci de fechar a porta — resmungo. Não quero conversar com ele agora.

— É, se esqueceu da porta

Mantemos uma relação de amizade no trabalho, não tocamos no assunto *Gabe* e isso nunca foi preciso. Só que agora não é o caso, e não quero conversar com ele sobre sua ex-namorada ter pedido distância de mim. Principalmente quando sei algo muito pessoal sobre os dois.

— O que quer? — pergunto, sem parar de correr pelo cômodo ao juntar as minhas coisas.

— Está fazendo as malas por quê?

— Preciso resolver uma coisa em casa.

— Gabe — Bram afirma, ligado nos meus motivos.

— Não é da sua conta, cara.

Ele bufa, alto, e seu corpo surge em meu campo de visão. De repente ele agarra minha mochila, largada sobre a cama, e a vira de ponta cabeça, chacoalhando para que as minhas coisas caiam sobre o chão novamente.

— Não é da minha conta, mas não posso te deixar largar tudo por causa daquela maluca.

— Gabe não é maluca, ela só se machucou e lidou com isso do jeito dela.

— O jeito dela lidar é psicótico, Samson. Precisa abrir os olhos e enxergar que não vale a pena.

Passo os dedos no cabelo um pouco irritado. Minha boneca não é nada disso.

— Mas ela vale a pena, tá ligado? Tem noção do que é precisar de um abraço e ter alguém ali disposto a fazer isso pelo tempo que precisar? Ou alguém que confie o suficiente para fazer uma coisa da qual não se sente totalmente seguro só por que está lá com ela? Na minha vida, se alguém vale a pena, é a Gabe. E sim, eu largo o Mundial apenas para ter notícias dela. E não me chama de Samson, é Nolan!

Ele joga minha mochila de volta na cama e cruza os braços tatuados.

— Olha, ela não foi essa pessoa para mim, então espero que entenda o meu ponto. Garota nenhuma vale a sua carreira, e você já perdeu a temporada passada por causa do acidente, não perca essa também.

— Vou para Los Angeles, e se a Gabe pedir para que eu fique

do lado dela enquanto resolve seus traumas internos, eu vou ficar.

Foster ergue as sobrancelhas, em assombro.

— Traumas internos? Ela te contou aquela palhaçada de *vinte e nove de março*? — Foster ri, e não demonstra nada além de descrença. — Isso é uma grande mentira, Samson. Está vendo por que digo que ela é uma psicopata? Gabe inventou isso para me fazer voltar com ela.

Não é mentira, sei disso porque eu estava lá. A vi sangrando na rua e o desespero nos olhos da minha boneca por não entender o que estava acontecendo. Minha regata ficou arruinada pelo sangue dela.

Agora faz sentido a reação dele. Gabe me disse que Bram deixou claro na mensagem que não era um problema seu. E ele é pai agora e parece amar o filho. Então por qual outro motivo diria aquilo se tivesse acreditado nela?

— Quantas vezes ela falou sobre isso com você? — questiono.

— Quando me contou o que tinha acontecido — responde.

— E o que ela te pediu depois disso?

— Pra ficar longe, já que aquele era um sinal de que nós dois nunca daríamos certo. E depois tentou voltar comigo outra vez, entende como ela é problemática?

— E nas vezes em que ela tentou voltar, em quantas tocou nesse assunto?

Sou capaz de ver Foster cerrar os dentes, mesmo que sua boca esteja fechada, ao soltar a resposta.

— Nenhuma, mas isso não significa que não tenha sido uma forma de me manipular.

Balanço o rosto ao concordar com ele.

— Mesmo que a palavra dela não bastasse para mim, eu estava lá no dia que aconteceu.

Ele ri outra vez, porém seu rosto balança em uma negativa, deixando claro que também não acredita em mim.

— Você, ela... não sabem pelo que eu estava passando, okay. Foi uma merda, mas Gabe devia ter se afastado quando pedi.

— Seu sofrimento não te dava o direito de descarregar em alguém, principalmente em quem estava tentando te ajudar.

— De qualquer forma, você ainda é um garoto, Samson... Nolan. Não larga o Mundial, se quer saber da Gabe é só ligar para ela.

Foster acabou de acender a luzinha em minha cabeça.

— Ligar?

— É, celular serve para isso. Sean te arrumou um chip local, né?

Arrumou!

Reviro as coisas em busca do meu telefone.

Odeio que com toda a coisa da carta eu sequer consiga me concentrar e me lembrar o caminho para a agenda do aparelho. *As coisas eram tão mais simples quando escritas no papel.*

— Que merda!

— O que foi? — ele pergunta logo atrás de mim.

— Não sei mexer direito nisso.

— Me empresta, te ajudo. — Penso um pouco se é uma boa ideia, antes de entregar o aparelho nas mãos dele. — Não tem o contato dela aqui.

— Ah, é, está salvo como *boneca*.

Bram não diz nada sobre isso, apenas me entrega meu celular já com a ligação discada. Espero ouvir sua voz, enquanto chama. Giro o rosto para o cara em meu quarto, até que ela atenda.

— Oi, você ligou para Gabe Montgomery. Desculpe não poder atender, provavelmente estou no trabalho, então deixe uma mensagem que retorno assim que possível.

Quando desligo a chamada, sem deixar recados, sei que existe um sorriso no canto dos meus lábios. Eu amo o som da voz dela, mas ouvir pessoalmente é um milhão de vezes melhor do que uma mensagem gravada.

Acabo ligando para minha mãe.

— Nolan, eu vi sua entrevista. O que aconteceu?

— Uma bagunça, mãe, escrevi uma carta para a Gabe antes de ir para a Austrália, pensei que tivesse enviado, mas não enviei. E agora...

— Ei, filho, se acalma. Respire e coloque a carta no correio.

Só que não posso fazer isso. Gabe não merece uma mensagem ou carta, sequer uma ligação. Tem que ser pessoalmente.

— Não, correio não. Olha, preciso que vá até a casa dela e descubra se está tudo certo. Preciso ter notícias dela, mãe.

— Tudo bem, estou em Santa Cecília, consegue me enviar o endereço por mensagem?

Eu com certeza não enviaria o endereço correto e não pediria isso ao Bram. Duvido muito que Gabe se sinta confortável caso ele saiba onde ela mora. No entanto, posso pedir a Misha, já que ela faz parte da minha equipe de suporte.

— Beleza, e mãe?

— Sim!

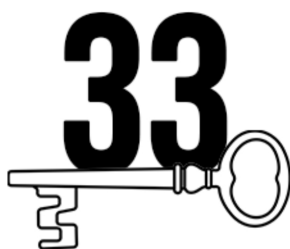
— Peça para ela me encontrar em Mavericks, vou estar lá para a abertura do QS. Você não vai entender, mas diga que mesmo que não tenha se descoberto ainda eu preciso vê-la, nem que seja por alguns minutos.

Ela solta um suspiro do outro lado da linha.

— Mas se ela não for até lá você precisa me prometer que vai

seguir em frente.

Se ela não for vou entender que preferiu seguir por uma direção oposta à minha.



Tudo que eu sei é que isso poderia partir o meu coração
ou trazê-lo de volta à vida

Tenho um pressentimento de que o seu toque elétrico
poderia encher de vida esta cidade fantasma

E eu quero você, quero precisar de você para sempre
Electric Touch | Taylor Swift feat. Fall out boy

Gabe Montgomery

| **SAN JUAN, PORTO RICO** |

Faz um tempo desde que embarquei na minha jornada pessoal
e descobri algumas coisas sobre mim:

Gosto de futebol americano (talvez mais pelo espetáculo de
ver o Holden enfrentar aqueles brutamontes);

Nada supera a sensação de acordar cedo e dar um mergulho
no mar antes de iniciar o meu dia;

Vinho é bom, mas prefiro a pina colada do hotel que estou no
momento;

Trabalhar de tênis não me deixa com a aparência desleixada,
pelo contrário, vendi uma casa enorme para um cara porque ele me
achou mais descontraída e sincera do que outras corretoras, mas ainda
amo os meus saltos e me sinto um pouco mais bonita com eles;

O momento mais relaxante do meu dia é voltar para casa com
música alta, lembrando de quando cantei com Samson no dia em
que fomos ao Mr. Burrito;

Além disso, estou saindo da minha zona de conforto cada vez
mais, até aluguei minha casa em Pacific Palisades e estou em um
apartamento menor. Pretendo voltar para lá algum dia, mas, por
enquanto, o desconto no salário não é mais um problema, já que o
aluguel cobre o valor que repasso para o Carlos.

Enfim, depois de muito tentar, Carlos conseguiu me obrigar a

ter férias. Minha amiga e eu organizamos uma viagem até Porto Rico, já que ela queria conhecer um pouco das suas raízes enquanto eu precisava me desligar do trabalho e da rotina.

E cá estamos!

Heather foi vasculhar a cidade onde o pai nasceu em busca de conhecimento sobre a culinária local. Não sei como, mas ela descobriu que vai ganhar um restaurante de presente e está colhendo informações sobre o cardápio. Carlos nem sonha com isso.

E eu... bem, estou indo até o bar do hotel pedir um drink após assistir à bateria de Samson pela TV. A entrevista desastrosa também não me sai da cabeça. Ele parecia tão desconfortável ali, cheguei a pensar que pudesse estar sendo intimidado pelas câmeras. Mas o que ele disse me deixou preocupada.

“Eu surfei mal.”

Ele nunca surfou mal, nem mesmo quando pegou a corrente de retorno. Ele concluiu a bateria com perfeição e só se distraiu quando acabou, provavelmente por minha causa. Mas eu não estava em G-Land hoje.

Peço uma pina colada ao bartender. Abro meu celular, e reflito se tento enviar uma mensagem para ele pelo Instagram, já que minha operadora de telefone não funciona fora do país. No entanto, assim que abro o aplicativo, vejo uma foto que Misha postou ao seu lado, demonstrando apoio por hoje. Eles parecem felizes na fotografia.

Alguns segundos se passam até que vejo o bartender retornar com minha bebida.

— Ah, acho que se enganou, eu pedi uma pina colada — falo, confusa.

— Sim, coco frio com pina colada — explica, e aponta para o canudo na bebida.

— Não, só pina colada.

— Foi um presente, moça.

Ele me estende um telefone, e eu reluto um pouco em pegá-lo.

— Gabe Montgomery. — É mais forte que eu, ainda tenho problemas em me desligar do trabalho.

— Oi, se lembra de mim?

Todo o meu interior congela.

— Milla, mãe do Samson. — Solto com o nervosismo tomando conta de mim.

Milla ri do outro lado da linha.

— Isso, deu um trabalhinho te encontrar. É sobre o Nolan que quero falar.

Meu coração se aperta no mesmo segundo.

— A bateria dele, a entrevista, e está usando Nolan para competir, não Samson.

Sinto que ela sorri com a última frase.

— Uma parte do mundo está de olho nele agora, mas Nolan disse que a única pessoa que quer ouvindo o chamar de Samson é você.

Meu Samson e sua boneca. Me lembro dos apelidos e da importância deles para nós.

— Ele quer notícias suas, Gabe — Milla continua, após meu momento em silêncio.

— Ah, eu... estou bem, vim para Porto Rico com uma amiga. — Não sei por que me sinto na obrigação de deixar esse último detalhe evidente a ela. — Como me encontrou?

— Fui até sua casa, mas disseram que você não mora mais lá. Me passaram seu novo endereço, e encontrei com a sua mãe. Ela me disse em qual hotel estava, então o Google deu uma forcinha com o resto.

— Sinto falta dele — confesso, mas ela também não precisava saber disso.

— Ele também. Nolan me pediu para te dizer que mesmo que não tenha se descoberto, ele precisa te ver, nem que seja por um breve momento.

— Milla...

Sinto muita falta dele. Tanta que sempre que descubro algo novo sobre mim, a primeira coisa que penso é: preciso contar isso ao Samson. E então me lembro de que ele não está mais por perto, por minha escolha. A decisão ainda parece correta, mas nem sempre saber o que é certo vai nos fazer seguir por este caminho. O ser humano, às vezes, simplesmente prefere ir pelo caminho errado.

— Ele ainda está na Indonésia?

— Sim, mas vai embarcar para o Brasil nas próximas semanas. Ele nunca surfou lá, então precisa treinar. Mas vai ter uma etapa do QS em Mavericks dentro de alguns dias.

— Tudo bem, obrigada. — Respiro fundo antes de dizer o que vem a seguir. — De verdade, obrigada. Você podia não ter me procurado e dito a ele que eu não quis te atender. Mas você teve todo esse trabalho para me encontrar e... é importante para mim, mesmo.

— E você é importante para ele, mas eu ainda sou mãe, e preciso te perguntar algo. — Meu silêncio é a confirmação que ela precisava para continuar. — Samson conversou comigo sobre você, ele não disse muito, mas eu preciso saber: Ele não é sua segunda opção, é? Se o Foster ainda te quisesse por perto você o escolheria?

Milla é pontual, sem rodeios ou indiretas. Gosto da sua sinceridade, muito, na verdade.

— Não existe nenhuma outra realidade que eu não escolheria o Samson.

— E nesta realidade que estamos?

Sorrio, um sorriso discreto e repleto de saudade.

— Sempre vai ser ele, sem opções ou escolhas a fazer.

Ouçó a respiração dela se alterar, como se estivesse sorrindo.

— Gosto de você, Gabe. Samson não errou quando se apaixonou. Agora, quando acabar esse coco frio, peça outro, mas troque o rum por whisky.

Solto uma gargalhada e a agradeço mais uma vez antes de desligar.

Parece que vou dirigir até Mavericks.



Ouvi dizer que as fotografias não mudam
Apenas as pessoas dentro delas
Quem te disse que a vida seria fácil
Eu juro que essa pessoa estava mentindo pra você
Você tem um problema com o seguir até ao fim
É por isso que eu tenho um problema com seguir você
Lost In The Moment | NF

Gabe Montgomery

| *Mavericks, Califórnia* |
Algumas semanas depois

Samson surfa no mar, é a segunda bateria do dia. Ele entra no túnel e eu só consigo enxergar seu corpo segundos depois. Algumas pessoas aplaudem a manobra, porém ele está tão longe que duvido ter conseguido ouvir. Além disso, sua concentração em cada movimento é tanta que mesmo se estivesse perto ele não teria notado.

Ele está aqui para um torneio que faz parte do QS e vale uma vaga para o CT do próximo ano. Daqui o garoto parte para o Brasil, na próxima fase da CT, que ocorre em Saquarema.

Nolan chegou a Mavericks dois dias atrás. Assim que soube por Milla que seu avião havia pousado, corri para cá, em uma longa viagem de carro. Não trocamos mais mensagens e nenhum tipo de contato. Eu não deveria estar aqui hoje, porque acho que ainda não é a hora. Contudo, não podia negar o pedido dele, e cá estou eu, o observando em mais uma bela performance.

Meus olhos se desviam do surfista quando percebo alguém caminhar em minha direção.

Bram está com uma mochila preta nas costas, óculos escuros e um boné do mesmo tom de algum patrocinador. Os pés descalços se afundam na areia a cada passo. Não me deixo abalar com sua aproximação, pois Brandon Foster não possui mais efeito sobre mim.

— Não estou a fim de ser chamada de psicopata hoje, Bram —

o informo assim que ele se planta ao meu lado.

O garoto tira os óculos escuros e me fita.

— Relaxa, sem armas, sem ataques. Vim na paz, ter uma conversa civilizada, Gabe. Se ainda for capaz disso.

Ignoro o ataque gratuito. Exalo um pouco da maresia que o mar trouxe e espero que ele continue.

— Okay. — Cruzo os braços e o amaldiçoo por me fazer parar de ver a bateria de Samson. — Estou ouvindo.

— Nunca quis o seu mal, mas nós dois só... só não era pra ser.

Ergo as sobancelhas.

— Concordo.

— Eu realmente estava doente na época, procurei ajuda com uma psicóloga. Me desculpa por ter seguido todos os caminhos errados quando tentei terminar, apesar de saber que não queria continuar nosso relacionamento, você não merecia nada daquilo.

— O mínimo de respeito teria sido bom — resmungo.

— Sim, teria, e quando me senti melhor, você me odiava e mandou eu ir me ferrar. E ainda tentou voltar depois.

— Acho que nós dois despertamos o pior lado um do outro. Você fez e falou merda, e eu reagi da pior forma e também falei o que não devia.

Um momento de silêncio preenche o ambiente, até que eu o quebre, indagando:

É só isso?

Foster balança o rosto e tira a mochila dos ombros, mexendo em algo dentro dela.

— Está cometendo um erro com Samson — ele explica quando percebe a confusão em meu rosto. — Ele gosta de você, de verdade.

— E ele não é como você — completo.

— Não, ele não é, mas...

— Você acha que ele é bom demais para mim.

Brandon pisca os olhos, como se não esperasse que eu fosse capaz de ser tão direta.

— O que acho não importa, mas essa distância que impôs vai destruir vocês, isso é fato. Precisa tomar cuidado ou em algum momento a nossa história vai se repetir.

— Tenho os meus motivos. Samson sabe quais são e os entende, e essa distância é justamente para que nós não sejamos como eu e você.

— Espero que esteja certa, porque aquele garoto é emocionado demais. — Um pedaço de papel é estendido em minha direção. — Ele escreveu isso pra você antes do circuito Mundial começar, mas esqueceu de te entregar. Só encontrou no mês passado quando estávamos na Indonésia.

Pego o papel, mas não confiro o conteúdo ainda. Bram me dá as costas e começa a se afastar. Eu sempre achei que precisávamos de um final decente, um final que ele não se dignou a me dar. Samson não é como Brandon e eu também não sou.

— Bram! — o chamo e ele para, lançando seu olhar diretamente ao meu. — Você me machucou, muito. Disse coisas horríveis e fez com que eu me odiasse. Fez com que eu me sentisse inferior, insegura, que eu duvidasse de mim mesma. E eu me odiei por muito tempo por não ser o suficiente para você e por não ser capaz de te dar aquilo que sempre quis. Você me afetou muito e eu deixei que me afetasse por tempo demais. Só que agora acabou.

— Gabe...

— Me deixa terminar. — Adoto um tom frio que nunca consegui usar antes. — Estou descobrindo quem é a Gabe e tenho adorado saber que eu me amo e não preciso de um cara na equação para isso acontecer. E eu me amo por não ter feito isso por você, ou pelo Samson. Eu me amo porque fiz isso por mim. — Paro por um segundo, e recobro o fôlego. Bram me fita com atenção. — Amei você com tudo o que eu era. Te dei meu coração e nós dois quase tivemos algo puro. Só que, como você disse, não era pra ser, não com a gente. Nós dois passamos por aquilo por um motivo: evoluir e amadurecer. Preciso te agradecer porque tudo o que enfrentei ao seu lado, cada detalhe, contribuiu para que eu me tornasse a pessoa que eu sou hoje. Eu te perdoo pelo que fez e pelas coisas que disse quando eu estava vivendo o pior momento da minha vida. Espero que me perdoe pela forma como agi com você na época também.

O garoto exibe um meio sorriso triste e dá de ombros.

— Tudo bem, Gabe. Nós vamos viver nossas vidas e um dia não vai mais doer.

— Eu e você... já não dói mais. A única coisa que ainda me machuca é não ter a minha filha comigo — digo a última parte em um sussurro. — Mas isso é algo com que eu vou aprender a conviver.

Meus olhos estão um pouco molhados agora, é como se o laço fosse cortado. É o que tenho buscado conseguir desde que tudo aconteceu. O fio se rompeu, o maldito último fio se rompeu. Nós temos nosso ponto final decente e não foi colocado através de uma mensagem de texto.

— Fica bem.

Ele se vira com um último aceno e volta para a tenda de sua equipe, mas sua frase martela em minha cabeça. Eu vou destruir Samson. E se continuar neste caminho vai acontecer muito antes do que seis anos.

O que fiz da última vez que nos vimos é um sinal disso. Era um dia importante para ele, eu estraguei tudo e ainda não estive lá

para comemorar sua vitória.

Nolan permanece na água para os últimos momentos de sua bateria. Desço os olhos para o papel em minhas mãos e o abro. A letra redondinha dele surge, escrita em uma folha um pouco amassada. Caminho de volta ao meu carro e quando estou trancada dentro dele começo a ler.

“Ei, boneca,

Um dos tópicos da sua lista para ter certeza de que encontrou o cara certo falava sobre receber cartas românticas. Desculpe por não ter conseguido transformar isso em realidade. Planejava pedir você em namoro através de uma carta fofa, citando seus livros favoritos. Acho que teria gostado.

Compreendo sua necessidade de se encontrar e aprender a se amar antes de se entregar para alguém. Mas precisa entender uma coisa sobre mim enquanto segue esta jornada: eu não ligo de ter apenas oitenta por cento do seu amor, por você qualquer porcentagem basta. Não existe outra garota que seja capaz de fazer meu coração balançar apenas por inclinar o rosto e me encarar de sobranceiras erguidas quando quer ter a certeza de que ouviu corretamente o que saiu da minha boca. Ou outra garota que esteja disposta a enfrentar seus próprios pesadelos para que eu não enfrente os meus sozinho. Você me ensinou o que é estar apaixonado e disposto a fazer qualquer coisa apenas para ver um sorriso genuíno saindo dos seus lábios.

Você me encantou desde o dia que te vi pela primeira vez, um sentimento de proteção aflorou em mim. E tudo o que eu quis depois daquilo foi te encontrar e te fazer ter a certeza de que aquela noite foi apenas um pesadelo. Desde aquele momento eu tenho te procurado, porque a tristeza que vi em seus olhos não deveria estar lá. Passei noites imaginando como seu rosto ficaria coberto de alegria. Li e reli a sua lista um milhão de vezes e fui te conhecendo um pouquinho a cada item. Eu quis tornar cada uma daquelas coisas realidade porque você merece toda felicidade. Você merece transbordar de alegria, Gabe, e não o oposto disso.

Você é parte da minha vida agora, estando ou não comigo.

Você é forte, Gabe, porque entendeu quando era a hora de se afastar. Você é forte por se priorizar e querer estar pronta para o que o mundo tem a nos oferecer antes de sairmos por aí o desbravando sem cuidado algum. São todos esses detalhes que me fazem amar você de todas as formas que meus avós me ensinaram.

Vou te esperar, leve o tempo que for, até que volte para mim. E quando achar que é a hora, volte para casa! Quando digo casa, estou falando de mim, porque você é minha casa, Gabe, e um dia eu espero ser a sua.

*Eu amo você, boneca,
Seu Samson.”*

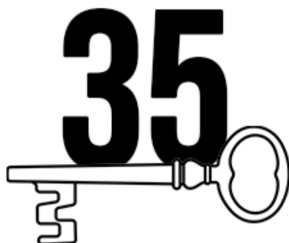
Exalo todo o ar que há guardado em mim.

Bram tem razão, eu não mereço Samson.

Ele diz que sou sua casa, e eu quero muito que ele seja a minha, porém acho que sou uma casa sem uma fundação sólida, pronta para desmoronar a qualquer instante.

Eu vou destruí-lo.

É por esta razão que ligo o carro e volto para Los Angeles sem trocar uma palavra com ele como me pediu para fazer.



Não é incrível como quase todas as linhas em nossas mãos se alinham

Quando sua mão está na minha?

É como se eu estivesse completo de novo, isso não é um sinal?

8 Letters | Why Don't We

Gabe Montgomery

| LOS ANGELES, CALIFÓRNIA |

Uma semana antes da final do WCT

Sopro a vela parcialmente afundada no bolo. Um vinte e seis azul e brilhante toma forma por baixo da chama. No mesmo dia, um ano atrás, Heather me arrastou para uma boate e me embebedou para que eu parasse de elaborar uma lista de coisas que poderiam me ajudar a me descobrir.

Hoje decidi fazer algo diferente.

Toda minha família está reunida na mesa e o momento é tão raro que eu deveria tirar uma foto para registrar. Minha mãe sorri, sentada entre mim e Violet, que segura Daisy em seu colo. À nossa frente, Jeremy e meu pai conversam.

Heather e o pessoal do trabalho vieram, Manon está com a cara de tédio de qualquer adolescente, além de Milla, Sloan e Christian, já que mantive o contato com eles e nós criamos uma espécie de amizade.

Fecho os olhos enquanto eles cantam parabéns e volto um pouco no tempo. Viajo até a minha memória favorita com *ele*. Foi naquela noite na praia, durante a festa de Carlos, onde nós dois corremos pela areia depois que ele me emprestou seus tênis e carregou meus saltos. Foi nessa mesma noite que também me fez vencer meu primeiro trauma: o mar.

Teria sido diferente se logo naquela noite eu tivesse me tocado de que Samson era o cara certo?

A vela se apaga e eu sorrio, porém, o leve repuxar de lábios não foi suficiente para impedir que um suspiro surja.

Falta uma pessoa aqui.

Me afasto enquanto minha irmã fatia o bolo. Caminho em direção a sacada do pequeno apartamento alugado, e apoio as mãos no corrimão de vidro. Consigo ver parte do oceano daqui, sumindo no horizonte. Agora eu amo o mar novamente e é graças a ele.

— Tem algo faltando, não é? — A voz da minha mãe surge nas minhas costas.

Meus ombros se retesam e me viro lentamente. Quando meus olhos batem contra ela, encostada no batente, sei que o motivo de ter me seguido foi o suspiro que não consegui disfarçar.

— Não tem nada.

Dona Rebecca sorri de canto. Ela segura minha mão com delicadeza e se senta na cadeira confortável, onde costumo tomar meu café pelas manhãs.

— Mãe, não vou sentar no seu colo.

O protesto não serve de nada e a mulher me puxa para seu colo da mesma forma.

— Vou te segurar como fazia quando era uma menininha respondona. Naquela época em que costumava me ouvir. Você se lembra?

— Parcialmente.

— Hum! Para de graça, Gabriela, sei que se lembra.

Solto uma gargalhada, que acaba se misturando com o som de conversas vindo do interior do meu novo lar.

— Sim, eu me lembro.

— Ótimo, porque nós duas vamos ter uma conversa séria.

— Ah, não! Hoje não!

Tento me levantar, mas ela me agarra com firmeza, e coloca minha cabeça em seu ombro, como fazia quando eu era criança.

— Hoje sim. E sabe por quê? Aniversários significam um novo ciclo na sua vida, um novo ano onde não precisa ser igual ao anterior.

— Meu ano foi ótimo, mãe.

— Foi, mas faltou algo. Eu vi isso, Gabe. Vi isso a cada nova etapa daquele campeonato, em que você ficava com o olhar vidrado na tela e suspirava, todo tristonha, com um sorriso murchado toda vez que aquele menino saía da água e comemorava uma vitória com a equipe dele.

— Eu só estava feliz por... — Ela me corta com outro argumento.

— Você queria estar lá com ele. Viver aquilo ao lado dele. Criar memórias, memórias próprias e memórias com ele.

— Mãe, não posso ficar com o Samson enquanto eu não...

— Para com isso, filha. Ser independente e suficiente não significa que precisa ficar sozinha. Mason foi seu primeiro amor, mas Brandon não foi o último. Só vai saber se é Samson se estiver disposta

a descobrir. Entender que precisa se abrir para algo novo, e que se não der certo tá tudo bem, é uma forma de mostrar que se ama. Porque não existe nada mais corajoso do que deixar que outra pessoa te ame. Isso não é uma fraqueza, é uma força. Ter um parceiro com quem faça planos não quer dizer que precise deixar seus projetos pessoais de lado, só significa que você se ama o suficiente para entender que merece mais. E você merece que Samson queira amar você, Gabe.

Consigo sentir o calor surgir na linha d'água dos meus olhos.

— Mãe?

— Sim, meu amor.

Agarro o pescoço dela com meus braços e olho no fundo dos seus olhos.

— Amo muito você. — Ela sorri com a declaração. — Eu não digo muito isso, mas... por mais que a gente brigue pra caramba, é sempre no seu ombro que acabo me escorando. E... obrigada por se intrometer na minha vida, algumas vezes você realmente está certa.

Seu corpo balança com uma gargalhada.

— Eu sempre estou certa, Gabriela.

— Nem sempre, mas de vez em quando, talvez.

— Tudo bem. — Ela faz com que eu deixe seu colo e se levanta, secando os olhos. — Preciso me certificar que a sua irmã está cortando as fatias do bolo do tamanho correto. Ela costuma ser um pouco humilde nesses momentos. Mas olhe... — Em meio a uma risada ela estende um envelope branco em minha direção. — O presente de aniversário da Milla.

Pego o envelope e busco com o olhar a mãe de Samson. Ela conversa animadamente com meu irmão, perto do balcão da cozinha. Dona Rebecca está prestes a me deixar sozinha na sacada, quando parece se lembrar de algo e se vira para mim com um sorriso.

— Acho que encontrou alguém tão corajoso quanto você e disposto a correr o risco na mesma intensidade.

Sorrio sutilmente como resposta. Ela se vai e minha atenção recai sobre o envelope em minhas mãos. No instante em que toco o lacre, sinto a presença de Heather à minha frente.

— O que é isso? — pergunta minha amiga.

Puxo o que tem dentro e leio o que está escrito no papel.

— Uma passagem para o Havaí, no dia da final.

— Você vai, certo?

Exalo fortemente, a mão que seguro a passagem treme muito.

— Eu não sei.

— Qual é, Gabe? Você vai sim. Me desculpe, mas ouvi uma parte da sua conversa com a tia Rebecca. Você quer criar memórias, memórias com o Samson, memórias comigo, consigo mesma e com a sua família. Crie essas memórias, aproveite enquanto pode, porque

não sabe quanto tempo vai durar.

— O que importa é ter valido a pena enquanto durou — completo.

— Isso aí!

Ergo os braços e abraço Heather. Ela retribui o gesto com vontade.

Minhas mãos ainda estão tremendo quando, ainda abraçadas, digo:

— O que eu boto em uma mala para o Havaí?

— Deixa de besteira, está indo ver seu quase futuro namorado, você não bota nada na mala porque o que menos vai usar são roupas.

— Biquínis. — Adiciono o item a lista, enquanto ela bufa em desagrado.

36

Eu te dei tudo o que sou
Dado tudo o que eu sou
Você é onde eu pertença
Se eu sou o grande mar
Você é o que eu estou refletindo
Sugar | Paper Route

Nolan Grayson

| **LA IE BEACH, HAVAÍ** |
Três horas após a final do WCT

O mar está calmo hoje, ao menos por aqui. Há horas atrás em Pipeline, as ondas ultrapassaram os dez metros. A final foi uma loucura completa. Consegui o segundo lugar, enquanto Foster levou o título para casa pelo segundo ano consecutivo. Fiquei feliz por ele, pois o cara dá a vida ao surfe.

Estou contente com o segundo lugar também, já que me garantiu uma vaga para as Olimpíadas. Mas todo mundo ao meu redor sabe que eu trocaria qualquer coisa para tê-la ao meu lado, bastaria que me pedisse. Mas Gabe parece ter feito sua escolha, e eu não me incluo em seus planos.

Ela me ligou algumas semanas atrás, quando meu pai partiu dessa para melhor. Eu estava em Portugal, me preparando para a minha bateria quando Misha me entregou meu celular.

— O que foi? — me lembro de perguntar a ela.

Minha amiga sorriu de lado e falou a única coisa que me convenceria a atender uma ligação minutos antes de entrar na água.

— É a Gabe!

Não pensei em nada quando levei o aparelho ao ouvido.

— Boneca? — chamei, em um fio de voz, ainda um pouco desacreditado.

— Oi... Soube do seu pai.

É claro!

— Ah, aquele idiota me deixou uma herança.

— É mesmo?

Sei que ela não perguntou, mas sinto necessidade de falar sobre isso com Gabe desde que soube da notícia.

— Sim, um irmão.

— O quê?

— Mas ninguém sabe dele, nem minha mãe.

— Nossa, como você está?

— Eu estou bem com relação a isso. — Apesar do som de sua voz ser como um vislumbre de casa, foi impossível que o desânimo não me atingisse.

É claro que ela ia ligar para prestar condolências, já que essa é a Gabriela.

— Tem certeza disso? — pergunta, o tom de voz um pouco incerto.

— Sim, tenho... — Ouço um latido ao fundo da ligação. — É a Daisy?

Gabe ri baixinho.

— Sim, você está no viva-voz.

É a minha vez de gargalhar.

— Ah, cara, ela parece enlouquecida.

— É porque ela está enlouquecida. Daisy...e eu... — A ligação oscila, o que me impede de entender o que disse.

— Não consigo te ouvir.

— Eu... estou em... tentar... o sinal é...

— Gabe! — chamei, mas ela parou de falar.

Encarei a tela e a ligação havia se encerrado.

Abominei o celular ainda mais após esse episódio. Tudo o que sei é que ela está bem, já que manteve contato constante com minha mãe.

Ela pode me ligar, só não quer.

E isso vive martelando na minha cabeça.

Misha e Chris vieram comigo para La Jolie Beach, a pouco menos de meia hora de Pipeline, para relaxar e comemorar o segundo lugar. E o que fiz assim que cheguei foi subir na prancha e me isolar na parte mais calma do mar. Os meus quinze minutos de silêncio. É uma espécie de ritual para mim após as competições, aprendi com Bruce Grayson, meu avô, quando tudo o que eu queria fazer após competir na infância era surfar para comemorar.

Encaro o horizonte como se alguma resposta fosse vir dali.

Me desperto dos meus devaneios pelo barulho de algo caindo na água. Me viro rápido e vejo a prancha de Chris vazia, boiando sobre a superfície a uns quatro metros de mim.

— Chris — chamo.

A sombra de seu corpo passa por baixo da minha prancha e

em seguida uma mão agarra meu tornozelo, se impulsionando para submergir. Mas não foi Chris quem saiu água, mas sim uma miragem real demais para uma alucinação.

— Gabe? — grito.

Minha boneca usa uma camisa azul-claro, com a arte do adesivo que prego em todas as minhas pranchas. Ela passa a mão nos olhos na intenção de retirar o excesso de água salgada dali e, em seguida, utiliza a mesma mão para tentar subir na prancha comigo. A seguro pelos braços e a puxo, colocando-a parcialmente sentada sobre uma de minhas coxas e o restante de seu corpo sobre a prancha.

Meu coração pulsa com força no peito, ao mesmo tempo que meu cérebro insiste que tudo não passa de uma alucinação. Ela não fez sequer uma ligação durante esse tempo, por que viria até aqui?

— Céus, nunca fiquei debaixo d'água por tanto tempo.

— Gabe — sussurro, ainda insistindo que isso não pode ser real.

Finalmente, nossos olhos se encontram e ela sorri, um sorriso amplo e ao mesmo tempo tímido. Sob os raios solares, seus olhos parecem quase dourados. É uma visão mais do que perfeita, não apenas pela maneira como o Sol a torna radiante, mas porque a essência de Gabriela Montgomery é a coisa mais extraordinária com a qual eu poderia ter a honra de me deparar.

— Samson! — Ela joga os braços ao redor do meu pescoço, em um abraço apertado.

Fico sem reação. É um sonho, certo? Minha maldita imaginação me pregando uma peça.

Mais de um ano se passou desde que nos vimos pela última vez, já que Gabe não foi até Mavericks como eu havia pedido.

Quando meus braços se afrouxam, a realidade se solidifica, mas percebo que ela interpreta minha falta de reação de forma equivocada. Como se tivesse sido atingida, Gabe se afasta de mim. Agora, minha boneca me encara com incerteza e preocupação.

— Eu estou com saudade e... — Seus ombros encolhem. — Devia ter ligado antes de aparecer aqui sem nenhum aviso prévio, mas...

Levo as mãos até seus ombros, para que ela se acalme e olhe nos meus olhos.

— Ei, respira, ou vai ter um treco.

Gabe respira fundo algumas vezes. Percebo que após um ano sou incapaz de manter meus olhos longe dela.

— Samson — começa a falar, mas para de repente.

— Você tem alguma coisa para me dizer, não é? — a pergunta soa mais como uma conclusão do que um questionamento.

— Tenho. Você me pediu para ser o primeiro a saber quando

me encontrasse. Não importava o que eu descobrisse sobre mim no caminho.

— Não importa o que tenha decidido. Pode dizer, Gabe, você se encontrou?

Ela sorri, exibindo seus dentes brancos adornados por lábios levemente avermelhados.

— Como Selena Gomez disse uma vez: *“é uma honra estar comigo mesma”*.

Algo em meu peito explode, e um sorriso amplo se forma em meu rosto. Sinto uma vontade indescritível de abraçar essa mulher e mostrar a ela o quanto é única, o quanto a amo e o quanto senti sua falta cada vez que abria os olhos e não a via, ou tocava a água e percebia que o mar deixou de ser minha casa quando ela entrou na minha vida.

— E quem é Gabriela Montgomery?

Observo o instante em que seus olhos brilham de maneira diferente. Acredito que ela nem percebeu essa mudança, mas eu sim. Percebo cada mínimo detalhe relacionado a Gabe.

— Ela é uma mulher independente, que descobriu o quanto gosta de sair da zona de conforto e está começando a investir por conta própria no ramo imobiliário. Ela ama donuts, praticar Stand Up Paddle, correr na praia de manhã com a Daisy, sair com sua melhor amiga e sua irmã para festas duvidosas, ir sozinha ao bar na esquina do trabalho às sextas e tomar apenas um drink novo enquanto observa o ambiente e as interações das pessoas ao seu redor. Ela também gosta de dormir até tarde aos domingos e desligar o celular, mesmo que alguém do trabalho possa ligar. Agora, ela não tenta controlar tudo a todo momento, porque entende que coisas boas podem surgir de momentos de incerteza.

— Estou orgulhoso — sussurro, incerto se essa declaração de alguma forma me inclui na sua vida.

O sorriso logo desaparece de seus lábios.

— Você não ouviu a minha mensagem, né?

Minhas sobrancelhas levantam diante do questionamento.

— Que mensagem?

Ela suspira, e nervosamente esfrega a palma da mão em seu short jeans, que agora percebo que está vestindo, em um gesto de ansiedade. É quase engraçado, pois nunca a vi tão descontraída, e honestamente, gosto da visão.

— Você não recebeu minha mensagem — constata. — Não devia ter deixado na sua caixa postal.

— Ei, ei... — Seguro seu rosto um tanto ansioso, tentando transmitir calma, pois ambos estamos nervosos com a conversa e o reencontro. — O que dizia a mensagem?

Ela sorri de lado, de um jeito meio desanimado, o que faz com que meu coração se aperte em expectativa pelo que está por vir.

— Um monte de baboseira, mas me lembro do principal. — Ela se ajoelha sobre a prancha, o balanço da água nos movimentando de uma forma calma, e segura meu rosto entre as suas mãos. Preciso apoiar as minhas em sua cintura, para que ela se sinta estável sobre o objeto. No segundo seguinte um frio conhecido se instala em meu estômago. O que despertou isso foi o simples fato de Gabe ter encostado sua testa na minha. Agora entendo o motivo dos beijos na testa estarem em sua lista, é um sinal de cumplicidade, muito além da intimidade de um beijo na boca. — Estou voltando para casa, Samson, e quando digo casa, estou falando de você. Isso se ainda quiser ser a minha.

Meu peito retumba a cada forte batida do meu coração.

Como ela sabe sobre isso?

— Boneca...

— Eu me amo agora, mas também te amo como nunca amei outra pessoa. E apesar de amar minha nova versão, tudo é melhor quando você está por perto. E *não porque dependo* de você, mas sim porque você me *transborda*. — Ela respira fundo e solta uma risada em seguida. — Tive os melhores meses da minha vida ao seu lado, após passar por um inferno. Me fez enxergar uma luzinha de esperança e ainda...

Fico esperando pelas palavras e quando elas não vêm a incentivo a continuar:

— E ainda?

— Ainda me vê como eu sou. Passei a vida inteira sem conseguir ser completamente transparente com as pessoas. Tudo isso porque sou tímida e me enxergam como uma Gabe fria e mal-humorada. Mas essa Gabriela é apenas uma máscara que usei por medo do que diriam da Gabe de verdade. Mas não com você. A comunicação é simples e eu consigo ser eu. Você me enxerga.

Fecho os olhos, emocionado demais, e tenho vontade de chorar. Chorar de alívio por ela estar aqui. Chorar por ela me amar. E, acima de tudo, orgulho por ela ter embarcado nessa jornada de autodescoberta e ter alcançado seu objetivo enquanto lidava com seu maior trauma. Gabe precisou de muita coragem para encarar isso, e o resultado está aqui bem na minha frente.

— Você leu minha carta. — Enlaço sua cintura com meus braços, e a seguro com firmeza.

— Brandon me entregou quando fui encontrar com você em Mavericks.

Prendo a respiração, e sinto meu mundo parar de girar.

— Você foi até lá? Boneca, por que não...

— Porque eu não estava pronta ainda, e precisava ter certeza de uma coisa. De que não estava te escolhendo só porque Bram não me queria mais. Você merecia ser a única opção. Se não fizesse isso, se não tirasse um tempo para me entender, essa dúvida iria respingar sobre nós em algum momento. E agora sei, você é a única escolha possível. Na verdade, não se trata de escolhas, já que para escolher, eu precisaria querer outras opções. E, com você, o resto do mundo está no escuro. Você é a única pessoa que quero para minha vida, Nolan Samson Grayson. Só demorei muito para enxergar isso. Posso viver sem você, Samson, mas não é isso que quero para minha vida.

Uma lágrima escorre, pois esperei muito tempo para ouvir isso dela. Por sorte, Gabe não percebe, pois a lágrima se mistura com as gotas de água salgada em meu rosto.

— Eu te amo, boneca.

Gabe sorri e me abraça novamente.

— Amo você, muito, e senti tanto a sua falta. Você não tem ideia, Samson. E que história é essa que agora é Nolan Grayson no surfe, e não Samson?

O vislumbre de um sorriso surge em meus lábios, enquanto o olhar chocado de Gabe vasculha meu rosto.

— Só tem uma pessoa que quero que me chame de Samson. Então, para o resto do mundo, sou Nolan Grayson agora, mas só para você eu quero ser...

— Meu Samson — Gabe completa em um sorriso delicado.

Como eu senti falta disso. Como senti falta dela.

Ela assente e solta uma risada.

— Ah, eu sei, assisti a todas as suas baterias.

— Sério?

— Sim, inclusive briguei com um bando de brutamontes em Nova York para me deixarem assistir ao WCT enquanto os Giants jogavam. Eu literalmente fiz chover cerveja e precisei pagar uma rodada para o bar inteiro.

Meu queixo parece se despregar do resto do rosto.

— Era você?

— Viu aquilo? — Seus olhos castanhos praticamente dobram de tamanho.

— Boneca, seu vídeo viralizou, a WSL postou o vídeo na página oficial da Liga para mostrar o amor dos fãs pelo surfe. Mas censuraram seu rosto por conta de direitos de imagem, e o Sean não achou nenhum vídeo que mostrasse sua fisionomia. Ele queria que eu enviasse um presente para a fã que fez aquilo por mim.

— Ainda pode me dar um presente, um beijo seria bom.

— Só um?

— Não, alguns a mais, foi um trabalhão para convencer

aqueles marmanjos.

Gabe chega perto de mim, cada vez mais próxima. Espero pelo momento que nossos lábios se toquem, contudo, nenhum de nós percebe que todo o peso de um lado da prancha não resultaria em estabilidade.

A prancha vira e nós dois caímos dentro do mar, em uma bagunça parecida como o da primeira vez, no dia da festa.

Em algum momento, ela está com as pernas ao redor da minha cintura, enquanto nós dois fazemos o possível para não afundar.

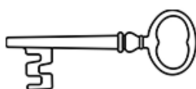
— No fim das contas, você não me deixou cair, e eu não estou falando da queda de uns segundos atrás, porque nessa você foi lamentável. — Gargalha.

Balanço a cabeça em uma negativa.

— Não, você fez isso sozinha. Encontrou seu caminho de volta à superfície, mas agora estamos juntos. Se um de nós dois cair, vamos nos reerguer juntos. Estamos em casa agora, boneca.

— Estamos em casa agora — afirmo, com um sorriso.

EPÍLOGO



Não vou mentir, estou me apaixonando muito
Sim, eu estou me apaixonando e não há nada de errado com isso
Você é o único com quem sonho todos os dias
Você é o único em que sempre penso
You da One | Rihanna

Gabe Montgomery

| **HENDERSON, NEBRASKA** |

Samson dança com meus saltos encaixados nas mãos, enquanto continuo descalça. Sua gravata está completamente solta, os cabelos bagunçados, e minha bolsa se encontra pendurada no ombro dele.

Eu acompanho seus movimentos estranhos na pista de dança, ao som de You Da One, da Rihanna. O salão de festas em Henderson é enorme. O local, decorado de um jeito rústico e aconchegante, me lembra de nossa casa em Santa Cecília.

Nós dois nos mudamos há alguns dias. A rotina é corrida, mas estamos bem adaptados e amando cada segundo juntos. Apesar de algumas brigas, como deixar Daisy tempo demais no mar ou o cardápio do jantar. Mesmo com a correria, tiramos um tempo para comparecer ao casamento de Sloan e Milla. Minha mãe e Violet também vieram. Meu tempo longe de Samson, enquanto eu me descobria, acabou juntando todas elas.

A música segue enquanto balançamos de forma desengonçada, com meus sapatos saltando dos dedos dele. Gargalho alto com a nossa cena, enquanto ele mantém o semblante sério, concentrado na sua performance. *Eu amo esse homem!* E admiro sua habilidade de se sentir à vontade em qualquer lugar e situação desde que decidimos que isso é o certo.

É bom vê-lo se soltar agora, aproveitando o momento, especialmente porque estaremos partindo para as Olimpíadas na próxima semana. Consegui uma licença do Carlos, embora não saiba

como, já que retornei recentemente de uma viagem ao México com Heather.

Observo Samson dançar. Eu o amo e acabo de perceber que quebrei a promessa que fiz a minha avó paterna em seu leito de morte. *Será que ela está desapontada comigo por isso?*

— O que foi? Por que está me olhando desse jeito fofo? — grita por cima da música.

Abro um sorriso e inclino o rosto.

— Você me fez quebrar uma promessa, sabia?

— Qual?

Conto a ele a história. Samson balança o rosto, em um desapontamento fingido.

— Você tá ligada que prometeu se tornar uma pessoa triste, né? Felizmente, eu apareci e vamos quebrar qualquer promessa absurda para garantir a felicidade da minha boneca. Essa é a minha filosofia de vida.

— Que filosofia? — Passo os braços ao redor do pescoço dele, que rapidamente agarra minha cintura e beija minha testa.

— Fazer Gabe Montgomery, que um dia será uma Grayson, a pessoa mais feliz desta terra. Além disso, há algo que conseguimos cumprir. — Sorri. Apenas ergo uma das sobrancelhas e inclino o rosto para encará-lo. — Uns anos atrás, quando realmente nos conhecemos, olhamos fundo nos olhos um do outro e dissemos...

Respiro seu cheiro de mar, tentando retribuir o sorriso, porém o meu não chega aos pés de passar tanta paz e calma quanto o de Nolan.

Com um sorriso sutil, inclinamos nossos rostos em sinal de concordância e falamos juntos:

— Vai ficar tudo bem.

Solto uma risada baixa.

— É, agora está tudo bem. E se, em algum momento, não estiver, é só nadar de volta à superfície.

Estamos vivendo um dia de cada vez, aproveitando ao máximo. As pessoas ainda estranham quando estou de roupa de trabalho e ele de bermuda e tênis Vans. Mas quem liga? Tudo o que importa é que ele é meu Samson e eu sua boneca. Ele está aqui para me segurar, assim como estou pronta para impedi-lo de ser levado pela correnteza. Nós somos o suporte um do outro e temos um mundo inteiro para descobrir juntos. E se, por acaso, um dia descobirmos que queremos seguir caminhos diferentes, vamos ficar bem.

Fim

Eu encontrei minha voz!
E todo mundo
Finalmente posso ver!
O que há dentro do meu coração
Olhe para mim agora!
Esse é o momento,
Estou onde pertenco
Estou fora das sombras
Estou de pé forte!
Esta é a minha voz!
Found my Voice | Rainbow High

PARA GABE,

Comecei sua jornada de uma forma completamente diferente do resultado final. Você teve três nomes, e nenhum deles era Gabe. Um milhão de finais possíveis e, inicialmente, eu contaria sua história com Bram, até perceber que ele não te merecia. Acho que nas outras versões sua vida seria menos caótica, mas que graça teria? Quais lições nós duas tiraríamos disso?

Aprendi muito no processo de escrita deste livro. Assim como você, precisei entender qual era o momento de me afastar por um tempo. Resolvi focar em outra história, pois a sua estava pesando um pouquinho para mim. Apesar de Bram não existir, ele foi inspirado na junção de todas as minhas inseguranças e pessoas que acabaram se tornando um gatilho. A obra é inteiramente ficcional, afinal, nem sempre temos um surfista cheio de conselhos e elogios para não nos deixar cair, como Samson fez, mas temos a nós mesmas, Gabe.

Lógico, eu acrescentei uma pitada generosa de drama na coisa toda. Acho que talvez seja por isso que optei por não detalhar as cenas ou os diálogos do seu passado, porque sua vida não é baseada nele. Eu não queria que fosse um romance focado no relacionamento tóxico, mas sim em como você superou as ondas gigantes que inundaram o seu mundo e te fizeram descobrir quem é a verdadeira Gabriela Montgomery.

E eu quero que saiba que Samson pode ser encontrado em milhões de pedacinhos espalhados pelas pessoas ao meu redor, pessoas que me deram bons conselhos como os que ele deu a você. Pessoas que me incentivaram a não desistir dos meus sonhos, como continuar escrevendo, e me tiraram da zona de conforto. E de certa forma me ajudaram a realizar coisas que provavelmente eu colocaria na minha própria lista de desejos se eu tivesse uma.

Tenho inúmeros motivos para te agradecer, pois assim como Samson curou sua ressaca literária de dois anos, sua história me tirou de um bloqueio criativo de três. E você, Gabe, me ajudou a me redescobrir, e esta versão que encontrei é aquela da qual sinto mais orgulho. Uma versão de mim que vive para o futuro e não remoendo o passado. Você tirou seu tempo para descobrir quem era e se amar; eu fiz tudo isso enquanto te criava e anotava cada ideia doida em post-its coloridos no meu caderninho do Mickey. Acho que no fim das contas, você se tornou o meu Samson e, de certa forma, por muito tempo, este livro foi como meu refúgio particular, minha casa.

Obrigada, de verdade, pois graças a você eu sei quem eu sou agora. E assim como você me ajudou, espero que sua história ajude alguém por aí a se encontrar, a se amar, se priorizar e encontrar seu Nolan, seja lá em qual forma ele vá surgir para cada um.

Com amor, Lori!



AGRADECIMENTOS

Céus, eu escrevi um livro de trinta e seis capítulos! *Dá pra acreditar?* A ficha ainda está caindo para mim, não por ter de fato escrito, pois faço isso desde os quinze anos; digo pelo fato de ter finalmente tido a coragem de compartilhar uma parte de mim com pessoas que amam ler tanto quanto eu. Por isso, vou começar agradecendo a você que chegou até aqui com Gabe e Nolan, a você que deu uma chance para essa história e para esse casal. A você que deu uma chance pra mim e está fazendo parte do meu sonho. Muito obrigada, de verdade! Espero que tenha entendido a mensagem do livro: não deixe que ninguém te diga o que você é, como precisa agir ou falar; não deixe que mudem quem você realmente quer ser; não se deixe cair, e se por acaso algum dia infelizmente acontecer, entenda que você é o suficiente para se reerguer. Eu acredito em você, como aprendi a acreditar em mim quando precisei.

E para as pessoas que estavam aqui desde o início do processo, primeiramente a pessoa que revisou o livro, Maria Paula (@revisamaria), eu não sei o que teria sido da história sem você e seu olhar afiado nos pequenos detalhes. Acho que a história te deu um trabalhinho e talvez uma pequena dor de cabeça, desculpa, mas estou tão orgulhosa do resultado final que só tenho a agradecer e torcer pra não ter te assustado, pois Holden e Jake Conrad vem aí em algum momento incerto.

A Lari (@booksdaruiva) pelos conselhos, pela ajuda, e por sempre parecer tão animada com tudo o que eu falava, você é um perigo pro ego das pessoas. Obrigada por isso! Obrigada ao grupo de parceiras, que deram uma chance mesmo sem me conhecer a mim ou o meu trabalho.

Aos meus amigos, de dentro e fora da faculdade, que me apoiaram totalmente quando resolvi transformar esse livro no meu trabalho de conclusão, muito obrigada por terem aguentado os surtos e as minhas reclamações de que não daria tempo ou de que o trabalho estava muito raso; obrigada por terem entendido as vezes que eu sumi sem dar notícias, na maioria delas eu peguei no sono. Muito obrigada, amo vocês!

E as meninas, da minha sala de Comunicação, que me ajudaram na estruturação do calendário de conteúdo do insta, a finalmente descobrir como configurar esse bendito sumário, e as ilustrações do meu amigo ilustrador, colega de faculdade, ex-colega de

trabalho, Sihy (@sihysan) para a capa e a cena do reencontro no Havaí.

A minha família, por ter entendido todos os momentos que precisei me afastar para focar no livro, mas principalmente, a minha irmã e melhor amiga, obrigada por ter aguentado os surtos, as reclamações, as crises de drama, e por sempre ter arranjado um tempinho para me ajudar, mesmo estando corrido para você também. Eu amo você, é impossível mensurar em palavras o que você significa pra mim, mas você sabe que é muito!

E por último, obrigada aos meus personagens por não calarem a boca um segundo. Vocês me deram força e ânimo para não desistir, além de me deixarem tão ansiosa para saber o final da história que foi impossível largar o computador durante os três meses de escrita. Colocar as palavras no papel foi libertador, ver a Gabe sorrindo no final, segura de si e verdadeiramente feliz com Samson, após todo o choro e angústia foi como tirar um peso do meu ombro, a verdadeira sensação de quentinho no coração. Eu não sentia isso a tanto tempo que às vezes a ficha realmente não cai, acabou, eles encontraram o caminho de volta para casa enquanto eu tenho outros lares para construir e personagens para conhecer.

Espero que tenha gostado da experiência até aqui, te vejo na próxima história.

Com amor, Lori!

JÁ VAI SEM NEM SE DESPEDIR?

**Siga a autora nas redes sociais e não perca
os próximos lançamentos**

Instagram:

@lori.s.c

Tiktok:

@lori.sc.lori

@relatosdeumaescritora

Twitter:

@lorisclori

***Agora sim,
até a próxima história!***

^[1] Atlas e Ryle são personagens do livro “É assim que acaba” escrito por Colleen Hoover. ^[2] Protagonistas do livro Para Todas as Suas Imperfeições, escrito por Colleen Hoover.